



Karina Ceci de Sousa Holmes

# MARIA BEATRIZ BARBOSA DE SOUZA

na gira da vida de mãe Beata



Editora  
Ibict



**MARIA BEATRIZ  
BARBOSA DE  
SOUZA**

**na gira da vida de mãe Beata**

## **PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Luís Inácio Lula da Silva

**Presidente da República**

Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho

**Vice-Presidente da República**

## **MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES**

Luciana Barbosa de Oliveira Santos

**Ministra da Ciência, Tecnologia e Inovações**

Luís Manuel Rebelo Fernandes

**Secretário Executivo**

## **INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Tiago Emmanuel Nunes Braga

**Diretor**

Cecília Leite Oliveira

**Coordenadora-Geral de Informação Tecnológica e Informação para a Sociedade – CGIT**

Alexandre Faria de Oliveira

**Coordenador-Geral de Tecnologias de Informação e Informática – CGTI**

Washington Luís Ribeiro de Carvalho Segundo

**Coordenador-Geral de Informação Científica e Técnica - CGIC**

Gustavo Silva Saldanha

**Chefe da Divisão de Editoração Científica – DIECI**

Carlos André Amaral de Freitas

**Coordenador de Administração – COADM**

Ricardo Medeiros Pimenta

**Coordenador de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação – COEPI**

Karina Ceci de Sousa Holmes

# **MARIA BEATRIZ BARBOSA DE SOUZA**

**na gira da vida de mãe Beata**

Brasília  
 Editora  
Ibict  
2025





Esta obra é licenciada sob uma licença *Creative Commons* - Atribuição CC BY-NC-ND 4.0, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte, de uso não comercial e sem derivações.

#### CONSELHO EDITORIAL

Gustavo Silva Saldanha | Milton Shintaku | Luana Sales | Franciéle Garcês  
Leyde Klébia Rodrigues da Silva | Stella Moreira Dourado | Daniel Strauch | Walisson Oliveira

#### COMITÊ EDITORIAL

Tiago Braga	Milton Shintaku
Henrique Denes	Cecília Leite Oliveira
Ricardo Pimenta	Leda Cardoso Sampson Pinto
Carlos André Amaral de Freitas	Marcel Souza
Alexandre Oliveira	Washington Segundo
Emanuelle Torino	Alexandre Faria de Oliveira

#### COMITÊ CIENTÍFICO

Ania Rosa Hernández Quintana – Universidad de La Habana, Cuba  
Fernanda do Valle – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio, Brasil  
Maria Arminda Damus – Universidad Nacional de Misiones, Argentina  
Martha Sabelli – Universidad de La Republica - Uruguai  
Natalia Duque Cardona – Universidad de Antioquia, Colômbia  
Vinícios Menezes – Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil  
Carlos Alberto Ávila Araújo – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil

#### EQUIPE TÉCNICA

Editor-Chefe	Gustavo Silva Saldanha
Revisão linguística	Walisson Oliveira; Franciéle Garcês
Diagramação	Franciéle Garcês; Walisson Oliveira
Normalização	Walisson Oliveira
Revisão	Stella Dourado; Franciéle Garcês; Walisson Oliveira
Capa	Franciéle Garcês

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H751m
Holmes, Karina Ceci de Sousa
Maria Beatriz Barbosa de Souza : na gira da vida de mãe Beata / Karina Ceci de Sousa Holmes. - Brasília: Editora Ibict, 2025. - 398 p.
Inclui Bibliografia.
Disponível em: <a href="https://editora.ibict.br">https://editora.ibict.br</a> .
ISBN: 978-85-7013-238-3 (digital)
ISBN: 978-85-7013-237-6 (impresso)
1. Religiões afro-brasileiras. 2. Biografia. 3. Memória social. 4. Ciência da Informação. 5. Intolerância religiosa. I. Título.
CDU 929:259.4(813.3)

Bibliotecário: Walisson Oliveira - CRB 1/3477

Como citar:

HOLMES, Karina Ceci de Sousa. **Maria Beatriz Barbosa de Souza**: na gira da vida de mãe Beata. Brasília, DF: Editora Ibict, 2025. 398 p.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia ou do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Endereço: **Ibict – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**  
Setor de Autarquias Sul (SAUS), Quadra 05, Lote 06, Bloco H – 5º andar  
CEP: 70.070-912 - Brasília, DF



**Dedico esta escrita em homenagem  
póstuma à Mãe Beata e Pai João pela  
conquista da escrita do livro da minha  
vida.**

*Mo ya kíkọ yíí sí mímọ ní ọwọ lẹyìn ikú fún  
Mãe Beata àti Pai João fún àṣeyọrí kíkọ  
ìwé ti ìgbésí ayé mì.*



# AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos pedindo a benção aos meus Orixás e à Jurema Sagrada, os quais tenho fé e acredito, pois, independente das diferenças nas práticas e na forma com que cada tradição religiosa cultua suas verdades, haverá sempre uma semelhança entre elas e uma dessas semelhanças se dá quando todas(os) elevam o pensamento ao Criador, seja ele chamado de Orixalá, Deus, Tupã, Javé, entre tantas outras denominações. E como *“Tudo é considerável impossível até acontecer* (Nelson Mandela) que hoje me encontro aqui concluindo mais um desafio que a vida me proporcionou e do qual pensei que não iria conseguir. Assim,

Agradeço ao nosso Criador pelo dom da vida;

Ao meu Anjo de guarda que nunca me desampara;

Aos meus Exús por abrirem meus caminhos;

As minhas Pombas Giras por serem mulheres que não se enganam;

À Ossanhã pelo Senhor tempo;

A Ogum por me permitir coragem para lutar e enfrentar batalhas;

A Odé pela fartura e permissão para caminhar entre os verdes das matas sem me deixar perdida;

À Nanã por toda sabedoria e o cuidado como avó;

A Obaluê por me livrar das enfermidades;

A Xangô por fazer justiça contra as injustiças, maldades e invejas;

À Iansã por sua defesa através de sua espada, dos raios e trovões contra os amigos ocultos;

À Oxum pela pureza, pelo brilho e o amor;

A Cosme, Damião e Doum por cuidar da criança que vive dentro de mim;

À Mãe Iemanjá que me guia, que ilumina minha vida e por ser dona de meu ori;

A Oxalá por minha existência;

Aos Índios e Índias pela sabedoria da sobrevivência;

Ao Caboclo e principalmente à Cabocla Ceci por me permitir um direcionamento para que minhas flechas sejam certeiras;

À Preta velha e ao Preto velho por me fazer enxergar através de seus conselhos e sabedoria de como devo enfrentar certas situações;

A meu Mestre pela força do cachimbo e da fumaça;

À Baiana por me fazer enxergar o que muitos não conseguem entender. Aos meus orixás e as entidades da jurema, minha eterna gratidão por protegerem meu caminhar, por me acalantar nas horas de agonia, sentindo-os internamente;

À vida por todas as obstáculos que ela me ofereceu durante essa caminhada;

Aos meus antepassados por minha origem;

Aos meus bisavós paternos João Cândido (*Pai João - in memoriam*) e Maria Beatriz (Mãe Beata - *in memoriam*) pela educação, por me fortalecer com seus cuidados, zelo e carinho fazendo com que eu pudesse seguir sempre de cabeça erguida e sem ter vergonha do que sou;

Aos meus avôs paternos, vô Gerson Ferreira (*in memoriam*) e vô Eurídice Barbosa (*in memoriam*) por serem presentes da vida;

Aos meus avôs maternos, vô José Aguinaldo (*in memoriam*) por ser um negro do qual tenho orgulho e por me fazer entender que cor de pele não define o ser humano e vô Marinalva Amélia por me fazer seguir na fé;

Aos meus pais o Sr. Elias Barbosa (*in memoriam*) por me fazer sentir que sou capaz, ele me desafiava com seu olhar;

À minha mãe<sup>1</sup> Maria da Silva (Silvinha - minha mainha) por ter sido ao mesmo tempo pai e mãe e por não nos deixar faltar nada, principalmente no quesito estudo. Aos dois agradeço imensamente por serem meu ponto de partida;

Às minhas irmãs Karla Danielle e Kadja Elyze por todo o amor, cuidado e por sermos sempre quatro em uma, em síntese aos meus sobrinhos e sobrinhas por serem minhas paixões;

Aos meus cunhados Rogério Martins e Hércules Braúlio por cuidarem de minhas pedras preciosas e bronqueiras;

Aos meus irmãos paternos que mesmo distante estão sempre em minhas orações;

À minha tia Eronilda Cabral por vivenciar comigo este momento de felicidade, reconhecimento e realização;

Ao meu tio e pai de santo Damião Aguinaldo por tudo que construímos juntos e por essa amizade que transcende parentesco;

À família Holmes que me acolheu com todo o coração e aos meus sogros Hélio Holmes e Maria José por me adotarem como filha;

Aos meus irmãos de santo por caminharem comigo na fé;

Aos amigos que a vida me presenteou e mesmo distante sempre permaneceram em meu coração: Shimênia Batista, Gracielle Oliveira, Hanna Michelle, Mariza Ferreira e Créa Lúcia;

Aos amigos da especialização que a Ciência das Religiões me deu: Antunes Ferreira, Alcenir Lima, Jéssica Cardoso e Mônica Fonseca;

A André Nascimento um amigo que a Biblioteconomia me presenteou para me dar forças e encorajamento. Uma pessoa que me fortaleceu através das palavras de motivação e incentivo;

Aos colegas que ganhei neste percurso dentro da UFPB;

---

<sup>1</sup> Mãe - junção de uso popular das palavras pai e mãe.



Às minhas irmãs acadêmicas que não largarei jamais: Júccia Nathielle, Alexandra Mattos, Nathália Alves e não posso esquecer da primogênita Geysa Flávia;

À Nayara Santos (Nay) por me fazer pensar que tenho que estudar (rsrsrs);

Ao presidente da Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba, Wolff Ramos e a sua esposa Mônica Ramos por se disponibilizar busca de documentos na federação;

Ao grupo de pesquisa intitulado: Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMus) por todo o apoio e incentivo, em especial a professora Luciana Costa pela positividade em ver e estar presente em meu crescimento acadêmico;

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP) por me conceder aprendizagens e ter ciência que independente de qualquer obstáculo *ninguém solta a mão de ninguém*;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB) pelo direcionamento realizado durante o aprendizado no mestrado de onde se deriva este livro;

À CAPES por me propiciar condições para dedicar-me integralmente as atividades acadêmicas.

Aos docentes do PPGCI pelo compromisso com a formação científica;

À todas as pessoas que acreditam que a educação é a chave da mudança;

Aos praticantes das religiões afro-indígenas brasileiras;

A todos que contribuíram diretamente e indiretamente como: Giovanne Boas e Lane Pordeus (*in memoriam*) por me presentear com os registros de Mãe Beata;

A Dulce Loos e Marcos Rodrigues por também lutarem se desafiando a registrar informações necessárias e importantes sobre as religiões afro através do reconhecimento acadêmico;

A todas(os) aqueles que contribuíram para que as religiões afro pudessem ter sua história e hoje podendo ser (re)significada pela memória;

A todas(os) aqueles que mesmo não estando em corpo, mas em luz e que estão marcados por seus feitos e por suas lutas: Carlos Leal Rodrigues, Pai Cardoso, Pai Dudu, Mãe Joana, Mãe Maria do Peixe entre tantas outras(os);

A todas(os) que ainda permanecem presentes entre nós, Mãe Rita Preta, Mãe Marinalva, Mãe Ceíça, Mãe Hilda entre outras(os);

Aos que me forneceram palavras de conforto e aos que pensaram que eu não chegaria aqui, pois alguns julgaram a minha crença religiosa, meu falar, minhas vestes, meu comportamento, meu riso, a cor de minha pele. A essas pessoas meu muito obrigada por ter plantado em mim a semente do eu posso e do eu vou conseguir, pois a cada elogio uma satisfação e a cada crítica, força;

À professora Conceição Evaristo por nos presentear com a “Escrevivência”, nos fazendo entender que toda forma de viver pode ser transformada em escrita. A Escrevivência me possibilitou dar gritos através das letras, me fez estar inserida no lugar que nos pertence e assim poder *incomodar os sonos injustos*;

Ao meu amado marido Hilton Holmes por todos os perrengues que passou ao meu lado, sem cobranças, sem apontamentos e por me apoiar mesmo sem entender e conhecer essa loucura chamada de academia. Obrigada por você existir em minha vida, por ser meu companheiro de todas os momentos, por ser meu amor;

Ao meu maior incentivador meu filho Mácio Vinícius, pois foi por ele que tomei a coragem de cumprir a promessa feita aos meus 12 anos de idade, de um dia poder escrever sobre Mãe Beata apenas em um simples Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) mas tinha que ser em uma universidade pública. E com

esse incentivo fiz o Enem no dia 04 de dezembro de 2016, dia de lansã para nós umbandistas e tendo o tema para a redação Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil. Consegui ingressar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no curso de Biblioteconomia apenas para cumprir a promessa feita a 30 anos atrás e o curso escolhido se deu pensando na divulgação deste TCC nas bibliotecas. Esse ingresso foi além do pensado, me possibilitou inúmeras descobertas como o gosto pelo curso, oportunidades, surpresas e questionamentos sobre se eu seria capaz. E foi daí no caminhar na academia que o destino me concedeu conhecer a professora Bernardina Freire a qual elevo todos os agradecimentos possíveis e o mais importante.

À Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira agradeço imensamente por todos os seus atos, atitudes, pelas palavras de motivação, por suas ações, por acreditar no discente (aluno), por acreditar no potencial que tem o ser humano, por orientar de um jeito simples e flexível e sem pedir nada em troca a não ser pedindo para que sigamos acreditando que podemos chegar mais e mais. E nesse seu acreditar estou onde estou em um lugar jamais pensado e muito menos desejado. O não desejado se dava por não acreditar que eu, uma mulher negra, umbandista, que sempre estudou em escola pública e que fazia questão de passar de ano apenas para não decepcionar seus pais, isso porque sempre teve um pai ausente, mas que valorizava os estudos. Bernardina Freire é minha mãe de outras vidas, a você, minha eterna gratidão por sua dedicação, carinho, acolhimento e direcionamento em caminhar entre a memória, o esquecimento, a lembrança, o registro e a Ciência da Informação pois sem esses entrelaçamentos não teria surgido meu escrito;

Concluo a minha passagem com gostinho de quero mais, pois, não foi nenhum tormento como muitos descrevem em seu mestrado. Não sofri e nem tenho motivos para lamentações. Tive medo, tive angústias, mas não me desesperei porque sabia que

tinha pessoas que me dariam força, apoio e orientação. Tenho o privilégio de dizer que valeu a pena mesmo com tantos obstáculos surgidos e saio deste momento sendo, fazendo e realizando uma escrita, além de ter a certeza do dever cumprido e poder me sentir uma artesã pois a arte está na minha/sua/nosso fazer.

Aos meus Orixás peço força e proteção. A Jurema Santa e Sagrada coragem e capacidade de avaliar as coisas com bom senso e clareza e assim poder combater as maldades não só as mandadas, mas as desejadas também.

E, por fim, às leitoras e aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo!



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>21</b>
-----------------------	-----------

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>23</b>
---------------------------	-----------

Karina Ceci de Sousa Holmes

<b>PEDINDO LICENÇA SOB OS SONS DOS <i>ELÚS</i> E DOS ATABAQUES: LAROIÊ/ MOJUBÁ! .....</b>	<b>25</b>
---	-----------

<b>A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A FIGURA DE UM GUERREIRO: OGUNHÊ! .....</b>	<b>53</b>
--	-----------

A MEMÓRIA SOB A JUSTIÇA DE XANGÔ: CAÔ CABECILÊ! .... 67

ESCRITA DE SI DANDO PASSAGEM A ESCRIVIVÊNCIA: ÒKÉ ARO! ..... 75

CAMINHOS PARA O ENCONTRO COM A ESCRIVIVÊNCIA: EPARREI!..... 84

“EXPERIÊNCIAS HERDADAS”: ESCRIVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: BEGUE-BEGUE!..... 98

<b>CIDADE DE JOÃO PESSOA NA GIRA DE MÃE BEATA: Saluba Nanã!.....</b>	<b>111</b>
--	------------

A LUTA CONTINUA ..... 140

O ETERNO CARLOS LEAL RODRIGUES ..... 157

**CULTO AOS ORIXÁS: uma conversa de fé: Ewé Ó, Ossanhã!**  
..... 187

UMA MISTURA DE UNIÃO, DIVERGÊNCIA, CRENÇA E ESPERANÇA: Ora Yê Yê, Oxum! .....	211
--	-----

**REGISTRANDO O NASCIMENTO DE UMA NOVA FILHA..... 231**

MÃE BEATA E SEU ESPAÇO SAGRADO .....	243
UMBANDA E CANDOMBLÉ: unidas em um só espaço: Épa babá! .....	259
O IR E VIR: o preconceito e a caridade .....	264

**ESCREVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: ela, eu e outras(os): Atotô!**  
..... 275

AS DOCES LEMBRANÇAS DE ERONILDA CABRAL DE SOUZA .....	279
MÃE CEIÇA EMBALADA NO OURO DA OXUM.....	283
MÃE MARINALVA NA PROTEÇÃO DE OGUM .....	290
MÃE SILVINHA E O CHAMADO DE XANGÔ.....	297
A MEMÓRIA DE ANCO MÁRCIO MISTURADA COM A SAUDADE DE ROBERTO.....	306
MÃE KARINA NOS BRAÇOS DE IEMANJÁ: Odociá!.....	311
Memórias de Infância: trajeto de uma identidade .....	313
A Memória Invisível: o esquecimento .....	315
Memória Apaziguada: Lembrar Para Não Esquecer.....	317

Baús de uma memória feliz.....	323
<b>NO BALANÇAR DAS ONDAS ENTRELAÇADA NO ENCANTO DAS TURIMBAS/TOADAS: o passado no momento presente .....</b>	<b>343</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>353</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>367</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>373</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>379</b>





# PREFÁCIO

**Bernardina Maria Juvenal Freire De Oliveira**

*Agô...*

Fruto da Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, sob minha orientação, e, cujo título a autora optou por mantê-lo, este texto é, antes de tudo, uma encruzilhada. É onde a Ciência da Informação encontra os caminhos da ancestralidade, onde a pesquisa se curva diante do axé, e onde a escrita se faz memória viva de uma mulher que nunca caminhou sozinha. Falar de Maria Beatriz Barbosa de Souza, ou simplesmente, como o povo do axé bem sabe, Mãe Beata de Iemanjá é mais que contar uma trajetória individual, é ecoar um legado coletivo que se espalha entre terreiros, livros, corpos e documentos.

Ao escrever seu texto, Karina Ceci, não se aproximou de Mãe Beata como quem coleta dados, mas como quem se deixa se guiar por sua ancestralidade. Atenta aos movimentos, como se estivesse em uma gira, com a certeza de que ali, tudo ensina: o silêncio, a folha, o tambor, os movimentos, os paramentos etc.

A pesquisadora em seu fazer acadêmico-científico alimentou o desejo de visibilizar o que tantas vezes foi e é apagado, a memória de uma mulher negra, sacerdotisa, que construiu com firmeza e ternura um território de fé, cultura e resistência na cidade de João Pessoa (PB), mesmo após ter sido internada como louca, em razão de sua acentuada espiritualidade. A casa de Mãe Beata — seu terreiro, sua

biblioteca, sua vivência, tornou-se acervo, tornou-se fonte, tornou-se farol.

Neste texto, a autora traz consigo vozes que caminharam juntas e juntos, filhos e filhas de santo, amigos, familiares, mas também as folhas de jornal, as cartas, as fotografias, objetos capazes de reescrever os silêncios que ela rompeu com a força da ancestralidade.

Insurgente, Karina Ceci nos convida a entrar com cuidado: com os pés devagar, como quem pisa no terreiro. Lembrando que nós leitores e leitoras do presente ou do futuro possamos manter uma memória aberta às histórias que se recusam a morrer.

Para tanto, apropriou-se da noção de “trajetória infomemorial” para compreender que a memória de Mãe Beata não cabe em um único formato. Ela está na oralidade, no gesto, no papel, no altar. Está nos cantos, nos cânticos e nas denúncias, nas oferendas e nas reflexões que ela deixou para o mundo.

Sua escrita parte da escuta. Escuta dos tambores, das palavras e dos vazios. E nesse caminhar se apoia nas epistemologias negras e femininas — como a escrevivência de Conceição Evaristo compreendo que o que está em jogo aqui não é apenas contar uma história, mas resgatar dignidade, dar à memória de Mãe Beata o lugar de potência que sempre lhe pertenceu. Este trabalho é também um gesto de retribuição.

É oferenda. É tambor de papel. Por isso, desejo que quem o leia possa sentir a gira, essa dança que não termina, esse movimento de vida que Mãe Beata ensinou e praticou e que agora, humilde e insurgente a autora registra com palavras e com respeito. Um texto para se fazer memória!

Axé, Karina Ceci, axé, Mãe Beata!  
Parahyba, terra em que o sol nasce primeiro,  
25 de julho de 2025.

# APRESENTAÇÃO

**Karina Ceci De Sousa Holmes**

No entrelaçar de tradição e escrita, ergui meu texto como um fio sagrado que vincula vidas, saberes, memórias e informação. Com base no conceito de “trajetória infomemorial” — uma ideia-força que atravessou o estudo, e assim formei o sustentáculo teórico para construir a trajetória infomemorial de Maria Beatriz, Mãe Beata, no contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal, espaço de recordação, como assegura Aleida Assmann.

Ao assumir um enfoque documental e qualitativo, misturei fontes documentais e vozes. Foram 825 registros recolhidos — entre jornais, documentos, fotografias, quatro livros, cinco entrevistas narrativas entre outros testemunhos. Esse acervo, longe de ser apenas material de pesquisa, é um corpo vivo: um arquivo que fala, que conta, que reza.

Busquei articular conceitos de Foucault sobre “escrita de si” (2009), Gomes (2004) e os aportes de escrevivência de Conceição Evaristo (2017; 2020), num misto que culminou com uma epistemologia que autoriza a presença da vivência negra e feminina como corpo de conhecimento, de vivências e de práticas.

Graças a isso, retratei “a trajetória de uma mulher negra e sertaneja”, que consolidou o Candomblé Angola em João Pessoa/PB e celebrou o casamento religioso com efeito civil na Umbanda na década de 1970, ressurgem com força, visibilidade e potência.

Porque registrar Mãe Beata é recontar a história de resistência, da mulher que adentrou o mundo acadêmico vestida com seu axó, trazendo consigo a percussão dos elús e dos atabaques, uma espécie de chamamento para que a Ciência reconheça a força da tradição e dos mestres e mestras.

O livro em epígrafe se reveste de um gesto de justiça epistêmica. Faz dos acervos pessoais um *lócus* de informação, memória e poder. Lugar de fala que escapa ao silêncio. É um xirê que converte documentos em ritual, entrevistas em cura, memória em rebeldia.

Que a leitora e o leitor percorram esta obra como quem entra em casa, com respeito, com afeto e com escuta fina. Porque aqui, Ciência da Informação e axé se encontram — e se transformam.

Salve Mãe Beata, salve as forças ancestrais!

A minha fé encontra a sua e a saúde.

Meu Saravá!

João Pessoa, 30 de julho de 2025.

# **PEDINDO LICENÇA SOB OS SONS DOS *ELÚS*<sup>2</sup> E DOS ATABAQUES<sup>3</sup>: LAROÎÊ/ MOJUBÁ!<sup>4</sup>**

Quem pisar neste terreiro  
Tem que pisar devagar  
Cuidado que na porteira  
Tem gente pra vigiar [...] (*Turimba/Toada*<sup>5</sup> para *exú*<sup>6</sup>)

No pé da Figueira  
Eu vi uma coisa linda  
Pomba Gira Menina  
Dançando balé

---

<sup>2</sup> *Elú* - instrumento usado nos rituais da Umbanda e da Jurema.

<sup>3</sup> Atabaque - instrumento mais usado nos rituais de Candomblé e usado em um único ritual da umbanda e da jurema na saída de obrigação de um filho(a) de santo quando sai representado o orixá *Ossanhã*, orixá do tempo.

<sup>4</sup> Laroîê/ Mojubá - Saudação aos orixás *exú* (guardião da comunicação) e as Pomba Giras (considerada um *exú* feminino) mensageiros entre o mundo dos orixás e a Terra - significa: “Salve, mensageiro” / “Salve Pomba Gira”. As saudações são a maneira com que os filhos(as) de santo se dirigem aos orixás.

<sup>5</sup> Vamos nos remeter apenas à denominação, toada nome mais utilizado no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, o qual sou praticante a quase 18 anos ininterruptos.

<sup>6</sup> É uma das toadas cantadas para saudar e homenagear os nossos guardiões (os *exús*). Momento de pedir licença para seguirmos com a nossa gira, pedir proteção para que energias negativas passe distante daquele espaço e agradecer por toda a proteção que eles nos oferecem nos livrando de todos os males e cuidando de nossa porteira.

Arreia, arreia exú mulher (*Toada para pomba gira*<sup>7</sup>)  
Ganhei uma barraca velha  
Foi a cigana que me deu  
O que é meu é da cigana  
O que é dela não é meu [...] (*Toada para cigana*)



Iniciamos nossa jornada escrita ancorada nas palavras de Evaristo (2020, p. 54): “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”, nesse sentido não fugimos de nós mesmas(os) e de quem somos, especialmente da fé que praticamos, por isso, adentramos na escrita pedindo licença aos exús, prática adotada nas religiões de matrizes afro-indígena brasileira, pois são os exús que dão passagem, que guardam e protegem cada praticante e a porteira<sup>8</sup> que é a entrada do terreiro/barracão/ilê/roça<sup>9</sup>.

Exú é o orixá presente em tudo que se faz, é o mensageiro e sem o orixá exú os demais orixás e humanos não podem se comunicar (Prandi, 2001). São entidades de defesa, por isso utiliza-se o exú na entrada de cada terreiro, simbolizando a proteção e a guarda do local.

Entendemos que nada se realiza sem antes pedir consentimento e licença a exú, nada se dá sem antes oferecer primeiro a exú, conforme enuncia a toada cantada no Terreiro de Umbanda Ogum Beira “[...] que sem exú não se faz nada”, ponto

---

<sup>7</sup> Toada para saudar e homenagear as pombas giras que são os exús fêmeas.

<sup>8</sup> Porteira - nome dado pelos praticantes da Umbanda na a entrada do terreiro/barracão/ilê/roça.

<sup>9</sup>Terreiro/barracão/ilê/roça - nome dado aos espaços destinados aos rituais coletivos, onde se realizam as giras, os toques. A denominação vai depender da folha em que o pai e a mãe de santo têm sua feitura firmada, iniciada. Para fins desta pesquisa, adotamos o termo terreiro.

cantado por Pai Edu no LP<sup>10</sup> Palácio de Iemanjá, nome da canção: *Sem exú não se faz nada*, conforme registra a Figura 1.

**Figura 1** - Foto da capa do disco de Pai Edu



Fonte: Pai Edu (2018).

Reitera Aragão *et al.* (1987, p. 41) que sem exú “[...] não é possível iniciar qualquer atividade, pois é o responsável pela

---

<sup>10</sup> LP - Objeto fabricado em vinil usado para gravação e reprodução de som (músicas).



abertura dos cultos e danças, sendo sua função principal o cuidado com a rua”.

Os não praticantes das religiões de matriz afro-indígena, de modo geral tendem a considerar os *exús* como demônios, pois são entidades que fazem uso de ferramentas e apetrechos chamados de *paramentas*<sup>11</sup>, objetos esses estranhos para quem não tem o entendimento devido. Todavia, são eles os mensageiros dos *orixás*, os quais nos defendem das *mandingas*<sup>12</sup>, dos maus pensamentos, nos defendem de pessoas que nos desejam mal.

Apresentamos algumas especificações que caracterizam os *orixás* quando mencionamos em determinadas passagens nos capítulos. As especificações servem para identificar determinado *orixá* e como são nomeados no sincretismo religioso. Destacamos alguns artefatos, objetos, cores, comidas, bebidas e demais que se pode oferecer e representar um determinado *orixá*. Há elementos que não foram destacados por diversas razões, uma delas por ser segredo do *orixá*. Citamos os mais utilizados, deixando ciente que pode haver variações de uma nação<sup>13</sup> para outra.

O sincretismo na Umbanda, de acordo com de Mattos (2012, p. 171) “[...] incorporou alguns valores, as devoções a Jesus, à Maria e aos santos e as orações. Além de vários elementos, a umbanda ainda se associou aos símbolos e espíritos dos rituais indígenas”. Reforça Bambace (2018, p. 14) quando menciona que “[...] a umbanda representa, justamente, o sincretismo afro-católico”.

Citamos então alguns artefatos no decorrer da escrita objetos mais utilizados por cada *orixá*.

---

<sup>11</sup> Paramentas - instrumentos utilizados por cada *orixá* e entidades da jurema. São objetos representativos.

<sup>12</sup> Mandinga - feitiços, trabalhos feitos.

<sup>13</sup> Nação - comunidade religiosa da qual o praticante segue.

Damos início, como já escrito pelos *exús*, que no sincretismo da Umbanda, para nós umbandistas correspondem a Santo Antônio na fé católica. Suas cores na Umbanda para alguns pais e mães de santo é o preto e branco, outros consideram as cores preto e vermelho. Suas ferramentas são garfos, facas e vários outros objetos de ferro isso de acordo com suas falanges<sup>14</sup> e/ou sua nação. No campo das oferendas pode-se ter tanto comida, bebida, quanto objetos. Na comida, pode oferecer caranguejo, farofa de espécie variada, cachaça, ou então bebida preparada e específica para cada um dos *exús*. Suas paramentas<sup>15</sup> são: capa, cartola, charuto entre outros, isso vai depender do *exú*. O dia da semana é segunda-feira, dia das almas para nós umbandistas.

A pomba gira é considerada a companheira de *exú*, afirma Aragão *et al.*, (1987, p. 41) que a pomba gira é “esposa de *exú*, *exú* fêmea”. Suas ferramentas são garfo de ferro ou de metal. Suas cores geralmente preto, vermelho e branco ou mesmo só preto e vermelho isso vai depender da falange a qual a entidade é firmada em seu cavalo<sup>16</sup>. Pode ser oferecida salada de verduras com ovos, algumas bebem cachaça, outro champanhe ou uma bebida específica. Dia da semana também é na segunda-feira; Suas paramentas são rosas, belos *axós*<sup>17</sup>, perfumes, cigarros e outros. Lembrando que os *exús* e as pombas giras são cultuados(as) não

---

<sup>14</sup> Falange - são entidades (espíritos) que representam, trabalham e que são invocados com o comando e vibração dos orixás e atuam dentro de uma mesma linha de vibração espiritual.

<sup>15</sup> Paramentas - são ferramentas e enfeites, vestuário usado para representar determinada entidade, como: capacete, espada.

<sup>16</sup> Cavalo - pessoa quando está em momento de transe com sua entidade em terra, incorporado. É quando tem seu corpo ocupado pela entidade espiritual, logo nele sendo cavalgado. É um *médium* na Umbanda.

<sup>17</sup> *Axó* - são as roupas usadas nos toques/giras, nas festas, roupa do santo.

só nos toques<sup>18</sup> e nas giras<sup>19</sup> dos orixás, são cultuados também nos toques e nas giras de Jurema.

Agora que já pedimos consentimento e licença aos nossos guardiões, podemos trazer para o presente um passado marcado e a volta dos olhares para a valorização da tradição africana, e assim nos sentir inseridas(os) no momento não vivido. Disse a Professora Dra. Gisele Côrtes que esse trabalho está inserido na metáfora, *do vai e vem das ondas* (informação verbal)<sup>20</sup> e que a metáfora refere às trocas informacionais deste trabalho, que contribuições significativas materializadas no percurso desta construção, dito de outra forma, será uma semente de troca.

E nessa troca a pesquisadora enquanto bisneta de Mãe Beata em muitos momentos se posicionará na terceira pessoa, sem se deslocar de suas ancestralidades.

Essa possibilidade de troca e de reafirmação de nossa tradição na construção da escrita desse texto, de algum modo, nos leva a concordar com Bambace (2018, p. 20), ao afirmar que seu estudo “proporcionou aventuras”, e essa talvez tenha sido um dos nossos desafios, propiciar a aventura trazendo para o campo da Ciência da Informação a memória de uma mulher negra e praticante da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola, adotando para tanto, a Escrivivência como abordagem teórico-metodológica.

---

<sup>18</sup> Toques - nome dado em referência aos dias de festas.

<sup>19</sup> Gira - nome dado ao ritual quando os filhos(as) de santo se reúnem para celebrar uma entidade seja do orixá como entidade da jurema. Onde os filhos(as) de santo se reúnem em círculo, elevando seus pensamentos para pedir coisas boas, ajuda. É onde se dança, canta, evolui, é onde entramos em contato com o que acreditamos. É o momento em que os filhos de santo giram em círculo para louvar as divindades através do chamado pelos elús e/ou dos atabaques, pelas vibrações e pelo som dos *adejas*.

<sup>20</sup> No vai e vem das ondas é uma frase dita pela professora Gisele Côrtes no dia da Qualificação, via *meet*, no dia 29 de setembro de 2022.

A aventura da qual falou Bambace (2018) se presentifica para nós no revisitar o passado e materializá-lo em formato de texto, cuja construção esperamos contribuir para ressignificar a memória de Mãe Beata, de certo modo silenciada, bem como das práticas religiosas de matriz afro-indígenas. Tudo por meio da escrevivência, esta que nomeia uma escrita mesclada de vivências envolvida com os relatos de nossas próprias memórias e com as memórias de um povo (Remenche; Sippel, 2019) razão pela qual, pedimos licença aos nossos guardiões. Licença para tornar a escrevivência em uma experiência que traga não só as experiências próximas, mas, experiências de pessoas que tiveram suas lutas individuais e coletivas, que tiveram contato com Mãe Beata e fizeram das suas trajetórias uma armadura contra o preconceito, a intolerância e a não aceitação. Uma luta persistente, sobretudo na sociedade contemporânea<sup>21</sup> em que o racismo religioso tem sido frequente, conforme pesquisa Coordenada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO) em parceria com a entidade *Ilê Omolu Oxum*.<sup>22</sup>

Nessa esteira de raciocínio e como umbandista também somos vítimas desse mesmo racismo, o que nos instigou a seguir o exemplo de Carolina de Jesus, a exemplo de Conceição Evaristo e de tantas outras mulheres negras a tratar sobre a realidade tão presente em nossas vidas e as dos nossos. Destacamos também como exemplo a Jornalista Eliane Brum,

---

<sup>21</sup> A contemporaneidade refere-se a “singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (Agamben, 2009, p. 59).

<sup>22</sup> De acordo com as entidades coordenadoras da pesquisa em 255 terreiros no Brasil apontam que 91,7% dos pais e mães de santo já ouviram algum tipo de preconceito por conta da religião escolhida (Andrade, 2022).

que não é negra, mas que nos chamou atenção na sua escrita na obra: *“Meus desacontencimentos: a história da minha vida com palavras”*, publicada em 2017, afirmando que um dos fatores que move sua vida de jornalista é perceber como cada sujeito “[...] inventa uma vida” e “[...] como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa [...]” (Brum, 2017, p. 9). Pensamento que comunga com Ciachi e Cavinac (2007, p. 329) sobre “[...] o falar e o ouvir e sobre o ter ouvido e escrever o que ouvimos; sobre o nosso ouvir aquilo que nos é falado e sobre como escrever essas falas [...]”.

Nesse aspecto, saímos do silêncio para compor a narrativa que durante toda uma trajetória pessoal viu, conviveu e ouviu histórias sobre *Maria Barbosa de Souza*, posteriormente nomeada *Maria Beatriz Barbosa de Souza*, popularmente conhecida por *Mãe Beata de Iemanjá*, feita na Umbanda, na Jurema e posteriormente no Candomblé Angola, práticas religiosas de matriz afro-indígena brasileira que ganhou maior visibilidade na Paraíba na década de 1960. Mattos (2012, p. 171) afirma que “[...] a umbanda começou a ser praticada no século XX [...]” informação fortalecida por Silva; Oliveira e Rosa (2019, p. 151) ao registrar que “[...] a Umbanda foi criada no Século XX [...]”, ou seja, o termo criado parece ter sido usado no sentido de institucionalizada, mas sem deixar a compreender que essa prática religiosa já vinha sendo realizada bem antes de sua oficialização. A exemplo disso temos as práticas realizadas por Mãe Beata, personagem central desta pesquisa, fazendo-nos inferir que a Umbanda faz parte da história de nossos antepassados.

As histórias oralmente narradas sobre Mãe Beata sempre despertaram o interesse pessoal que se acentuou com a possibilidade de ingressar no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, na linha de pesquisa: Informação, Memória, Sociedade, momento propício para tornar sua

memória objeto de estudo, transformando nossos apontamentos e registros em território fértil para pensar em Mãe Beata e sua atuação religiosa na Paraíba.

O presente trabalho transita, teoricamente, no contexto da memória individual e social, aliado à escrita de si e escrevivência e, recorrendo, portanto, as narrativas orais e a pesquisa documental, buscando ressignificar a trajetória de vida de uma mulher negra, sertaneja e adepta da religião afro-indígena brasileira, Mãe Beata.

Evocar essas memórias através dos documentos que compõem o seu acervo pessoal possibilitou o (re)conhecimento de sua trajetória, especialmente sua contribuição nos contornos religiosos de matriz afro-indígena na Paraíba. Seus registros, alguns a pesquisadora já os tinha guardados e preservados há mais de 34 anos, outros apresentados pela própria família de Mãe Beata e outros recebidos pela minha irmã de santo Lane Pordeus em 2018, em uma caixa de arquivo na cor azul. A pesquisadora retirou da caixa registros em que havia pessoas da família e amigos mais próximos e a devolveu. Em 2019, Lane Pordeus retorna com uma nova caixa contendo muitos outros registros e diz que o *acervo pertence a você* e assim a pesquisadora acredita que essa é mais uma afirmação para cumprir sua promessa fazendo o registro sobre a trajetória de Mãe Beata. A Figura 2 apresenta a caixa entregue à pesquisadora em 2019.

O registro da trajetória de Mãe Beata marcará feitos e lutas não só realizadas por homens, mas também por mulheres que em diversas situações são silenciadas, apontadas como não capazes sem ao menos terem a oportunidade de espelhar sua habilidade, seu intelecto, sua capacidade enquanto mulher. Que luta “[...] para conquistar direitos, inclusão social e cidadania em diferentes instâncias. Na sociedade moderna e contemporânea, muitos têm sido os desafios, em especial, para participar, de

forma igualitária, dos espaços públicos, representados socialmente como domínio masculino”, como bem retrata (Côrtes; Martins; Garcia, 2019, p. 61).

**Figura 2** - Fotos da caixa recebida com fotografias e documentos de Mãe Beata (2019)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2019).

Trabalhar com as informações materializadas nos documentos pessoais, isto é, com a informação de si, possibilita o acesso às memórias de um tempo vivido pela titular do acervo, de seus feitos, suas realizações, seu legado. Um legado silenciado em papéis embolorados e esquecidos quase sempre acondicionados em caixas, ou gavetas fechadas, agregados a outras fontes como jornais, entrevistas e relatos.

Optamos por fazer as entrevistas e o relato com pessoas que possuíam ligação tanto religiosa como pessoal com Mãe Beata, desfrutamos das aceitações a fazer parte desta construção: **Eronilda Cabral** (*filha biológica*), **Maria da Conceição Farias** (*Mãe Ceixa - viúva de Carlos Leal Rodrigues/Mestre Carlos*), **Marinalva Amélia** (*Mãe Marinalva - baluarte da Umbanda e da Jurema*), **Maria da Silva** (*Mãe Silvinha - ex. esposa do neto de Mãe Beata*), **Anco Márcio** (*viúvo de Pai Roberto de Iemanjá - filho de santo de Mãe Beata*) e **Karina Ceci** (*Mãe Karina - bisneta de Mãe Beata*).

E a partir do acesso à essas memórias acreditamos poder contribuir para salvaguardar os acontecimentos, usos, costumes, rituais, história de vida, permitindo realizar descobertas importantes e desconhecidas, uma forma de acessarmos à escrita de si, bem como, a memória coletiva dos praticantes da religião de matriz afro-indígena na Paraíba associado com a escrevivência, como também compreender o estabelecimento das religiões afro-brasileiras em João Pessoa (Gonçalves; Cecília, 2012).

Compreendendo os acervos pessoais enquanto esfera de narrativas memoriais que expressam o percurso de vida de um indivíduo, envolvendo os seus feitos e suas relações, trouxemos à tona a trajetória de Mãe Beata, especialmente por sua contribuição para a religião de matriz afro-indígena brasileira, pois, “a memória sempre foi e tem sido nos dias atuais, fonte de riqueza para a preservação cultural-religiosa de religiões



africanas e afro-brasileiras” (Lima, 2015, p. 57). Especialmente porque, no âmbito das religiões, as memórias são constituídas não apenas pela vivência direta, mas pela tradição herdada, compartilhada entre o grupo religioso (Lima, 2015).

As fontes utilizadas constituem-se das informações materializadas nos documentos de seu acervo pessoal, os quais foram preservados e disponibilizados por seus familiares para fins desta pesquisa, associado ainda a depoimentos de pessoas vinculadas ora ao seu convívio pessoal, ora ao seu convívio religioso e de informações extraídas de jornais que circularam na Paraíba em tempos de sua existência, além de documentos que constituem seu acervo pessoal. Trata-se de um conjunto de documentos pertencentes a uma liderança religiosa em que a casa/residência foi de alguma forma a extensão do templo, do espaço sagrado, culminando muitas vezes com uma espécie de simbiose entre filhos de santo, a liderança religiosa e familiares. Exemplo disso: é a filha de santo que leva mãe de santo ao médico, é parente, que pode nem ser da religião, mas que vivencia rituais pelo compartilhamento do mesmo espaço físico seja por visita temporária ou por permanência, um misto de cotidiano e religiosidade de intimidade e prática religiosa, vivências que se cruzam e entrecruzam quase que simultaneamente.

Trabalhar com essa documentação possibilitou compreender o acervo enquanto escrita de si, a maneira pela qual a titular do acervo, de alguma forma permitiu ser conhecida, uma espécie de construção de si, levando-nos a entender os documentos como uma produção e confissão de si e para si, um espaço privilegiado de memórias, de silêncios e de esquecimentos.

Quebrar o silêncio do tempo é dar escuta por meio das informações do eu, a uma mulher assumidamente negra, mãe de santo, que defendeu em períodos históricos distintos, todas as

suas identidades e pertencimentos. A Figura 3 apresenta Mãe Beata na década de 1970.

**Figura 3 - Mãe Beata**



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

No que tange às religiões afro-indígenas no Estado da Paraíba, a década de 1960, se configurou em um período significativo para o povo de santo em razão dos acontecimentos

ocorridos na capital João Pessoa, inicialmente com a promulgação da Lei nº 3.443 de 6 de novembro de 1966, que assegurava o livre exercício dos cultos africanos no Estado da Paraíba, instituída pelo Governador da Paraíba João Agripino Maia Filho<sup>23</sup>, que ancorou-se no artigo 33 da Constituição Estadual, do artigo 59 do Ato Institucional nº 2 (de 27/10/1965) e com o artigo 32 §39, da Emenda Constitucional nº 1 (de 22/12/1965). Em razão do respaldo legal outras iniciativas tiveram foro como a visibilidade da prática do Candomblé Angola, a junção do Candomblé com a Umbanda; O primeiro casamento na Umbanda com efeito civil; A fundação da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba; Os festejos para Iemanjá; A realização dos encontros de terreiros. E a liberação legal para que os terreiros pudessem realizar seus toques, suas giras, possibilitando que os atabaques e os *elús* ecoassem seus sons saudando o seu sagrado. De acordo com Lima (2011, p. 120):

O Candomblé paraibano surge paralelo à Umbanda. Faz-se necessário aqui alguns esclarecimentos relevantes. Mãe Beata se iniciou na nação Angola, mas, pela dificuldade de assimilação ritualística por parte das filhas e filhos-de-santo, ela conduzia o culto de Umbanda com nagô, mas iniciava os *yaôs* nos fundamentos do Candomblé de Angola. Ela era Sacerdotisa do Centro Espírita de Umbanda Mãe Iemanjá.

Na década de 1970, um acontecimento marcou a história da educação e da religião de matriz afro-indígena na Paraíba quando Mãe Beata, a primeira sacerdotisa afro-brasileira

---

<sup>23</sup> Governador da Paraíba de 1966 a 1971 filiado à Aliança Renovadora Nacional (Arena).

adentrou com suas vestimentas religiosa para palestrar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)<sup>24</sup>, o que acentua ainda mais a importância de tomar a vida da Mãe Beata objeto de pesquisa em nível de Pós-graduação. Sobretudo ao considerarmos que o objeto de investigação científica se constitui em um exercício de ajustar as lentes às coisas do cotidiano impossibilitadas de serem vistas por lentes embaçadas (Minayo, 2016).

Nesse sentido, entende-se a importância de Mãe Beata e a sua contribuição no contexto das religiões de matriz africanas e indígenas na Paraíba, o que nos conduziu a seguinte indagação: *Como se constitui a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural, social da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal?*

Diante desse questionamento, prescramos o acervo pessoal de Mãe Beata, em busca de explorar e analisar as informações materializadas nos documentos e que possibilitaram ressignificar suas memórias, e, conseqüentemente, as memórias de sua prática e contribuição religiosa, bem como o fortalecimento identitário e sua inserção cultural e social na Paraíba. Um percurso desvendado através das informações produzidas no contexto de suas práticas religiosas, sociais e pessoais, intencional ou não, uma espécie de informação de si (Andrade; Oliveira, 2014). Associando-a a escrevivência como prática de interação entre nós, reunindo o eu também mulher negra e praticante da Umbanda e da Jurema com o objeto observado tentando alcançar “[...] uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas que o mundo desconsidera [...]” (Evaristo, 2020, p. 35).

Segundo Oliveira (2020), o acervo pessoal possibilita desvendar o que era invisível aos olhos, o que estava oculto

---

<sup>24</sup> Depoimento do filho de santo de Mãe Beata, Pai Robertão de Iemanjá (2019) a Valdir Lima no livro de Oliveira (2019).

(informação verbal)<sup>25</sup>, de modo que, não podemos negar que em muitos casos esses acervos tornam-se invisíveis, quando não são acessados e analisados.

Acessar o acervo pessoal de Mãe Beata, é uma forma de trazer à baila sua vida e seu legado. Pois arquivar-se é se pôr no espelho, uma maneira de revelar a si própria, e nesse sentido possibilitar uma espécie de arquivamento do eu, uma prática de construção de si mesma. (Artiéres,1998).

Tendo o acervo uma espécie de arquivamento do eu, como uma prática de construção de si mesma (Artiéres,1998) que destacamos a marchinha de carnaval: “Ó abre alas, que eu quero passar” quando escrita pela cantora e compositora Chiquinha Gonzaga ao expressar seu desejo de liberdade profissional, que pulsava em muitas mulheres no início do século XX. Era Chiquinha na Música, assim como Mãe Beata na Umbanda, na Jurema e no Candomblé, enquanto, outras na medicina, tantas outras na literatura, nas artes, na vida.

Assim, ao ressignificarmos a trajetória dessa sacerdotisa religiosa, estamos ressignificando um percurso de luta pela liberdade de escolha e de expressão de tantas outras mulheres nos espaços por elas escolhidos para trilharem suas vidas. Além de acessarmos também as informações que revelam, paralelamente, aspectos da religiosidade de matriz afro-indígena na cidade de João Pessoa (PB). Nesse sentido, nos interessa também os assuntos não oficiais sobre a vida e os feitos de Mãe Beata de lemanjá.

Dessa forma, estabelecemos como objetivo geral da pesquisa que originou este livro: Construir a trajetória

---

<sup>25</sup> Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira na palestra intitulada “Casa dos Arcontes: limites e possibilidades dos arquivos pessoais”, em 08 de agosto de 2020. Embora a professora tenha abordado o termo arquivos, mas, para referir a Mãe Beata adotaremos o termo acervo, em razão deste não se encontrar dentro dos padrões de organização técnica arquivístico.

infomemorial de Maria Beatriz, Mãe Beata, no contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal sob a perspectiva da escrita de si aliada às práticas da escrevivência. E, como objetivos específicos: a) Refletir a trajetória de Mãe Beata considerando os aspectos religioso, cultural e social, na perspectiva de seu acervo pessoal; b) Caracterizar a documentação do acervo pessoal de Mãe Beata, compreendendo-a enquanto fonte de informação e memória; c) Mapear as relações religiosas, culturais e sociais de Mãe Beata, a partir de depoimentos orais dos seus familiares e de seus filhos de santo; d) Destacar seu efetivo papel no desenvolvimento do Candomblé na Paraíba; e) Cotejar informações orais e documentais na construção infomemorial religiosa Mãe Beata.

Pensando enquanto praticante da Umbanda e da Jurema, me inquieta o fato de que há praticantes e até mesmo pessoas que estudam sobre as religiões afro-indígena na Paraíba desconhecem àquelas e àqueles que pavimentaram o caminho até o presente. Algumas pessoas se expressam com surpresa pois desconhecem a fértil contribuição religiosa, resultante de lutas e conquistas, que Mãe Beata e outros religiosos envolveram-se em defesa de nossa comunidade.

Um fato que excedeu em meio ao esquecimento, foi a presença da imagem de Mãe Beata e Pai João em um material didático sobre a cultura na Paraíba. Recordo que, aos 12 anos de vida em 1992, quando em uma atividade escolar, recebi a *“Cartilha Paraibana de 1983”* que registra em suas páginas traços da cultura paraibana, revelando os costumes do seu povo. Ao folhear a cartilha me deparei com o assunto: Festa popular na Paraíba, ao qual trazia informações sobre as principais festas religiosas populares, destacando-se a festa de Nossa Senhora das Neves, a celebração de Nossa Senhora da Penha, a festa da Luz, na cidade de Guarabira (PB), a festa da Guia em Lucena, a

festa do Rosário e a festa da Umbanda. Esta última trouxe muita emoção por trazer o registro fotográfico de Pai João<sup>26</sup> e Mãe Beata na praia, saudando Oxalá e Iemanjá. A sensação foi um misto de felicidade e orgulho por ver materializado em suas páginas o registro de uma prática religiosa-cultural afro-indígena brasileira, a qual sou integrante e faço parte da quinta geração de praticantes. Guardo a cartilha, quase como um tesouro, pois nela está materializada a atuação de Mãe Beata durante os festejos na cidade de João Pessoa/PB.

A partir deste momento firmei uma espécie de compromisso pessoal de um dia trazer à público essas memórias, dando a conhecer a vida e obra de Mãe Beata, preferencialmente por meio de estudo acadêmico em uma universidade pública. Isso só foi possível pela luta de mulheres negras que veem na universidade pública seu lugar de direito. Uma luta incessante faz com que mulheres entrem e se interessem em ingressar nas universidades públicas e privadas seguindo na vida acadêmica e no ingresso na carreira científica (Côrtes; Martins; Garcia, 2019).

E seguir na vida acadêmica foi uma maneira de me sentir pertencente a este espaço e assim me desafiei na Pós-graduação. O Mestrado foi a oportunidade que se apresentou, o que me remeteu a cartilha paraibana, esta considerada como documento oficial produzido pela Secretaria Estadual para distribuição nas Escolas públicas quatro anos após a Constituição Federal de 1988, que em seu Art. 5º, Inciso VI que garante a laicidade e direito à liberdade de cultos. Daí a importância de constar nesse documento o reconhecimento da festa de Iemanjá no arcabouço dos festejos religiosos populares.

---

<sup>26</sup> Pai João, esposo de Mãe Beata e frequentador no mesmo Terreiro Mãe Iemanjá.

Damos destaque a Mãe Beata por ela ser a primeira lalorixá<sup>27</sup> a realizar o casamento na Umbanda com efeito civil em 1970 casamento de Maria da Penha Ataíde filha de Carlos Leal Rodrigues com Carlos Roberto Ataíde conhecido como Pai Robertão (*in memoriam*). Tomando ciência deste fato podemos então considerar que o primeiro casamento homoafetivo foi celebrado no Candomblé em João Pessoa, Paraíba, pela lalorixá Lúcia *Omidewá* no dia 19 de setembro de 2008 no auditório da Faculdade de Direito da UFPB, em João Pessoa e não sendo o segundo casamento no Candomblé como traz Silva; Oliveira e Rosa (2019).

Acreditamos que Mãe Beata por ter uma história de vida religiosa firmada, seu pai de santo, Pai Cecílio ao ser procurado na Bahia (BA), veio até João Pessoa/PB para então realizar a primeira feitura do Candomblé Angola em João Pessoa através da feitura de Mãe Beata.

Podemos assim entender que ao realizar a feitura como uma renovação de um iaô<sup>28</sup>, pois considerou a vivência de Mãe Beata na Umbanda e na Jurema, coroando assim seu *ori* com sua ‘Mãe Iemanjá’, renovando no santo, renascendo a filha, porém realizado em outra nação, no caso no Candomblé Angola. Mas Mãe Beata continuou a cultuar a Umbanda e a Jurema pois a mesma respeitava naquele momento a dificuldade de seus filhos(as) de santo.

Comprovamos através do acervo fotográfico, que Mãe Beata renovou o seu iaô em 1973, reconfirmando seu trajeto religioso no Candomblé baiano (Gonçalves; Cecília, 2012).

Mãe Beata embora faleceu no dia 03 de março de 1989, seu legado continua! Sua luta não foi em vão. De modo que prescrutar seu acervo pessoal, é uma forma de acessar

---

<sup>27</sup> lalorixá – é a sacerdotisa, a mãe de santo.

<sup>28</sup> *Iaô* – são os filhos e filhas que tomaram iniciação (feitura no santo).



informações sobre ela e sua trajetória possibilitando novas e significativas informações, além ressignificar essas memórias, tão importantes para o contexto histórico, cultural, social e religioso.

Despertar para a possibilidade de estudar as memórias de Mãe Beata, bem como entender o seu acervo enquanto escrita de si, associando-a aos princípios da Escrivência enquanto arcabouço teórico-metodológico que se deu através da atividade como discente no curso de graduação em Biblioteconomia, na UFPB. E após integrar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), espaço que ampliou fortemente as discussões em torno da relação triádica Informação, Memória e Sociedade, entendendo que ao trabalharmos com documentos de acervos pessoais, tratamos de uma relação direta e indissolúvel entre as três categorias, adubo no terreno fértil da linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade.

Certifica Harding (1993, p. 15)

Acadêmicas feministas analisaram mulheres, homens e relações sociais entre os gêneros dentro dos quadros conceituais de disciplinas, entre os diferentes enquadramentos e, cada vez mais, diante deles. Em cada área, descobrimos que o que normalmente consideramos problemas, conceitos, teorias, metodologias objetivas e verdades transcendentais que abrangem tudo o que é humano não chega a tanto. Eles são, em vez disso, produtos do pensamento que levam a marca de seus criadores coletivos ou individuais e, por sua vez, os criadores são caracteristicamente marcados por seu gênero, classe social, raça e cultura. Agora, podemos discernir os efeitos destas

marcas culturais nas discrepâncias entre métodos de conhecimento e interpretações do mundo contribuído pelos criadores da cultura ocidental moderna e por aqueles característicos do resto do povo. As crenças favorecidas pela cultura ocidental refletem, por vezes de forma clara e outras vezes distorcida, os projetos de vida social de seus criadores, identificável a partir da história, e não o mundo como é ou como gostaríamos que fosse. (Tradução nossa).

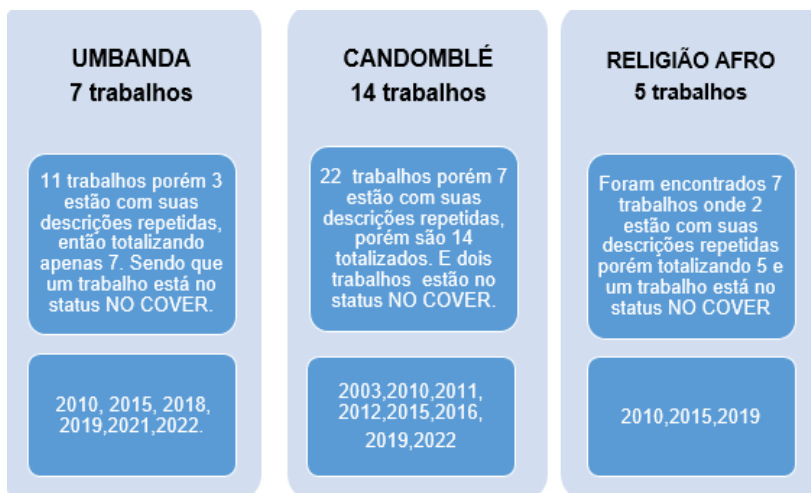
E pensar em pesquisas voltadas no campo da Ciência da Informação é oportuno ressaltar que ainda é pouco produtora pesquisas voltadas para a religião de matriz afro-indígena brasileira e sobre seus praticantes, nesse sentido identificamos no Programa da Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB) apenas a Dissertação da autoria de Tadeu Rena Valente intitulada *“Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória”* que objetivou discutir a relação entre a Cozinha de Santo e as experiências pessoais dos indivíduos que participam dessas práticas culturais, mostrando como a literatura e as histórias de vida se ligam em discursos que marcam uma identidade cultural, defendida em 2019; a Dissertação da autoria de Carla Maria de Almeida nominada: *“Abram as portas da ciência para os mestres e as mestras passarem: a resignificação da Jurema no Acervo José Simeão Leal”* defendida em 2017, tendo como objetivo compreender como as informações constantes dos documentos que constituem o Acervo José Simeão Leal contribuem para a construção das memórias da Jurema no estado da Paraíba trabalhos esses frutos produzidos em parceria com o GECIMP. E a Tese da mesma autora intitulada: *“Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar”*, defendida em 2021,

que objetivou compreender as memórias construídas sobre a Jurema por meio das informações constantes na cultura material e nas narrativas dos fiéis mais experientes no contexto religioso.

Com vistas a descortinar o estado da arte realizamos buscas com os termos Umbanda, Candomblé e Religião Afro no Banco de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), cujos resultados revelaram pequeno quantitativo de produções em relação ao papel das religiões de religiões de matriz afro-indígenas e africanas a quais são partícipes na construção brasileira.

A Figura 4 demonstra o quantitativo de trabalhos indexados e publicados na Brapci entre 1972 e 2023 no que tange às religiões afro.

**Figura 4** - Quantitativo de trabalhos indexados na Brapci (1972-2023)



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Realizamos busca também na plataforma da Brapci trabalhos que se referem a mulheres negras e religiosas. Usamos como busca os termos *mulheres negras e religiosas* onde externa

zero trabalhos realizados. E sobre escrevivência apenas um trabalho intitulado: *Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva* de Verônica Santana Queiroz (2022) pelo Centro de Ciências da Saúde, Núcleo de Bioética e Ética Aplicada, Rio de Janeiro, Brasil.

A pesquisa foi realizada entre 1972 pois foi onde se iniciou as publicações de artigos em revistas científicas e profissionais a 2023<sup>29</sup> é perceptível que os temas ainda são pouco explorados. Mas isso não quer dizer que não tenhamos mais trabalhos que abordam esses temas, pode ocorrer o caso de haver trabalhos não publicados e/ou por não estarem disponibilizados ainda na plataforma.

Figura 5 mostra o recorte que se refere à busca de quantitativos de trabalhos publicados e inseridos na Brapci. Utilizamos como busca o termo religião afro.

**Figura 5 - Quadro da Brapci**

The image shows the Brapci search interface. At the top, the Brapci logo is on the left, and navigation links 'home', 'sobre', 'índices', and 'login' are on the right. Below the logo, there is a search bar with the text 'informe o(s) termo(s) de busca'. The search bar contains the text 'religião afro' and a blue 'PESQUISAR' button. Below the search bar, there are radio buttons for 'todos', 'Cautores', 'Ctítulo', 'Palavras-chave', 'Resumo', and 'Texto completo'. Below that, there is a link 'Para refinar a busca veja Busca Avançada'. Further down, there is a 'Delimitação' section with a 'Delimitação da busca' dropdown set to '1972' to '2023'. Below this, there is an 'Ordenar' section with radio buttons for 'Relevância', 'Mais novos', and 'Mais antigos'. At the bottom, there is a 'Selecionar Página | Selecionar Tudo' section with a blue button labeled '1' and a 'Total 7' label.

Fonte: Brapci (2023).

<sup>29</sup> Foi delimitado entre os anos de 1972 a 2023 pois é a partir da década de 1970 que trabalhos são indexados na Brapci com publicações de artigos em revistas científicas e profissionais. Buscamos ter uma base entre esses períodos para saber sobre os trabalhos publicados nesse tema.

Em vista disso, reforça a contribuição da proposta de investigação para o campo das religiões de matriz afro-indígena, especialmente no âmbito desta área de investigação, o campo da Ciência da Informação uma vez que outros estudos foram encontrados com significativas contribuições, porém em áreas como a sociologia, a história e a antropologia.

Por outro lado, raros são os que enfatizam líderes mulheres e religiosas, nesse sentido identificamos no âmbito das lideranças estaduais o livro da autoria de Marinalva Amélia da Silva, intitulado:

- ❖ *“Umbanda missão do bem: minha história, minha vida”*, publicado pela Editora Ideia, no ano de 2013, organizado por Giovanni Boas;
  - ❖ *“Mulheres labas”*, da autoria de Ivana Silva Bastos que aborda o percurso da líder religiosa Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque, do Terreiro Tata do Axé;
  - ❖ *“Jurema e Umbanda nas vozes de mãe Rita Preta e Mãe Marinalva: narrativas do pioneirismo feminino nos cultos afro-indígenas da Paraíba”*, no ano de 2022, Dissertação de Maria Gomes de Medeiros;
  - ❖ *“Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória”*, da autoria de Tadeu Rena Valente.
- Esta última junto ao PPGCI/UFPB.

O que reforça a importância do estudo tanto para a Ciência da Informação, bem como para o campo social, cultural e religioso e, em especial de mulheres negras praticantes de religiões de matriz afro-indígena na Paraíba. Corroborando nesse aspecto com significativa importância social desse estudo na contemporaneidade, em que se faz necessário o combate à intolerância religiosa que foi acirrada no período do Governo

Bolsonaro<sup>30</sup>, conforme revela Guerreiro e Almeida (2021, p. 49) quando diz que,

[...] algumas importantes lideranças religiosas - sujeitos que encarnam um tipo ideal de pastor, empresário e político - têm colaborado com o governo na gestão da pandemia por meio do **negacionismo pandêmico**. Argumentamos que o negacionismo é uma linguagem de poder que está fora do escopo da democracia e que se expressa publicamente em diferentes técnicas de negação da ciência - muitas vezes com justificativas religiosas - empregadas em diversos eventos durante a pandemia, com o objetivo de consolidar um projeto político comum.

O negacionismo e a intolerância religiosa se propagou ainda mais quando o mundo parou em março de 2020 por conta do COVID - 19 onde a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza como pandemia<sup>31</sup>. A pandemia conduziu ao mundo momentos de dúvidas, incertezas, medo e apontamentos preconceituosos por quem principalmente deveria buscar maneiras de amenizar tanta intolerância religiosa. Marinho (2022, p. 495) refere-se à intolerância como,

[...] conjunto de atitudes agressivas dirigidas a crenças e práticas religiosas diferentes (e, eventualmente, a quem não crê ou segue qualquer religião), que envolve ofensas ao

---

<sup>30</sup> Governo instalado no Brasil de 01 de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022.

<sup>31</sup> Pandemia - refere-se ao crescimento de uma doença que se propaga em vários países e lugares do mundo.

grupo religioso atacado, desmoralização de suas divindades e símbolos religiosos, destruição de templos e de objetos ritualísticos, perseguição, agressão física e morte.

E tratar da intolerância religiosa é pensar nos ataques que se avoluma e envolvem também por outras questões sociais. Acreditamos que todas(os) aquelas(es) que se sentem ou são excluídas(os) desejam não serem apenas aceitos, mas sim respeitados.

A pandemia fez com que algumas pessoas pensassem no momento vivido coletivamente e tendo a incerteza como companhia, a incerteza se nós, seres humanos, sobreviveríamos. E na minha incerteza pude refletir sobre e aproveitar a oportunidade de me entregar à aventura da seleção do mestrado e poder descrever em palavras ocupando o tempo em fomos ou alguns foram obrigados a permanecer isolados. Por tanto, aproveitei a chance de ingressar em uma universidade pública na Pós-graduação mesmo pensando que não seria capaz. Tive a oportunidade de perceber neste momento o que me faltava era acreditar, mas mim mesma acreditando que sou e que juntos somos capazes. E assim, iniciei meu caminhar no Mestrado em Ciência da Informação na UFPB para logo contribuir cientificamente.

Então, nessa busca contínua em construir a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal sob a perspectiva da escrita de si aliado às práticas da Escrivência, organizamos este livro em sete capítulos indissociáveis entre si.

O capítulo primeiro intitulado de “Pedindo licença sob os sons dos *elús* e dos atabaques: *Laroiê/ Mojubá*”, trata-se do texto introdutório em que registramos a justificativa englobando os

aspectos sociais, pessoal e acadêmico, a problemática e pergunta-problema, e os objetivos traçados, bem como a estrutura que constitui o presente texto.

O segundo capítulo, denominado de “A Ciência da Informação sob a figura de um guerreiro: *Ogunhê!*”, em que situamos as categorias norteadoras para os estudos voltados para o entrelaçamento entre memória e informação, escrita de si (Foucault, 2009; Gomes, 2004) e escrevivência (Evaristo, 2017; 2020; enquanto aporte teórico metodológico).

O capítulo terceiro intitulado “A cidade de João Pessoa na gira de Mãe Beata: *Saluba Nanã!*”, se constituiu a partir do entrelaçamento de informações orais e documentais que narram sobre a cidade de João Pessoa e as ações levadas a cabo por Mãe Beata, no campo de sua prática religiosa, social e cultural.

O capítulo quatro denominado de “Cultos aos orixás: uma conversa de fé: *Ossanhã!*”, versamos sobre as celebrações realizadas para cultuar os orixás além de celebrar a liberdade para que os sons dos *elús* e dos atabaques fossem ouvidos e presenciados pela sociedade.

O quinto capítulo cujo título é “Registrando o nascimento de uma filha”, é quando trabalhamos com a trajetória, das conquistas, do caminhar de Mãe Beata;

No sexto capítulo, enfatiza a “Escrevivência das memórias: ela, eu e outras(os): *Atotô!*”, narra a trajetória das práticas de Mãe Beata associando-as às nossas próprias práticas e de outras pessoas, prevalentemente mulheres que também vivencia a religião de matriz afro-indígena.

O sétimo e último capítulo intitulado “No balançar das ondas entrelaçada no encanto das turimbas/toadas: o passado no momento presente” apontamos a partir de cada objetivo específico nossas considerações, sendo possível inferir a forma empoderada com que Mãe Beata praticou sua religião e



compartilhou informações contribuindo para o fortalecimento e crescimento dessa prática religiosa no Estado da Paraíba.

# **A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A FIGURA DE UM GUERREIRO: OGUNHÊ!<sup>32</sup>**

A informação é um termo que carece de devida precaução, porquanto seu conceito é dinâmico e permeável por diversos campos do conhecimento humano e a cada um deles é atribuído um significado e um valor diferentes (Monteiro; Duarte, 2019, p. 96).



Antes de darmos continuidade e louvamos os demais orixás, realizamos a defumação<sup>33</sup>, ritual realizado logo após que subimos os exús e as pombas giras.

Dá licença pai Ogum  
Filhos teus quer defumar  
Umbanda tem fundamento  
É preciso preparar

---

<sup>32</sup> *Ogunhê* - saudação ao Orixá Ogum (o senhor das guerras) - significa: “Salve Ogum!”

<sup>33</sup> Defumação - é utilizado com queima de ervas onde passa entre as pessoas praticantes e/ou visitantes logo depois que louvamos os exús e as pombas giras. Serve para limpar as pessoas e o ambiente.

Com incenso e benjoim  
Alecrim e alfazema  
Defumar filhos de fé  
Com as ervas da Jurema

E não posso escrever sobre informação sem antes escrever sobre o orixá do qual protege guerreando, sendo dono dos caminhos, das inovações como a tecnologia e das oportunidades de realização pessoal (Prandi, 2001). *Ogum*, o orixá do qual propiciará defender e combater junto com a Ciência da Informação as informações distorcidas e falsas.

Então vamos louvar o orixá *Ogum*, orixá da guerra, orixá do comando, deus do aço, do ferro, vencedor de demandas que “tem o poder de abrir os caminhos para a evolução do mundo usando a sua espada” (Mattos, 2012, p. 162). Louvemos cantando a toada,

É cavalheiro da Oxum  
É remador de Iemanjá  
Ele é soldado  
Ele é guerreiro  
É ordenança de Oxalá  
Oh Beira Mar  
Auê Beira Mar  
Salve Ogum Beira Mar  
Auê Beira Mar

O orixá *Ogum* é conhecido no catolicismo como São Jorge. Suas ferramentas dependendo da nação utiliza-se uma única peça com ferramentas que representam a agricultura como: enxada, foice, machado etc. Suas cores na Umbanda são verde e vermelho; O dia da semana é terça-feira. Pode oferecer feijoada, cerveja. Suas paramentas capa, capacete, espada, escudo e outros.

E com a ajuda de *Ogum* vamos entender um pouco sobre a informação que de forma ampla, pode ser definida como “ato ou efeito de informar (-se), informe, notícia recebida ou comunicada ao público, dados sobre alguém ou alguma coisa, conhecimento, participação” (Minidicionário, 2009, p. 453). Para o campo da Ciência da Informação que possui como objeto a própria informação sob a ótica de sua produção, acesso, uso e preservação, o conceito de informação adquire especificidades próprias da área.

De acordo com Pinheiro (2005, p. 23), “[...] embora informação não possa ser definida, nem medida, o fenômeno mais amplo que a Ciência da Informação pode tratar é a geração, transferência ou comunicação e uso da informação, aspectos contidos na sua definição [...]”. Em outras palavras a informação se constitui em conhecimento comunicado, materializado que carece de interpretantes. Araújo (2014, p. 58) afirma que a “[...] informação passou a ser entendida, como um recurso, uma condição de produtividade [...]”, que nos permite estarmos informados sobre fatos, acontecimentos e descobertas jamais pensados. Assim, compreendemos a importância que tem a Ciência da Informação, pois bem entendemos que ela coleta, organiza, armazena e dissemina a informação de forma científica, impulsionada também pela sociedade da informação. Categoria que se tornou uma constante nas décadas de 1960 e 1970 e “[...] constitui em certa medida, a fundamentação para o surgimento e o desenvolvimento da ciência da informação [...]” (Araújo, 2017, p. 19).

A Ciência da Informação mesmo sendo comparada como uma ciência jovem diante de outras áreas, seus marcos são fundamentais para possibilitar olhar no passado e ver como as coisas aconteceram ao longo do tempo e como seus acontecimentos se revertem em informações essenciais a constituição da sociedade contemporânea uma vez que a

informação enquanto moeda de troca pode ser “[...] uma das razões para se afirmar que vivemos numa sociedade da informação é que a produção e venda de informações contribui de maneira considerável para as economias mais desenvolvidas [...]” (Burke, 2003, p. 141).

No momento em que a pandemia da COVID-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 surgiu, o mundo se deparou presente em um momento em que problemas de informação fez proceder certas mudanças com relação à sociedade, “[...] tornando-se mais importante ou central do que a indústria e a agricultura” (Araújo, 2017, p. 19). Nos fazendo ir até o pensamento de Burch (2005, p. 1) quando nos indaga se estamos “[...] vivendo numa época de mudanças ou numa mudança de época?”.

Percebe-se que vivemos em constantes mudanças e com as inovações das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) sem dúvida nos modificamos. Estamos vivendo em relação com as inovações no mundo atual, em uma época que há mudanças bem aceleradas e avassaladoras no meio das comunicações e em que a criatividade da fala não tem mais tanto poder como em épocas passadas. Estamos em uma época em que as mudanças sociais e dos indivíduos estão cada vez mais expostas “[...] aos caprichos dos mercados de mão-de-obra e de mercadorias [...]” (Bauman, 2007, p. 9) e que “[...] os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhe possibilitasse, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão” (Fragoso, 2011, p. 110).

Nesse sentido, discutimos como a Ciência da Informação vai receber essa proposta de pesquisa que trata de mulher negra, sacerdotisa de religião de matriz afro-indígena e sua produção informacional considerada a partir de sua própria trajetória a ser desenvolvida também por uma mulher negra da mesma religião.

Mas como a Ciência da Informação tem a informação como gerador de descobertas que compreendemos que as religiões afro-indígena brasileiras oferecem informações que destacam a memória a partir das práticas e artefatos e quando registrados em suportes possibilitam preservar a cultura de um povo, possibilitando que gerações futuras possam conhecer as religiões que por décadas a sociedade discrimina.

A Figura 6 faz a ligação entre a religião e informação que perpassa pelas práticas, usos, costumes, narrativas e registros chegando a memória que nos possibilita aprender e conhecer indo até a Ciência da Informação que tem o objetivo de organizar as informações e disseminar de forma segura retornando a própria religião ou até mesmo a outras denominações religiosas como na uma sociedade no todo.

**Figura 6** - Ligação entre Religião, Informação, Memória e Ciência da Informação



Fonte: dados da pesquisa (2023).

A pretensão aqui é trazer à cena, por meio das categorias informação, memória e sociedade, os atores que contribuíram para a memória coletiva e social da cidade de João Pessoa e, conseqüentemente, para o Estado da Paraíba. Trata-se de dar assento na academia, por meio da escuta acadêmica àquelas que fomentaram saberes e informações por meio de suas próprias práticas, aliadas ainda à experiência da investigadora. Que junto com o suor da crença de homens e mulheres possa buscar com os rastros, com os restos e com os vestígios estabelecer referenciais de memórias dos cultos das religiões afro na Paraíba. Buscando preservar e trazer informações memorialísticas que ajude a auxiliar e extrair as atividades da memória da prática religiosa e suas memórias deixadas, esquecidas as margens devolvendo ao presente o som das vozes retirando-as do silêncio (Lima, 2015, p. 62).

A pesquisadora busca com sua pesquisa levar às pessoas informações importantes sobre religiões afro-indígena pensando na mudança que poderá ocorrer no meio religioso. É uma forma que deve ser pensada com cuidado, sabendo que a classe menos favorecida possivelmente não poderá ser atingida e nem a ela chegar os dados informacionais desejados e merecidos mesmo essa classe estando inserida na Sociedade da Informação e do Conhecimento. Sociedade essa que possui o avanço tecnológico se fazendo presente e em constante mudanças.

Neste sentido, é preciso compreender que juntamente ao desenvolvimento e popularização dos recursos tecnológicos e aos estudos que passaram a introduzir variadas possibilidades teórico-metodológicas para se discutir a informação enquanto fenômeno social, não é possível conhecer os processos intelectuais da sociedade apenas estudando o indivíduo, ou seja, olhando para ele separadamente. É preciso considerar o contexto social em que esse indivíduo está inserido, atentando também para como seus comportamentos e práticas aparecem.

Com base nisso, é possível apontar para a existência de um cenário de múltiplos dispositivos tecnológicos convivendo no dia a dia dos indivíduos e as transformações que liga às sociedades aos países industrializados, faz com que seja observada a realidade econômica contribuindo para que a sociedade dê mais significado exageradamente a tecnologia do que a informação propriamente dita, assim afirma Werthein (2000, p. 72):

As transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados constituem uma tendência dominante mesmo para economia menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da sociedade da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade.

A influência desse mercado avassalador em cima do mundo, permite com que muitos desejem algo mesmo sem realmente necessitar, isso porque somos estimulados pelo consumo, em especial nos locais com realidades bem diferentes dos países industrializados. Essa influência faz com que as pessoas desejem algo, estimulando-os ao desejo do consumo, situação bem nítida em nosso tempo atual.

Conjuntamente ao desenvolvimento e maior utilização dos recursos tecnológicos pelos indivíduos, ao grande ciclo de notícias e à interação oferecida pelo ambiente digital, o processo de informação social tem sido afetado pelo uso em massa de novas tecnologias e novas formas de comunicação entre os indivíduos.

Diante do exposto, é importante destacar os estudos e análises que abrangem a ascensão da Ciência da Informação, sua construção teórica e prática, destacando a estrutura



paradigmática defendida por Capurro (2003) na qual a Ciência da Informação desenvolveu-se sob três grandes paradigmas: o físico, o cognitivo e o social. Dando destaque aos paradigmas defendidas por Capurro (2003) apontamos o que diz Cordona (2013, p. 99) no que,

Diz respeito à organização do conhecimento que uma pessoa ou grupo possui sobre um objeto específico ou situação social. Você pode distinguir a quantidade de informação que se possui e sua qualidade, especialmente, sua mais ou menos estereotipado e preconceituoso, o que revela a presença da atitude nas informações. Esta dimensão leva necessariamente à riqueza de dados ou explicações que as pessoas são formadas na realidade em seus relacionamentos diários. (Tradução nossa).

E nessa visão de que o conhecimento de uma pessoa ou de um grupo social sobre determinados objetos, coisas, comportamentos, enfim uma relação com o social que nos fez embarcar no nosso objeto de estudo e para o nosso maior entendimento, nos ancoramos em Capra (1996). Que apresenta o paradigma social, sob a perspectiva de estudo de forma conjunta de todo processo social da informação (o sistema de recuperação, o usuário e a própria informação), ou seja, “[...] o paradigma social é uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza”. (Capra, 1996, p. 16).

Dentro do mesmo escopo, Nascimento e Marteleto (2004, p. 3) nos informam, de maneira mais detalhada, como se dá a constituição do paradigma social:

Neste cenário, entende-se que as dimensões históricas, culturais, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas são pré-condições para o entendimento da 'informação'. Assim, a informação deve ser referenciada à historicidade dos sujeitos, ao funcionamento das estruturas e das relações sociais e aos sujeitos que executam ações. Isto é, a potencialidade de se ver a informação constituída como problema da sociedade, configurado como um fenômeno da ordem cultural e da humanidade.

É neste contexto que a memória pode exercer sua função de excelência, ou seja, ponte não só entre o passado, presente e futuro, mas como elo que facilita e fortalece conexões efetivas e afetivas entre os sujeitos e seus múltiplos coletivos. Porém, a inserção das tecnologias traz consigo uma nova maneira de ver a informação, e percebe-se uma grande preocupação com os resultados que ocorreram na sociedade desencadeados pelos meios tecnológicos.

Nota - se que com o acesso ao conteúdo e as fontes de conhecimento enxergamos a necessidade de resolver vários outros desafios (Wertheim, 2000), como da questão da desigualdade social, principalmente as dos menos favorecidos em viver com o avanço tecnológico.

Em suma, há uma nova sociedade, em um processo contínuo e acelerado de mudança, e de maneira correspondente ao estímulo desta nova sociedade, também se tem configurada uma nova maneira de acessar as informações, em que o acesso deve atender a urgência do novo modelo, ou seja, deve também ser ágil, rápido, eficiente, simples e seguro.

Nos deparamos na atualidade com o conhecimento interativo e o paradigma social da Ciência da Informação, onde as pessoas estão imersas em ambientes sócio tecnológicos com

diversas formas de linguagem e rápida disseminação de informações, cujo avanço que se altera a todo momento, que altera todo percurso de quem viveu e vive fora dessa realidade, fora muitos outros desafios que a realidade de muitos não permite.

Perguntar-se: Como ter o direito de possuir um envolvimento com a realidade tecnológica se poucos não têm nem se quer o privilégio de adquirir conhecimentos básicos, se poucos não têm ou nem terão o privilégio de adquirir conhecimentos científicos aprofundados através das informações alcançadas nas escolas e nas universidades. Bem sabemos que a educação é a melhor maneira para que a sociedade possa saber viver. Oliveira nos engrandece dizendo (informação verbal)<sup>34</sup> que “educação é vida”, expressamos que a educação além de vida é saber fazer e viver a vida. E é direito de todos ter uma educação de qualidade e que está cada vez mais inacessível para a maior parte da humanidade onde a globalização se impõe como fábrica de perversidades. Onde o desemprego cresce tornando-se crônico e a pobreza aumenta e as classes médias vão perdendo em qualidade de vida (Santos, 2009).

Desse modo faz acontecer com que a sociedade seja a todo tempo afetada pelas consequências que a injustiça social deixa faltar como o reconhecimento de si para com a sociedade. Pessoas com falta de saber sobre seus direitos e seus deveres, com falta de ter o que é necessário para sobreviver, com falta de reconhecimento dos poderes em ceder a todas(os) o seu direito como cidadãos e tantos outros reconhecimentos.

Mas, há um direito que acreditamos ser essencial para se viver bem, que nos abre portas, nos dá voz para gritar e forças

---

<sup>34</sup> Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira no 7º Seminário Internacional de Práticas Educativas: SECAMPO, com o tema ‘Educação e Liberdade para o bem viver’, no dia 02 de fevereiro de 2020.

para lutar por justiça e igualdade social que é a *educação*, caminho pelo qual é necessário ser trilhado por qualquer ser humano. Esse caminho trilhado com a educação refletirá no futuro permitindo com que a pessoa possa ser quem realmente deseja, um ser que saberá lutar por seus objetivos se defendendo da melhor maneira pois saberá até onde o seu direito permite e até onde seu dever lhe cabe.

Através desse entendimento destacamos novamente a informação, objeto principal da Ciência da Informação, que durante a realidade vivida na pandemia nós estávamos e continuamos a estarmos “[...] no mesmo barco” (Zizek, 2020, p. 25, tradução nossa), onde o vírus que forçou a todos ficar em casa, afetando a economia global, sem impedir que a circulação e o acúmulo de capital fossem afetados também (Berardi, 2020, tradução nossa). Nesse período tudo que parecia impossível e inimaginável aconteceu. E antes desse imaginável ocorrido, cada sociedade tinha suas próprias doenças e essas doenças diziam a verdade sobre esta sociedade (Petit, 2020, tradução nossa). Os poderes diante da desigualdade social e econômica quis garantir que o vírus discrimina e Butler (2020, p. 60, tradução nossa) registra que “o vírus não discrimina”, pois o “[...] vírus não distingue pobre ser rico ou estadista e cidadão comum” Oliveira (informação verbal)<sup>35</sup>. O vírus não fez discriminação, tratou toda a humanidade da mesma forma, vindo mostrar que a sociedade é igualmente frágil.

Conseguimos perceber que o vírus não discrimina, mas sim o ser humano entrelaçado com o nacionalismo, o racismo, a xenofobia, o capitalismo e com “[...] movimentos e ataques, o vírus mostra que a comunidade humana é igualmente frágil”, fortalece (Butler, 2020, p. 60, tradução nossa), sem esquecer do

---

<sup>35</sup> Fala da professora Bernardina Freire na aula da pós-graduação do PPGCI-UFPB na disciplina Informação, Memória e Sociedade no dia 19 de abril de 2021.

negacionismo e a discriminação que afetou, afeta e afetará sempre a todos igualmente.

A pandemia veio encoberta de notícias, trazendo uma imensidão de notícias falsas e de assuntos existentes que são encobertos e disfarçados, como racismo e a intolerância e as consequências aumentaram estimulando situações ainda mais agravantes.

Quando as notícias foram e são divulgadas por muitos que não se preocupam com quem vai atingir, isso por não buscar a veracidade dos fatos se dá por diversos motivos e um deles é a necessidade de divulgar apresentado: “[...] por conveniência, por preguiça, por rapidez, para participar de um grupo com as notícias e veracidade dos últimos acontecimentos” (Campos, 2018, p. vii, tradução nossa). Além do compartilhamento, muitos adicionam mais conteúdo onde “o resultado levará a decisões erradas, pois sempre haverá consequências, algumas significativas e outras rapidamente corrigíveis que não afetarão seriamente terceiros” (Campos, 2018, p. vii, tradução nossa).

A humanidade precisou de algo grave como a pandemia para repensar em suas ações e atitudes no que se refere aos princípios básicos da sociedade, princípios que são prejudicados pelo poder e pela ganância de quem nos deveriam assegurar garantias. Devemos parar e olhar com mais atenção para perceber que estamos em mudanças e que as mudanças devem ser dosadas, isso por não saber que impacto essas mudanças podem acarretar. E por mais que essas mudanças nos facilite por exemplo em estarmos informados sobre o mundo em tempo real, sobre a situação existente no mundo, nos faz dirigir os olhos em direção do poder que tem a informação quando disseminadas principalmente em seus recursos informacionais tecnológicos, que contém uma rapidez e que pertence a todas as classes sociais, além de compreender o medo que perturbou o mundo, o medo do que se podia perder.

O meio virtual mostrou como a vida de todos mudou e como a política com os seus representantes nada pôde fazer a não ser, aprender administrar e aceitar a ser orientado a caminhar por quem realmente pode ou não nos levar a cura, mas, a “vacina” criada através da ciência que “baseia-se na busca da verdade” (Campos, 2018, p. 106, tradução nossa).

Novos olhares diante dessa sociedade atual, faz com que nós pesquisadores da Ciência da Informação comece a perceber se realmente cada um pratica o que fala e se realmente cada um como pesquisadora(or) enxerga todos os acontecimentos existentes no seu meio social, principalmente quando se refere a esse fluxo informacional que envolve tantas informações desconstruídas.

Um excesso de informação se não for informação verdadeira e segura acarretará para uma sociedade doente, cansada, agressiva e vingativa e “assim, qualquer tipo de informação, seja ela verdade ou não, ele se espalha e se torna viral” em pleno século XXI (Quechol, 2018, p. 46, tradução nossa). Enfatiza Oliveira (informação verbal)<sup>36</sup> que “até onde uma informação errada nos possibilita a certos acontecimentos” e o que podem nos causar.

Certamente, a informação tem um poder de controle, porque centraliza fatos e acontecimentos em tempos diferentes trazendo em seus registros respostas, explicações, causas, dúvidas, estabelecendo relações nas quais causa efeito.

Como “[...] a memória é abordada pelos mais variados campos do conhecimento humano sob os mais variados aspectos, dependendo da finalidade que se deseja atingir [...]” (Souza; Oliveira, 2005, p. 2) que se pensa na importância da junção da Ciência da Informação com a Memória. Esta junção

---

<sup>36</sup> Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira na aula da pós-graduação do PPGCI-UFPB na disciplina Informação, Memória e Sociedade em 12 de abril de 2021.

faz entender que a memória mesmo diante de seus “[...] vários significados, dependendo do campo em que esteja sendo aplicado” (Galindo, 2015, p. 77) ela presenteia a todas(os) com informações essenciais de entendimento em diversos aspectos.

E quando se trata do campo da Ciência da Informação, Almeida (2021, p. 120) diz que a “[...] memória no campo da Ciência da Informação se preocupa em decifrar o caráter singular que é representado no ato informacional, seja de um indivíduo ou um grupo, ela não depende de uma ligação com a temporalidade espacial e cronológica da história”.

Diante desse contexto, possibilita ao campo a valorização de nossa existência e dos registros, já que a Ciência da Informação trabalha “[...] nas dinâmicas que vai estabelecer para que aquilo que era considerável memorável passe a ser alargado, é alargar fronteiras daquilo que pode ser memorável”. (Moura, Informação verbal).<sup>37</sup>

Mas, qual a importância de tratar a memória no campo da Ciência da Informação? Ao nosso entender já que a memória pode atender a vários significados e ser entendida de diversas maneiras é tratá-la sem depender de ligação com a temporalidade e a cronológica da história, como bem corrobora Almeida (2021).

Carece de a Ciência da Informação compreender que trabalhar com a memória não é reconstituir o passado, mas viabilizar a coleta, organização, registro e a disseminação das informações com o propósito de possibilitar o entendimento dos fatos e acontecimentos, permitindo disparar gatilhos e conectando pessoas através das informações registradas.

---

<sup>37</sup> Fala da professora Maria Aparecida Moura, na aula magna - Ciência e Deocolonidade do PPGCI/UFPB, no dia 08 de abril de 2022.

## A MEMÓRIA SOB A JUSTIÇA DE XANGÔ: CAÔ CABECILÊ!<sup>38</sup>

Xangô é o rei da justiça  
Xangô é o rei das pedreiras  
Xangô batizou seus filhos  
Com a água da cachoeira

Para representar a memória, trazemos o orixá Xangô por ser o deus da justiça, deus da pedreira e do fogo. Tem o poder de dominar e controlar os raios e trovões. Tem vários correspondentes no sincretismo religioso, tendo São João Batista e São Jerônimo com mais destaque. Suas ferramentas são machado simples ou com lâminas dos dois lados; suas cores são vermelho e branco. Sua comida é carneiro, *amalá*<sup>39</sup>. Sua bebida é a cerveja preta. O dia da semana é a quarta-feira. Suas paramentas são capa, coroa, machadinha, *maruô*<sup>40</sup> entre outros.

E destacar Xangô a memória é ter a força desse orixá e assim defender a memória e nos referir à memória com a certeza de que “escavar, ler e registrar a memória” é “resistir ao racismo coletivamente” (Brito, 2020, p. 17). É resistir sobre a intolerância, o negacionismo e a não aceitação.

Nessa situação no que se refere a memória, tema presente na Ciência da Informação e que está mais fortemente sendo trabalhado na última década, como declara Araújo (2017).

---

<sup>38</sup> *Caô Cabecilê* - saudação ao Orixá Xangô (Deus da justiça) - significa: “Permita-me vê-lo, Majestade!”.

<sup>39</sup> *Amalá* – espécie de pirão feito com pimenta, quiabo, camarão.

<sup>40</sup> *Maruô* - roupa usada pela filha de santo para representar o orixá Xangô. Quando a mulher usa o maruô com o chicotô por baixo e por cima do maruô se coloca o saiote feito de palha da costa. O homem usa calça e por cima o saiote.



A memória é um tema que sempre esteve presente, de alguma forma ou de outra no campo da Ciência da Informação e que “[...] nas duas últimas décadas, contudo, tem tido maior destaque, passando a designar áreas de investigação, linha de pesquisa, em programas de pós-graduação e grupos de trabalhos em associações científicas [...]” (Araújo, 2017, p. 22), permitindo trazer algo ocorrido em um tempo não vivido ou mesmo experienciado.

Pensando na “[...] memória não se mostra apenas como um novo campo de estudos, mas também como uma maneira especial de processar as amplas malhas de problemas que concernem ao todo da sociedade [...]” (Assmann, 2011, p. 22). De modo que trabalhar a memória no campo da Ciência da Informação, é também apresentar possibilidades de obter muitas informações escondidas e/ou adormecidas ao nosso conhecimento social, considerando poder estudar a memória e ser “[...] compreendida do ponto de vista de uma construção social em que grupos sociais criam um passado compartilhado, com a ajuda de um contexto [...]” (Andrade; Oliveira, 2014, p. 3).

Então falar em memória é transitar por entre caminhos e fatos ocorridos em nossas vidas tanto individual quanto coletiva e que de alguma maneira foram silenciados. É pensar como se a memória tivesse um baú e que no decorrer do tempo ela vai soltando lembranças trazendo à tona quando evocada, algo que por muito tempo estava adormecido-esquecido, mexendo com o arquivo memorialístico gravado em nossa mente, nos nossos saberes-fazer. Nesse aspecto, “[...] lembrar -se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança” (Ricoeur, 2007, p. 24), no nosso caso em especial, é ir em busca da ancestralidade.

E a memória pode ser considerada como uma caixinha de surpresas, que ao serem evocadas através de flashes de modo espontâneo ou não, convoca outras memórias e estas se tornam em gatilhos que trazem a cena lembranças pessoais e coletivas,

fato de uma lembrança puxar outras lembranças (Bosi, 1979). Logo, pensamos nos afloramentos que essa reconstituição de fatos vividos, experienciados ou só testemunhados podem oferecer. Sem esquecer que há também um aspecto ético e político, que pode ser constituído de forma intencional – a construção da memória. Por isso, a ideia de ressignificar a memória da religião e de Mãe Beata a partir dessa pesquisa é possibilitar escutas, é devolver-lhe o espaço que lhe é de Direito, isso porque não existem outros trabalhos que tenha se dedicado a construir e ressignificar a memória dessa sacerdotisa a partir de seus documentos, recortes de jornais, imagens registradas, transcritas e criadas enquanto *médium* de memória (Assmann, 2011) isso se dá devido ao grande poder que a memória possui conforme assinala Ricoeur (2007).

A memória pode fornecer informações essenciais para compreender o meio social, possibilitando entendimentos sobre o desenvolver de um povo, de um tempo, de fazer descobertas, de descortinar uma história, uma vida, considerando que “[...] a memória é socialmente construída [...]” (Pollak, 1992 p. 209), melhor dizer, “[...] para que cada um se sinta ligado aos outros por uma mesma história [...]” (Labbé, 2008, p.37). Para ilustrar as afirmações de Pollak (1992) e Labbé (2008) expomos na Figura 7 o registro de Mãe Beata apresentando ao seu povo de terreiro o mais novo filho de santo feito para xangô. Ao lado esquerdo está Pai João esposo de Mãe Beata, seu neto Jair Barbosa (*in memoriam*), seu filho de santo conhecido como Cap. Hamilton e Mãe Beata.

Com isso, a memória faz a ligação de uma geração a outra, alimentando a história, fazendo com que a sociedade dê sentido a certas situações e sobretudo não deixando cair no esquecimento. Mas para que isso ocorra é preciso preservar a memória para que seja liberta informações que em algum momento possam servir de alicerce, de respostas ou

direcionamentos as questões que se encontram inquestionáveis devido a não obter algum registro que possibilite tais questionamentos.

**Figura 7** - Mãe Beata firmando um filho de santo para o Orixá Xangô



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Mas como permitir com que a memória tenha uma presença viva e não permaneça no esquecimento? Trazendo luz

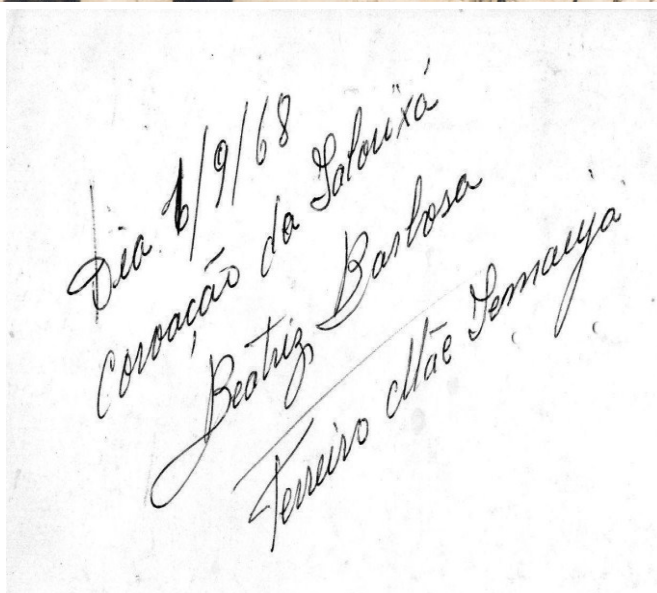
à memória e, conseqüentemente, à reflexão, constituindo em uma das possibilidades para a interpretação de histórias que, cotidianamente, enfrentam a força poderosa do esquecimento. Isso ocorre num encontro constante com o *Lethe*, o rio do esquecimento, todavia em paralelo a este encontramos as águas de Mnemosyne, ou melhor, as águas do rio das lembranças. Ambas correm em paralelo num jogo de disputa em lembrança e esquecimento. Paul Ricoeur (2007), afirma que o esquecimento é inerente à memória, pois ninguém consegue se lembrar de tudo, ao mesmo tempo em que faz uma ressalva ao referir-se aos abusos de memória, sobretudo quando estamos sempre atreladas às memórias ditas oficiais.

Nora (1993) ao referir-se à memória social a designa enquanto um repositório abstrato de traços do passado, vividos ou mitigados que de alguma forma resistem na vida social dos grupos e ao mesmo tempo os integram e constroem identidades coletivas, por outro lado há que considerar que parte dessas construções estão vinculadas aos grupos do passado. As memórias sociais podem conduzir à ação, desde evocadas e utilizadas.

Podemos pensar nas formas com que utilizamos os instrumentos para essa evocação e assim (re)significar a memória. Seja por um objeto, por uma narrativa, por documentos, por imagens, por uma dança entre outras maneiras existentes que possibilitam a rememoração, avivando a memória, escavando-a para que possamos encontrar respostas mesmo que bem diferentes das existentes e/ou já conhecidas. Essas respostas possam servir de libertação para determinados fatos e acontecimentos.

A Figura 8 pode ter como narrativa o momento apresentado pelo registro de 1968 onde mostra o orixá de Mãe Beata (Iemanjá) sendo coroada por Pai Cecílio.

**Figura 8** - Coroação da ialorixá Beatriz Barbosa -  
Coroação de Iemanjá – 1968 (frente e verso)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Benjamin (1987, p. 239) esclarece:

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado, é, antes, o meio. E o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se resolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entrega aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas.

Escavar é tatear, é poder descobrir pouco a pouco as camadas sem prevê-las, e podendo estar carregadas de surpresas, de indagações, de dúvidas. A escavação é um

processo do qual vai descortinando pouco a pouco os fatos e os acontecimentos, mas é preciso ter cuidado em cada enxadada dada para que não destrua o achado e com isso se fazer possível uma ligação entre os achados, pois uma descoberta desenterrada pode modificar um momento que a muito tempo estava enterrado.

E como uma pesquisa nunca chega ao fim, a(o) pesquisadora(o) ela(e) possivelmente em cada escavação adquire ou não uma nova descoberta e/ou um novo entendimento e compreensão. Sendo assim percebemos que é inevitável em um só momento conseguirmos escavar tudo, por isso vamos em cada descoberta trabalhada com a memória, alimentando a história e modificando – a por ser a memória um fenômeno construído (Pollak, 1992), e por possuir memórias que podem ser individuais, coletivas ou sociais (Le Goff, 1990).

Assmann (2011) por sua vez alerta que a memória de certo modo orienta o passado e avança passado adentro como se rasgando o véu do esquecimento.

O passado segue rastros soterrados e esquecidos e reconstrói provas significativas para a atualidade, essas provas podem vir acompanhadas de diversas maneiras. Podendo haver possibilidades de transformar qualquer objeto independente de sua guarda ou criação em fonte informacional, isso vai depender como cada uma/um interpreta esse objeto podendo ou não trazer indícios e fatos privados. Podendo ou não influenciar através desses documentos pontes entre o público e o privado, entre o presente, o passado pensando no futuro e refletindo no olhar mais atento da(do) pesquisadora(or) que irá destacar a construção e o caminho de uma trajetória (Oliveira, 2018).

Nesse caminhar é que se pretende descortinar a vida e os feitos de Mãe Beata, sacerdotisa da Umbanda, da Jurema e do Candomblé paraibano. Bosi (2003, p. 31) comenta: “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no

espaço e no tempo [...]. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo”.

Ante ao exposto estamos de certo modo percorrendo um retorno no tempo para tentar compreender a trajetória de Mãe Beata e suas ações considerando o tempo e espaço que ela viveu. Nesse aspecto, adotamos a escrita de si, enquanto ato confessional para construir a narrativa sobre Mãe Beata, associando-a a Escrivivência, possibilidade de construção do ela, do eu e do nós!

## **ESCRITA DE SI DANDO PASSAGEM A ESCREVIVÊNCIA: ÒKÉ ARO!<sup>41</sup>**

Odé mata  
É de Orumilá<sup>42</sup>  
Eu te dou Odé  
O que precisar  
Odé mata  
Filho de Xangô  
Eu te dou Odé  
Se preciso for  
Odé amar Odé  
Orumilá

Trazemos neste momento o orixá Odé denominado também de Oxóssi que compõe a linha de caboclo, o deus da

---

<sup>41</sup> Òké Aro - saudação ao Orixá Oxóssi (o deus caçador, senhor da floresta, orixá da fartura, divindade do conhecimento) - significa: “Salve o grande Caçador!”

<sup>42</sup> Orumilá - orixá considerado como Orixalá, orixá importante que fez a criação do mundo e da humanidade.



caça, fartura e das matas. É conhecido no sincretismo como Santo Expedito. Suas ferramentas são o arco, flecha. Suas cores branco, verde e vermelho. Pode oferecer coco, abacate, mel preto. O dia da semana é quinta-feira. Suas paramentas são arco, flecha, chapéu com pena etc.

Odé por ser o orixá que dá a passagem, que abre caminhos da escrita de si para a escrevivência facilitando o sentir através das sensações trazidas pelas lembranças evocadas pelos elementos socio-transmissores que servem como testemunho, conduzindo a meios de registros documentais nos levando a um momento de recordação, fazendo reviver uma história, uma produção, tendo na mente imagens de momentos determinados afinal não existe memória fora dos quadros sociais. É alimentar a escrita com a memória ressignificando o momento, pois “escrever é uma maneira de sangrar”. (Evaristo, 2016, p. 95).

Fazer a junção entre documentos pessoais com a escrita de si é tentar organizar uma história, ampliando elementos que irão constituir informações daquela pessoa que se encontra no invisível e logo podendo ser transformada em conhecimento registrado.

A Escrita de si pode ser percebida como um rastro do movimento social. Ela pode ser construída a partir de experiências vividas que são evocadas, à medida que recuperamos as informações contidas no anonimato dos documentos (Córdula; Oliveira, 2015, p. 59).

A partir da escrita de si pode-se erguer a memória de si, as diversas formas de reproduzir a escrita de si que não se dá apenas em transmitir sua história, muitas vezes preocupa se em ressignificar histórias de pessoas, que sem intenção deixaram “[...] registros pessoais como uma espécie de testemunho [...]” e

como “[...] histórias que as pessoas contam sobre si mesmas [...]” (Mckemmish, 2013, p. 23-19).

Histórias contadas e apresentadas, seja através de escritas ou não, seja por objetos, por relatos de fatos conquistados e trazidos pela oralidade registrados em diversos suportes e que ficam engavetados e revirados quando dá vontade de remexer em fotografias. Ao revirar esses conglomerados de documentos que denominamos de ‘acervo pessoal’ eles nos presenteiam reviver o que já passou, transitar por espaços distintos de recordações tristes, alegres, decepcionantes, de conquistas, de saudades, de bons e maus sentimentos, mas que independente de suas categorias, sempre serão sentimentos de pertencimento da sua própria memória. Ou de memórias compartilhadas, uma vez que a memória não é influenciada apenas por elementos bioquímicos, mas também por sentimentos.

Apresentamos a Figura 9 a qual nos remete a uma memória individual e ao mesmo tempo coletiva. Mãe Beata em uma de suas viagens acompanhada de alguns de seus familiares.

**Figura 9** - Mãe Beata em um momento de lazer



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Se pararmos para refletirmos passamos nossas vidas arquivando o tempo todo, mais “[...] por que arquivamos nossas vidas?” Indaga Artières (1998, p. 10). Porque nos registros pessoais (nosso arquivamento) não nos deixam mentir, mesmo surgindo modificações, nós só registramos aquilo que desejamos que alguém algum dia seja por qualquer motivo saiba ou mesmo queira descobrir algo que deseje.

Muitos ao preservar um documento no tempo presente querem ou desejam que naquele momento o documento fique oculto para que no futuro o acervo possa servir de explicação a algo que venha a ser questionado. Ou ao desejo de desvendar e assim discorrer sobre um momento e até quem sabe servir mesmo de prova/testemunho.

Dessa maneira tornando

[...] os conjuntos documentais de natureza pessoal como produto de investimentos pessoais ou coletivos, mais do que como produtos “naturais” da trajetória dos indivíduos, pode nos ajudar a desvendar significados e a avançar na tarefa de refletir sobre procedimentos que possam auxiliar no seu tratamento. Investimentos pessoais, imagens públicas e visões de mundo se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos que seus titulares ou seus herdeiros lhe conferem e fornecem chaves para compreender o arquivo que vão além das tradicionais associações entre trajetória e documentos (Heymann, 2013, p. 75).

Nessa relação de importância entre poder perceber o potencial informacional que carrega um documento, seja ele um achado no meio de nossas estantes e gavetas; seja um manuscrito em um papel deixado entre as simples páginas de um

livro; um registro no verso de uma fotografia; um rabisco em um caderno ou em qualquer um outro suporte. Essas são algumas formas de apresentar momentos de uma vida, em um tempo onde só a memória poderá desembulhar as informações sendo comprovadas e provadas através dos documentos e informações. Documentos esses que são essenciais para que existam novas descobertas e novas conquistas, vindo a servir de alicerce para inúmeras curiosidades e descobertas escondidas pelo tempo ou propositalmente, dando passagem a outros olhares para que haja novas compreensões.

Considera-se em muitas situações os arquivos/acervos como coisas velhas, que só tem servido apenas de recordações e até mesmo de acúmulo para aqueles que não enxergam o valor destes que por um tempo esteve presente em um determinado lugar, manifestando um momento e com seu reavivamento trazer vida e movimento.

De acordo com Córdula e Oliveira (2015, p. 22): “A ideia é que não se perceba o arquivo como apenas um lugar de guardar e preservar a memória, mas um lugar em que a informação passa a ser componente fundamental na produção do conhecimento”. Guardar, preservar objetos para muitos podem ser considerados como coisas velhas e sem sentido de valor, mas para outros é considerado de pura riqueza, seja sentimental ou financeira. Porque relembrar é poder sentir no mais íntimo tudo de novo, “[...] é recuperar um pouco daquilo que se acha perdido” (Gonçalves, 2012, p. 967) é a memória fazendo seu papel de materializar o passado através dos registros.

Vamos pensar nas cartas escritas que podem ser “[...] um espaço que materializa memórias individuais e coletivas no tempo” (Coutinho; Oliveira, 2020, p. 122). Dessa maneira podemos pensar envolvendo todo tipo de documentos como materialização da memória ou como diria Assmann (2011) como um canal de memória.

Muitos utilizam a memória para poder construir ou reconstruir uma escrita de si, utilizando um arquivo/acervo privado pessoal, tornando visível o invisível (Oliveira, 2018), descrevendo lembranças usando estratégias, construindo novas ideias, desafiando e transformando fontes primárias em documentos informacionais para que logo possam ser recuperadas e reconhecidas, trazendo o passado através da memória e o tornando presente (Albano, 2005).

Porém, escrever sobre si, possibilita um registro da memória. Podendo sentir-se como autor de sua própria história, dando valor a trajetória percorrida e com este registro poder saber alimentar e orientar muitas outras histórias, fazendo perceber que a informação certa pode transformar o mundo, mesmo aquele mundo onde para alguns não querem e nem desejam que o passado seja rememorado.

Ao vasculhar os desvãos da memória é remexer em certos sentimentos adormecidos, é poder compreender que a escrita de si, de certa forma não é apenas expor uma transcrição de medo, sonhos, conquistas, vontades entre tantos outros motivos que são depositados na escrita, é poder da vida, reconhecimento a quem pertence.

A sensação de se sentir autor diante de um escrito sobre outro alguém se dá pelo fato de que o texto sempre terá um pouco de quem o escreveu pelo simples fato da exposição de sua opinião, compreensão e críticas “[...] isso porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade”. (Gomes, 2004, p. 14).

Foucault (2009, p. 269) nos provoca, “[...] se um indivíduo não fosse um autor, será que se poderia dizer que o que ele escreveu, ou disse, o que ele deixou em seus papéis, o que se pode relatar de suas exposições, poderia ser chamado de “obra”.

Trazemos para respondê-lo Evaristo (informação verbal)<sup>43</sup> quando diz que,

Tudo que escrevo parte muito das minhas experiências, é da experiência dos meus, ou de uma experiência que eu vivo de certa forma. Foi preciso chegar aos 70 anos para conseguir. Incomoda muito essa questão de dizer, se você estuda você consegue. Não é assim para todo mundo. Essas histórias de pessoas que vieram de classe subalterna, essa história como a minha, apenas confirmam, elas são uma exceção dentro da regra.

Aderimos a afirmação diante destas colocações que somos autores e escritores de nossa própria vida, de nossas guardas e do que queremos que sejamos vistos isso vai depender também de quem irá descortinar cada trajetória através do propósito desejando.

Gomes (2004, p. 16) descreve que “[...] certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática [...]” de movimentação. Isso se dá quando na escrita de si os artefatos, são manuseados e levados voltar a um tempo passado, porém extremamente presente, fazendo permitir que no futuro ou no tempo presente se movimente para que não caiam no esquecimento de quem foi, quem fez, o que fez, quem conquistou, quem lutou, porque aquilo e isso, se dando entre conquistas e derrotas. A escrita de si leva o indivíduo a se tornar autor de sua própria história, expressando-se para si e para quem o vai ler.

---

<sup>43</sup> Fala de Conceição Evaristo no canal do *Youtube* Itaú Cultural (2017a) sobre O ponto de partida da escrita, Ocupação Conceição Evaristo (2017).

Afirmamos que expor a própria vida é uma maneira de falar sobre si, é falar sobre um coletivo, possibilitando realizar a escrevivência, pois cada história é única e intransferível. É sentir-se dando importância a cada história por que “[...] as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras” (Evaristo, 2017, p. 111), apresentando-se através da escrita. Para Gomes (2004, p. 8) “[...] nem só os literários escrevem, sobretudo uma escrita de si” e Guimarães Neto; Araújo (2004, p. 338) confirmam que:

A palavra escrita tem o poder de reatar encontros com o passado, sentir-se presente na vida e fazer projeções para o futuro. Deixa de ter apenas valor afetivo, circunscrito ao mundo privado, para criar asas no espaço público e emitir os signos da luta que pode ensinar ao presente. Aprende-se com ela, antes de tudo, o compromisso integral com a cidadania.

Portanto é compreensível que os documentos sejam fonte de pesquisa por trazer informações preservadas por familiares, por uma comunidade ou por alguém que viu importância naqueles registros. Mas quando se trata de um olhar por uma/um pesquisadora(or) tende a ter um cuidado, mas refinado nos detalhes, pois, os registros de si poderão transcrever uma trajetória, fazendo o reconhecimento de uma vida ou de várias histórias de vida. Esse cuidado se dá fazendo escavações cuidadosas.

Chama atenção para,

[...] o gesto de guardar documentos pessoais a “um tipo de testemunho” que alguns indivíduos se veriam compelidos a prestar em relação a sua vida, tanto no sentido de

preservar a memória de experiências vividas como no de constituir sua identidade pessoal por meio do arquivamento. O texto estabelece conexões interessantes com outros campos de conhecimento que discutem o papel das ‘narrativas de si’ na constituição do self, relacionando a produção de arquivos pessoais [...] (Heymann, 2012, p. 262).

Conforme a citação de Oliveira (2018) no sentido de tornar visível o invisível, e em seu relato verbal (2020) percebemos como também podemos diante de nosso olhar, tornar o invisível em visível, possibilitando trazer à baila trajetórias como a de Mãe Beata.

Desvendar o invisível é descortinar a história fazendo a leitura e interpretação extraída dos documentos, nos depoimentos orais, nos objetos e com a escrevivência que é escrever a realidade em busca de resistência. De transbordar através das linhas escritas as dores, sendo contadas com a doçura que a escrita oferece quando envolvida com o desejo de esperança, de poder ser o que deseja, de poder viver liberta dos olhares e em defesa de si no encontro com o nós.

Considerando a escrita de si como um arquivamento, ela só não seria suficiente para abordar sobre Mãe Beata, uma vez que a pesquisadora possui trajetória que se assemelham enquanto mulher negra e praticante da mesma religião. O que torna necessário ampliar o olhar sobre a escrita de si dando passagem à escrevivência uma vez que esta volta-se para pensar o sujeito e seu coletivo, trazendo à cena a ótica dos anônimos, estratégica teórica para pensar a teia social a partir das relações entre o eu, ela e elas(es).



Realizar a passagem da escrita de si para a escrevivência é considerar como um ganho de liberdade, já que a escrita sangra como bem determina Evaristo (2016).

## **CAMINHOS PARA O ENCONTRO COM A ESCRIVIVÊNCIA: EPARREI!<sup>44</sup>**

No Moçambique ela come na Jurema  
No orixá ela come no *gongá*  
Não chore não viu  
Não vá chorar  
Não chore não  
Que lانسã vai te ajudar

Considerando lانسã o orixá que possui o domínio dos ventos e das tempestades, deusa do ar, do corisco, do relâmpago e do trovão. Orixá guerreira também chamada de Oyá e Aloyá. É denominada no sincretismo como Santa Bárbara. Suas ferramentas são espada, cálice, chicote. Suas cores são rosa e branco. Sua comida pode ser o acarajé. Dia da semana, quarta-feira. Suas paramentas coroa, espada, cálice etc.

E como lانسã ela possui o domínio dos ventos e das tempestades é que a insiro neste encontro com a escrevivência, consentido que ocorra novas pesquisas, novas descobertas, dando se através de um método científico que nos permite chegar ao nosso objeto. Para Severino (2010, p. 18), metodologia científica se configura como,

---

<sup>44</sup> *Eparrei* - saudação a lانسã (deusa guerreira, senhora dos ventos, raios, trovões e tempestades) - significa: “Salve o raio, lانسã!”.

[...] um instrumental extremamente útil e seguro para a gestação de uma postura amadurecida frente aos problemas científicos [...] São instrumentos operacionais, sejam eles técnicos ou lógicos, mediante os quais os estudantes podem conseguir maior aprofundamento na ciência, nas artes ou na filosofia, o que, afinal, é o objetivo intrínseco do ensino e da aprendizagem universitária.

Nesse sentido, entendemos que a metodologia é o estudo do método científico, melhor definido: É o método que busca atender os objetivos traçados, os instrumentos de coleta, análise dos dados, bem como a abordagem de pesquisa servindo como uma ferramenta capaz de agregar caminhos que auxiliem na realização de uma pesquisa científica. Caminhos do quais se utilizam instrumentos, técnicas e métodos reconhecidos como científicos para produção de respostas a uma questão formulada.

Nesse contexto, aplicar uma metodologia adequada à pesquisa é uma forma de alcançar os resultados que buscamos, no campo da investigação científica. Marconi e Lakatos (2003, p. 17) ratifica nosso entendimento enquanto metodologia científica no que diz respeito aos métodos e técnicas para a realização da pesquisa científica. Ou seja, para Marconi e Lakatos (2003) a metodologia científica é “[...] mais do que uma disciplina, significa introduzir o discente no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do estudioso quanto do profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das ideias”. Considerando tudo aquilo que se busca alcançar através da investigação científica que mantém as características que levam a uma pesquisa voltada para a ciência.

Nas palavras de Minayo (2016, p. 11-12):

[...] a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ele pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização. [...] as ciências sociais hoje, como no passado, continuam gerando conhecimento. E que seu dilema não é o de copiar os caminhos das ciências naturais e sim o de encontrar seu núcleo mais profundo de contribuição na construção do campo científico. [...] tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

Então para a realização de uma pesquisa devemos seguir caminhos dos métodos científicos pois como bem aborda Gondim e Lima (2006) que para realizar uma investigação tem tarefas a serem cumpridas, que exigem dedicação, ética, disciplina e boa vontade, mais do que o domínio obtido do conhecimento filosófico ou das técnicas que são realizadas para o levantamento dos dados.

Concebendo a pesquisa como atividade artesanal, isto é, como um trabalho em que está presente a marca do autor, deve se voltar a atenção, inicialmente, para o pesquisador. Em outras palavras, antes de tratar dos métodos e das técnicas, cabe uma reflexão sobre as motivações e sobre o perfil ideal daquele que será o principal responsável pela aplicação desses instrumentos, ou seja, daquele que definirá o que “pode servir” [...] (Gondim; Lima, 2006, p. 14-15).

Pensando na pesquisa como “atividade artesanal”, que usa técnicas escolhidas pelo criador, moldando-se a arte conforme as aplicações escolhidas para conquistar a proposta idealizada na criação dessa obra. Pensemos que só buscamos pesquisar sobre algo que nos inquieta, pela proximidade, pela afinidade com o objeto de pesquisa com a(o) pesquisadora(or).

E assim se dá com a escrevivência como metodologia que concede a escrita de si como atividade fundamental que permite rompe com quaisquer possibilidades impeditivas de criarmos e de estarmos,

[...] criando novos suportes de análise, muitas vezes o que temos aí não conta de uma realidade específica. Se esse conceito de escrevivência ele for pensado também nesse servir de suporte teórico para determinadas pesquisas científicas e pesquisas que visam justamente entender essa experiência do povo. Essa experiência negra brasileira, eu acho que é um avanço e é uma alegria muito grande porque até então todos estudos são orientados por uma perspectiva branca, uma perspectiva numa maioria das vezes, uma perspectiva a partir das experiências brancas, então, se uma experiência, se um conceito negro nascido através de uma experiência histórica ele for aproveitado como uma metodologia científica, nos estudos que nos diz respeito, eu acho um avanço, que é uma possibilidade de novas epistemologias, e que é justo como os conhecimentos indígenas, com a experiência indígenas. Ela também precisa chegar a esse campo acadêmico, não como objeto a ser pesquisado, mas como também sujeitos de criação, sujeitos de análise,

sujeitos de observação, sujeitos que concluem as suas teses sobre determinados assuntos. Pensar a escrevivência como uma metodologia que pode ser pensada, que pode criar metodologia, que se transforma em métodos para ser aproveitado em todos os campos da ciência, isso nos agrada muito e nos mobiliza a fazer nossas próprias pesquisas, ampliar esses estudos. (Conceição Evaristo - informação verbal)<sup>45</sup>.

Para tanto, perseguindo os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, optamos por adotar a abordagem qualitativa do tipo bibliográfico e documental, aliado a outras estratégias de coleta de dados e análise.

Para Silveira e Córdova (2009, p. 34):

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas.

De modo que adotamos a pesquisa bibliográfica, com vistas ao aprofundamento da compreensão de um grupo social, por meio da produção bibliográfica em artigos, teses, livros

---

<sup>45</sup> Fala da professora Conceição Evaristo na aula inaugural - Casa Oswaldo Cruz com o tema - **Escrevivência: vias na literatura, uma literatura para a vida**. No dia 04 de abril de 2022 pelo canal da rede social Facebook, Fiocruz (2022).

fundamentados na discussão teórico-metodológico do estudo em tela.

Silva (2018, p. 15) ao afirmar que,

A pesquisa de abordagem qualitativa, possibilita uma aproximação entre o sujeito e o objeto e nesse ponto tornou-se fundamental, pois foi através dela (tendo por base a análise dos motivos e intenções) que foram desveladas as ações e estruturas encontradas como mais significativas para o estudo.

No percurso da abordagem qualitativa associamos à pesquisa bibliográfica, voltada para a literatura e a pesquisa documental que de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 174) restringe-se a “[...] documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Ou seja, seu corpus se constitui de documentos em seus variados suportes que possibilita expor fatos e acontecimentos que permanecem, silenciados nos arquivos, nos acervos, nas gavetas e outros.

Na pesquisa documental trabalhamos com fontes primárias compostas por informações originais e ainda inexploradas que fornecem dados e que podem subsidiar novas interpretações (Silva, 2022).

Para Marconi e Lakatos (2001, p. 43):

Os documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica. Podem ser encontrados em arquivos públicos ou

particulares, assim como em fontes estatísticas compiladas por órgãos oficiais e particulares. Incluem-se aqui como fontes não escritas: fotografias, gravações, imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte, folclore etc.

Para os documentos adotamos os princípios da análise documental, que de acordo com Aróstegui (2006, p. 508) constitui-se de “[...] um conjunto de princípios e almeida de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações”. Sendo necessário considerar na análise documental dois pilares indispensáveis, que o autor denomina de fiabilidade e a adequação dos documentos (Aróstegui, 2006).

Partimos, portanto, do entendimento de que a pesquisa, metaforicamente, se constitui em uma ‘colcha de retalhos’, cabendo a (o) pesquisadora (or) estabelecer seus próprios instrumentos para coletar informações necessárias e fundamentais para a realização da pesquisa. Nessa esteira de raciocínio a pesquisa pode ser considerada como artesanato, a qual denominamos de artesanato intelectual, sendo “um fruto do trabalho vivo do pesquisador” (Deslandes, 2016, p. 29) desde quando se inicia a produção a partir do projeto incluindo informações e conhecimentos prévios sobre a questão a ser trabalhada.

Nesse sentido, tomando a pesquisa enquanto um tecer artesanal, que tem como foco uma sacerdotisa negra, na cidade de João Pessoa/PB. Fomos atraídas por ela e seu passado, afinal estamos na trilha de mulheres de mesma característica social e religiosa. Estamos em um movimento sobre o qual e do qual não há escapatória, esse foi, o momento de tomada de consciência de nós mesmas, integralmente imersas. Percebemos a

impossibilidade de separar a mulher negra e sacerdotisa investigada, da mulher negra praticante da mesma religião, que vive em tempos históricos distintos, mas que traz na consanguinidade e nas práticas sociais os elementos de ligação.

Especialmente, ao atentar para o que nos alerta Evaristo (2017) quando fala: “tudo que eu escrevi parte muito das minhas experiências, é da experiência dos meus ou de uma experiência que eu vivo de certa forma. [...] essas histórias de pessoas que vieram de classe subalterna, essa história como a minha, apenas confirmam, elas são uma exceção dentro da regra”. (Informação verbal)<sup>46</sup>.

Foi com esse entendimento que adotamos a escrevivência como procedimento teórico-metodológico, uma espécie de “[...] estratégia escritural que almeja das corporeidades a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita [...]” (Fonseca, 2020, p. 66).

Afirma Evaristo (2020, p. 30) que “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada [...]”. Ou seja, conceber com a escrita, a vivência e a existência fazendo uma mistura entre a vida e a arte dando liga com a escrita (Evaristo, 2020).

Entendendo a escrevivência como essa possibilidade de uma escrita coletiva, o eu de Mãe Beata se misturando com o nosso, sobretudo nos fios que tecem nossas memórias que tem como atividade o ato de lembrar quanto nos modos de fazer realizando desde então a memória coletiva (Brito, 2020). E como “[...] a escrevivência extrapola nos levando para além da escrita do ser individualizado” (Evaristo, 2020, p. 38) que tratamos de uma estratégia para as impressões da autora, do sujeito investigado e dos gestos dos entrevistados.

---

<sup>46</sup> Fala da professora Conceição Evaristo: O ponto de partida da escrita. Ocupação Conceição Evaristo (2017), Itaú Cultural (2017a).



Temos as entrevistas que não destaca apenas histórias próprias, mas trazem observações do passado estando no presente fornecendo informações sobre situações e momentos sobre determinados fatos pois de acordo com Alberti (2008, p. 158): “A entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real”, além de observações e registros diante de materiais lidos e que em diferentes momentos foram revistos. Isso se mostrou importante em diferentes momentos, possibilitando repensar nossas impressões e vivências, o que colaborou com a pesquisa, afinal entendemos a narrativa como experiência e esta, por sua vez, na perspectiva de que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. (Bondía, 2002, p. 21).

Assim, a presente pesquisa será realizada numa espécie de construção artesanal de uma grande colcha de retalhos, em momentos distintos e cuja paciência foi requerida com vistas a manter a harmonia entre as partes que constituem o todo.

Por oportuno é bom ressaltar que as etapas se interrelacionam e se interconectam entre si, possibilitando com vistas a tecer a escrita sobre a trajetória da sacerdotisa Mãe Beata, tendo a informação e a memória como fio condutor, e, de certo modo subvertendo o caráter positivista da ciência optamos por introduzir a escrevivência como construto metodológico de pesquisa. Perspectiva teórica criada pela Professora Dra. Maria da Conceição Evaristo de Brito, negra, natural de Belo Horizonte/MG, nascida no dia 29 de novembro de 1946. Professora por formação em Letras, Mestre em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF). Publicou pela primeira vez nos Cadernos Negros, uma série que circula com textos afro-brasileiros.

Em 2016 suas obras passam por processos seletivos e tem escolhas para estudos acadêmicos, confirmando assim uma das escritoras brasileiras mais lidas e estudadas, dentro e fora do país.

Sua escrita é marcada por sua delicadeza, pela oralidade e pela ficção que permite um reflexo sobre as realidades vividas em tempos passados e ao mesmo tempo realidades tão presentes. “Eu digo com muita veemência, na verdade este espaço é meu. É meu não, é nosso! É de toda uma comunidade que viveu aqui” (informação verbal)<sup>47</sup>.

A sua escrita não traz apenas o seu imaginário, mas sim sua ancestralidade, sua vivência consigo e com os outros, dando destaque a comunidade afro-brasileira através de sua metodologia a ‘escrivivência’.

Ganhou o terceiro lugar no Prêmio Jabuti 2015, categoria Contos com a obra Olhos d’água e o Prêmio Faz Diferença 2016 do O Globo na categoria Prosa. Titular da Cátedra Olavo Setúbal da USP. Em 2022 acontece a cerimônia de inauguração da Cadeira Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência onde Conceição Evaristo apresentou o programa de sua propriedade, que se baseia no conceito de “escrita”, usado por ela para referenciar a escrita da vida, a escrita que nasce da vida quotidiana, memórias, experiências de vida dela mesma e do seu povo. Emprega a experiência das mulheres negras tanto no processo contemporâneo como no processo histórico.

Chama se atenção às novas questões, aos novos olhares nos elementos que surgiram durante o percurso transcorrido, nos moldes dos aspectos teóricos e metodológicos que foram

---

<sup>47</sup> **Becos da memória** - Ocupação Conceição Evaristo (2017). No romance Becos da Memória, escrito em 1983 e publicado em 2006. Conceição Evaristo ficcionaliza as memórias de sua infância e de sua adolescência, vividas na favela do Pindura Saia, na região central de Belo Horizonte/MG (03 de maio de 2017), Itaú Cultural (2017b).

incorporados, de acordo com a necessidade do quadro que se apresentou ao longo da jornada desta investigação científica e de acordo com a orientadora que junto a pesquisadora envolveu nesse constructo do qual consideramos um artesanato, a *Escrevivência*.

A escrevivência de Evaristo como forma de metodologia é tratar da experiência como estratégia de informação através de vidas marcadas durante toda sua vivência. Pouco ou nada se vê no campo da Ciência da Informação e a metodologia pelo pensamento de Minayo diz que,

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de pesquisa operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade). [...] a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teorias da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. [...] a teoria e a metodologia caminham juntas, de forma inseparável. Enquanto conjuntos de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumento claro, coerente, elaborado, capaz de caminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. [...] Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador (Minayo, 2016, p. 14-15).

Tratando da criatividade, pensamos em memória sobretudo nos recursos de buscas, vem à mente os documentos, o escrever.

Compreende-se que todo indivíduo possui algo em sua trajetória que ao ser escrita, narrada ou registrada em qualquer suporte insere nesses documentos uma produção, devido entender que “cada documento tem a alma de quem o produz” (Informação verbal)<sup>48</sup> podendo evocar sentimentos, sensações e/ou até mesmo mudanças quando se faz comparações com o seu vivido, assemelhado - o ou não.

A escrevivência pode ser considerada como uma metodologia que trata da experiência como forma de informação de vidas marcadas durante toda sua vivência, metodologia que se adequa a linha de pensamento e estabelece um melhor aproveitamento na elaboração desta pesquisa que conta com 825 (Oitocentos e vinte e cinco) documentos que inclui fotografias, recortes de jornais, certificados, quatro livros, documentos pessoais, cinco entrevistas e um relato.

Logo, a característica da escrevivência é representar trajetórias de pessoas silenciadas, que trazem em suas vivências recortes de situações reais que ocorrem em toda a sociedade e que muitas vezes ficam no obscuro.

É acreditar que toda pessoa tem algo a compartilhar, para registrar ou publicar, promovendo sentidos, reconhecimento e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa (Nunes, 2020, p. 15).

E como “[...] a aprendizagem da escrita está na vida” (Evaristo, 2020, p. 34), que se configura no posicionamento do não trazer para academia e até mesmo para o campo da Ciência da Informação o método da escrevivência como metodologia.

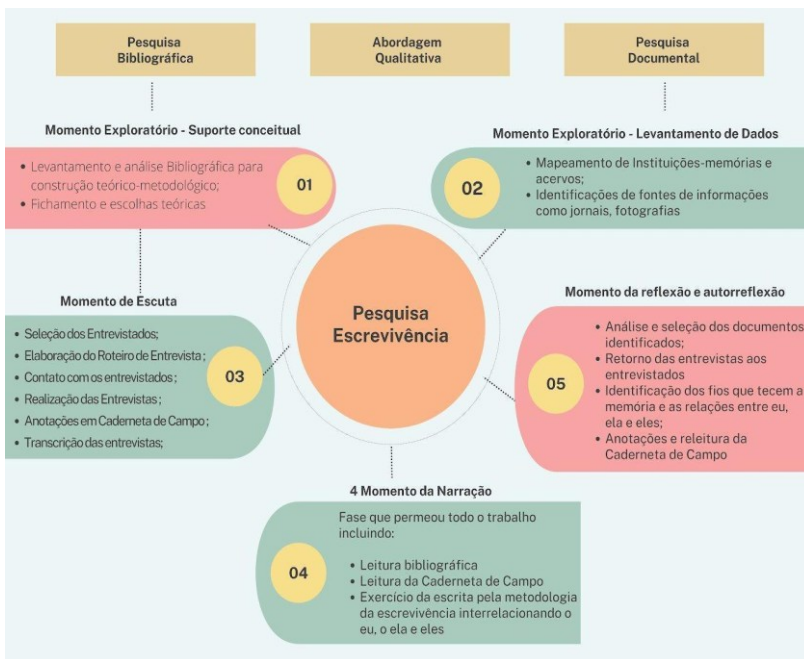
---

<sup>48</sup> Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira na aula da disciplina Gestão em Arquivo Permanente, no dia 07 de junho de 2022.

Isso porque a escrevivência inclui histórias de pessoas que a sociedade brasileira faz questão de excluir, pessoas que produziram fatos e acontecimentos essenciais em nossa existência. Para um melhor entendimento dos passos da pesquisa construímos Diagramas.

O Diagrama 1 mostra os passos realizados para a realização da pesquisa.

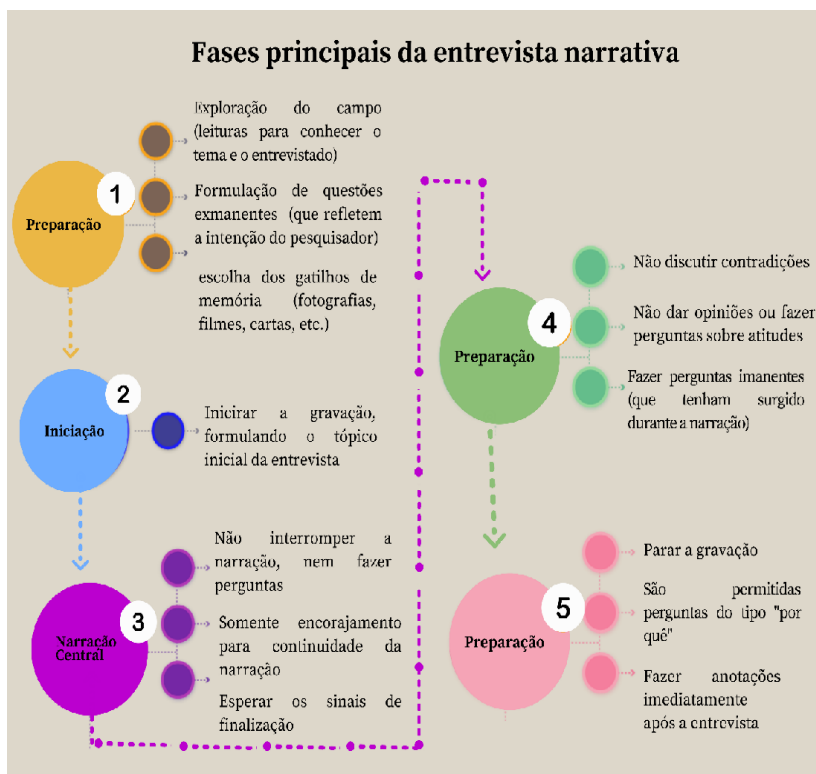
**Diagrama 1 - Dados da Pesquisa**



Fonte: autoria própria (2021).

O Diagrama 2 remete o processo diante das etapas realizadas nas entrevistas:

**Diagrama 2 - Etapas da Entrevista Narrativa**



Fonte: Daronco (2021).

É oportuno registrar que os depoimentos orais foram gravados em áudio, vídeo e foram transcritos na íntegra e em seguida devolvidos aos entrevistados, os integrantes<sup>49</sup> fazem

<sup>49</sup> O quantitativo de pessoas a serem entrevistadas só foi definido de acordo com o contato com o campo de investigação, bem como, de acordo com a documentação mapeada em seu acervo pessoal, considerando que as entrevistas serviram como complemento às informações constantes dos documentos.

parte do convívio familiar e religioso e outros apenas do convívio religioso da titular do acervo. Foram devolvidas as entrevistas transcritas para que assinassem o termo livre e esclarecido para uso de suas falas ao longo da construção do texto. Toda trajetória realizada para a realização das entrevistas (roteiros, autorizações) foi submetido na Plataforma Brasil<sup>50</sup>.

## **“EXPERIÊNCIAS HERDADAS”: ESCREVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: BEGUE-BEGUE!<sup>51</sup>**

Fui no jardim colher as rosas  
A vovozinha trouxe a rosa mais cheirosa  
Cosme e Damião, ÔOOOh Doun  
Crispim, Crispiniano  
São os filhos de *Ogum*

Os orixás São Cosme e São Damião são espíritos infantis chamados também de Beijada, Bejin e Erês “[...] venerados no mundo inteiro como padroeiros das crianças, dos médicos, dos farmacêuticos e das Faculdades de Medicina” (Souza, 1964, p. 24). Correspondem aos católicos como São Cosme e São Damião; suas cores são rosa, amarelo, verde e branco; Sua comida caruru, doces, bolos, balas; Sua bebida refrigerante; Dia da semana domingo. São Cosme e São Damião ainda têm mais três irmãos: Doun, Crispim e Crispiniano.

---

<sup>50</sup> Plataforma Brasil - Base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep.

<sup>51</sup> Begue-Begue - saudação aos Orixás gêmeos Cosme e Damião (Ibejis/Erês) – médicos, protetores das crianças - significa: “Salve as crianças! ”.

Atribuir aos irmãos gêmeos as experiências herdadas é brincar voltando no tempo através das memórias estando entre o ela, o eu e os outros. Direcionando a escrita que traz a escrevivência a fazer com que os leitores em cada leitura realizada tragam para si novos olhares. Podendo comparar situações ou possam se inspirar nesse texto para tentar resolver alguma situação, seguindo adiante e buscando respostas para perguntas internas. Assim fizemos, para que seja entendido que todos têm problemas parecidos e que em certas situações há solução.

Ao falarmos sobre escrevivência tratamos de democracia, do racismo, do sexismo entre tantos outros atravessamentos, portanto, destacamos um fazer científico contundente e necessário para os tempos de ataques deliberados à Ciência que vivenciamos (Pereira; Pereira; [2021], p. 25).

É pensar na escrita como representação, que tem o conhecimento como fonte de informação (Brascher; Café, 2008), como fonte de origem sendo comunicada através das letras onde só o leitor e os seus pensamentos podem ligar visões do acontecido, do acontecer e do que acontecerá.

Tendo a informação como elemento que compõe o conhecimento (Lima; Alvares, 2012) é considerar essa leitura trabalhando uma imagem e que através da compreensão se extrai significados, agregando aos conhecimentos ou adquirindo novos conhecimentos.

“Ler é também arquivar a si, pois selecionam momentos e estratégias e elaboração do passado, o qual compõe as cenas vividas, escritas e recriadas em muitos de seus personagens” (Oliveira, 2009, p. 622). Contudo sendo apresentado através da escrevivência que todas as vivências ocorridas a si e com outros



importam, que servem de suporte para se enxergar e perceber que há esperança de mudanças.

A escrevivência possibilita autenticidade na escrita, fazendo surgir olhares para que a sociedade entenda que todos são diferentes, mas entendendo que “a estética da escrevivência, é a estética da existência: possibilidade de escapar às políticas de biopoder” (Brito, 2020, p. 150) que apresenta uma realidade de lutas e resistências de um coletivo que busca viver de maneira livre, sem que o medo se faça presente. São lutas de pessoas contra o poder que se apropriam do que os mais humildes conquistam de forma dura. Mas traz também histórias de sorrisos e sonhos.

Escrevivência refere -se poder escrever sobre experiências trazendo para o presente um passado que servirá, quem sabe, de ponte para o incentivo, para a motivação, para muitos ou talvez não, isso vai depender da intenção de quem escreve e para quem escreve. E poder escrever sobre experiências de mulheres negras e de quem próximo a elas estiveram e que ainda estão, é dar e ter voz, é oportunidade de usar cada história como luzes e/ou como solução.

[...] as narrativas de Evaristo são revestidas de uma memória coletiva, porém sem estar presa ao passado e sim a uma memória que usa das lutas e anseios de seus antepassados para ter uma afirmação de si, ao mesmo tempo em que contribui para alteridade de outrem e assim, manter viva a cultura e com ela um futuro melhor, sem delegar ao esquecimento tudo vivido e lutado pelos ancestrais (Almeida; Bezerra, 2019, p. 12).

No momento mais crucial da pandemia, pessoas se viram na profundidade que os trouxe momentos de reflexões sobre si e

sobre os outros. Podendo através desse olhar reflexivo perceber o quanto de si se faz necessário ser valorizado, visto e reconhecido. O quanto cada história se faz importante ser registrada. E assim se faz entender que a escrita de si ou sobre alguém permitirá uma visão jamais percebida, transcrevendo histórias com sentimentos e sensações, oferecendo ao leitor a oportunidade de junto viver o não vivido.

A escrevivência de Conceição Evaristo vem em forma de poema destacando histórias sofridas, mas de forma poética. Essa poética me permitiu escrever poemas direcionados as docentes que comigo se fizeram presentes nesta pesquisa. (Apêndice A).

Acreditamos que a escrevivência veio para mostrar que o sofrimento não precisa ser escrito com palavras duras mostrando as realidades, mas mostrar com palavras escritas de forma que convide os leitores a entrar na leitura, sentindo o poder das palavras, compreendendo aquela escrita e se impactando com a realidade. Assim iremos trazer à tona os problemas existentes agregando o prazer de ler e quem sabe obter leitores conscientes de nossa realidade.

Podemos considerar que a escrevivência é uma reflexão da própria vida, firmando na escrita como um jeito de tirar de dentro para fora algumas realidades essenciais para fugas diante de seus medos e frustrações, entendendo que todos têm deveres e direitos iguais. Sim, pois apresenta ao mundo histórias de experiências envolvida com o ficcionismo e que estão ocultas e outras bem presentes no tempo. Como também ter a escrita de si como a resistência que queremos diante do racismo e da intolerância religiosa (Brito, 2020).

Em 2021, Alencar escreve que,

Se podemos falar em escrevivência, quando  
as poetas cantam a realidade das periferias,

essa categoria deve ser entendida não só pelo fato de se tematizar a realidade, as suas vivências em seus escritos. O conceito escrevivência precisa ser ampliado para além de um modo de escrever/descrever vivências, formas de vida. É preciso recuperá-lo como um modo de propor, pela escritura das poetisas da literatura periférica, novas formas de vida (Alencar, 2021, p. 621).

Ouvir histórias fazendo leituras em voz alta nos fazem com que a escrita penetre através da pele, da audição, sentido cada frase e imaginando cada acontecido, ficando registrado em nossa memória. Mas quando se trata de escrever sobre si, há momentos em que nos pegamos escrevendo de uma maneira mais natural.

A escrita acadêmica nos propõe escritas mais regradas, mais difíceis e muitas vezes nos fazendo esquecer de escrever com sentimento e emoção. Onde na academia,

Aventurar-se em propostas não usuais, no meio acadêmico, pode ser mais árduo do que a premissa científica ostenta, ou seja, o suposto acolhimento para inovações tem cor, gênero, sexualidade, religião, entre outros marcadores sociais (Pereira; Pereira, [2021], p.1).

Trazar novos temas para dentro da academia, é desafiador, podendo se sentir dentro de um campo minado. Em que,

Muitos professores brancos não se sentem capazes ou à vontade para estudar literatura negra por um pretense desconforto, pela sua ausência de lugar de fala, no entanto, estudam literaturas etnocêntricas, inglesa,

rusa, irlandesa, dentre outras. Essas posturas, decerto, não se justificam pelo lugar de fala, mas pelo interesse e pelo reconhecimento do valor e da complexidade do objeto de estudo (Natália, 2020, p. 221).

Os caminhos entre a academia e a escrevivência se alinham através da escrita e “a partir da sua criação, primeiro absorve para depois expressar, acumula e depois expande” (Dannemann, 2020, p. 227) junto a oralidade trazendo histórias de vida como fonte de pesquisa, transcrevendo pelos documentos informações contidas e registradas por olhares mais atentos.

Esse alinhamento mostra caminhos para que se possa trabalhar a escrevivência em outras áreas e no campo da Ciência da Informação ampliando-se e incorporando discussões como forma de informações para se discutir situações socioculturais devido “[...]a escrevivência está no seu compromisso com o questionamento das realidades injustas e com a defesa de existir de vozes e modos de vida excluídos pelo sistema - mundo capitalista, racista, colonial e patriarcal” (Alencar, 2021, p. 622). Falamos neste momento nas falas das pessoas negras que têm relatos sobre o que sente na pele, muitos não os ouvem e nem os permitem serem escutados. Muitas pessoas negras, mesmo não tendo sofrido como muitos, sentem esse sofrimento pelo simples fato de sua cor ou sentido nas suas observações presentes desde o brilho nos olhos dos preconceituosos, e isso incomoda.

A negritude traz em seu corpo marcas da intolerância e do preconceito não só dos brancos, mas do ser humano como um todo. Isso devido aos atos de pessoas negras apontarem dedos em razão a outras pessoas negras, julgando seus atos. Podemos pensar que esse que aponta o dedo está em um patamar de superioridade. O corpo negro tem denominações e ideias já

fincadas na cabeça de muitos que os denominam como pessoas pertencentes e únicas neste mundo, tendo na mente que pessoas negras são pessoas sujas, marginalizadas que não tem valor algum ao menos que sirva de algum serviço para tais. E quando a negritude tem a oportunidade de falar, não é a oportunidade desejada.

Quando Melo (2020) em seu entendimento aponta que entender uma narrativa é trazer em sua fala palavras que soam através das vozes dando destaque a fatos importantes de uma vida, de um coletivo através de informações que se transformam em conhecimentos e aprendizagens. Que podem ou não ativar gatilhos disparando nas profundas camadas da memória trazendo à baila fatos esquecidos, mas importantes para um povo. Desse modo Evaristo (2008, p. 5-8) retrata que,

Vários são os textos em que a memória, recriando o passado, ocupa um espaço vazio, deixado pela ausência de informações históricas mais precisas. E esse passado recriado passa a ser constantemente amalgamado pelo tempo e a história presentes. [...] Tentar apagar a memória coletiva de um povo é querer impossibilitá-lo de apoderar-se de sua história, é desejar torná-lo vazio, torná-lo realmente sem história.

E trabalhar nas escolas ou em universidades a escrita de experiência de vida de pessoas possibilitará entender e conhecer melhor os usos, os costumes, os rituais e o modo de viver do outro fazendo disso uma maneira de diminuir a discriminação, o preconceito, a não aceitação, a intolerância das pessoas. Porque não nascemos odiando, não nascemos andando, não nascemos distinguindo cores, pessoas nos ensinam isso.

A escrevivência é a experiência que transforma, que possibilita, que permite e abre portas para a liberdade de nos sentirmos capazes de dizer que somos negras(os) e que podemos sim transformar nossas histórias em histórias históricas. Como bem tratam Pinheiro, Oliveira e Simões (2019) quando referem-se às informações transmitidas e aqui ousamos dizer que se registrarmos e partilharmos nossas histórias de mulheres negras, umbandistas, juremeiras e candomblecistas ou não, podemos ter as informações protegendo o passado do esquecimento no tempo.

Ilustrando o que registraram Pinheiro, Oliveira e Simões (2019) trazemos a Figura 9, mostra uma mulher negra, umbandista e juremeira em um momento em que apresenta através da escrevivência a trajetória de outra mulher negra, umbandista, juremeira e candomblecista além de histórias de pessoas que com ela conviveram. E assim está conforme a fala dos autores podendo transformar a sua história e de outras histórias em histórias importantes.

Desta maneira nos possibilita dar escuta às narrativas afrodescendentes trazendo não só as experiências reais, mas, as experiências de vida, de luta individual e coletiva, fazendo com que o preconceito, a intolerância, a não aceitação sejam desconstruídas e combatidas.

**Figura 9** - Karina Ceci apresentando no evento<sup>52</sup> a trajetória de Mãe Beata (2023)



Fonte: acervo pessoal de Marcos Leal Rodrigues (2023).

Trazendo à tona memórias silenciadas por meio do compartilhamento dos fatos ocorridos aos seus, aos outros e aos seus antepassados.

O método da escrevivência, nessa perspectiva, nos possibilita não apenas articular a pesquisa social com uma nova prática, como também identificar as contribuições das mulheres negras para o pensamento crítico sobre a sociedade nacional. A partir dessas inquietações,

---

<sup>52</sup> Do Gecimp Talk - Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (Gecimp).

tratamos da desconstrução da metodologia empregada no desenvolvimento de pesquisas científicas (Pereira; Pereira, [2021], p. 5).

De modo que pactuando da premissa exposta bem como das memórias evocadas, uma vez compartilhadas podem dar visibilidade as trajetórias de vida tão existentes no cotidiano, seja ela independentemente de cor, status, religião, raça, sexo. São histórias de mulheres negras que são muitas vezes ou quase sempre ocultadas pela não aceitação do poder. Evaristo (2021, p. 9) expressa que,

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai inferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.

A escrevivência pode ser entendida como contribuição para que não seja repetido todo o vivido de lutas ocorridas pela não aceitação, pelo descaso, pela ignorância, pela falta de cuidado e o desrespeito a história de vida.



É notável que a escrita se torna em um lugar de voz, tornando-se em um registro científico e tão quão importante como outras vozes que buscaram e buscam seus sonhos e vontades.

As obras de Conceição Evaristo mostram histórias de vida que fazem refletirmos sobre a nossa própria história de vida. Destacamos a obra: Ponciá Vicêncio uma mulher que lutou para sobreviver e se descobrir, “[...] mais para saber sobre Ponciá Vicêncio, é preciso ir ao encontro dela” (Evaristo, 2021, p. 9). É preciso compreender seu propósito através da escrita possibilitada pela escrevivência.

A escrevivência mostra uma realidade atualmente ainda vivida que sobrevive diante da desigualdade social e étnica, diante da ignorância e do preconceito. Destaca a mulher negra como forma de mostrar que ela também pode ser e fazer coisas que a sociedade e o poder a impede, enxergando-as apenas como mulheres de cor, mulheres essas que deseja ser apoiada e não apunhaladas também por negros e negras. Ser negra(o) é ser gente que sonha: ser ouvido, realizar vontades e desejos, ter igualdade, ter o direito de ir e vir sem ser julgada(o) até mesmo por olhares tortos, desejando ser respeitada(o), de poder cursar uma universidade como qualquer ser humano. Quantas negras e negros tiveram a oportunidade de fazer e de falar nos espaços acadêmicos. Alerta Pereira e Pereira ([2021], p. 13) que,

A escrita e pesquisa acadêmicas, antes produzidas quase exclusivamente sob determinantes brancos, agora também podem ser justificadas com base na implicação do corpo, dos sentimentos, em especial, das mulheres negras no processo de escrever, ou melhor, escreviver.

As pessoas negras também merecem respeito como qualquer outro ser humano, independente de qual seja a cor de pele ou status financeiro pois andamos, falamos, ouvimos, olhamos ou não, mas uma coisa é certa todos respiram da mesma maneira que o sangue que corre nas veias. E porque tanta rejeição e silenciamento ou a tentativa de silenciar pessoas negras, possivelmente é o medo delas tornarem-se destaque. Ou o medo de tornarem-se pessoas importantes fazendo mais do que até hoje já fizeram.

Dar oportunidades às pessoas negras é apresentar histórias lindas e importantes, abrindo caminhos para que as histórias possam ser expostas sem existir apenas histórias de sofrimento.

Todas as histórias possuem sua beleza, histórias negras importam! E a escrevivência quando incumbida de referência nos possibilita descortinar histórias. Podendo ser expressas através de sua própria escrita sem que sejam apontadas e criticadas por sermos autores de sua/nossa própria obra.

Pois bem, o que especifica um autor é justamente a capacidade de remanejar, de reorientar esses campos epistemológicos ou esse plano discursivo, que são fórmulas suas. De fato, só existe autor quando sai do anonimato, porque se reorientam os campos epistemológicos, porque se cria um novo campo discursivo, que modifica, que transforma e radicalmente o precedente (Foucault, 2009, p. 297).

Nota- se que se não houver inovações, novas buscas, novos meios iremos permanecer sempre copiando ideias de outros. Acreditamos que a escrevivência inserida no campo da Ciência da Informação fornecerá mais informações, vai tornando possível oportunidades a quem nunca imaginou desenvolver

seus conhecimentos intelectuais, por não se sentir capaz ou pela falta de não saber como fazer.

Falar de si, permite dar voz a si mesma, é ter esperança para se conhecer e disponibilizar sua história para que muitos possam entender que os problemas existem e acontecem com várias pessoas.

É olhar além do que a escrita quer dizer, e poder perceber em seu escrever não só a sua história, mas a história de um coletivo, a história de um outrem. Devido aos ocorridos que se derivam de autoras e autores para escrever um texto necessitam de fatos, conhecimentos, informações e de recursos para se construir uma obra.

A escrevivência possibilita marcar uma história de vida, uma história coletiva fazendo valer cada momento e cada experiência vivida como aprendizagem, trazendo à tona memórias guardadas, silenciadas e ocultadas. Com a escrevivência pode se rever nossa história mudando um pouco o vivido com relação ao “não”, o não pode, não deve, não aceito entre tantos outros não(s).

Porém essas mudanças vão servir não só para as pessoas negras mais a todas as pessoas que por algum motivo se sentem excluídas, esquecidas, apontadas e criticadas pela sociedade.

E quando se trata de afrodescendentes, mulheres umbandistas, juremeiras e candomblecistas é que se deve pensar na luta por espaço e um dos melhores caminhos seria produzir pesquisando e escrevendo cientificamente.

# **CIDADE DE JOÃO PESSOA NA GIRA DE MÃE BEATA: Saluba Nanã!<sup>53</sup>**

[...] a ancestralidade pode-se conectar ao humano pelo fio da memória (Brito, 2020, p. 35).

O acontecimento é aquilo que simplesmente ocorre. Ele tem lugar. Passa e se passa. Advém, sobrevém (Ricoeur, 2007, p. 42).



São flores, Nanã, são flores  
São flores, Nanã Boroquê  
São flores, Nanã, são flores  
Do velho Obaluaê

Direcionamos o orixá Nanã a cidade de João Pessoa por ela ser considerada a mais idosa dos orixás, o orixá que tem uma responsabilidade de cuidado e zelo. Conhecida no sincretismo religioso por Nossa Senhora Sant'Ana; Pode ser oferecido mungunzá, batata doce etc. Suas cores são roxo, lilás e branco;

---

<sup>53</sup> Saluba Nanã - saudação ao Orixá Nanã – significa salve a Mãe das águas Pantaneiras!

Suas paramentas são o *ibiri*,<sup>54</sup> vassoura de palha entre outros. E por ela ser o orixá que direciona através de suas experiências que a proporcionamos representar a exuberante cidade de João Pessoa, concedendo a bênção da avó de todos os orixás. Oliveira e Oliveira (2009, p. 28) alegam que “todo lugar tem uma história” e que a Paraíba tem a sua história registrada oficialmente e a cidade de João Pessoa não é diferente pois tem sua memória e suas histórias.

A cidade de João Pessoa foi fundada no dia 05 de agosto de 1585 há exatamente 437 anos e com o nome de Nossa Senhora das Neves, se deu com a construção do Forte às margens do Rio Sanhauá, um afluente do Rio Paraíba. Teve seu nome mudado em 1930 como forma de homenagear o governador assassinado no mesmo ano, passando então a ser chamada de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba situado na região nordeste do Brasil. (Pereira, 2012).

Apontar um pouco da história de João Pessoa é permitir com que a memória fortaleça essa história. Bosi (2003, p. 35) alega que “a memória é, sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” percebendo que “o passado quando reconstruído não é refúgio, mas uma fonte que permite força para lutar e assim a memória vai deixando de ter um caráter de restauração passando a ser geradora do futuro”. (Bosi, 2003, p. 66).

Pensando nesse futuro que a Ciência da Informação faz sua contribuição assegurando através da informação registrada o fortalecendo da história através da memória evitando então o não apagamento das realizações conquistadas no individual e no coletivo. Ressalta Anco Márcio: *Que a história tá aí para provar as coisas. É importante o trabalho*<sup>55</sup> *como didática para dá a César*

---

<sup>54</sup> *Ibiri* - é um artefato enfeitado com búzios e usando como indumentária.

<sup>55</sup> O Sr. Anco Márcio viúvo de Pai Roberto de Iemanjá filho de santo de Mãe Beata. Márcio se refere ao trabalho da Dissertação abordando a importância de

*o que é de César. Aí temos poucos pioneiros, acredito com Mãe Marinalva uma das poucas, é a história viva.*

Há de destacar que "informação é entendida como o processo a partir do qual indivíduos valorizam determinados registros e, nesse processo, participam do processo de construção da memória, portanto da cultura e do real". (Araújo, 2017, p. 23). Assim, retornando no tempo percorremos a cidade de João Pessoa/PB na década de 1960, década que acompanhava os processos históricos nacionais ao mesmo tempo em que alimentava também significativos fatores de exclusão social e cultural.

Em meio aos processos excludentes, eis que entra na gira da vida de Maria [Beatriz] Barbosa de Souza - "Mãe Beata" uma mulher que com sua garra e determinação firma o Candomblé Angola diante de sua feitura e junto com outros(as) sacerdotes(as) a Umbanda e a Jurema que já se faziam presentes na cidade. Oliveira e Oliveira (2009, introdução) destacam "[...] que o conhecimento é feito de tramas, de fios que tecem a história dos lugares, dos homens, das mulheres, das crianças, enfim, dos eventos históricos".

Descortinamos alguns fatos dos quais fortalecem a construção da história da umbanda, da jurema e do candomblé Angola na Paraíba por motivos de que fatos muitas das vezes nunca se tornam totalmente públicos (Candau, 2021). Esses descortinamentos são realizados a partir de diferentes momentos registrados em diversos documentos como: documentos, fotografias, recortes de jornais, revistas, livros, relatos dos quais nos irão possibilitar pensar no caminhar das religiões afro-indígena brasileira a chegar até a construção dessa narrativa. Pensar no presente através do passado é proporcionar

---

trabalhos realizados sobre esse tema e através da oralidade de pessoas que vivenciaram certos momentos. Da importância de documentos pessoais, de documentos que possam comprovar os fatos.

através das leituras e das pesquisas conquistadas no futuro. Nesse cenário é importante destacar que,

Todo leitor é um caçador do invisível, que os registros da memória passam a se tornar produtos e campos para que esses caçadores possam encontrar nele os seus rastros, seus restos e seus vestígios para indagar, refutar, promover, produzir ou propor (Informação verbal)<sup>56</sup>.

E para isso teremos a memória a nosso favor, informa Carli (2013, p. 184) que “é através da memória que se constrói a identidade de um povo, de um país. Para manter vivas a memória e a história de um país, é preciso preservar aquilo que foi registrado em diferentes suportes informacional [...]”, portanto sem os registros ficaremos perdidos(as) no esquecimento.

A princípio damos início na década de 1960, época de grande conquista na Paraíba apesar da luta intensa de quem praticava e continua praticando as religiões de matrizes afro-indígena brasileira. Luta constante mesmo com o que nos assegura a Constituição Federal de 1988, denominada de Constituição cidadã, nos dando livre exercício dos cultos religiosos como bem nos brinda o Título II - dos Direitos e garantias fundamentais - Capítulo I - dos direitos e deveres individuais e coletivos.

Art. 5º todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança

---

<sup>56</sup> Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira no VII Simpósio Brasileiro de Ética da Informação - 10 anos de SBEI (2010-2020) no dia 02 de julho de 2022.

e à propriedade, nos termos seguintes: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva; VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei (Brasil, 1988).

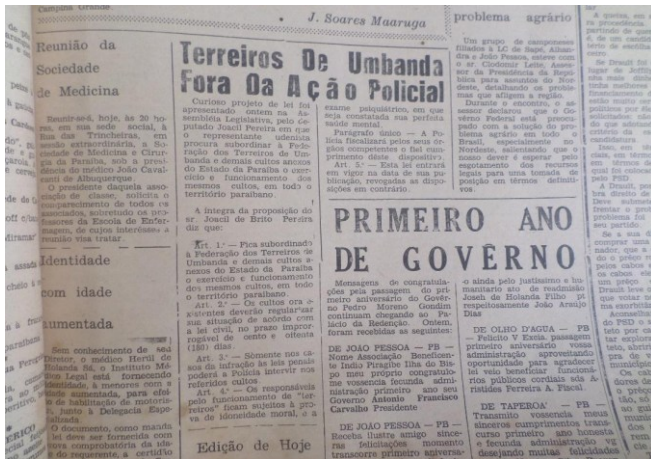
O texto da nossa Constituição política é claro e terminante. A todos os habitantes deste país, ela garante plena liberdade de consciência e de culto. O código penal da República qualifica os crimes de violência contra a liberdade de cultos e marcar-lhes a penalidade (Rodrigues, 2010, p. 343).

E quando se trata do livre exercício, a liberdade de cultuar sua fé é visível que nem todas as pessoas possuem esse entendimento de deixar livre as escolhas de cada um e que o respeito deve prevalecer para que possamos viver em paz. Ocorreram diversos acontecimentos que marcaram as religiões afro-indígenas em João Pessoa/PB. Um destes acontecimentos consta na nota no Jornal Correio da Paraíba do dia 14 de fevereiro de 1962 que Terreiros de Umbanda estava fora da ação policial devido a um curioso projeto de lei apresentado à Assembleia



Legislativa pelo deputado Joacil de Brito Pereira<sup>57</sup> representante udenista que procura subordinar a federação dos terreiros de Umbanda e demais cultos anexos do estado da Paraíba sobre o exercício e funcionamento dos mesmos, em todo o território paraibano. O curioso projeto foi composto de cinco artigos. A Figura 10, apresentamos a nota que trata sobre esse ocorrido.

**Figura 10** - Reportagem - “Terreiro de Umbanda fora da ação policial” - Jornal Correio da Paraíba (14 de fevereiro de 1962)



Fonte: acervo IHGP<sup>58</sup>.

A íntegra da proporção do Sr. Joacil de Brito Pereira diz que:

Art. 1. - Fica subordinado à Federação dos Terreiros de Umbanda e demais cultos anexos do Estado da Paraíba o exercício e o

<sup>57</sup> Foi um professor, advogado, escritor e político brasileiro filiado ao Democratas (DEM) pela Paraíba, foi deputado federal e estadual. Faleceu no ano de 2012 aos seus 89 anos de idade na cidade de João Pessoa/PB.

<sup>58</sup> Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

funcionamento dos mesmos cultos, em todo território paraibano.

Art. 2. - Os cultos ora existentes deverão regularizar sua situação de acôrdo com a lei civil, no prazo improrrogável de até cento e oitenta (180) dias.

Art. 3. - Somente nos casos da infração às leis penais poderá a Polícia intervir nos referidos cultos.

Art. 4. - Os responsáveis pelo funcionamento dos “terreiros” ficam sujeitos à prova de idoneidade moral, e a exame psiquiátrico, em que seja constatada a sua perfeita saúde mental.

Parágrafo único - a Polícia fiscalizará pelos seus órgãos competentes o fiel cumprimento dêste dispositivo.

Art. 5. - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Diante deste destaque percebe-se a forma com que os ditos autoridades se mantinham diante de certos ocorridos e que já se discutia sobre as religiões afro-indígenas brasileiras no meio político, mas só em 1966 com a atitude do governador João Agripino que se dispôs dar um fim a certas questões e uma delas

foi quando assinou o Decreto em 1966 dando passagem a abertura da liberdade<sup>59</sup> aos cultos afro. E,

Na memória de pais e mães de santo, figura - se o governo de Pedro Gondim como a época forte de perseguição aos cultos afro- pessoenses, quando a polícia invadia terreiros, apreendia objetos de culto, batia e prendia os adeptos. Após o Governo de Pedro Gondim, com a eleição de João Agripino em 1966, desencadeou - se a legalização do culto. João Agripino ainda hoje é reverenciado pelo povo de santo como “nosso governador”, ou “salvador”, aquele que liberou as religiões afro-brasileiras na Paraíba, oficializou a prática desses cultos retirando-os da clandestinidade (Soares, 2009, p. 135-136).

E não é por acaso que Santos (2016) em sua dissertação intitulada: *Religiões afro-brasileiras no terreiro da política paraibana: uma análise histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais*, descreve que durante os anos de 1962 e 1966 foram décadas marcadas por outras questões além de política assuntos que até o momento de sua pesquisa ainda não haviam sido trazidos para o debate acadêmico e para a sociedade. Já que:

As religiões afro-brasileiras são consideradas por alguns pesquisadores como religiões subalternas, o que implica dizer que foram submetidas a rígido controle

---

<sup>59</sup> O termo liberdade é como trata a nota de jornal e falas de pais e mães de santo que vivenciaram esse momento. Por exemplo Mãe Marinalva a mesma direciona João Agripino como libertador.

social e jurídico ao longo de suas trajetórias históricas. Foram severamente reprimidas e impedidas de se manifestarem como livre expressão da cultura brasileira. Contudo, por mais severo que tenha sido o controle exercido sobre elas, sempre encontraram formas de viver na clandestinidade. A subalternidade tende a ser compreendida como uma forma de dominação, ou seja, grupos subalternos acham-se completamente passivos e sofrem a influência dos valores da cultura dominante (Soares, 2009, p. 135).

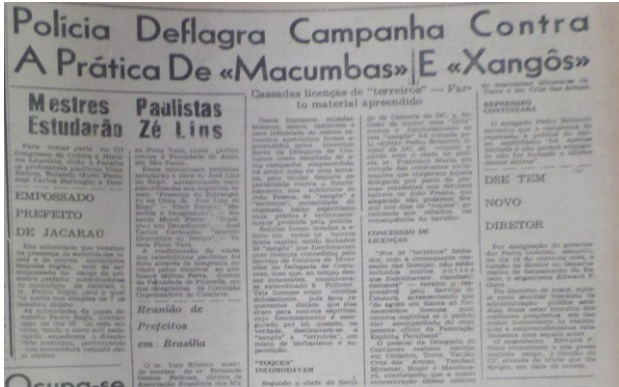
A dissertação de Santos (2016) destaca o interesse que se teve em volta das religiões de matriz afro-indígena brasileira, na maneira como elas se inseriram no meio social.

Assegura Santos (2016, p. 14) que as religiões de matrizes afro tinham como “[...] guarda-chuva as Ciências das Religiões, e especial, as Ciências Sociais da Religião para estudar esse fenômeno”. Agregamos hoje junto a Ciência das religiões a Ciência da Informação para compor o guarda-chuva munido pela transdisciplinaridade, que dialoga com outras áreas disseminando informações que é o seu ponto chave e sendo ancorada ainda pela memória.

De acordo com Ricoeur (2007, p. 26) “[...] nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu [...]” deste modo damos continuidade a alguns acontecimentos, discussões e perseguições que estabelece o trajeto percorrido pela Umbanda, Jurema e o Candomblé Angola na Paraíba.

O Jornal Correio de 1962 destaca uma reportagem apresentada na Figura 11 onde a polícia deflagra campanha contra a prática de macumbas e xangôs dando a entender desde já a perseguição, a intolerância e o preconceito.

**Figura 11** - Reportagem: “Polícia deflagra campanha contra a prática de macumba e xangôs” - Jornal Correio da Paraíba (29 de novembro de 1962)



Fonte: acervo IHGP.

**Polícia deflagra campanha contra a prática de “macumbas” e “xangôs”** - Ossos humanos, bonecos, seixos, tambores e uma infinidade de outros apetrechos pelos investigadores da Delegacia de Costume como resultado de uma campanha empreendida, há pouco mais de uma semana, pelo titular daquela especializada contra o funcionamento, nos subúrbios de João Pessoa, de “xangôs” e “terreiros”, modalidade de chamado de baixo espiritismo cuja prática pela polícia. Batidas foram levadas a efeito em todos os bairros, sendo fechado 24 “xangôs” que funcionavam com licenças concedidas pelo *Serviço de Censura de Diversões da Delegacia de Costumes*, mas que ao tempo dessas concessões encontrava-se subordinado a Polinter. Tais licenças eram obtidas

dolorosamente, pois seus requerentes diziam que elas eram para centros espíritas, cujo funcionamento é assegurado por lei, quando, na verdade, destinavam-se a “xangôs” e “terreiros”, um misto de barbarismo e superstição.

TOQUES INCOMODAVAM - Segundo o chefe do Serviço de Censura do DC, a decisão de mover uma “blitz” contra o funcionamento de tais “xangôs” foi tomada pelo Capitão Pedro Belmont, titular do Dc, de acordo comum com o chefe de polícia o Sr. Francisco Maria, em virtude das constantes reclamações que chegavam àquela delegacia por parte de pessoas residentes nos diversos bairros de João Pessoa, que alegavam não poderem dormir nos dias de “toques”, geralmente aos sábados, em consequências do barulho

CONCESSÃO DE LICENÇA - “Nos 24 terreiros” fechados, com a consequente cassação das licenças, não estão incluídos muitos outros que funcionam clandestinamente \_ revelou o responsável pelo Serviço de Censura, acrescentando que “de agora em diante só fornecemos licenças para centros espíritas se o pedido for acompanhado do competente ofício da Federação Espírita Paraibana”. O pessoal da Delegacia de Costumes realizou batidas em Oitizeiro, Torre, Varjão, Cruz das Armas, Tambaú, Miramar, Roger e Mandacarú constatando que a maior concentração desses centros de macumbas situavam na Torre e em Cruz das Armas.

REPRESSÃO CONTINUARÁ - O delegado Pedro Belmont declarou que a campanha de repressão à prática do baixo espiritismo “foi apenas iniciada e não parará enquanto não for fechada o último desses antros” (Jornal Correio da Paraíba, 1962).

Permanecendo em 1962, época em que o Governador João Agripino havia sido eleito ao senado, mas em seu último pleito como deputado federal prestou algumas declarações que trata que todas as pessoas possuem os mesmos direitos como também os mesmos deveres. E no dia 25 de outubro de 1962 declara que não iria distinguir nenhum paraibano e que teria presente os sofrimentos dos humildes, dentre esses sofrimentos inserimos a liberdade religiosa. Expomos a declaração registrada na Figura 12.

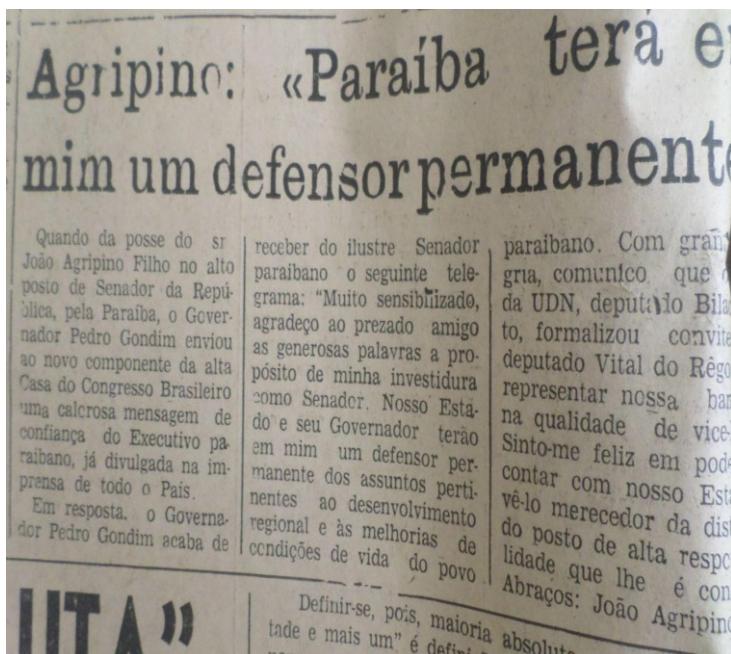
**Figura 12** - Reportagem - “Agripino: Não distinguirei nenhum paraibano” - Jornal Correio da Paraíba (25 de outubro de 1962)



Fonte: acervo IHGP.

Adentramos em 1963 quando no dia 13 de dezembro João Agripino declara que o Estado e seu governador terão nele um defensor permanente dos assuntos pertinentes ao desenvolvimento regional e as melhorias de condição de vida para o povo paraibano. Afirmção trazida na Figura 13. Essa afirmação nos remete a um ar de esperança tendo um defensor de assuntos tão presentes na sociedade em 2023.

**Figura 13** - Reportagem - “Agripino: Paraíba terá em mim um defensor permanente” - Jornal A União (13 de dezembro de 1963)



Fonte: acervo IHGP.

Então observa-se que João Agripino entendia que o povo esperava um olhar mais atento de quem possivelmente poderia trazer em suas pronúncias uma maneira de se sentirem



esperançosos na espera de tempos melhores, principalmente aos praticantes das religiões afro-indígena. Por ter sido um tempo onde os praticantes e simpatizantes das religiões afro se sentiram e continuam a sentir em pleno século XXI coagidos, oprimidos por não poder se expressar, conhecer e/ou até mesmo cultivar sua fé.

Revela Rousso (1996) que as palavras são mediadoras e que sentimos nas palavras essa mediação. Através das palavras de Mãe Marinalva foi possível sentir a força de todas as pessoas que buscaram por meio dos atos o poder da resistência já que “na tradição africana, a palavra é portadora de força-axé” (Evaristo, 2008, p. 8) e com a assinatura de João Agripino a liberdade religiosa foi conquistada.

E é válido pensar nas forças que têm as palavras, que têm a memória e a narrativa podendo ser consideradas como armas dando segmentos à luta pela vida, mesmo depois da morte (Evaristo, 2017).

No relato de Mãe Marinalva<sup>60</sup> (2022) com 87 anos de idade e com plena lucidez, nos ocasionou perceber que a palavra foi um dos recursos de escuta dos futuros responsáveis de nosso Estado para que os praticantes pudessem conquistar a tão desejada liberdade religiosa.

Mãe Marinalva nos narra que na década de 1960 saiu com seu sogro que era cabo eleitoral à procura de algumas autoridades da época e se dirigiu a casa de um dos candidatos ao governo que residia na Avenida Epitácio Pessoa. *Diz que foi pedir para que o candidato ajudasse a liberar a religião que já não*

---

<sup>60</sup> Foi realizada comparação entre a entrevista realizada para esta escrita com a escrita realizada por Gonçalves em seu artigo Memória e Umbanda em 2012 com a do seu livro Umbanda minha história, minha vida que fortalece essa memória. Observa -se quer mesmo Mãe Marinalva estando com os seus 87 anos a palavra e a escrita se conversam confirmando o fato ocorrido.

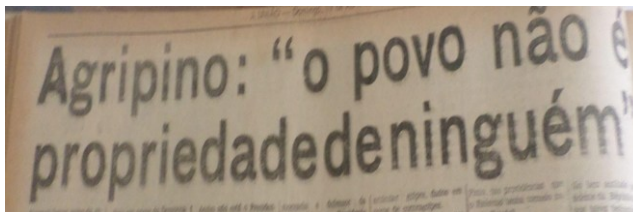
*aguentava mais de tanto ser perseguida*, o que ele de pronto respondeu:

Que eu era muito jovem, muito criança e muito bonita e que eu fosse fazer minha vida que isso não existia não, que não ia ajudar. Então a palavra que eu disse a ele foi essa: Dr. até hoje eu fui sua eleitora, até hoje, não sou mais, vou agora mesmo para outro partido. Saía pé para a Avenida Trincadeiras, a casa de João Agripino era ali. Entrei, era meio dia ele estava tomando banho, bati, a mãe dele saiu, eu disse que gostaria de falar com o Dr. ela me pediu para sentar que ele estava tomando banho, sentou eu e meu sogro. Quando ele saiu antes de almoçar, sentou ao meu lado, me recebeu muito bem e perguntou - o que a senhora deseja? Daí contei minha história, contei as perseguições e pedi para ele me ajudar, que a partir daquele momento meu partido era o dele. Ele me disse assim, me lembro muito bem, não esqueço disso nunca, disse a mim e ao meu sogro. Ele já me chamou de Mãe Marinalva. *Mãe Marinalva se eu ganhar eu libero, se eu não ganhar eu libero*. E ele ganhou e liberou (Mãe Marinalva, 2022).

Nesse trânsito de interesse entre se candidatar e concorrer ao governo João Agripino em 19 de abril de 1964 ainda enquanto senador declara que “o povo não é propriedade de ninguém” (Jornal A União, 1964). Dando a entender que as escolhas pessoais e de vida da sociedade não pertencem ao governo e aos que se intitulavam donos da conduta e das escolhas do outro quando se insere a vontade de cultivar a religiosidade conforme a sua vontade.

A Figura 14 mostra a nota de jornal que descreve sobre essa declaração.

**Figura 14** - Reportagem - Agripino: “o povo não é propriedade de ninguém” - Jornal a União (19 de abril de 1964)



Fonte: acervo IHGP.

No que diz respeito “à relação do candidato João Agripino com a Umbanda na Paraíba, provavelmente, se inicia ainda no período eleitoral de 1965, em que se disputa o cargo de governador com o candidato Ruy Carneiro” (Santos, 2016, p. 88). E nesta disputa ao cargo de governador do Estado da Paraíba houve uma ligação com o interesse dos praticantes das religiões afro-indígena brasileira ao quais buscavam praticar suas crenças na forma legal para que não fossem barrados e impedidos pela ignorância e a intolerância dos ditos autoridades. A disputa se deu no momento em que a repressão, às investidas, o adentramento nos espaços dos terreiros eram muitas vezes violentas.

Entretanto, desde o momento em que João Agripino declarou que liberaria a Umbanda, ele declara sua vontade de conceder legalmente a liberdade religiosa de um povo e quando se elegeu governador em 1965 ele mencionou, a frase exposta na Figura 15.

**Figura 15** - Reportagem - “Já: a vitória não foi minha, mas do povo” -  
Jornal a União (28 de novembro de 1965)

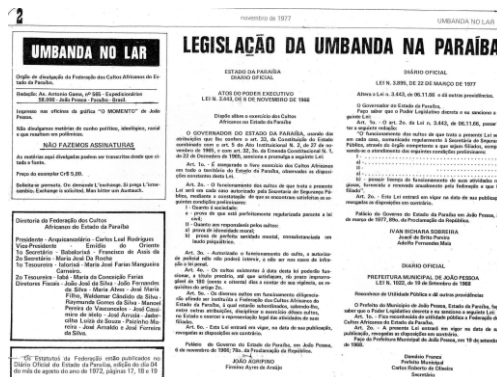


Fonte: acervo IHGP.

A manchete parece declarar o vínculo do governador eleito com o povo, considerando que João Agripino tinha a seu favor todos aqueles que acreditavam em dias melhores, tempo de conquistas e liberdade, principalmente religiosa.

Em 1965 quando João Agripino foi eleito e cumpriu com uma de suas promessas assinando a Lei 3.443/66 que concedeu liberdade transformando esse momento em um momento importante não só para os religiosos, mas também para o Estado da Paraíba. A Figura 16 revela esse momento.

**Figura 16** - Reportagem sobre a Legislação da Umbanda na Paraíba e o Diário oficial que apresenta a mudança - Jornal Umbanda no Lar (novembro de 1977)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

É interessante enfatizar as palavras de Gonçalves (2012, p. 966) sobre o que assegura a Lei 3.443,

O livre exercício dos “cultos africanos” em todo o Estado da Paraíba, desde que fossem cumpridas algumas exigências. Uma delas foi o pleito de licença junto à Secretaria de Segurança Pública do Estado. As outras foram a regularização do terreiro como sociedade, a idoneidade moral e a sanidade mental do pai ou mãe de santo, esta última comprovada por laudo psiquiátrico.

A partir da escrita de Gonçalves que trata da idoneidade moral e a sanidade mental do pai ou mãe de santo, sobre esse tom de desconfiança Mãe Marinalva (2022) relembra do fato ocorrido com o Governador João Agripino no momento da assinatura do Decreto que oficializou os cultos afro-brasileiros na Paraíba falou: “*Dona Marinalva minha cabeça tá doendo e ele sentado coloquei a mão esquerda na cabeça dele*” e, lhe concedeu um passe<sup>61</sup>.

A Figura 17 nos apresenta este fato. Expõe em seu trecho Mãe Marinalva no momento da assinatura dando um passe na cabeça do governador da época João Agripino.

---

<sup>61</sup> Passe - um auxílio de cura, ritual em que se reza a cabeça de uma determinada pessoas, benzendo-a.

**Figura 17** - Mãe Marinalva no dia da assinatura do governador João Agripino da Lei 3.443



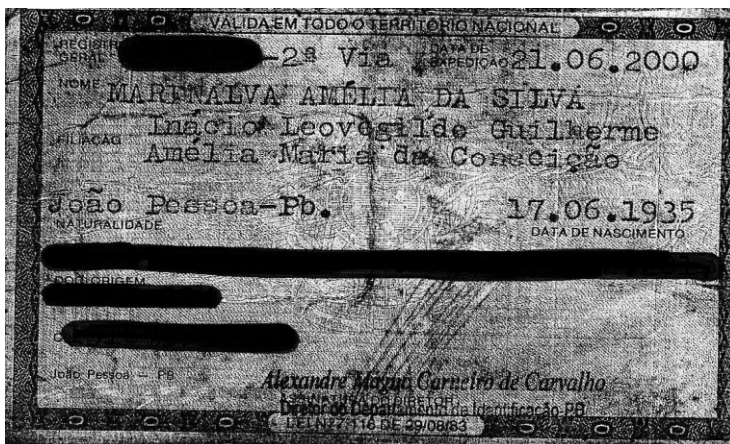
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (Recorte do Jornal O Norte<sup>62</sup>).

Uma observação neste trecho é que o nome de Mãe Marinalva está escrito de forma errada. Seu nome de batismo é Marinalva Amélia da Silva, informação apresentada no seu registro geral (RG) exposto na Figura 18 que comprova a sua vivência aqui na terra.

---

<sup>62</sup> As fotos no Jornal foram tiradas na época pela fotógrafa Rita. E o nome da lalorixá Mãe Marinalva está escrito como Marinalva Alves da Silva seu nome correto é Marinalva Amélia da Silva como bem descreve o seu documento oficial.

**Figura 18** - Foto do RG de Mãe Marinalva



Fonte: acervo pessoal de Mãe Marinalva.

Esse foi um momento que ao nosso entender Mãe Marinalva se sentiu livre e fazendo o bem diante da fé e mesmo passando ainda pelo preconceito diante do Decreto firmado. Mas não deixa de ter se tornando em um momento que reflete diante da situação a união e o respeito.

Esse é um ato importante para nós praticantes das religiões afro e, *“foi realizado no terreiro no bairro de Cruz das Armas, o terreiro de “Cleonice”, foi onde se reuniu para liberar a umbanda”* (Mãe Marinalva – aos seus 87 anos de idade - 2022).

Sancionada, a lei 3.443/66 assegurou, a partir do dia 06 de novembro de 1966, o livre exercício dos cultos africanos de todo o Estado consubstanciado com o seguinte teor:

#### O DECRETO

O decreto governamental que assegurará, a partir de hoje, o livre exercício dos Cultos Africanos, em todo o Estado da Paraíba é do seguinte teor:

LEI N. .... DE .... DE ..... DE 1966

Dispõe sôbre o exercício dos Cultos Africanos no Estado da Paraíba.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, usando das atribuições que lhe confere o art. 33, da Constituição do Estado, combinado com o art. 5.o, o Ato Institucional número dois, de 27 de outubro de 1965, e com o art. 32, parágrafo terceiro, da Emenda Constitucional número um, de 22 de dezembro de 1965, sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1. É assegurado o livre exercício dos Cultos Africanos em todo o território do Estado da Paraíba, observadas as disposições constantes desta lei.

Art. 2. O funcionamento dos cultos de que trata a presente Lei será em cada caso autorizado pela Secretária de Segurança Pública, mediante a constatação do que se encontram satisfeitas as seguintes condições preliminares:

I – Quanto à sociedade:

a – prova de que está perfeitamente regularizada perante a Lei civil;

II – Quanto aos responsáveis pelos cultos:

a – prova de idoneidade moral;

b – prova de perfeita sanidade mental, consubstanciada em laudo psiquiátrico.

Art. 3. Autorizado o funcionamento do culto, a autoridade policial nêle não poderá intervir, a não ser nos casos de infração à lei penal.

Art. 4. Os cultos existentes à data desta lei poderão funcionar, a título precário, até que satisfaçam, no prazo improrrogável de 180 (cento e oitenta) dias, a contar de sua vigência, os requisitos do artigo 2.o.

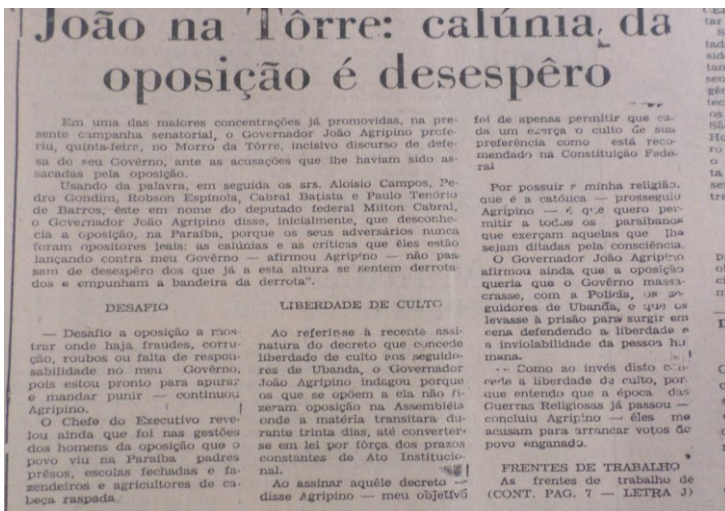


Art. 5. Os diversos cultos em funcionamento diligenciarão a fim de ser instituída a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, à qual estarão subordinados, cabendo-lhe, entre outras atribuições disciplinar o exercício desses cultos no Estado e exercer a representação legal das atividades de suas filiadas.

Art. 6. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições, Palácio do Govêrno do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 06 de novembro de 1966; 78º da Proclamação da República (Jornal O Norte, 08/11/1966).

Mas as intrigas surgiram diante deste feito com calúnias da oposição e uma delas apresenta o fragmento da nota constante da Figura 19. Quando destaca a recente assinatura do decreto que concedeu a liberdade de cultos aos seguidores da Umbanda. Logo, João Agripino, conhecido como João da Torre, diz que calúnia da oposição é desespero. Proferiu João Agripino no discurso em defesa de seu governo ao referir-se à recente assinatura do decreto que concedeu liberdade de cultos aos seguidores de Umbanda. Indagou por que os que se opõem à liberdade não fizeram oposição na Assembleia onde a matéria transitou por 30 dias até converter-se em lei, e após atendido todos os prazos constantes do ato institucional.

**Figura 19 - Reportagem - “João na Tôrre: calúnia de oposição é desespero” - Jornal o Norte (13 de novembro de 1966)**



Fonte: acervo IHGP.

Além disso ao assinar o decreto, disse João Agripino em seu discurso afirmando que o,

[...] objetivo foi de apenas permitir que cada um exerça o culto de sua preferência como recomendado na Constituição Federal. E tendo a religião católica - prosseguiu Agripino - é que queria que todos os paraibanos exerçam aquelas que lhes sejam ditadas pela consciência (Jornal O Norte, 13/11/1966).

O governo de João Agripino reiterou ainda que a oposição queria os seguidores de Umbanda e que os levasse à prisão para seguir em cena dependendo a liberdade e a invisibilidade da pessoa humana como ao invés disto concede a liberdade de

culto, porque entendia que a época das Guerras Religiosas já havia passado. A oposição o acusava de arrancar votos de povo enganado.

Alega Mãe Marinalva (2022): *que buscou ajuda com o governo anterior e que foi simplesmente ignorada, mas ao buscar ajuda ao futuro candidato ao governo, ele afirmou que lutaria se ganhasse.*

A palavra de João Agripino não foi à toa e nem em vão certamente quando assinou o Decreto firmando à Lei 3.443/66 que liberta o grito preso na garganta dos praticantes das religiões afro-indígena brasileira que ecoou e ecoa através dos sons dos elús e dos atabaques. Declara Rodrigues (2010, p. 18) uma vez que “[...] os destinos de um povo não podem estar à mercê das simpatias ou dos ódios de uma geração”.

Em suma, João Agripino foi considerado e em tempos atuais ainda é considerado (2023) por religiosos umbandistas que vivenciaram o momento da assinatura como o libertador da Umbanda.

O Jornal A União de 1966 nos concede informações de como procedeu as homenagens ao atual governador da Paraíba devido a sua conduta e comprometimento pela atitude de defender e assegurar o livre exercício dos cultos afro-negros em todo território paraibano.

Destacamos algumas destas homenagens através de alguns recortes de jornais. Menciona Galdino (2015) que os recortes de jornais independente da intenção primeira de preservar a informação, contribui para que seja possível contar a história. Não sendo apenas um recorte e sim um documento de grande valia independente de seu tempo. Explica Almeida (2021, p. 70):

O jornal impresso foi, por muito tempo, o principal meio de comunicação no Brasil. Sua função social é informar seu público

leitor. A ação informadora, segue uma série de medidas que orientam a perspectiva do jornal, de cunho cultural, ideológico, político, estético, de modo que, na intenção de orientar suas e seus leitoras/es, por meio da atualização das notícias, expressa uma visão e induz seu público a compartilhá-la.

Uma das homenagens está bem representada na reportagem em destaque na Figura 21. A apresentação ocorreu através das manifestações de júbilo da família umbandista, ocorrendo homenagens em honra do Sr. João Agripino tendo início às 14h com a reunião, na tenda espírita “Caboclo Rompe Mato” o considerando o fundador da Umbanda na Paraíba.

**Figura 21** - Reportagem - “Homenagem” - Jornal A União (08 de novembro de 1966)

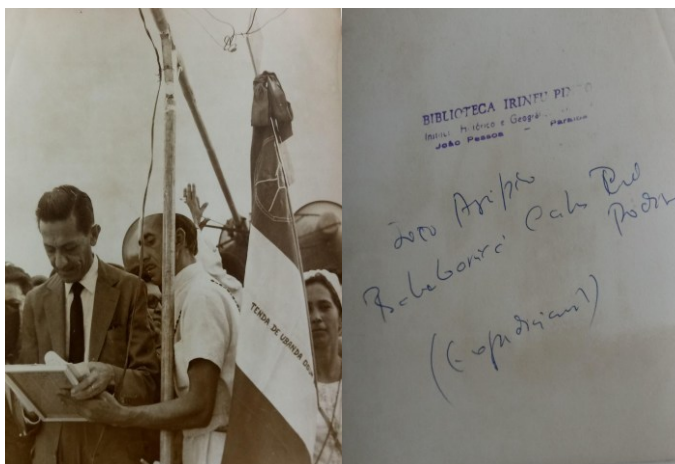


Fonte: acervo IHGP.

Satisfeitos pela conquista política, social, histórica e religiosa, deu-se início a uma série de homenagens os umbandistas seguiram em direção à praia da Penha, a fim de saudar Iemanjá. Dando continuidade deslocaram-se até o palanque armado na Rua Félix Antônio, n.1398, onde a Diretoria da Federação e as mães-de-santo receberam o governador, tido como “libertador” denominação dada a João Agripino na nota que os umbandistas enviaram à imprensa.

Foi agraciado com o título de “Presidente de Honra dos Umbandistas da Paraíba” e quem fez-lhe a entrega foi o Presidente da Federação de Cultos Africanos da Paraíba, o Sr. Carlos Rodrigues Leal como bem comunica as Figura 22.

**Figura 22** - O governador João Agripino recebendo das mãos do presidente da Federação de Cultos Africanos da Paraíba Carlos Leal, o título de Presidente de Honra dos Umbandistas da Paraíba (frente e verso)



Fonte: acervo IHGP.

A Figura 23 retrata o governador João Agripino com o título em mãos.

**Figura 23** - O governador recebendo o título em homenagem ao seu feito



Fonte: acervo pessoal de Mãe Marinalva.

Conforme apresenta a reportagem apresentada na Figura 24 os umbandistas realizaram a festa do amor e da fraternidade e no dia 08 de dezembro do devido ano 1966 na praia de Tambaú, cidade de João Pessoa, onde os filhos de Umbanda prestaram uma homenagem a lemanjá, sua mãe<sup>63</sup>, à rainha do mar e dos mares. Vários terreiros de toda a cidade fizeram presente e realizaram o cruzamento da fraternidade sob as bandeiras de Ogum Rompe Mato, Ogum Beira Mar e lemanjá em comemoração à alegria pela liberdade. Houve uma concentração na Federação dos Umbandistas, onde babalorixás e ialorixás entoaram cânticos de louvor e saudaram com grito vivo de fé “o dô mi ô

---

<sup>63</sup> Se refere ao orixá que domina o *ori* do governador ou seja o Sr. João Agripino era filho de lemanjá, relata Mãe Marinalva (2022).

*lemanjá*”, demonstrando a alegria pela liberdade adquirida através do filho da Grande Mãe, forma respeitosa como declararam João Agripino. Em seguida, como bem descreve a nota do Jornal as louvações abriram no espaço, as cortinas de todos os planos espirituais, que eram saudados com pedido de proteção para todos e força ao libertador da Santa Seara<sup>64</sup>, numa manifestação em que a bandeira da fraternidade unia os de cima e os de baixo, os do plano invisível, aos do plano visível, os maiores aos menores, os grandes aos pequenos, enfim todas as falanges trabalhadora do além e da terra reunindo toda a família de Deus nas suas diversas moradas e em todo o caminho do mundo. E todos ouviram a sintonia do amor universal e viram afluência, aos milhares, dos irmãos kardecistas e esotéricos, filiados a igreja de Roma, aos pastores de todas as crenças e seitas, caboclos da mata, povo de Xangô, povo de fogo, as virgens do Sol, os incas e os maias, e as falanges da cura, do esclarecimento, da elevação, da purificação e da justiça. E após o cruzamento de diversos filhos de santo na praia, de joelhos, com uma invocação cantada, todos foram para o ritual nas ondas do mar onde se banharam. A festa prosseguia, quando uma exclamação se ouviu de um dos filhos, confirmada depois por um grupo de participantes - Lá vem Ela! A emoção, então, foi geral, quando a rainha dos céus e dos mares veio sobre as ondas para a festa de carinho que lhe oferecem os filhos, os quais repetiam em coro:

Lá vem Nossa Mãe lemanjá  
Lá vem a Rainha do Mar  
Vem com seu manto  
Azul, oh mamãe  
Para seus filhos abençoar  
E lemanjá abençoou

---

<sup>64</sup> Santa Seara - um lugar sagrado, uma terra santa.

**Figura 24** - Reportagem - “Umbandistas fizeram festa do amor e da fraternidade” - Jornal a União (18 de dezembro de 1966)





Contudo, compreende-se que se efetivou a primeira festa aberta, sem medo das perseguições e dos apontamentos.

Reuniram-se naquele momento para agradecer e pedir proteção não só aos praticantes da Umbanda, mas a todas as tradições religiosas que lutam em prol da união, da liberdade, do respeito e da paz.

## **A LUTA CONTINUA ...**

Continuando ainda em 1966, época que marcou a Umbanda e a Jurema em João Pessoa, destacamos a preocupação dos pais e mães de terreiros ‘os xangozeiros’ como eram denominados na época. Conforme nos evidencia a reportagem do jornal O Norte de 08 de junho de 1966 quando diz que a preocupação se deu diante do fato de haver na cidade de João Pessoa um senhor que se intitulava missionário da Umbanda conhecido como Jaime Rosas dos Santos o qual fazia visitas a terreiros e locais que praticavam a religião de espiritismo. Os umbandistas locais diante das palavras do senhor Jaime Rosas que dizia ter como finalidade reunir em um só local todos os centros para no intuito de criar a futura Federação da Umbanda paraibana se preocuparam, pois, o líder umbandista que se intitulava missionário. O missionário em entrevista ao Jornal O Norte, relatou com o Diário Oficial na mão, que a fundação de uma Federação de Umbanda em João Pessoa era coisa improvável, pois a lei não permitia a fundação como se vê no Decreto de 12 e 13 de dezembro de 1962, em que o então Governador Pedro Moreno Gondim<sup>65</sup> não permitia após veto ao

---

<sup>65</sup> Ex-governador da Paraíba por dois mandatos, o primeiro mandato de 1958 a 1960; o segundo de 1961 a 1966 e vice-governador no período de 1956 a 1958.

decreto legislativo n. 825 de 23 de novembro do mesmo ano o regulamento do exercício da Federação de Terreiros de Umbanda e demais cultos anexos do Estado da Paraíba. No veto se lê que o decreto legislativo 825/62 “[...] não se credencia à sanção nos termos do art. 33º parágrafo 1º da Constituição do Estado” (Jornal O Norte, 08/06/1966). As preocupações foram mais intensas pois justamente o Decreto não permitia o exercício de regulamentação ao se referir a criação de uma federação.

A Figura 25 nos traz o veto do governador Pedro Gondim.

**Figura 25 - Veto do Governador Pedro Gondim, publicados no Diário Oficial do Estado da Paraíba**



Fonte: anexo I da dissertação de Maria Isabel Pia dos Santos (2016).

Foi um político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).



policiais exerciam sobre os praticantes umbandistas, pensamos que seria uma forma de repreender e mostrar a autoridade. A certo ponto sim pois ditavam horários, faziam visitas para apontar sempre algo que não estava conforme as ordens impostas. Mas os umbandistas locais sugeriram às autoridades que estavam instaladas na Avenida Antônio Gama, 565, no bairro dos Expedicionários, uma investigação a fim da veracidade da missão realizada por Jaime José da Silva. Que dizia ter a intenção de recolher dinheiro porque ia servir para custear as despesas na obra da criação da federação, mas esse dinheiro foi levado pelo falso missionário aplicando nos fiéis um corocoxó popularmente conhecido como golpe, engano. O falso missionário foi denunciado por charlatanice devido ao interesse se referindo a impossibilidade de criar, em João Pessoa, uma federação de Umbanda entre nós, já que isso não era permitido à época.

Diante deste fato a redação do Jornal O Norte recebeu do Sr. Carlos Leal Rodrigues, babalorixá da Tenda Espírita Ogum Rompe Mato uma carta bem após o ocorrido. O Sr. Carlos Leal Rodrigues na carta de teor exposto na Figura 27, diz que:

**Figura 27** - Reportagem - "Umbanda poderá criar federação" - Jornal o Norte (18 de junho de 1966)



Fonte: acervo IHGP.

O Sr. Carlos Leal Rodrigues se apresenta e explica na carta:

*A Umbanda tem seu sacerdócio. Mostra que todos os umbandistas do nosso Estado uniram-se para formar uma federação em defesa de todos, pois segundo o Congresso realizado no Rio de Janeiro o único Estado que não foi representante desta sublime religião foi a Paraíba mesmo tendo o mártir da democracia a frente de João Pessoa. Pediu permissão para dizer que a Carta Constitucional de 1823, após a dissolução da Constituinte de 1923, preceitua em seu artigo quinto que ‘Todas as religiões serão permitidas com seu cunho doméstico?’. E que a carta esteve em 1889 na Revolução da Farroupilha, que pretendeu reformar a direção do país e que a liberdade é quase uma cópia do art. 5 da que se achava inscrita na Constituição do Primeiro Império.*

Fato ocorrido em 18 de junho de 1966 e a vista do público através da reportagem do Jornal O Norte.

Mas pensando na questão de se criar uma federação devemos voltar e rever o destaque de 14 de fevereiro de 1962 (Jornal Correio da Paraíba) sobre o projeto de lei apresentado à Assembleia Legislativa pelo deputado Joacil de Brito Pereira que nos faz entender que já se havia uma federação e “[...] embora não fosse regulamentada por lei, ou que havia uma tentativa de “instituir” uma federação” (Santos, 2016, p. 83). Podemos afirmar diante desta indagação que já existia uma federação, mas não registrada e quem sabe já não seria a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba (Fecap) fundada pelo Sr. Carlos Leal Rodrigues com a força da união entre os praticantes da religião

da época.

Com relação à criação da federação e através dos ocorridos podemos pensar que a intenção da federação era poder organizar, fiscalizar, ajudar, fortalecer, defender e registrar os terreiros em todo o território paraibano, como um espaço livre e legalizado para suas práticas religiosas.

Na reportagem do Jornal A União de 11 de novembro de 1968 destaca a fundação da segunda federação: a Federação Espírita Umbandista - (Feup). A Figura 28 descreve como se fundou a Feup.

**Figura 28** - Reportagem - "Fundada a Federação Espírita Umbandista" - Jornal União (14 de novembro de 1968)



Fonte: acervo IHGP.

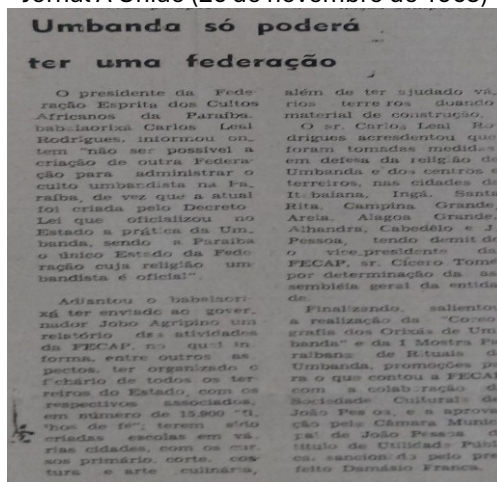
Fundada em Assembleia Geral realizada na sede do Centro Espírita de Umbanda de Mãe Joana que era filiada à Confederação Nacional Umbandista e dos Cultos Africanos

no Brasil com sede no Rio de Janeiro. Essa nova federação funcionou provisoriamente na rua Visconde de Pelotas, 138, 2º andar, sala 201. Tendo como presidente: Manoel Quintanilha Júnior; vice-presidente: Manoel Teles; primeiro secretário: Walter; tesoureiro: Orlando Florentino Gomes; segundo tesoureiro: Rodrigues; segundo secretário: Antônio Berto; orador: Mavíael de Oliveira.

Alguns dos terreiros da Fecap se deslocaram para Fecap, só que ocorreu um impasse com a criação da mais nova federação no que se refere a existência de duas federações para administrar o culto umbandista na Paraíba. Mas há uma questão quando se trata deste assunto.

A Figura 29 nos relata que a Umbanda só poderia ter uma única federação.

**Figura 29** - Reportagem - "Umbanda só poderá ter uma federação" - Jornal A União (26 de novembro de 1968)



Fonte: acervo IHGP.

Afirma a nota, constante da Figura 29 que o babalorixá Carlos Leal Rodrigues informa em que não poderia haver duas federações, devido a Fecap ter sido criada pelo Decreto Lei que oficializou no Estado a prática da Umbanda, tendo a Paraíba o único Estado da federação cuja religião umbandista foi registrada e tida como religião. O que fez o Sr. Carlos Leal, enviou ao governador João Agripino um relatório das atividades da Fecap no qual informou entre outros aspectos ter organizado e fichado todos os terreiros do estado com os respectivos associados, somando 15.900 filhos de fé. E que já havia criado várias escolas com curso primário, corte, costura e arte culinária além de ter ajudado vários terreiros doando material de construção. Ele descreveu todas as realizações já conquistadas pela federação até mesmo a realização das coreografias dos orixás de Umbanda; as mostras paraibanas de rituais de Umbanda no teatro Santa Roza como em outras localidades levada pelo atual presidente o babalorixá Carlos Leal com colaboração da Sociedade Cultural de João Pessoa do título de utilidade pública sancionado pelo prefeito Damásio Franca<sup>66</sup>; a festa de Iemanjá que já era implantada no calendário cultural da cidade.

Em 1972 foi fundada ou foi registrada a Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba em que Mãe Marinalva afirma ter sido a segunda federação a ser fundada por pais e mãe de santo devido ter ocorrido problemas com a Fecap. Relata Mãe Marinalva (2022) que teve participação nessa construção ialorixás e os babalorixás, como:

Ribeiro (Babalorixá), eu, Osvaldo (Babalorixá) e outros. Entramos no meio e fizemos uma cotinha para comprar o terreno ali no Cristo, pagamos com o nosso dinheiro. Ribeiro fez a

---

<sup>66</sup> Ex-prefeito da Capital Damásio Barbosa da Franca do partido do Partido Democrático Social (PDS) entre 1966 a 1971.



pedra fundamental, acho que tiraram e jogaram fora. Ele pegou um papel grande onde todos assinaram: Mãe Celecina, Beata todos assinaram pra ter terreiro, foi nós que compramos. Ele enrolou, botou dentro de um canudo, mandou enterrar bem profundo e enterrou, botou uma pedra e encerrou. Depois foi a Cruzada, deixei a federação e essa casa que construíram depois por conta própria, depois de tampo depois. A primeira federação foi a de Carlos Leal e a segunda foi a cruzada (Mãe Marinalva, 2022).

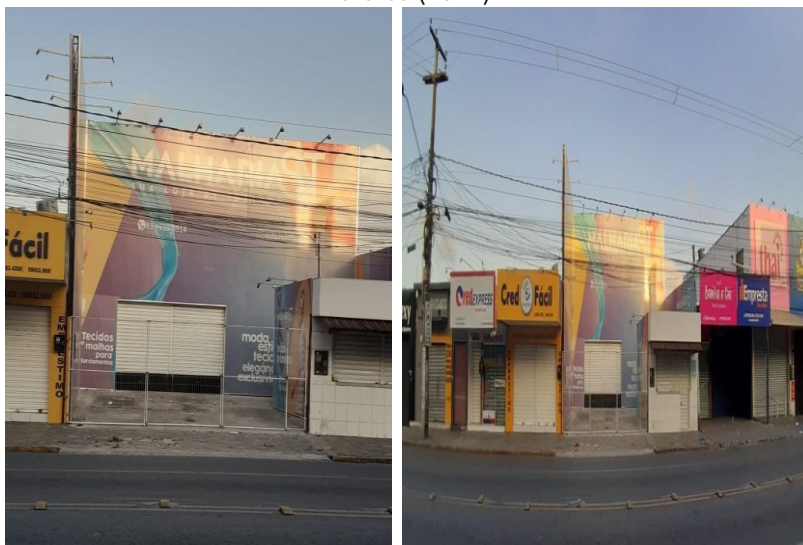
A sede da Fecap antes era situada na década de 1960 no bairro do Expedicionário e depois passou para a Avenida Josefa Taveira no bairro de Mangabeira. Em razão de mudanças das mais variadas, a Federação deixou de funcionar neste espaço.

A antiga sede no bairro de Mangabeira já não existe mais como um espaço religioso onde se realizavam reuniões, encontros e tomadas de decisões tocantes à religião. O prédio encontra-se com outras finalidades e não mais com funcionalidades religiosas. Encontra-se com destinação totalmente diferente da qual foi idealizada, que ao nosso compreender seria poder atender as religiões afro-indígenas brasileiras.

Mãe Marinalva (2022) informa que o *Sr. Walter Pereira tomou conta do prédio de Mangabeira, mas todos contribuíram. Lembra que o Sr. Walter Pereira havia tomado conta do prédio, mas que para adquirir o prédio teve a participação de todos. A indagamos quem seria esse todo? Ela diz que pais e mães de santo.*

O espaço em torno do prédio e até mesmo o prédio foi diminuído e transformado em espaço comercial, contendo várias lojas. Bem revela a Figura 30.

**Figura 30** - Foto do prédio da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba (2022)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora. Registro do dia 23 de outubro de 2022.

A federação funcionou, mas se desconhece os destinos da documentação produzida e recebida no exercício de suas atribuições, documentos referentes a sua compra, sua funcionalidade e a comprovação de quem por muito tempo a dirigiu. Sabe-se que a Federação dos Cultos Africanos na Paraíba também é um espaço de utilidade pública como a Cruzada, como bem mostra a Figura 31.

Alegamos que documentos trazem histórias e a memória comunica a sua existência. No momento da conclusão desta pesquisa, confirmamos que a federação se encontra em pleno funcionamento. A Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba foi criada na década de 1970 e hoje (2023) é presidida pelo Sr. Wolff de Oliveira Ramos.

**Figura 31** - Nota do Jornal Nosso Lar (novembro de 1977)

## **FEDERAÇÃO DOS CULTOS AFRICANOS DO ESTADO DA PARAIBA**

Criada pela Lei 3.443 de 6/11/1966 - Reconhecida de Utilidade Pública Lei 1022 de 10/10/1968 - Registrada no Conselho Nacional de Previdência Social - Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda - Filhada a Conf. Espirita de Umbanda e Cultos Afro Brasileiro

AV. ANTONIO GAMA N.º 565 — BAIRRO DO EXPEDICIONÁRIO — JOÃO PESSOA - PB - CEP 58.000

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba chamada por seus membros de apenas de Cruzada tem seu prédio, situado na Rua Felinto Arruda Escolástico, n. 55, Cristo Redentor - Cep: 58070-380, espaço pertencente à federação, porém encontra-se sem funcionamento efetivo como espaço federativo. A casa onde está situada a Cruzada hoje encontra-se ocupada por moradores sem teto que se apropriaram da mesma.

Contou Mãe Marinalva (2022) que foi enterrado no terreno denominado por ela como *pedra fundamental*<sup>67</sup> enterrada dentro de um cano assinaturas dos fundadores da federação.

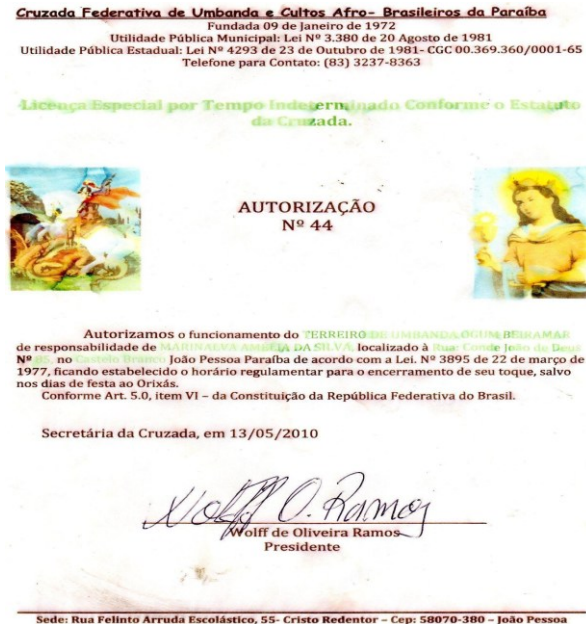
A cruzada foi fundada no dia 09 de janeiro de 1972, tornada de utilidade pública municipal, isso diante da Lei n. 3.380 de 20 de agosto de 1981 e pela Lei n. 4.293 de 23 de outubro de 1981 - CGC 00.369/0001-65 como bem nos fortalece a Licença Especial de n. 44 entregue no dia 13 de maio de 2010 ao Terreiro de Umbanda Ogum beira Mar liderado por Mãe Marinalva onde festejou seus 50 anos de fundação.

---

<sup>67</sup> Um cano onde todos os pais e mães de santo da época assinaram e colocaram dentro deste pote o qual foi enterrado no terreno da federação (cruzada).

Figura 34 que apresenta a autorização cedida pela Cruzada ao Terreiro Ogum Beira Mar em 13 de maio de 2010.

**Figura 34** - Registro da autorização de número 44 ao Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar (13 de maio de 2010)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A Figura 32, apresenta a placa em homenagem ao Terreiro Ogum Beira Mar pelos seus 50 anos de funcionamento.

**Figura 32** - Placa em homenagem aos 50 anos de fundação, homenagem feita pelos filhos de santo ao Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar (13 de maio de 2010)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora. Registro do dia 03 de dezembro de 2022.

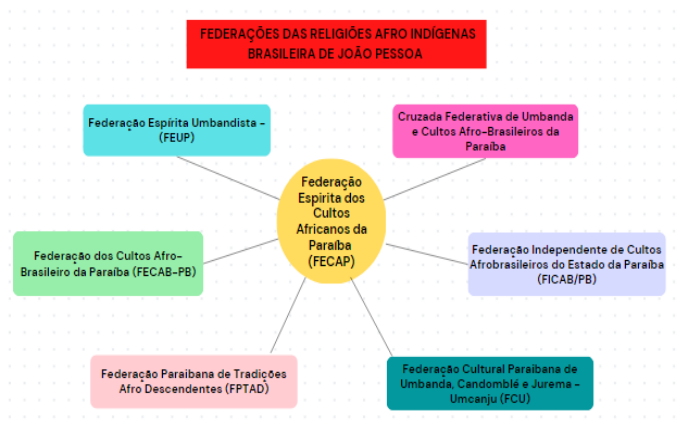
Porém levanta-se a questão sobre haver mais de uma federação trazendo a memória como veículo que nos remetem a lembrar das três federações criadas nas décadas de 60 e 70, que tinham a intenção de organizar e que se responsabilizavam pelos terreiros filiados. Onde a federação sai em defesa das religiões afro-indígena quando algo ocorria fora do contexto que se refere ao funcionamento, as realizações de iniciações. As federações quando convidadas iam àquele determinado terreiro para fazer a entrega de certificados e registrado aquele filho de santo nos registros da federação, no intuito de servir futuramente como afirmação daquele fato ocorrido. Diz Mãe Marinalva (2022) que pagava mensalmente e tinha o direto caso precisasse até mesmo de um advogado para caso fosse necessário. E que depois passou a pagar não mais mensalmente, mas anualmente até

chegar o dia em que a federação lhe concedeu isenção pelo seu tempo de contribuição.

A Federação Espirita dos Cultos Africanos da Paraíba (Fecap), presidida pelo senhor Carlos Leal em décadas passadas, realizava eventos para arrecadar verbas tanto para seu funcionamento como para caso necessitasse resolver problemas ocorridos a que se referisse a religião. E será que as seis federações existentes em 2023 e que estão em plena atividade em João Pessoa têm os mesmos objetivos das federações anteriores participando, visitando, fazendo entregas de certificados, autorizações, defendendo um determinado espaço religioso com as regras da lei. Enfim, muito se fazia nas federações.

A Figura 33 mostra algumas das federações criadas e existentes em João Pessoa/PB.

**Figura 33** - Nomes das Federações Paraibanas



Fonte: dados da Pesquisa (2022).

Não podemos deixar de citar que as licenças, certificados, diplomas também foram ações produzidas pelo presidente da

Fecap, especialmente, na gestão de **Carlos Leal Rodrigues** quando visitava os terreiros e dava autorização de funcionamento e de reconhecimento pelo filho(a) de santo preparado(a) por aquele(a) determinado(a) babalorixá ou ialorixá. Contou Gonçalves (2012, p. 966) que,

Em 1977, aproximadamente dez anos após a fundação da Federação, o Governo do Estado sancionou a Lei 3.895, alterando a Lei 3.445, cuja providência mais importante foi o acréscimo, mas condições necessárias para gozar o benefício do “livre exercício”, da exigência de licença de funcionamento expedida pela Federação, renovada anualmente. Com isso, as federações, consolidaram a sua legitimidade e importância junto aos terreiros. Mesmo hoje, quando a Constituição Federal, no seu artigo 5, assegura o livre exercício religioso, toando as federações anacrônicas, a licença ainda é vista pela maioria das pais de santo e alguns presidentes de federações como necessária para abertura e funcionamentos dos terreiros.

Vamos dar destaque a exemplo exposta na Figura 34 que apresenta a autorização cedida pela Cruzada ao Terreiro Ogum Beira Mar, a qual teve dois propósitos:

O primeiro propósito foi dar autorização para que o terreiro pudesse continuar o seu funcionamento por tempo indeterminado, isso em homenagem e reconhecimento aos 50 anos de fundação e por Mãe Marinalva ser uma das pioneiras presentes aqui entre nós.

O segundo propósito de acordo com Mãe Marinalva foi suspender o pagamento realizado anualmente à Cruzada,

pagamento este que tinha a finalidade fornecer uma ajuda de custo para que fosse mantida a federação e para situações necessárias<sup>68</sup>.

Não podemos deixar de enfatizar que o Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar era filiado à FECAP, presidida pelo senhor Carlos Leal, mas com a criação da Cruzada faz sua migração e permanecendo até então, todavia, não foi possível descortinar as motivações da migração do Terreiro em tela.

A Cruzada ainda se faz presente no Terreiro de Ogum Beira Mar pois sempre está presente quando solicitada e continua a fazer entregas de diplomas e outros certificados quando solicitada por Mãe Marinalva a ser entregue aos filhos(as) de santo. Esses documentos vão servir de comprovação dos que são registrados pela federação com reconhecimento de suas obrigações/feituas. As comprovações também podem servir para que um(a) filho(a) de santo possa abrir o seu próprio terreiro, isso vai depender da autorização de seus zeladores<sup>69</sup>.

Nos dispões nas Figura 35 alguns diplomas entregues aos filhos de santo para servir de reconhecimento a sua feitura. Eles comprovam quem são os responsáveis por essa realização, o local onde foi realizada as obrigações/feituas e apresentam as hierarquias de cada feito.

---

<sup>68</sup> Exemplo: se o terreiro ou algum filiado(a) a federação necessitasse de uma ajuda financeira, ajuda como pagamento a um(a) advogado(a) por questões de intolerância religiosa ou algo do tipo a federação estava presente para ajudar.

<sup>69</sup> Zeladores - outra denominação dada aos pais e mães de santo.



**Figura 35 - Diplomas entregues aos filhos(as) de santo ao término da festa pela Federação (Cruzada)**



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A Cruzada permanece no mesmo endereço e é presidida hoje (2023) pelo Sr. Wolff de Oliveira Ramos como já destacamos.

Devido ao tempo da pesquisa não foi possível adentrar no espaço físico e obter documentos para serem observados e quem sabe até mesmo ser inserido nesta pesquisa documentos que podem ser considerados ricos de informações.

Entretanto, percebe-se que o espaço federativo onde se localiza a Cruzada não possui tanta procura. Possivelmente esse espaço poderia ser transformado em cima das idealizações de seus criadores, uma dessas intenções era organizar festividades, promover eventos entre tantos outros citados ao longo desta escrita. Enfim, todos os esforços de tanta gente que fez parte dessa caminhada possivelmente não são percebidos(as),

provavelmente desvalorizados e esquecidos tanto em vida como em morte. E tantos feitos importantes foram deixados para trás, muitos registros encontram-se perdidos, esquecidos e quem sabe sendo considerados por quem não tem ideia de seu valor e considera-os como ‘velharias’ e isso poderá inviabilizar o fortalecimento identitário de um povo.

Nos resta o desejo de transformar esses fatos e acontecimentos em registros, sair em busca de mudanças nem que seja através da escrita para que não permaneçam na alheação de muitos. Sendo utilizado a informação de quem sente orgulho das trajetórias e assim poder revirar o baú da memória trazendo nas lembranças daqueles e daquelas histórias para manter vivo momentos marcantes, importantes e necessários importantes e necessários das nossas religiões.

## **O ETERNO CARLOS LEAL RODRIGUES**

O Sr. Carlos Leal Rodrigues realizou feitos importantes junto a outros babalorixás, ialorixás e pessoas que acreditavam na liberdade religiosa. Acontecimentos nas décadas de 1960, 1970 e 1980 deram visibilidades e destaques à religião afro-indígena brasileira. E trazer novas histórias é poder ir além dos contos, das aventuras, sendo transformadas em gritos pela verdade, justiça e liberdade (Filme Meu nome é liberdade, 2015).

Com as visibilidades dos acontecimentos foram realizadas divulgações das religiões afro, mas o turismo cultural religioso não recebeu incremento recente, se deu após lutas, embates, participações em eventos, disponibilidades e entrega de si como assim fez o senhor Carlos Leal Rodrigues (Leal, 2001). A Figura 36 apresenta o Sr. Carlos Leal Rodrigues.

**Figura 36** - Carlos Leal Rodrigues (Mestre Carlos)



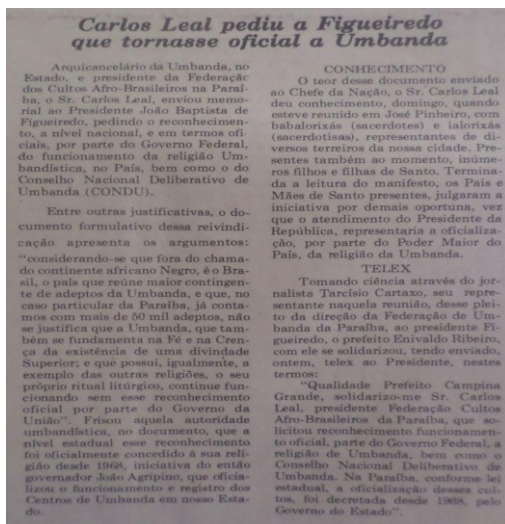
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Com a junção da cultura e religião tem sido bem explícito desde quando as comemorações religiosas se fizeram presente na nossa Paraíba, conquistando o meio turístico dando destaque às festas aos orixás. Festas essas religiosas organizadas e realizadas pela Fecap e sob a coordenação de seu presidente Carlos Leal Rodrigues que além de ter tido atitude de apresentar

a religião a sociedade paraibana e aos simpatizantes. Lutou também para dar destaque ao culto da Jurema nascida no município de Alhandra em João Pessoa entre muitas outras iniciativas.

Um dos feitos do Sr. Carlos Leal é exposto na Figura 37 com a reportagem do Jornal A União de 02 de outubro de 1979, quando o mesmo solicita através de um memorial ao Presidente da República João Baptista de Figueiredo<sup>70</sup> o reconhecimento a nível nacional e em termos oficial por parte do governo federal do funcionamento da religião umbandista no país bem como do Conselho Nacional Deliberativo (Condu).

**Figura 37** - Reportagem - Carlos Leal pediu a Figueiredo que tornasse oficial a Umbanda - Jornal A União (02 de outubro de 1979)



Fonte: acervo IHGP.

<sup>70</sup> Foi um militar, político e geógrafo brasileiro. Foi o 30º Presidente do Brasil, de 1979 a 1985, e o último presidente do período da ditadura militar.

Quando trata do turismo religioso, Carlos Leal de acordo com as observações durante a pesquisa nos fez perceber que ele se preocupava apresentar a religião afro-indígena brasileira de uma maneira que as pessoas compreendessem que as tradições têm seus fundamentos, têm suas práticas como qualquer outra denominação religiosa. Carlos Leal se preocupava em como apresentar a sociedade a religião que o mesmo praticava e que em tempos difíceis era bem procurada pela sociedade em conhecer e por políticos alguns até praticantes como bem relata mãe Marinalva, Mãe Ceixa, Mãe Silvinha e Anco Márcio durante as entrevistas.

Eram realizados em João Pessoa espetáculos organizados pela Fecap no teatro Santa Roza era uma condição que se apresentava para aproximar-se da sociedade e difundir a umbanda a todos que tivessem vontade de conhecer e sendo um espetáculo inédito.

Foi criada a coreografia dos orixás no dia 04 de fevereiro de 1968 onde a encenação coordenada pelo departamento de folclore da Sociedade Cultural de João Pessoa que reverteu a renda em benefício das obras da sede própria da entidade umbandista e em prol ajudar outros terreiros quando necessitavam. As apresentações não foi só uma apresentação de caráter religiosa foi também o resultado de pesquisas feitas com o objetivo de proporcionar ao espetáculo um melhor conhecimento das manifestações religiosas seguidoras de lemanjá que são tidas como reflexo do folclore nacional.

A Figura 38 descreve um pouco sobre as apresentações que mantinham um roteiro lógico para a compreensão de quem estava presente e de quem buscava conhecer o que era novo além do evento se tornar inédito.

**Figura 38** - Reportagem - "Umbandistas apresentarão coreografias dos orixás" - Jornal Correio da Paraíba (19 de janeiro 1968)



Fonte: acervo IHGP.

Em 06 de outubro de 1968 aconteceu a I Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda no Teatro Santa Rosa surgindo nessa noite durante o toque de Jurema inúmeros casos de transe de populares na plateia durante a apresentação do terreiro de Mãe Marinalva. Outros terreiros em cujas apresentações surgiram manifestações foram: do babalorixá Carlos Leal e das ialorixás Zete Farias e Beatriz Barbosa (Mãe Beata) e dessas manifestações foi dada a originalidade à amostra ou melhor definindo os encontros de terreiros. As manifestações são destacadas na Figura 39.

**Figura 39** - Reportagem - "Manifestações na plateia deram Originalidade Mostra de Umbanda" - Jornal A União (06 de outubro de 1968)



Fonte: acervo IHGP.

E nesses encontros os terreiros convidados realizavam suas apresentações e entre eles eram realizadas trocas de presentes como forma de agradecimento e eram entregues certificados de participações como mostra a Figura 40.

A Figura prima a imagem onde Mãe Marinalva presenteia Mãe Beata (da esquerda para a direita Mãe Beata recebendo um presente de Mãe Marinalva).



**Figura 40** - Momento em que mães de santo trocam presentes nos encontros de terreiros realizados no teatro Santa Rosa



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A Figura 41, mostra Mãe Marinalva presenteando Zete Farias.

**Figura 41** - da esquerda para a direita Zete Farias recebendo presente de Mãe Marinalva

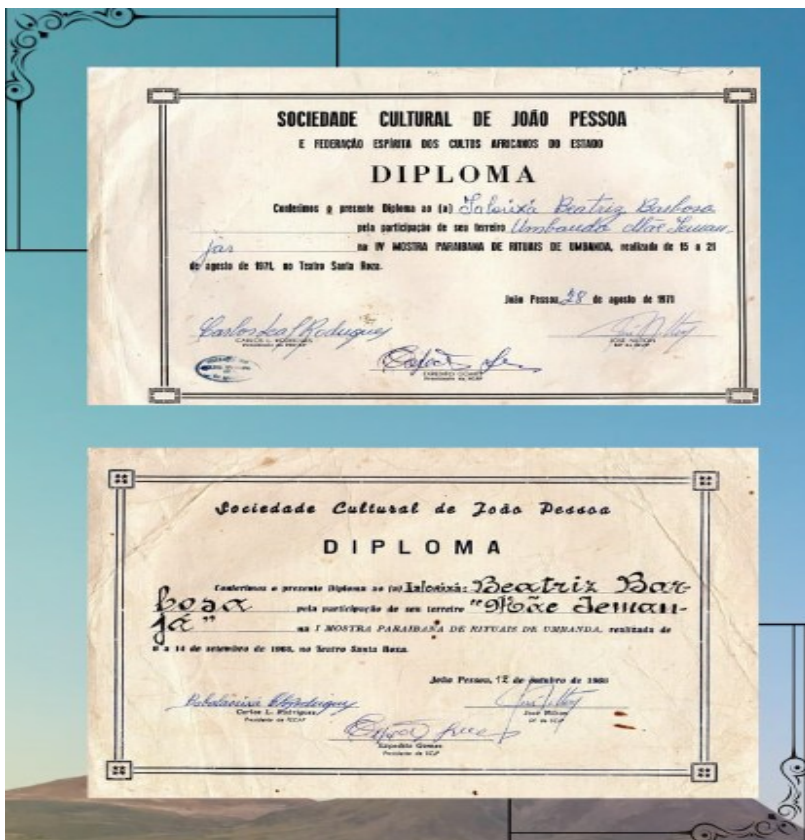


Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.



Nesta ocasião os terreiros que realizavam apresentações recebiam da federação, assinalado nos registros de Diploma que certifica as participações como mostra na Figura 42.

**Figura 42** - Diplomas entregues aos babalorixás e as ialorixás como forma de reconhecimento da Sociedade Cultural de João Pessoa pela participação no evento

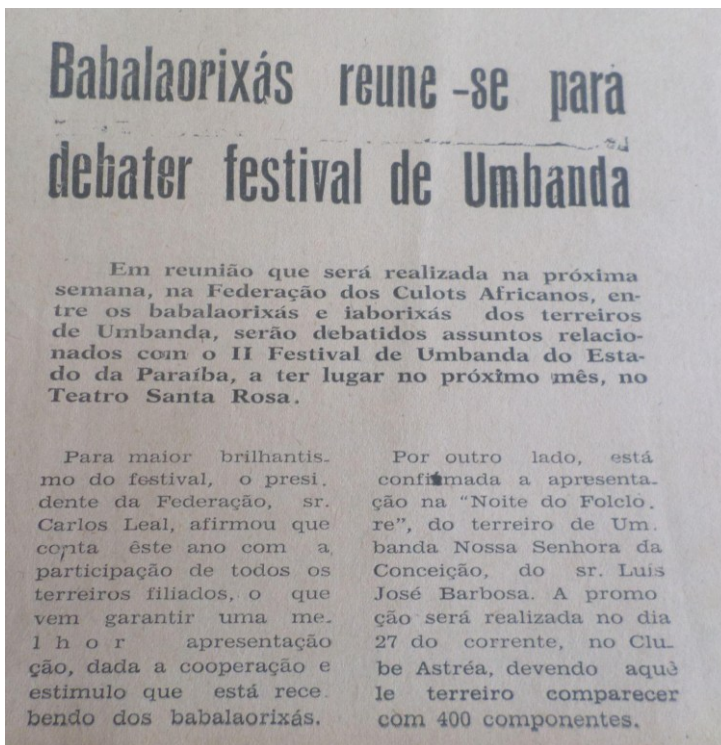


Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

No dia 17 de fevereiro de 1970 os babalorixás e ialorixás

reuniram-se para debater sobre o festival o II Festival de Umbanda do Estado da Paraíba, sendo promovida pela Sociedade Cultural de João Pessoa junto com a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba apresentada na Figura 43.

**Figura 43** - Reportagem - “Babalorixás reúne-se para debater festival de Umbanda” - Jornal A União (17 de fevereiro de 1970)



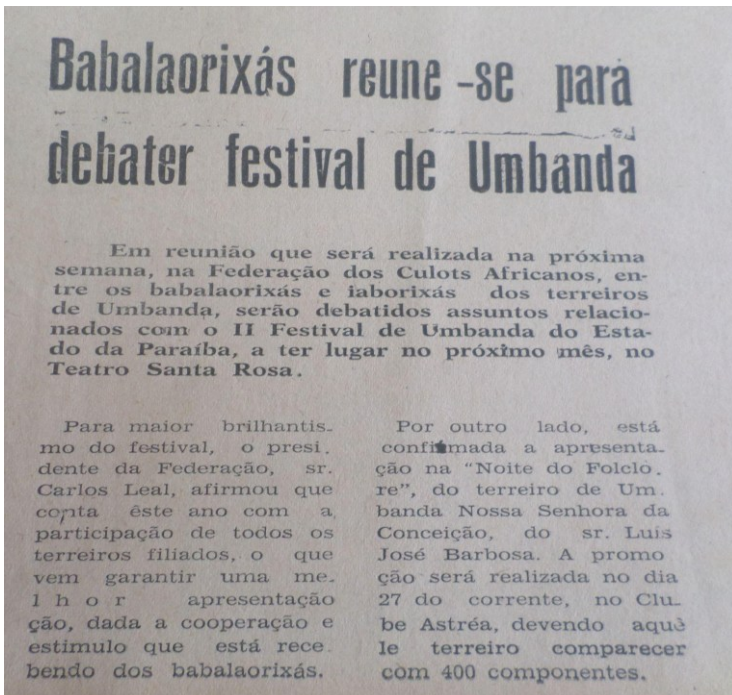
Fonte: IHGP.

O evento teve destaque e pesquisadores nordestinos, autoridades e apreciadores da Umbanda compareceram ao evento. Convites foram enviados a diversas entidades culturais do Nordeste, entre as quais as Comissões de Folclore de Natal e

Recife, ao Centro de Pesquisas Sociais Joaquim Nabuco, as autoridades e pessoas ligadas ao folclore como entidades representativas da cultura paraibana e a órgãos públicos e particulares ligados ao turismo. E era cobrado o preço único de Cr \$1,00 sendo vendido antecipadamente pois esgotavam as vendas.

A Figura 44 trata de divulgar o acontecimento sobre o evento que teve destaque e que pessoas ilustres estiveram presentes.

**Figura 44** - Reportagem - Pesquisadores nordestinos virão à Mostra de Umbanda - Jornal A União dia (17 de fevereiro de 1970)



Fonte: IHGP.

A II Mostra de Umbanda teve início no dia 09 de agosto de 1970 tendo o terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá da Ialorixá Mãe Beata do bairro do Cristo Redentor, Bairro da Cidade de João Pessoa, a realizar a abertura oficial do conclave, homenageando os principais orixás dos cultos afro-brasileiros, entre os quais Iemanjá, Xangô, Iansã, Oxum e Orixalá. Evento que teve um dos públicos dos mais numerosos que compareceram ao teatro, assim relata a Figura 45 do que mostra a reportagem do Jornal A União de 1970. Evento ocorrido no teatro Santa Roza de tem caráter beneficente, cultural e turístico, houve a colaboração para esta realização da secretaria para fazer a divulgação e turismo.

**Figura 45** - Reportagem - II Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda - Jornal A União (07 de agosto de 1970)



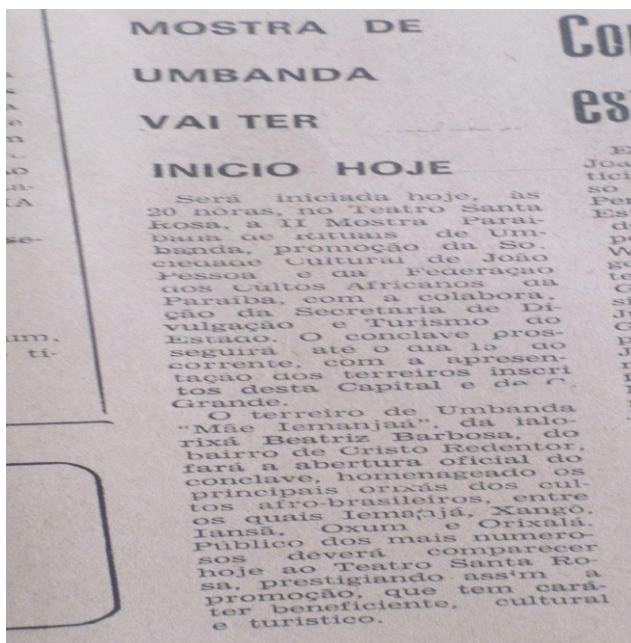
Fonte: IHGP.

Em cada dia de apresentações havia terreiros nos quais filiados à federação se apresentavam mesmo aqueles de outros municípios. E dando continuidade no dia 23 de agosto umbandistas e público confraternizaram-se na II Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda, com as virtudes e os defeitos típicos de promoções congêneres, revestindo-se de um aspecto dos mais importantes tanto pelo pouco conhecimento por estas bandas do país como pela coragem que demonstram os promotores e participantes em realizá-lo de público. E sabendo que a Umbanda era considerada como coisa de macumbeiros e

xangozeiros e as discussões sobre as práticas religiosas eram intensas que as apresentações dão um novo norte a certos entendimentos diante a sociedade, mas dando a entender que a Umbanda é uma religião composta de um conjunto sociológico, folclórico e religioso e que foi exposto através da representação umbandista. Sendo apresentada além do teatro Santa Roza que parou para reforma deixando os festivais sendo realizados no Teatro da Juventude (Juteca) no bairro de Cruz das Armas até o término da reforma do teatro Santa Roza.

A Figura 46, mostra a divulgação do evento no Jornal A União de 1970.

**Figura 46** - Reportagem - "Mostra de Umbanda vai ter início hoje" – Jornal A União (09 de agosto de 1970)



Fonte: IHGP.



Dando sequência às apresentações a cada ano o público era mais presente. O terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata iniciava os festivais da umbanda *ela abria as apresentações, ele Carlos Leal tinha Mãe Beata como se fosse uma ialorixá mais antiga* (Mãe Ceixa, 2022).

A Figura 47 mostra o terreiro de Mãe Beata na apresentação no Teatro Santa Rosa em 1970.

**Figura 47** - Terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata na abertura das apresentações dos terreiros no teatro Santa Rosa



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

As notas dos jornais comentam sobre este assistido como bem está exposto na Figura 48 que discorre sobre das aberturas realizadas pelo Terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata (1971) e o encerramento feito pelo Terreiro de Zete Farias (1971).

**Figura 48 - Reportagem - "Festival de Umbanda é aberto por Mãe Iemanjá!" - Jornal A União (15 de agosto de 1971)**



Fonte: acervo IHGP.

Em 1971 para assistir as apresentações eram cobrados o ingresso ao preço de três cruzeiros, havendo abatimento para estudante, já houve um aumento bem significativo passando de um cruzeiro para três cruzeiros. Tendo a renda do festival de Umbanda tinha o mesmo objetivo e ser revertida para as obras da construção da sede da federação. O presidente da federação afirmou que a mostra tem fins culturais, “mostrando e fazendo o povo paraibano sentir a cultura da Umbanda, que é uma religião como outra qualquer e digna de respeito, nunca o que muito pensa” (Jornal A União, 1971). Não podemos deixar de registrar as reportagens sobre o primeiro, o segundo e o terceiro batizado na umbanda.

O primeiro batizado Umbandista do Estado da Paraíba foi realizado no Terreiro “Ogum Beira Mar” no bairro do Miramar, pela ialorixá Marinalva Amélia (Mãe Marinalva) que oficializou a cerimônia de batismo dos gêmeos Cosme Aguinaldo de Souza Silva (Pai Cosme) e Damião Aguinaldo de Souza Silva (Pai Damião) seus filhos biológicos). *Foi assistida a cerimônia pelo presidente da Federação Umbandista e ‘filho de santo’ o presidente do terreiro, o Sr. Carlos Leal Rodrigues* (Mãe Marinalva, 2022). A Figura 49 divulga esse acontecimento.

**Figura 49** - Reportagem - Realização do primeiro batizado umbandístico na Paraíba - Jornal A União (03 de outubro de 1970)



Fonte: acervo IHGP.



Foram oficializados e celebrados pelo Sr. Carlos Leal Rodrigues o segundo batizado realizado no Brasil como consta a nota do Jornal União de 29 de setembro de 1971 batizado de seu filho biológico Carlos Alberto Leal Farias e o terceiro foi no dia 27 de setembro de 1973 do menino Wellington José Farias Rodrigues também filho biológico sendo celebrado do dia em que os umbandistas celebram Cosme e Damião os protetores das crianças.

A Figura 50 destaca o segundo e o terceiro batizado na Umbanda em João Pessoa, celebrado pelo Sr. Carlos Leal Rodrigues na festa de São Cosme e São Damião.

**Figura 50** - Reportagem - "Paraíba lembra Cosme e Damião com batizado"- Jornal A União dia 28 de setembro de 1971 e "Santo das crianças são festejados com batismo" - Jornal A União (27 de setembro de 1973)



Fonte: acervo IHGP.

Muitas conquistas e tantas outras têm significativa importância para serem descritas e trazidas as margens para o conhecimento de quem não tem ideia das maravilhas conquistadas. Mas devemos reconhecer a força que teve o Sr. Carlos Leal Rodrigues sendo merecedor de muitos títulos.

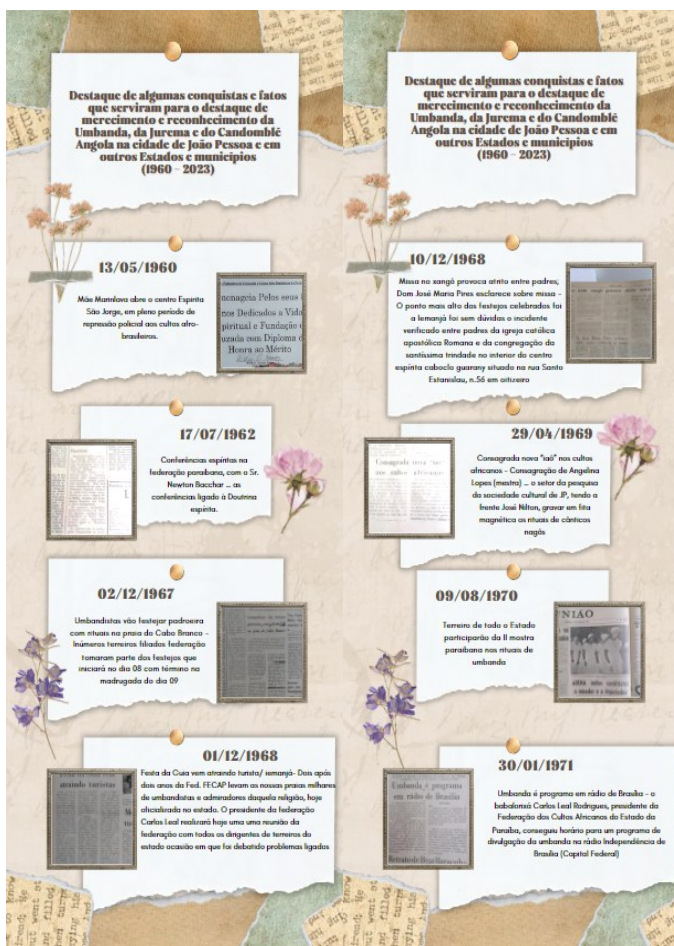
Mas para reconhecermos essa força que teve o Sr. Carlos Leal chamado por Mestre Carlos destacamos outras conquistas e fatos além do dos já mencionados que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios.

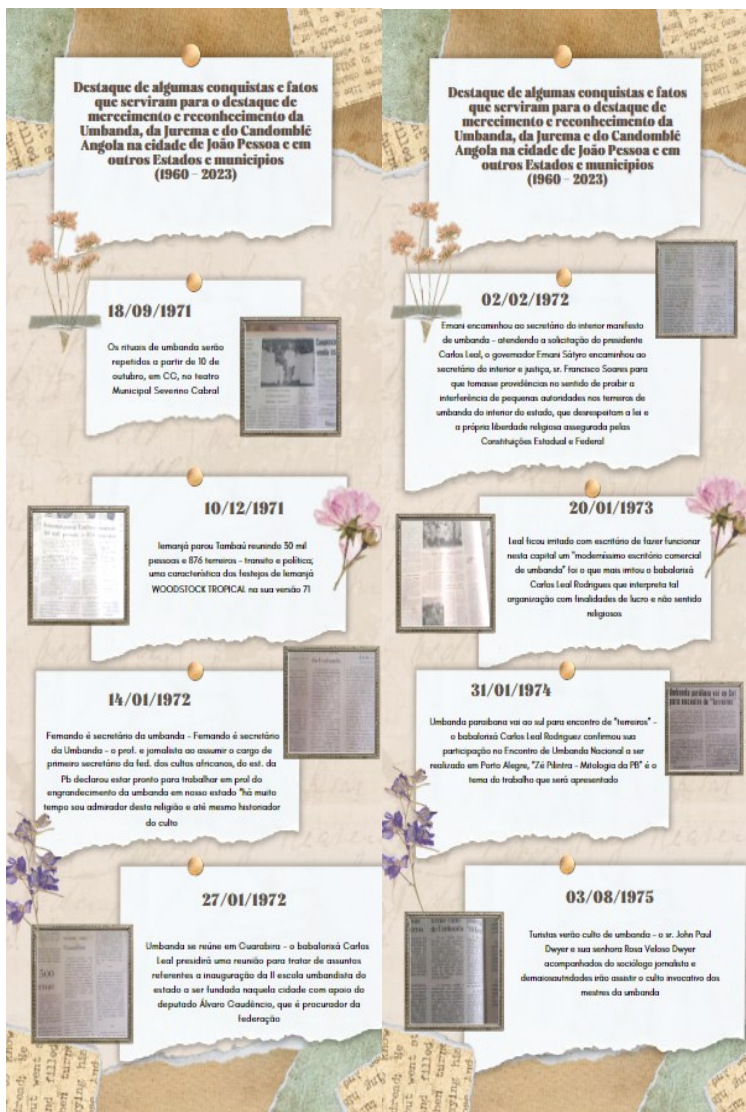
Sendo assim, expomos na Figura 51 alguns fatos, acontecimentos, descobertas entre 1960 a 2023 em João Pessoa e inserimos também outros acontecimentos que poderão servir de motivação a quem deseja conhecer sobre situações ocorridas sem que tenha sido exposto em notas de jornais.<sup>71</sup>.

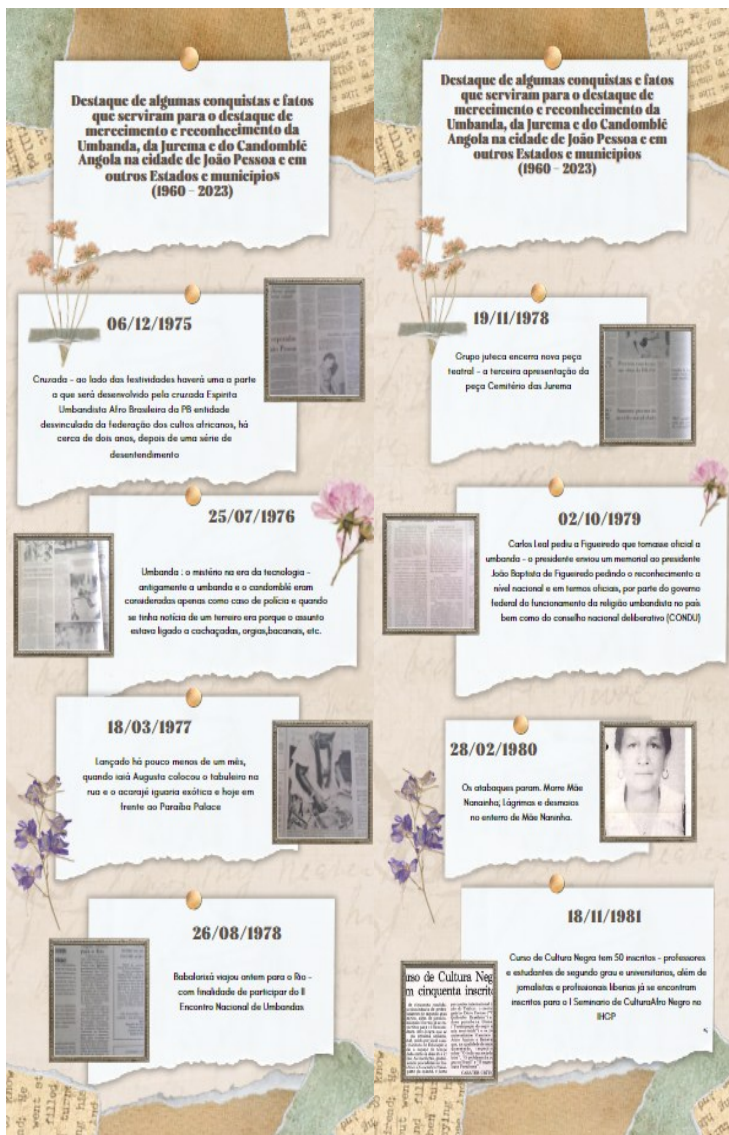
---

<sup>71</sup> Essa coleta se deu a partir dos dados coletados nas notas dos jornais: A União, O Norte, Jornal da Paraíba entre outros. A escrita encontra-se conforme descrito em cada recorte.

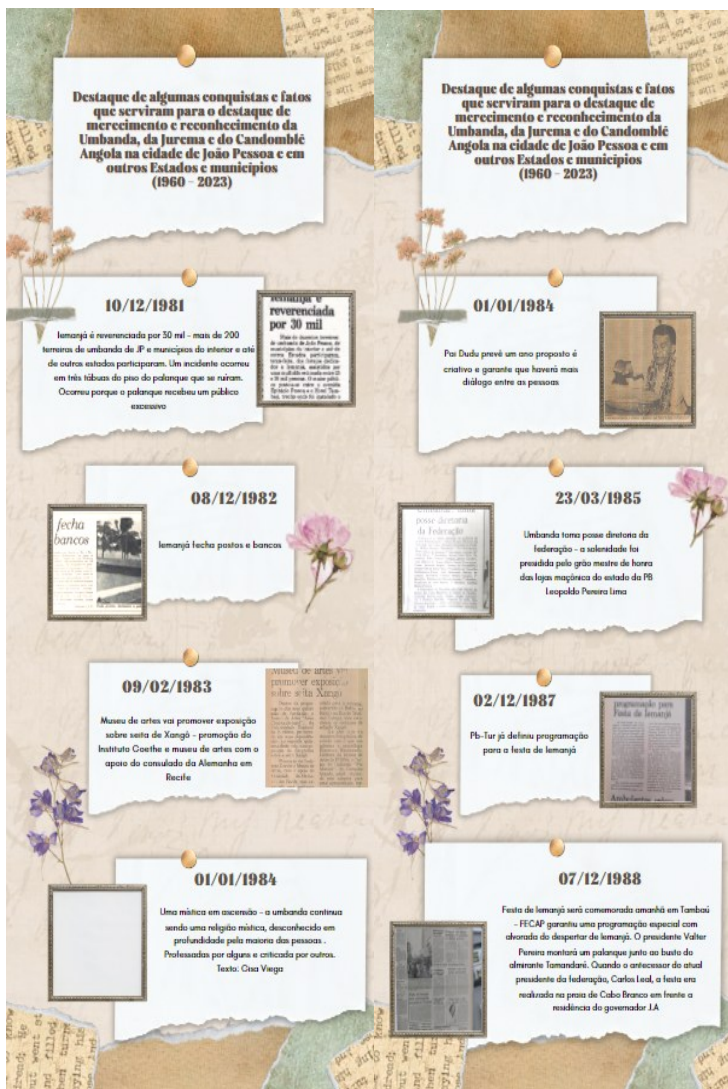
**Figura 51 - Fatos, acontecimentos, conquistas e descobertas (1960 - 2023)**











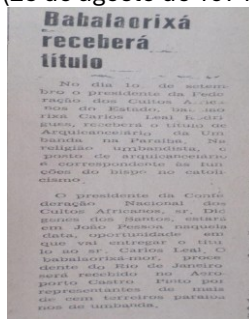


Fonte: dados da pesquisa (2022).

Diante de tantos feitos, tantas lutas, conquista em defesa da liberdade religiosa das religiões afro-indígena brasileira, muitas dessas lutas tendo o Sr. Carlos Leal Rodrigues a frente. Logo então, podemos dizer que Carlos Leal Rodrigues teve a Umbanda e a Jurema como sua vida e teve reconhecimento durante seu tempo à frente da federação.

O Arquicancelário foi reconhecido por muitos devido aos seus esforços, lutas e anos de dedicação à religião afro-indígena brasileira. E observando todo seu esforço dá a entender que o mesmo desejava que não só a Paraíba mais o mundo conhecesse a nossa Umbanda, a nossa Jurema como tradições religiosas que têm seus usos e costumes como qualquer outra tradição. Teve seu reconhecimento não só local, mas nacional como apresenta o recorte de jornal A União comunicando que: *O título de Arquicancelário da Umbanda na Paraíba recebido no dia 01 de setembro de 1971 e na religião umbandista, o posto de bispo no catolicismo e quem fez a entrega foi o Presidente da Confederação Nacional dos Cultos Africanos, o babalorixá - Mor Diógenes dos Santos*, como destaca o recorte constante da Figura 52.

**Figura 52** - Reportagem - "Babalorixá receberá título" - Jornal A União (25 de agosto de 1971)

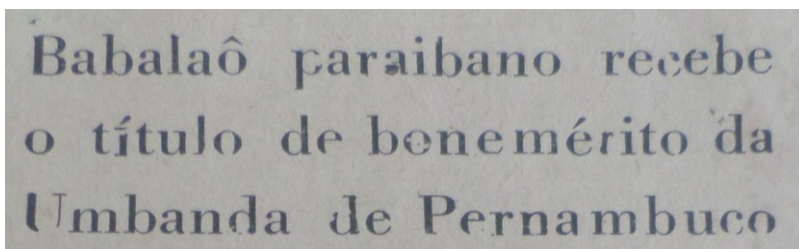


Fonte: acervo IHGP.



Carlos Leal recebe no mesmo ano o título de benemérito da Umbanda de Pernambuco - no ginásio da sede Senac de Recife. Destacou o Sr. Diógenes dos Santos que no Brasil, a Paraíba e Pernambuco, são os dois Estados onde a Umbanda vem sendo compreendida por parte significativa dos habitantes, fazendo com que a religião seja adquirida com uma maior evolução. E no decorrer de sua vivência conosco Carlos Leal lutou para que essa evolução se expandisse e que outras compreensões ocorressem. A Figura 53 mostra o recorte do Jornal A União onde fala do título dado a Carlos Leal.

**Figura 53** - Reportagem - "Babalaô paraibano recebe o título de benemérito da Umbanda de Pernambuco" - Jornal A União (07 de setembro de 1971)

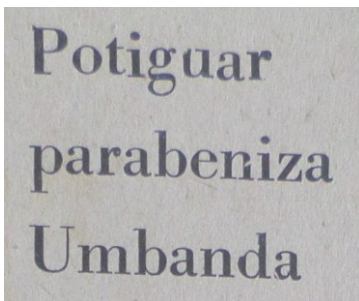


Fonte: acervo IHGP.

Posteriormente, o babalorixá recebeu do seu colega Potiguar um ofício do Rio Grande do Norte, parabenizando-o pelo êxito da festa de lemanjá. O presidente da federação rio-grandense solicitou o babalorixá Carlos Leal Rodrigues que participasse como convidado de honra dos festejos umbandistas de terreiros de Umbanda do Rio Grande do Norte e que na sua viagem levasse a bandeira da Paraíba e diversos guias turísticos para distribuição com os “filhos de fé”. É a união entre os umbandistas bem presente neste momento e o reconhecimento por toda dedicação a Umbanda e a Jurema Sagrada. A Figura 54

mostra a reportagem que o Potiguar parabeniza a Umbanda através do reconhecimento do umbandista Carlos Leal.

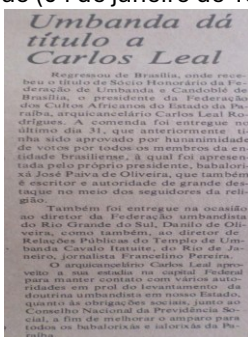
**Figura 54** - Reportagem - "Potiguar parabeniza Umbanda"- Jornal A União (18 de dezembro de 1971)



Fonte: acervo IHGP.

Em 1978, Carlos Leal recebe o título de sócio honorário da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília, aprovado por unanimidade de votos por todos os membros da entidade brasiliense, apresentada pelo babalorixá José Paiva de Oliveira que também é escritor e autoridade de grande destaque no meio dos seguidores da religião como retrata a Figura 55.

**Figura 55** - Reportagem - "Umbanda dá título à Carlos Leal"- Jornal A União (04 de janeiro de 1978)



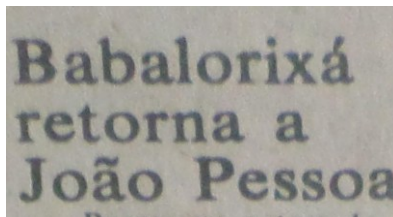
Fonte: IHGP.

O Arquicancelário Carlos Leal aproveitou para mandar contato de várias autoridades em prol do levantamento da doutrina umbandista em nosso Estado quanto às obrigações sociais, junto ao Conselho Nacional da Previdência Social a fim de melhorar o amparo para todos dos babalorixás e ialorixás da Paraíba. Logo se vê a preocupação do Arquicancelário quando busca os direitos perante a lei da previdência social para que os sacerdotes pudessem ter seus benefícios visto que muitos sacerdotes sobrevivem da religião através de trabalhos espirituais, jogos de búzios, cartas, pois, a Umbanda é caridade.

Ao nosso pensar não achamos correto que haja cobranças, mas também sabemos que nada se faz de graça, desta forma muitos clientes cada um dá aquilo que pode, uns agradam com quantias em dinheiro, joias, materiais de construção isso vai depender das condições de cada um, como também são realizados trabalhos sem que haja pagamento algum.

Ainda em 1978 Carlos Leal vai ao Rio de Janeiro para receber o título de Embaixador da Nação Jurema no Brasil e a comunicação de membro efetivo do Supremo Conselho Sacerdotal dos Cultos de Umbanda e Nações Africanos, o título de embaixador e a carta patente foram conferidos pela sociedade lorubana Teológica de Cultura Afro-Brasileira. A Figura 56 detalha a ida e o retorno de Carlos Leal ao Rio de Janeiro para receber o título de embaixador.

**Figura 56** - Reportagem - "Babalorixá retorna a João Pessoa"-  
Jornal A União (09 de junho de 1978)



**Fonte:** acervo IHGP.

Em 20 de setembro de 1981, em um grave acidente automobilístico, na BR 230 às 20h morre, aos 53 anos o presidente que dirigiu por 17 anos desde 1964 a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba o “Arquicancelário” o qual podemos defini-lo como lutador, defensor da Umbanda e ainda chamá-lo de Eterno Carlos Leal.

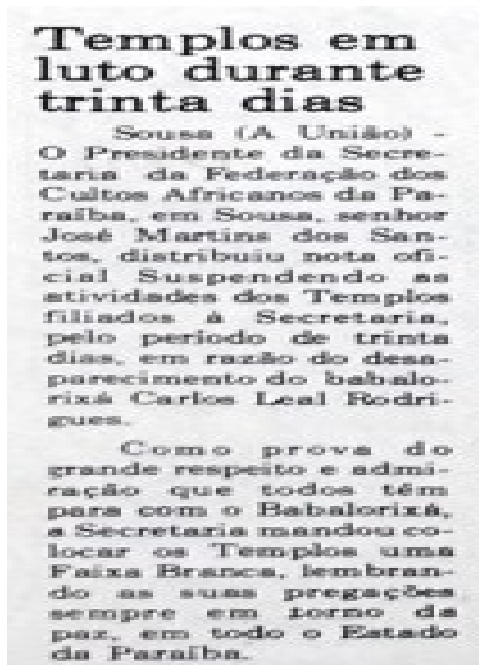
A luta de Carlos Leal - foi um trabalho muito grande aqui na Paraíba, foi um trabalho muito bem-feito, porque ele tinha o prazer de trabalhar para o santo, ele não olhava quem, ele visitava, ele chamava, ele doutrinava foi um trabalho muito árduo pra ele. Mas ele sentia prazer de fazer as festas não só de Iemanjá que já estava no calendário turístico e a festa de Oxum que também fazia parte que era lá no antigo Rio Gramame uma festa muito bonita com vários terreiros vindo de Campina Grande, Santa Rita, dos interiores todinho pra festa de Oxum. Era uma festa muito bonita e tudo isso foi trabalho dele. Trabalho muito honrado, com muita fé, com muita força, ele sentia prazer, passava da hora de dormir, de comer empenhado com o santo (Mãe Ceíça, 2022 - informação verbal)<sup>72</sup>.

Com o seu falecimento é decretado que todos os templos em respeito ao Arquicancelário permaneçam em luto durante trinta dias como bem é determinado na época e publicado no Jornal para informar a sociedade o falecimento do Carlos Leal o “Mestre Carlos”. A Figura 57 retrata esse acontecimento.

---

<sup>72</sup> Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

**Figura 57** - Reportagem - "Templos ficaram em luto durante trinta dias"- Jornal A União (23 de setembro de 1981)



**Fonte:** acervo IHGP.

SOUSA - (A União) - O Presidente da Secretária da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba, em Sousa, senhor José Martins dos Santos, distribuiu nota oficial Suspendendo as atividades dos Templos filiados à Secretaria, pelo período de trinta dias, em razão do desaparecimento do babalorixá Carlos Leal Rodrigues.

Como prova do grande respeito e admiração que todos têm com o Babalorixá a secretaria

mandou colocar os Templos uma Faixa Branca lembrando as suas pregações sempre em torno da paz em todo o Estado da Paraíba.

Após sua passagem para o *Orum*<sup>73</sup>. A federação teve como substituto o Sr. Emídio do Oriente como outros que vierem a sucedê-lo. As suas lutas não poderiam ficar no esquecimento, mas sim lembrados pela memória de quem presente está e que pode nos fornece através das lembranças recordações sobre tantos episódios que se não forem movidos aos registros ficaram para sempre nas boas e velhas lembranças.

---

<sup>73</sup> *Orum* - palavra de origem iorubá (*Orum*) que define o céu ou o campo espiritual.



# **CULTO AOS ORIXÁS: uma conversa de fé: Ewé Ó, Ossanhã!<sup>74</sup>**

Nas matas virgens  
O sol já raiou  
Ossanhã apanha as folhas  
Que Oxóssi juntou  
Ele juntou pra que  
Para o ori do filho deste ilê

Trazer o orixá *Ossanhã* a este capítulo é pensar no senhor tempo, é pensar no balançar das folhas, é poder sentir a sensação de estar livre como um pássaro a voar. Aprendemos que *Ossanhã* é o orixá do tempo, das plantas tendo o poder da cura pelas folhas e ervas. Diz a lenda que *Ossanha* habita nas florestas, a cor que representa orixá são as cores verde e o branco, prevalecendo mais a cor verde. Sua ferramenta contém sete lanças e um pássaro que representa o poder da floresta. Seu dia é a quinta-feira. Pode-se oferecer milho verde, mel entre outros esclarecendo que cada orixá tem as suas particularidades, importante é que toda a oferenda seja preparada e orientada por um zelador religioso. E assim como *Ossanhã* são as celebrações realizadas para se cultuar os orixás, elas sobrevivem ao tempo e no momento de celebrações os praticantes sente a sensação de liberdade.

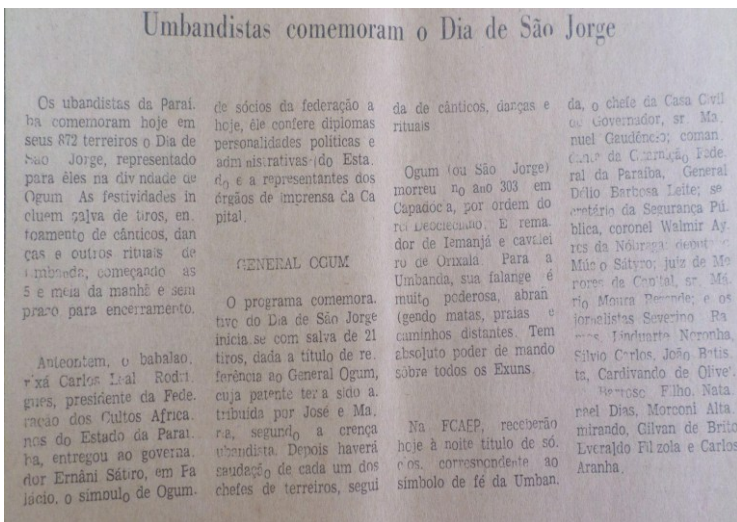
---

<sup>74</sup> *Ewé Ó, Ossanhã* – saudação a *Ossanhã*, significa salve as folhas! Existem outras variações dessa saudação e denominações além de *Ossanhã*.



As celebrações umbandistas nas décadas de 1960, 1970 e 1980 fizeram parte do calendário turístico oficial da Paraíba criado pela Empresa Paraibana de Turismo S/A (PBTur), contendo festividades em homenagens aos orixás Ogum, Xangô, Oxum, Cosme e Damião e Iemanjá. De antemão já captamos o que a Umbanda realizava no Estado, assim como bem são externadas as reportagens nas notas dos jornais. Uma delas está exposta na Figura 58 dando destaque a festa dedicada ao orixá Ogum, comemorado no dia 24 de abril, considerado o padroeiro do Brasil e o deus da Umbanda. Era comemorado com salvas de 21 tiros começando às 5:30h da manhã e sem prazo para encerramentos. Onde todos com sua fé festejam pedindo proteção.

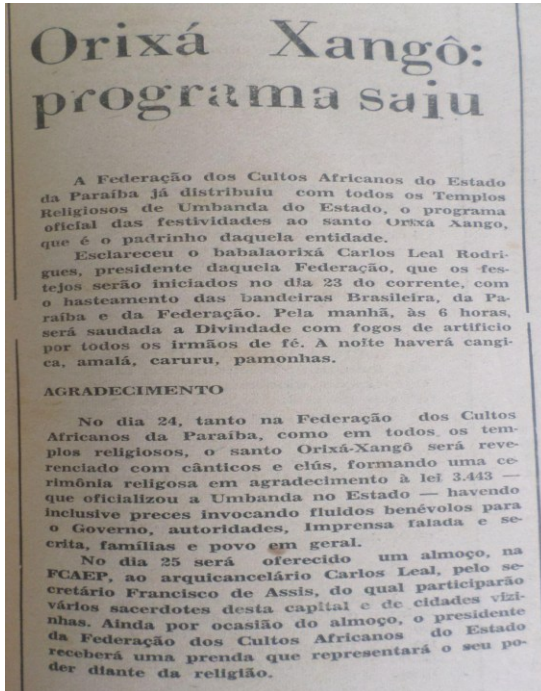
**Figura 58** - Reportagem - "Umbandistas comemoram do Dia de São Jorge"- Jornal A União (23 de abril de 1971)



Fonte: acervo IHGP.

Se comemora para Xangô no dia 24 de junho, considerado o padrinho da FECAP. Assim descreve a Figura 59.

**Figura 59** - Reportagem - "Orixá xangô: programa saiu"-  
Jornal A União (21 de junho de 1972)



Fonte: acervo IHGP.

Em seguida, no mês de julho comemoramos o orixá Oxum, as festas eram realizadas no rio Gramame ao lado da ponte velha onde aconteciam as giras com cânticos e entregas de oferendas como perfumes, flores ofertadas a deusa dos rios. A Figura 60 retrata o ponto do rio Gramame em estado atual (2023).

**Figura 60** - Imagem da no Rio Gramame ao lado era celebrada a festa para o Orixá Oxum



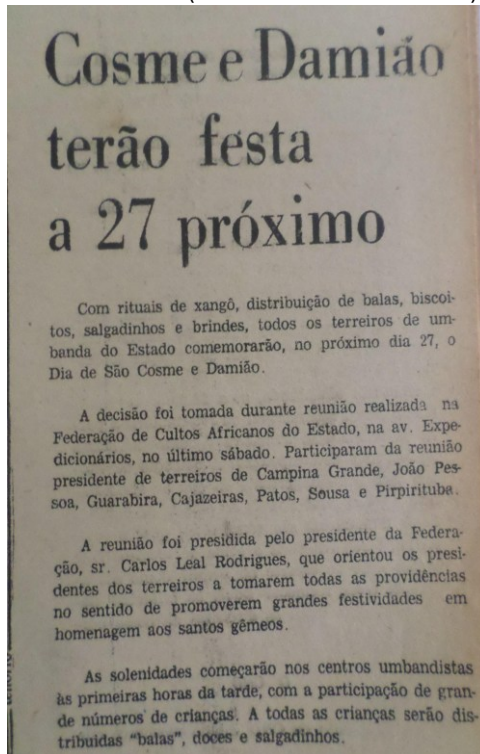
Fonte: acervo pessoal de Marcos Leal Rodrigues (2023).

No que se refere aos santos orixás Cosme e Damião são celebrados no dia 27 de setembro e nas festas reuniam-se várias crianças para festejar a festa dos *eres*<sup>75</sup> com entrega de doces e presentes. E as festas atraem não apenas os praticantes religiosos, mas a população de modo em geral quando aconteciam as festas nos terreiros e essas festas eram sempre divulgadas nos jornais locais como bem mostra a Figura 61.

---

<sup>75</sup> *Eres* - são divindades infantis.

**Figura 61** - Reportagem - "Cosme e Damião terão festa a 27 próximo"-  
Jornal A União (19 de setembro de 1974)



Fonte: acervo IHGP.

A Figura 62 mostra a casa de Mãe Beata no dia de festa em homenagem aos orixás que são considerados crianças na Umbanda. E neste espaço festivo são passados oralmente as crianças presentes quem são os orixás, como as crianças devem obedecer aos seus pais ou responsáveis. É um momento de ensinar não só as crianças praticantes, mas aquelas que vieram participar e ganhar os doces. Aprendizagem também para os adultos também porque em muitos momentos só se aprende praticando e olhando como faz os mais velhos na religião.

**Figura 62** - Mãe Eurídice explicando às crianças sobre os orixás Cosme e Damião



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

E chega o dia da Mãe Iemanjá festejada e celebrada no dia 08 de dezembro pelos umbandistas. Onde os umbandistas celebravam e celebram a conquista da Lei n.3343 que dá direito a todos os cultos do Estado a exercerem a manifestações de umbanda. Sancionada pelo governador João Agripino que teve grandes homenagens além de todos os governadores que sucederam a João Agripino. As festas foram realizadas em louvor a Grande Mãe a “Mãe Iemanjá” conhecida no sincretismo religioso como Nossa Senhora da Conceição. A festa era realizada em frente à casa do Ex. Governador João Agripino na praia do Cabo Branco com palanques montados e com muita harmonia reunindo muitos terreiros de diversos Estados e várias autoridades da época. Havia sempre homenagens para saudar o Governador João Agripino e mesmo depois de seu mandato



ocorreram homenagens tanto a ele como a seus sucessores e autoridades que se faziam presente.

A Figura 63 expõe o livro de Leal Wills (2001): “O real e o virtual no turismo da Paraíba<sup>76</sup>” onde mostra o encontro do governador João Agripino com o Sr. Carlos Leal para falar sobre a liberdade para o culto de lemanjá.

**Figura 63** - João Agripino e o presidente da Federação Espírita Paraibana Carlos Leal Rodrigues



---

<sup>76</sup> A revista traz destaque sobre o turismo cultural e religioso dando destaque a Cidade da Jurema, a festa de lemanjá entre outras.



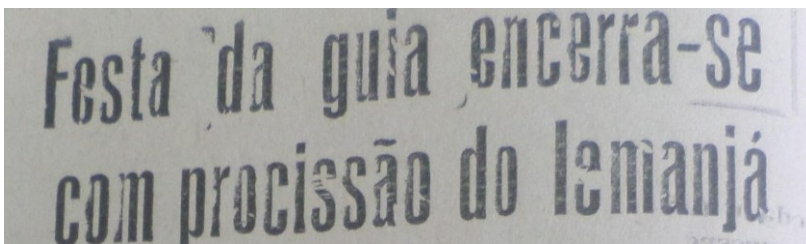
Fonte: acervo IHGP.

O Arquicancelário Carlos Leal reunia-se sempre na federação para organizar e definir com outros pais e mães de santo o direcionamento da festa de lemanjá festejada pelos cultos africanos da federação. Um espaço onde eram realizadas palestras, giras, almoços, jantares e reuniões na intenção de agregar ideias e sugestões. Nesses momentos eram elaborados programas de comemorações que eram distribuídos para a imprensa iniciando a festa de lemanjá com alvorada às 6h da

manhã, a saída do cortejo às 18h da sede da federação na Avenida Expedicionário.

A festa de Iemanjá chegou a reunir em um só dia mais de 800 terreiros de Umbanda e muito mais de 3 mil umbandistas na praia do Cabo Branco. Essa grande manifestação religiosa chegou a se propagar com a Festa da Guia que se encerrou com a procissão de Iemanjá como bem sucede na Figura 64.

**Figura 64** - Reportagem - Dando ênfase a festa da Guia -  
Jornal A União (07 de dezembro de 1969)



Fonte: acervo IHGP.

Com a festa a rainha do mar que não só atraía os pessoenses mais adeptos e curiosos de todo o país como também do mundo, sendo marcada no calendário turístico afirmando o nosso dia 08 de dezembro sendo considerada uma das maiores festas diante de sua amplitude. Que para o Mestre Roger Bastide<sup>77</sup> que há anos havia chamado atenção para esse aspecto quando falou da cultura negra como elemento básico para se entender e estudar melhor nossa miscigenação. E que infelizmente não está sendo observado no Brasil, principalmente na Paraíba, esse aspecto importante. E que estudantes de curso superior procuram nas manifestações religiosas elementos meramente folclóricos. E o seu olhar dá destaque para pensar que as manifestações religiosas não sejam somente percebidas

---

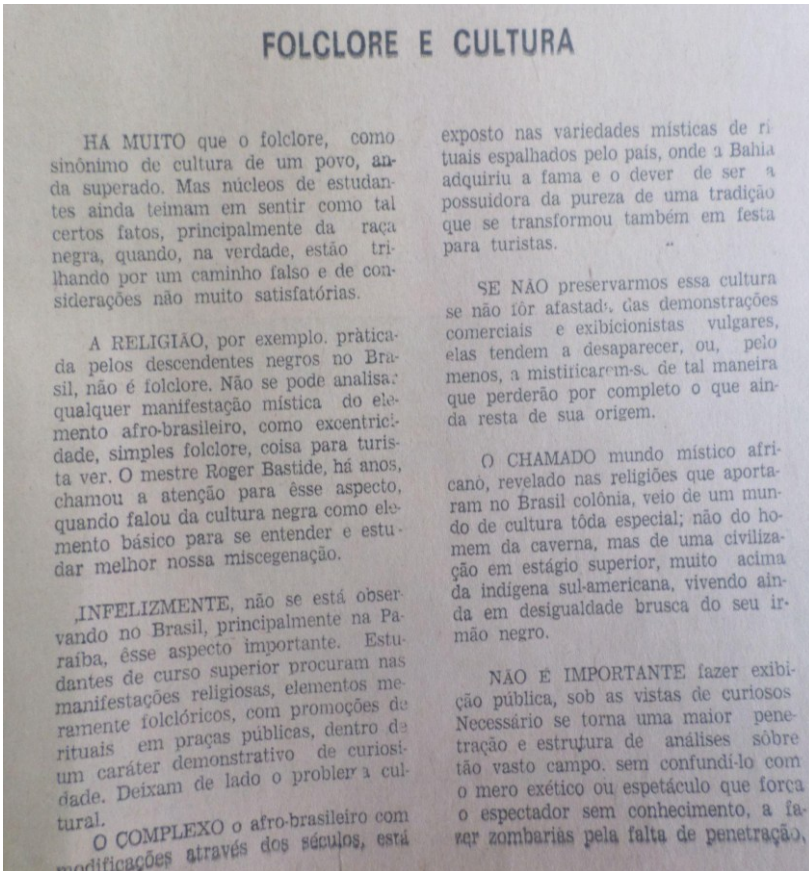
<sup>77</sup> Professor da Universidade de São Paulo.



como elementos que devem ser considerados folclóricos para atrair turistas e sim olhar essas manifestações de celebração, agradecimento diante da fé.

Roger Bastide em 1969 aponta um questionamento sobre o folclore e a cultura exposta na Figura 65.

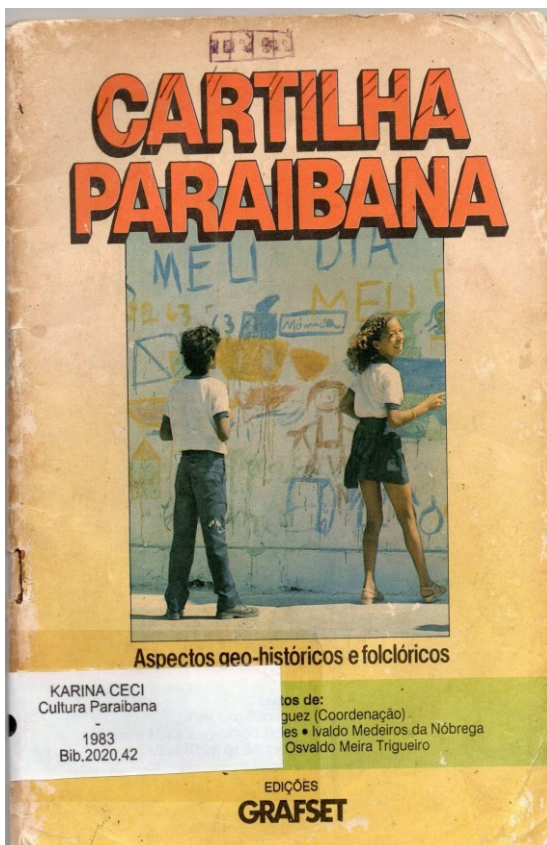
**Figura 65** - Reportagem - "Folclore e Cultura" - Jornal A União (02 de julho de 1969)



Fonte: acervo IHGP.

A festa de Iemanjá foi registrada na Cartilha Paraibana como apresenta a Figura 66, como festa popular trazendo o registro de Pai João e Mãe Beata.

**Figura 66** - Pai João na praia saudando Oxalá e Mãe Beata saudando Iemanjá (1983)



• As danças e os folguedos do folclore brasileiro estão ligados, na sua maioria, às comemorações religiosas. São as festas de Natal, Semana Santa, Santo Antônio, São João, São Pedro, dos padroeiros e padroeiras de cada cidade. Até mesmo o Carnaval tem uma ligação com as atividades religiosas do catolicismo popular.

• Nós herdamos dos portugueses a devoção aos Santos da Igreja Católica. Mas a influência negra e indígena na formação da cultura brasileira transformou as festas religiosas em festas populares. As festas populares são realizadas com missas, novenários, procissões, retretas, parques de diversões, quermesses, fogos de artifícios, bailes, danças e folguedos folclóricos, com muitas comidas típicas. Na verdade, é nos festejos populares que nos divertimos espontaneamente.

• Os festejos populares proporcionam oportunidade de encontros e divertimentos, favorecendo as reuniões sociais, onde se dá o re-encontro das pessoas com as suas raízes culturais.

– **Quais são as nossas principais festas populares?**

• A festa de Nossa Senhora das Neves, que se comemora no dia 5 de agosto, é a mais tradicional festa popular de João Pessoa. Nesta data também se festeja a fundação do Estado da Paraíba. Outra festa bastante comemorada pelos habitantes do litoral é a



Festa das Neves - João Pessoa-PB 1983. Foto: José Nilton da Silva

88

festa de Nossa Senhora da Penha, realizada na Praia da Penha, onde o povo faz a sua romaria e paga promessas, deixando peças de ex-voto.

• Cada festa popular tem seu calendário e características próprias. As cidades interioranas guardam o dia do seu padroeiro ou da padroeira com muita fé e divertimento. A festa da Luz, em Guarabira, no mês de fevereiro; a festa da Guia em Patos, no mês de setembro, a festa do Rosário em Pombal em Santa Luzia, no mês de outubro.



Saudação a Orelã - Festa de Umbanda - Foto: José Nilton da Silva

Saudação a Iemanjá - Festa de Umbanda - Foto: José Nilton da Silva

• Você será capaz de se lembrar de outras festas populares que se comemoram na Paraíba?

– **Como é comemorado o Natal?**

• Talvez o período natalino seja o mais importante das festas populares brasileiras. O Natal ou Ciclo do Natal se comemora de 24 de dezembro, véspera de Natal, até o dia 6 de janeiro, o Dia de Reis.

As festas são celebradas nas igrejas e nas ruas com prédios e casas enfeitados com luzes coloridas, presépios, árvores de Natal e

89

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Em uma das celebrações para Iemanjá registrada no I Jornal da Umbanda diz que o dia 08 de dezembro pode ser considerado o maior espetáculo de cunho folclórico-religioso de João Pessoa e da Paraíba, além de ser um dos maiores de todo o país. A Figura 67 exhibe o comunicado sobre a festa no primeiro Jornal da Umbanda na Paraíba.

**Figura 67 - Divulgação de festa de Iemanjá no I Jornal da Umbanda na Paraíba (1977)**



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

É interessante pensarmos neste aspecto de que na religião praticada por descendentes negros no Brasil não seja meramente uma atividade de folclore mais de marcos históricos e importantes como as histórias de vidas, de lutas, de resistência, de força, de fé e entre tantas outras atividades que são essenciais para seu fortalecimento que destacamos a importância das pesquisas em busca de entendimento e de conhecimento sobre as religiões excluídas por pessoas fechadas ao conhecimento.

E o I Jornal da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba - “Umbanda no Lar” traz em suas folhas momentos de norteamento de conquistas difíceis da época. Ele nos destaca as festas religiosas; os reconhecimentos obtidos; as conquistas tidas pela federação presidida por Carlos Leal; traz o primeiro casamento da Umbanda com efeito civil; mostra a visita do ex-governador a federação; mensagens do presidente da federação

Carlos Leal; a legislação da Umbanda na Paraíba; alguns segredos da Umbanda; destaca templos de Umbanda filiados a federação paraibana tanto de João Pessoa como de templos do interior do Estado da Paraíba; Carlos Leal mostrando a cidade da Jurema e relatando a história da cidade da Jurema em Alhandra/PB; apresenta consagrações do iaô no Templo de Umbanda Caboclo Andrade em Santa Rita consagração de Rita Maria da Conceição; o ritual de consagração de iaô no terreiro de Umbanda Oxum Jagurá em Campina Grande do babalorixá Manoel Rodrigues; retrata o babalorixá Vicente Mariano do Templo de Umbanda Senhor do Bonfim da cidade de Campina Grande atuando com seu mestre Antônio Pretinho; destaca Mestra Maria do Acais; a visita do presidente da república Geisel a Paraíba; expõe o registro feito no fascículo 7 na revista Tree of Knowledge tendo como editor Jonh Ruck, de responsabilidade da Editora Marshall Cavendish Ltda, impressa na Grã-Bretanha. Mãe Ceixa (informação verbal)<sup>78</sup> diz que: *a BBC de Londres passou a semana gravando na Jurema e nos toques dos orixás [...] vieram para registrar a Jurema e de lemanjá o fenômeno aqui.*

Neste registro do Jornal Umbanda no Lar encontra-se o Arquicancelário, seus filhos(as) de santo e Mãe Ceixa incorporada com lemanjá. A Figura 68 presenteia esta pesquisa com o registro da capa do I Jornal da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba - “Umbanda no Lar”.

---

<sup>78</sup> Live realizada por Mãe Ceixa viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de lemanjá na Paraíba.



**Figura 68** - Reportagem - "Enciclopédia britânica divulga a Rainha do Mar" - Jornal Umbanda no Lar Ano I - n. 01 - novembro de 1977



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

O jornal revela ainda muitas outras informações que podem contemplar lacunas abertas e a memória nos presenteia com esse preenchimento nos possibilita melhorar nosso entendimento.

A festa da Mãe Iemanjá tornou-se em um grande evento, um dos maiores em determinados tempos e *com objetivo saudar a santa* (Mãe Ceíça, 2020, informação verbal)<sup>79</sup>. E vários terreiros faziam e continuam a fazer suas celebrações não tão como a amplitude que era, com procissões que arrastavam milhares de pessoas e adeptos. Onde o encontro na praia do Cabo Branco era imenso chegando a fechar a avenida de tantas pessoas que

<sup>79</sup> Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

vinham para assistir e até mesmo os terreiros vindo de outros Estados para fazer as apresentações.

Mãe Ceíça (informação verbal)<sup>80</sup>,

Que a festa antigamente se iniciava às 5h da manhã com salva de fogos, 21 tiros ali na ponta do Cabo Branco não era no busto de Tamandaré. Era a abertura da manhã de festa com salva de 21 tiros preparado pelo Carlos Leal. Ele acordava todo mundo com aquela saudação a Iemanjá. E daí começava os trabalhos. [...] Carlos Leal convidava os gestores, prefeito, representante do prefeito, secretária de turismo, era uma festa muito bonita, organizada, preparada, eram 3 meses de preparação.

Hoje as festas já não ocorrem como antigamente e a festa de Iemanjá já não acontece com tamanha vastidão. E nem a imagem de Iemanjá já não é vista, respeitada e valorizada como deve ser um patrimônio cultural. Isso ocorre claramente e visto a olhos nus devido a situação de precariedade que a mesma se encontra, danificada não pelo tempo, mas por ataques produzidos por pessoas intolerantes e preconceituosas.

E mesmo João Pessoa tendo essa explosão de fatos que dá uma vasta amplitude religiosa, o poder público tapa os olhos diante dessa realidade como bem-vista diante da imagem exposta na praia do Cabo Branco, mostra a precariedade na estátua de Iemanjá exposta na Figura 69.

---

<sup>80</sup> Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

**Figura 69** - Estátua de Iemanjá localizada na praia do Cabo Branco, orla de João Pessoa/PB (2022)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora. Registro do dia 29 de outubro de 2022.

Temos que considerar a força de religiosos que continuam na busca e na luta para que a festa e a tradicional caminhada para Iemanjá não seja esquecida e que continue com a sua magnitude. A Figura 70, nos mostra a divulgação feita por pais de santo que permanece com a tradição da festividade e da caminhada em João Pessoa.



**Figura 70** - Encarte de divulgação da caminhada tradicional de Mãe Iemanjá (2022)



Fonte: Babalorixa Pai Teddy de Oyá (2022).

A Figura 71 nos mostra uma outra divulgação da carreata com saída de Cabedelo/PB sob realização dos Fóruns Liberdade Religiosa da Paraíba e de Cabedelo com parcerias e apoio da Prefeitura de Cabedelo, Defensoria Pública do Estado da

Paraíba, Federação Independente de Cultos Afro-brasileiros do Estado da Paraíba (FICAB/PB), Federação Paraibana de Tradições Afro Descendentes (FPTAD) e Comissão Especial de Liberdade Religiosa (OAB).

**Figura 71** - Encarte de divulgação da carreata “Cortejo de Iemanjá” (2022)



Fonte: Casa Bahia (2022).

Como também novas comemorações adaptadas para a festa de Iemanjá, como a realização da coroação de Iemanjá no dia anterior à sua Festa da Coroação de Iemanjá que vem sendo realizada na véspera do dia de Iemanjá. Organizada pelo

Pai Elialdo de Iemanjá e o Babalorixá Wid de Oxum com o apoio da Federação Paraibana de Tradições Afro Descendentes (FPTAD). A carreata já está em seu sexto ano e sai da zona sul de João Pessoa (Valentina) ao encontro da tradicional Caminhada de Iemanjá (realizada desde a década de 1960), sob a organização do rei do Candomblé da Paraíba, Pai Gilberto, para juntos seguirmos a orla marítima. A programação dia 07/12 (véspera - coroação) e a carreata (saída de Iemanjá - dia 08/12) independente das atividades realizadas no busto de Tamandaré. A Figura 72 nos descreve sobre a carreata exposta:

**Figura 72** - Festa da Coroação de Iemanjá (2022)



A festa da Coroação da imagem de Iemanjá é um evento realizado na véspera do dia de Iemanjá, 07 de Dezembro. Organizada pelo Pai Elialdo de Iemanjá e o Babalorixá Wid de Oxum com o apoio total da FPTAD ( FEDERAÇÃO PARAIBANA DE TRADIÇÕES AFRO DECENDENTES) É mais um ato que promove a propagação da cultura e religiosidade africana, na cidade em especial na zona sul, abre com chave de ouro as comemorações a Rainha do Mar, o ato da Coroação da imagem que prepara todos para a carreata, pelo 6º ano que sairá ao encontro da Tradicional Caminhada de Iemanjá sob a organização do rei do candomblé da Paraíba o Babalorixá Pai Gilberto, para junto seguirmos até a orla marítima, reiteramos que nossa programação dia 07 (Véspera) e a carreata "saída de Iemanjá" (Dia 08) é independente das atividades realizadas no busto de tamandaré, e faz parte do calendário de eventos da FPTAD, nos seguidores do axé devemos incentivar que enquanto mais eventos públicos tivermos, melhor seta para mostramos o quanto é rica nossa cultura religiosa.

Fonte: Elialdo de Iemanjá (2022).

Percebe-se desde então muitos outros acontecimentos como eventos, carreatas agregadas a divulgação, a propagação de apresentar a riqueza que temos em nossa cultura religiosa. Porém ao pensarmos nas festas realizadas, na grandiosidade, na vastidão em que sucediam é perceptível que já não ocorre como antes. Exemplo: a programação da festa de Iemanjá bem descrita na reportagem abaixo. A festa continua quase do mesmo jeito, mas com algumas modificações. O Portal Correio destaca toda programação da festa realizada em 2019.

João Pessoa e Cabedelo celebram Iemanjá com cortejos e oferendas  
Em João Pessoa, a festa começa às 16h na Praia de Cabo Branco, com recepção dos

participantes e visitação ao templo montado para receber oferendas e preces. Ao mesmo tempo, um cortejo sai do Palácio de Xangô Alafim, no bairro de Cruz das Armas, com destino à praia. A caminhada passará pela Avenida Cruz das Armas, Rua Francisco Manoel, avenidas Vasco da Gama, Américo Falcão, João Machado, Maximiano Figueiredo e Beira Rio até chegar à praia do Cabo Branco pela Avenida Monsenhor Odilon Coutinho. Durante todo o percurso, agentes da Semob-JP farão bloqueios em ruas perpendiculares na medida em que o cortejo avançar. Após a passagem dos religiosos, o trânsito será imediatamente liberado. O cortejo deverá avançar utilizando apenas metade das faixas de circulação, deixando a outra livre para veículos, que deverão trafegar com velocidade reduzida. Para a concentração final, agentes estarão na Av. Cabo Branco orientando a passagem de carros e pedestres. Caso seja necessário, será realizada a interdição da Av. Monsenhor Odilon Coutinho a partir da intersecção com a Av. Tabelião José Ramalho Leite. A abertura oficial da festa na Praia de Cabo Branco acontece às 18h, com homenagem da presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros na Paraíba, Mãe Penha de Iemanjá, seguida por queima de fogos. A partir das 19h, haverá apresentações do Afoxé Ylé Áwá e do templo religioso de Pai Gel de Alagoa Grande. Por volta das 20h30 ocorre a chegada do cortejo. Na sequência, sobem ao palco os templos religiosos de todas as localidades da Paraíba. A Festa de Iemanjá na Capital também realiza ação social,

arrecadando alimentos não perecíveis, fraldas descartáveis e produtos de higiene pessoal, que serão doados à Casa da Criança com Câncer.

Região metropolitana - Em Cabedelo, o cortejo está programado para sair às 16h da Rua apóstolo São Miguel, no Jardim Manguinhos, com destino ao monumento de Nossa Senhora dos Navegantes, no calçadão da Praia de Formosa. Lá, cada barracão fará uma apresentação, seguida por uma homenagem e entrega de uma oferenda em um barco. A homenagem será finalizada às 22h, com a tradicional queima de fogos.

Iemanjá - Iemanjá é uma divindade africana. No Brasil, possui caráter sincrético e reúne atributos de outros orixás femininos. Há ainda uma falsa equivalência a Nossa Senhora da Conceição. No período escravocrata, negros eram proibidos de manifestarem suas crenças nas senzalas. Por isso, disfarçaram orixás de santos católicos (Portal Correio, 2019, s. p.).

Durante a pandemia exatamente no dia 08 de dezembro de 2021 Mãe Penha de Iemanjá a atual presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiro da Paraíba (FECAB-PB) deu uma explicação ao Jornal G1 Paraíba.

A religiosa explica que, por causa da pandemia, não haverá a festa tradicional em 2021, quando mais de 30 terreiros de diversas partes da Paraíba se apresentam na praia, com danças e músicas. O evento ficará resumido a uma apresentação de um terreiro do município de Alagoa Grande, num

ato bem menor, com menos gente (Caldas, 2021, s. p.).

Em 07 de dezembro de 2022 em reportagem ao G1-PB Mãe Penha de lemanjá uma das organizadoras do evento e Presidente da FECAB-PB fala sobre a programação da festa que ocorreu no dia 08 de dezembro de 2022.

Festa de lemanjá acontece em João Pessoa nesta quinta (8); confira programação

Evento foi interrompido por dois anos devido a pandemia de Covid-19; neste ano, o tema da festa é 'Intolerância Fora!'.

A tradicional festa à lemanjá volta a acontecer em João Pessoa, nesta quinta-feira (8), após dois anos de interrupção por conta da pandemia de Covid-19. Realizada no Busto de Tamandaré, entre as praias de Cabo Branco e Tambaú, o tema escolhido este ano é 'Intolerância Fora' para levantar a discussão sobre intolerância religiosa. O evento tem início às 16h, quando uma caminhada vai sair do Palácio de Xangô, no bairro de Cruz das Armas, guiada por Pai Gilberto, que conduz a caminhada já há muitos anos até o Busto de Tamandaré. A chegada é prevista por volta das 20h. Antes disso, já a partir das 19h, no Busto de Tamandaré, a abertura da tradição vai ser realizada com fogos de artifícios e com balões, que carregam dentro frases sobre o problema da intolerância religiosa. A queima de fogos, em homenagem a lemanjá, junto com a apresentação de um grupo de afoxé acontece às 22h da noite. O evento deve durar até 00h. "Nós sofremos todos os dias

com intolerância religiosa. Isso é uma doença que precisa ser destruída, e para isso acontecer, todos têm que se unir. Pedir forças a Deus e a Iemanjá”, disse Mãe Penha, uma das organizadoras da tradição, em entrevista à TV Cabo Branco (G1 Paraíba, 2022, s. p.).

Muito foi conquistado em tempos duros de perseguições, chegamos a ter destaque internacionalmente, a acolher pesquisadores obtendo reconhecimento no ambiente acadêmico. E com as matérias de jornais e alguns destaques retirados da internet mostram a riqueza das festividades e dos feitos realizados tanto pelo Arquicancelário como dos babalorixás e das ialorixás que se dispuseram a lutar estando sempre presentes e daqueles que ainda se dispõem a lutar pelo bem da religião afro-indígena brasileiro. “E assim o presente valoriza o passado, e o passado é valorizado no presente”. (Prandi, 1991, p. 88).

## **UMA MISTURA DE UNIÃO, DIVERGÊNCIA, CRENÇA E ESPERANÇA: ORA YÊ YÊ, OXUM!<sup>81</sup>**

Branco de babá Oxóssi  
Azul de babá Oké  
Oxum bordou seu vestido  
Com a luz do amanhecer

---

<sup>81</sup> *Ora Yê Yê, Oxum* - saudação ao Orixá Oxum - significa salve a senhora da bondade. Salve mãezinha benevolente. Rainha da água doce.



Oxum era uma menina  
Que esqueceu de envelhecer  
E quanto mais que ela chore  
O rio não para de correr  
Ora minha yaê, êê

Chamar pelo orixá Oxum é se banhar nas cachoeiras e nas águas dos rios. É a deusa do ouro, da beleza, do amor, da fertilidade. Corresponde aos católicos a Nossa Senhora do Carmo. Sua ferramenta é o seu abebé<sup>82</sup>. Suas cores são o amarelo e branco. Sua comida pode ser ofertada um doce de mamão. Dia da semana sábado. Suas paramentas abebé, adê<sup>83</sup>, entre outros. E por ser o orixá também da saúde, da paz e da tranquilidade que acentuamos o orixá Oxum a este momento em que percorre os fatos marcantes da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola.

Destacamos a união que havia entre os umbandistas quando nos referimos às celebrações, ao respeito entre eles, as contradições e a esperança de tornarem livres. Exemplo: a força de todos(as) em prol da liberdade, da vontade de juntos apresentarem a Umbanda e a Jurema a sociedade, quando todos(as) se reuniam para tomadas de decisões em relação às programações festivas entre tantas outras realizações, concretizadas coletivamente.

O Arquicancelário Carlos Leal fazia visitas aos terreiros em todo o Estado e se preocupava com o andamento e os segmentos de alguns e a federação tinha uma preocupação de manter a ordem para que as autoridades não pudessem voltar a se fazer presente. A federação tinha o papel em defender sempre que necessário nos acontecimentos ocorridos nos terreiros de

---

<sup>82</sup> Abebé - é um leque em forma de círculo na cor dourada com um espelho no centro.

<sup>83</sup> Adê - é uma coroa que vem acompanhado do chorão, nome dado às miçangas que ficam presas no adê com a função de cobrir o rosto do filho.

Umbanda. Mas com o surgimento de uma crise na Umbanda devido ao conflito entre a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba e a Cruzada Espírita Umbandista Afro-Brasileira chegou até a justiça ocupando as atenções do Secretário da Segurança Pública o general Nogui Villar e da vara de menores o Sr. Mário de Moura Rezende em relação a permissão do juizado para que de menores pudessem frequentar os terreiros existentes nos bairros de João Pessoa. E os presidentes os senhores Carlos Leal Rodrigues e Ednaldo da Silva discutiram na presença do juiz e de 50 adeptos da seita e Carlos Leal apelando para o lado sentimental alegou que estava

[...] sendo perseguido pelos próprios seguidores da umbanda por uma maioria que não quer ver a religião evoluir em terreiros de umbanda. Carlos Leal chegou a se considerar um dois cristo, “pois estou sendo perseguido pelos próprios seguidores da umbanda por uma maioria que não quer ver a religião evoluir em nosso Estado. Se for preciso derramará, “meu próprio sangue para que a minha religião seja respeitada e cumprida (Carlos Leal Rodrigues, Jornal A União, 03/01/1973).

Mas o juiz acaba com a discussão sem dar razão a nenhuma das duas federações informando que os menores poderão frequentar centros de Umbanda por meio de uma carteira assinada pelo juizado e que não cabia a nenhuma das federações discutir o aspecto jurídico das duas sociedades. Percebe-se desde então alguns conflitos entre as federações, porém olhemos para aqueles pais e mães de santo que tinham filhos menores ou aqueles que buscavam ajuda espiritual. A Figura 73 apresenta em seu título a eventualidade entre a

rivalidade provocando crise na Umbanda na cidade de João Pessoa.

**Figura 73** - “Rivalidade provoca crise na Umbanda” - Jornal A União (03 de janeiro de 1973)



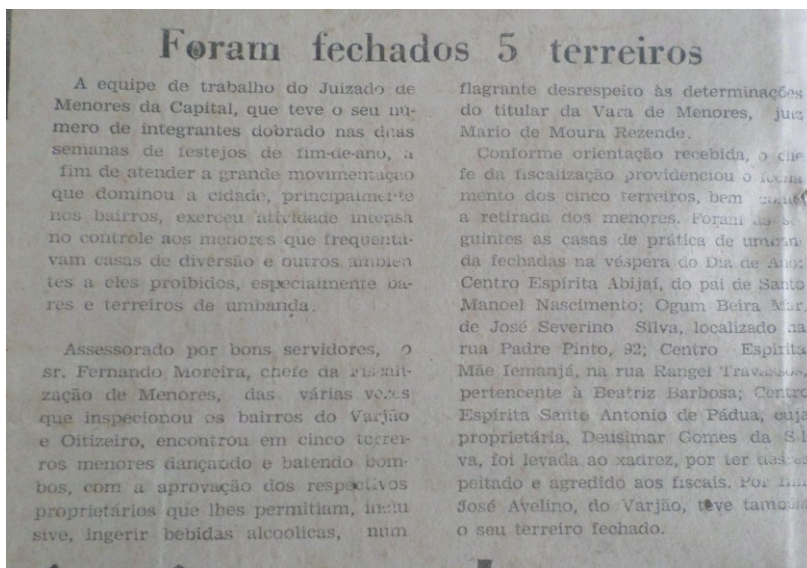
Fonte: IHGP.

E, diante dessas discussões as autoridades policiais fizeram fiscalização culminando com o fechamento de 5 terreiros e bares em razão da presença de menores nesses espaços. O Sr. Fernando Moreira, chefe da fiscalização de menores, das várias vezes que inspecionou os bairros do Varjão e Oitizeiro encontrou menores dançando e batendo bombos, diz que com a aprovação dos respectivos responsáveis, sendo um flagrante desrespeito às determinações da titular da vara de menores, a juíza Maria de Moura Rezende.

Casas foram fechadas, dentre estas o Centro Espírita Mãe Iemanjá pertencente a Beatriz Barbosa, Mãe Beata, à época, considerado um dos maiores centros espíritas do Estado. Mas, a preocupação do juiz Fernando Moura por causa do desrespeito às determinações da juíza Maria de Moura Rezende e da rivalidade entre as federações recomendou que os umbandistas deixem de lado leis e status para seguirem unidas a sua religião e sem confusões entre federação e cruzada. E a senhora Maria Rezende reforçou o conselho lembrando o exemplo da igreja católica, “onde quem manda na religião é um Estado, é um bispo.

Devido a tal organização, quando um padre vai celebrar uma missa não é necessária uma ordem da polícia"; fala está exposta na Figura 74.

**Figura 74** - A reportagem sobre os terreiros que foram fechados por conter menores participando - Jornal A União (03 de janeiro de 1973)



Fonte: IHGP.

Ainda em relação a menores frequentarem terreiros o Jornal A União intitula a reportagem como: *Pedido de controle de menores na umbanda*. A reportagem expõe a fala do juiz Mário de Miranda de Moura Rezende para que houvesse um controle dos menores como aponta a Figura 75.

**Figura 75** - Reportagem - “Pedido de controle de menores na umbanda” - Jornal A União (04 de janeiro de 1973)



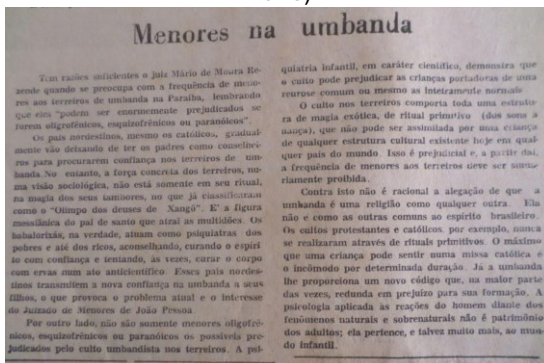
Fonte: IHGP.

A nota do jornal apresentada na Figura 76, retrata sobre o que ocorreu entre o juiz Mário de Miranda de Moura Rezende contradizendo o que fala os juízes apontado na Figura 74 e que se preocupa com a frequência de menores aos terreiros de Umbanda na Paraíba, lembrando que eles “podem ser enormemente prejudicados se forem oligofrênicos, e esquizofrênicos ou paranoicos”. E que os pais nordestinos, mesmo os católicos, gradualmente vão deixando de ter poderes como conselheiros para procurarem confiança nos terreiros de Umbanda. Os babalorixás na verdade atuam como psiquiatras dos pobres, até dos ricos, aconselhando, curando o espírito com confiança e tentando, às vezes, curar o corpo com ervas num ato anticientífico. E que não só somente os menores oligofrênicos, e esquizofrênicos ou paranoicos serão prejudicados. A psiquiatria infantil, em caráter científico demonstrou que o culto pode

prejudicar as crianças portadoras de uma neurose comum ou mesmo as interinamente normais e que o culto nos terreiros comporta toda a magia exótica, de ritual primitivo (dos sons a dança) e que não pode ser assimilada por uma criança de qualquer estrutural cultural do existente hoje em qualquer país do mundo. Disse que isso era prejudicial a partir daí a frequência de menores aos terreiros deve ser seriamente proibida. E que contra isto não é racional a alegação de que Umbanda é uma religião como qualquer outra. E que ela não é como as outras comuns aos espíritos brasileiros e que os cultos protestantes e católicos por exemplo nunca se realizaram através de rituais primitivos. E o máximo que uma criança pode sentir numa igreja católica é o incômodo por uma determinada duração. E com essa preocupação que diz sentir as autoridades, a pesquisadora como praticante da Umbanda e da Jurema desde 1 ano e seis meses de vida, pode sentir o preconceito e o não reconhecimento e a falta de respeito às religiões diante da escrita na reportagem, entendendo assim as divergências entre os juízes.

Notícia destacada na Figura 76.

**Figura 76 - “Menores na Umbanda” - Jornal A União (05 de janeiro de 1973)**



Fonte: IHGP.

E, assim, amplia-se o desentendimento entre os umbandistas que se mantinha entre eles devido a criação de uma nova federação. Mas quando se tratava dos menores nos terreiros Carlos Leal ainda saía em defesa como bem descreve a Figura 77. Sai em defesa dos terreiros dando explicações e fazendo visitas pois acreditava ser esse um dos papéis das federações em se preocupar com as notícias que podem atingir compreensões desfavoráveis as religiões. Explicando que a polícia não fechou o terreiro e que não tem a mínima veracidade e que o comparecimento de crianças aos cultos de Umbanda é obra de uma minoria “que não querem seguir as normas da federação”. O babalorixá culpa também alguns irresponsáveis que, com suas badernas na Umbanda, conseguiram prejudicar cinco pais de santo e que a Umbanda não cairá enquanto ele for presidente. Explica que o que foi fechado foi um templo de um homem que trabalhava em mesa branca e sem autorização da federação assegurando que o proprietário do templo não pertence a umbanda e nem era sócio da Federação dos Cultos Africanos.

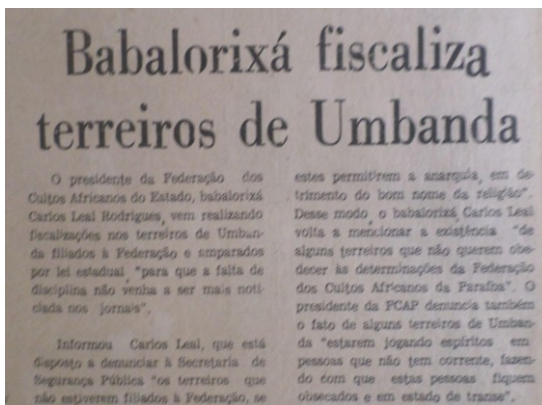
**Figura 77** - Defesa do presidente da federação aos terreiros barrados pela polícia - Jornal A União (12 de janeiro de 1973)



Fonte: IHGP.

Contudo, Carlos Leal conforme mostra a Figura 78, afirmou continuaria a fiscalizar os terreiros, e se necessário denunciaria à secretaria de segurança pública os terreiros que não estiverem filiados à federação e que estivesse em desacordo com as determinações legais, administrativas e religiosas da federação. Devemos pensar que depois da assinatura as crianças que por muitos anos se escondiam embaixo dos axós de seus responsáveis quando as autoridades chegavam, puderam se fazer presente dentro das festividades religiosas como bem são expostas nos registros de Mãe Beata.

**Figura 78** - Compromisso do Sr. Carlos Leal se propôs a fazer: como fiscalizar terreiros de Umbanda - Jornal A União (18 de janeiro de 1973)



Fonte: IHGP.

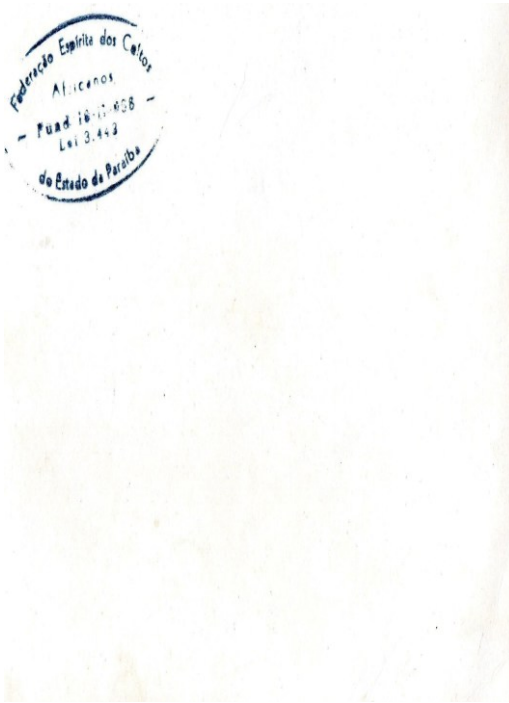
Possivelmente, a criação da nova federação tenha se dado em razão da pluralidade de pensar protocolar e administrativamente a entidade, bem como uma forma de oposição ao pensamento do arquicancelário Carlos Leal Rodrigues, que possuía uma linha gestora firme discordante das opiniões e vontades de alguns outros sacerdotes.



Muitos porquês vêm à mente, mas sabemos também que muitas federações negligenciam processos administrativos, favorecendo o surgimento de pessoas descomprometidas com a prática religiosa, alimentando certos charlatanismos. Todavia, vale ressaltar que as discordâncias que levaram a criação de uma nova entidade, não desfez amizades construídas ao longo do tempo como a do Arquicancelário Carlos Leal e Mãe Beata. Nesse sentido, Mãe Ceíça (2022) reitera sobre a admiração que eles alimentavam: *O Arquicancelário a Mãe Beata a qual era destinada a fazer as aberturas das apresentações nas Mostras de Terreiros, ao fazer entregas de certificados aos considerados pela federação como Autoridades do Estado*. A Figura 79 mostra Mãe Beata entregando certificados a algumas pessoas consideradas autoridades do Estado.

**Figura 79** - Mãe Beata fazendo a entrega dos certificados da FECAP as autoridades do Estado assim considerados pela FECAP - (10 de março de 1971- frente e verso)





Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Nas cenas de representatividade política e cultural da religião, Mãe Beata sempre aparece, em muitos momentos, trazidos pelo Arquicancelário Carlos Leal como por exemplo, conforme relata Mãe Ceixa (2022) em relação a chegada dos turistas na Paraíba procurando por Carlos Leal.

[...] chegavam a Paraíba já vinham informados do que era, do que ia encontrar na Paraíba com a cultura, parte cultural da jurema, dos orixás, procurava Carlos Leal Rodrigues [...] mas durante os eventos que Carlos leal fez com vida ele, o lado turístico era bem recebido, participavam dos cultos

porque Carlos Leal mesmo fazia questão de fazer visitas nos terreiros o de Mãe Beata, o de Maria do peixe (Dona Maria dos prazeres) aqui na torre. Os terreiros de Bayeux o do finado Dudu. Ele saía apresentando os terreiros o jeito de cada um cultuar as nações uma era ketu, outro Angola, então os turistas gostavam de acompanhar e daí quando eles voltavam pra que, pra federação e Carlos Leal ia explicar o significado de cada um deles, de cada terreiros que eles iam [...] (Mãe Ceíça, 2021- informação verbal)<sup>84</sup>.

Mãe Beata com sua sabedoria religiosa era bem conhecida pela sociedade paraibana, conforme depõe Anco Márcio (2022):

Era uma mulher de axé. Axé no verdadeiro sentido da palavra, sabe! Hoje em dia você escuta dizer ‘tem santo’ porque muita gente é adepta, gosta, deve ter seu grau, tem sua mediunidade mas vamos dizer que ela tinha um grauzinho, aquele canal mais elevado. Eu sei que cada um tem, mas a frequência de cada um é que faz a diferença.

Foi a primeira Mãe de Santo na Paraíba a celebrar o casamento na Umbanda com efeito civil, evento ocorrido no dia 28 de março de 1970 o casamento religioso da filha biológica do Arquicancelário Carlos Leal, a senhora Maria da Penha Ataíde com o senhor Carlos Roberto Ataíde (Pai Robertão), os quais foram seus filhos de santo.

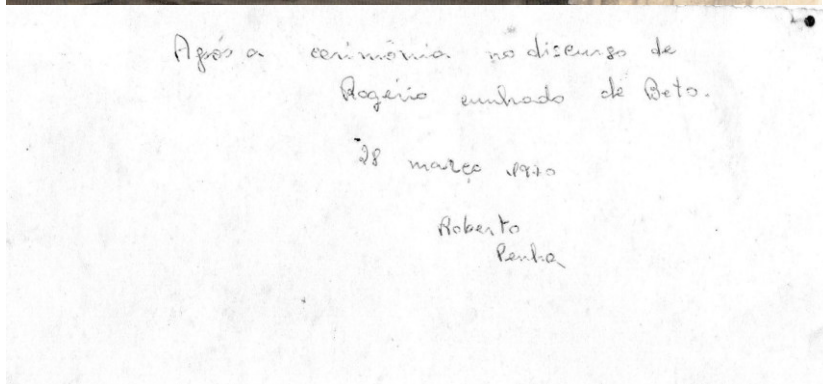
A cerimônia aconteceu no Templo de Umbanda Iemanjá na Rua Rangel Travassos, no 1098, no bairro do Rangel, a cerimônia

---

<sup>84</sup>Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

foi presidida pela lalorixá Beatriz Barbosa de Souza (Mãe Beata) e assistida por centenas de amigos dos nubentes e fiéis como bem nos afirma a Figura 80. Da esquerda para a direita Mãe Beata, Pai Robertão (noivo), Mestre Carlos Leal (pai da noiva), o juiz, Maria da Penha (noiva), Zete Farias e os demais filhos(as), visitantes e convidados.

**Figura 80** - Registro do primeiro casamento na Umbanda com efeito civil realizado por Mãe Beata em seu terreiro (frente e verso)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Corroborando com o destaque da Figura 81 temos a nota do I Jornal da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba - “Umbanda no Lar”.

**Figura 81** - Registro do Jornal Nossa Lar sobre o casamento na Umbanda



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Esclarece Mãe Ceixa (2022) que,

No casamento de Penha meu finado marido levou Ernani Tavares era deputado estadual, Joacil de Brito<sup>85</sup> e quem ele tinha do meio político ele convidou e foram para o casamento de Penha que foi o primeiro

<sup>85</sup> Informações nos leva a questionar se o deputado Joacil de Brito é o representante udenista que procurou subordinar a federação dos terreiros de Umbanda e demais cultos sobre exercício e funcionamento em todo o território paraibano em 1962?

casamento [com efeito civil realizado no Estado]. Houve até uma despeita porque ele escolheu Beata, mas porque ela (Penha) era filha de Santo de Mãe Beata.

Já o segundo casamento realizado na Umbanda com efeito civil foi celebrado no Terreiro Caboclo Guarany em João pessoa onde uniu a atriz-cantora e mãe de Santo Zete Farias e o radialista Assis Mangueira ambos, funcionários da Rádio Tabajara<sup>86</sup>. O fragmento acima é apresentado pelo Jornal A União do dia 22 de dezembro de 1970 está representado na Figura 82.

**Figura 82** - Segundo casamento realizado na Umbanda de Zete Farias com Assis Mangueira (22 de dezembro de 1970)



Fonte: IHGP.

<sup>86</sup> Rádio Tabajara - fundada no dia 25 de janeiro de 1937 sendo a primeira rádio da Paraíba e uma das 100 emissoras mais antigas do Brasil e hoje integra a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

Percebe-se o quanto Mãe Beata sentia o prazer em suas práticas religiosas, pois se sentir pertencente a uma religião tão discriminada e sendo uma mulher negra, é sentir que as mulheres também têm força e vai à luta a partir de objetivos bem delineados. Essa força apresentada por Mãe Beata, também se reflete em pleno século 21, quando temos que continuar a luta em defesa do respeito constitucional de um estado laico. Prática que na condição de umbandista tenho, como mulher que fazer cotidianamente.

Mãe Beata inseri neste período um terceiro nome o [Beatriz] e conquista respeito acadêmico, ao ser convidada pelo Professor Universitário Marcos Navarro na década de 70 para que ela, enquanto representante legítima da religião de matriz afro-indígena, fosse a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), discorrer sobre a temática, tornando-se, dessa maneira, a primeira umbandista a adentrar nos muros da academia, propiciando o efetivo encontro entre a ciência e cultura popular, como bem relata Pai Robertão<sup>87</sup> de Iemanjá em depoimento concedido a Silva, Oliveira e Rosa (2019, p. 154): “Mãe Beata foi a primeira sacerdotisa afro-brasileira a adentrar a Universidade Federal da Paraíba a convite do professor Marcos Navarro na década de 70”. Anco Márcio (2022) destaca em uma de suas falas que,

Roberto disse que acompanhou ela várias vezes a dar palestras tanto para a UFPB, como no teatro, como apresentações diversas. Roberto dizia que quem visse ela falar, dizia que era uma doutora, porque ela falava do que sabia, falava como propriedade de que conhecia... Ela tinha uma liderança e um conhecimento que conversava com doutores de igual para igual,

---

<sup>87</sup> Filho de santo de Mãe Beata falecido em 2021 de Covid-19.

com pessoas de relevância sociocultural, não só socialmente mas culturalmente também, mas ela tinha um perfil, ele dizia que quem não soubesse dizia que essa mulher era uma catedrática.

Considerando o que está posto observa-se que falar sobre Mãe Beata é perceber uma mulher à frente de seu tempo, quando também se permite ser iniciada por um pai e mãe de santo vindos da Bahia, tornando assim, a primeira mulher a ser feita no Candomblé Angola na cidade de João Pessoa. Tal atitude, pode ser considerada um divisor de águas entre a Umbanda e o Candomblé, todavia, se visto por outro ângulo, uma ação que provoca, ao mesmo tempo, uma junção, pois Mãe Beata realizava o Candomblé quando a família religiosa vinha da Bahia ou quando ia iniciar um filho de santo, ao tempo em que ela continuou cultuando a Umbanda porque os filhos de santo sentiam dificuldades em adaptar-se às novas toadas e enquanto não aprendessem ela praticava a Umbanda.

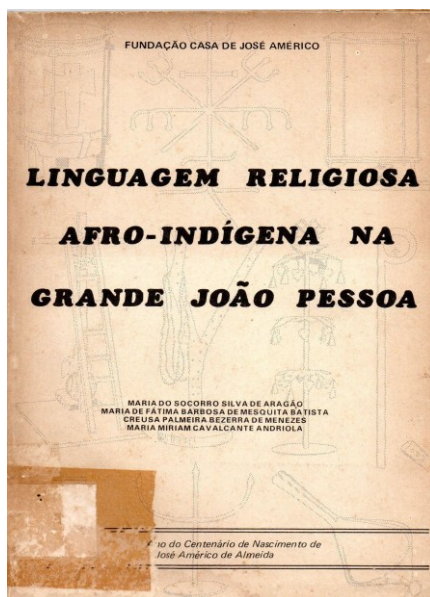
Solicita, sempre foi procurada por acadêmicos em busca de seu conhecimento religioso, tanto que em 1987, foi publicado o livro *“Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa”*, fruto de inúmeras entrevistas não apenas com Mãe Beata, mas também com outros(as) religiosos(as) umbandistas, candomblecistas e juremeiros. Todas(os) juntas(os) contribuíram para a construção desta pesquisa materializada em livro, que acabou sendo premiado no Concurso Literário IV Centenário da Paraíba. Pode-se dizer que este foi uma pesquisa, de certo modo, pioneira materializando para o futuro fatos significativos da nossa gente e de seus hábitos e crenças.

Os pesquisadores do trabalho Aragão *et al.* (1987) ofereceram o trabalho aos Cultos Afro Indígenas da Paraíba e agradeceram a todos que colocaram seu conhecimento para que eles pudessem trazer à cena conhecimentos de suas práticas



religiosas, para tanto registrara, como efetivos contribuintes, Mãe Ceça, Pai Dudu, Mãe Rosa, Mãe Beata, Mãe Tilinha, Francisco Cardoso da Silva (Pai Cardoso), João Vilarim Meira, Edivaldo Gomes da Silva, Jardecilha Luiza de Souza, Terezinha Pelágio e Gilberto Cândido da Silva e os professores José Elias Barbosa Borges pelos ensinamentos e pelo prefácio, André Luiz por contribuir com as fotografias, Luiz Carlos de Terra Neto e Aderaldo Silva pela ajuda nas identificações das plantas científicas e a Afrânio Aragão pelas sugestões. A Figura 83 expõe a capa do livro que tem Mãe Beata como entrevistada.

**Figura 83** - Capa do livro – linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa (1985)



Fonte: acervo da Biblioteca Branca Dias (2021).

Já se sente o peso de se realizar pesquisas principalmente no nosso próprio meio de vivência, mas é necessárias estas

conquistas para que no futuro, a nova geração conheça um pouco não apenas de ouvir falar mas podendo afirmar cientificamente assim como está sendo realizado ao apresentar a Ciência da Informação a cartilha paraibana, o livro linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa e a Dissertação: Religiões Afro-Brasileiras No Terreiro Da Política Paraibana: Uma Análise Histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais (2016) de Maria Isabel Pia dos Santos. Pois “a principal ferramenta de sobrevivência do homem é sua mente”. (Richardson, 2012, p. 20).

Desse jeito é possível fazer valer cada detalhe registrado nesta pesquisa para que no certo momento possa servir como está sendo cada registro pesquisado quando saímos na busca da informação seja escrita, falada, imagética, além de poder desmistificar certas informações falsas.

Podemos apontar com clareza os pioneiros de vários acontecimentos. Como também podemos argumentar e trazer fatos novos, indagações de concordância ou não, isso é o que faz a ciência.



# **REGISTRANDO O NASCIMENTO DE UMA NOVA FILHA**

Destaca-se que “[...] todo indivíduo morto pode converter-se em um objeto de memória e de identidade, tanto mais quando estiver distante no tempo” e “[...] a memória dos mortos é um recurso essencial para a identidade” (Candau, 2021, p. 143-145). Reforça Batista (2014, p. 43) que “[...] a identidade brota entre os túmulos da comunidade, mas floresce graças à promessa da ressurreição dos mortos”.

É libertar toda uma história que permeia toda uma vida trazendo a um grupo ou até mesmo a um único ser toda uma trajetória possibilitando descobertas para certos mistérios embora não haja explicações para alguns mistérios ou que certas explicações permaneçam na imaginação. Segundo Ricoeur (2007, p. 27): “[...] a memória e a imaginação partilham o mesmo destino”, nos levam a compreensão de que a memória nos permite conhecer, sentir e imaginar. E “contar as histórias dos antepassados é também transmitir a força deles. Saber a tradição e estar protegido, fortalecido [...]” (Evaristo, 2022, p. 08)

Nascida no dia 18 de junho de 1922 no município de Bonito de Santa Fé, na Paraíba, Maria Barbosa de Souza foi apresentada na Figura 84, conhecida como Mãe Beata, filha do Sr. José Pedro da Silva e da Sra. Deolinda Maria da Conceição.

**Figura 84 - Mãe Beata**



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Mãe Beata veio para João Pessoa ainda jovem e aqui firmou-se construindo sua família ao lado do senhor João Cândido de Souza (Pai João de Oxalá) filho do Sr. Cândido de Souza e da Sra. Joaquina Maria da Conceição, natural de Piancó/PB. Pai João faleceu aos 81 anos no dia 15 de julho de 1996 nesta capital. Homem tranquilo, mas com pulso firme, relata à sua filha Eronilda Cabral (2022) que seu pai fez parte do cangaço de Lampião (cangaceiro brabo) deixado porque foi proibido, ou saía ou morria. E viveu com sua família em torno da religião e na religião tanto Pai João quanto Mãe Beata fizeram sua passagem. A Figura 85 mostra as certidões de óbito de Mãe Beata e Pai João.

**Figura 85 - Certidões de óbito de Mãe Beata e Pai João**

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**REGISTRO CIVIL**  
 3º Cartório do Registro Civil da Cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba  
 JOÃO PESSOA  
 Município de Póvoas Magalhães Localidade Póvoas Magalhães

**CERTIDÃO DE ÓBITO**  
 Nº 100-134-12

CERTIFICO que, no dia 02 de março de 1989, faleceu a senhora **Eronilda Cabral**, nascida em 10 de março de 1926, filha de **João Cabral** e **Antônia Cabral**, natural de **João Pessoa**, profissão **doméstica**, residente e domiciliada em **rua Dr. Manoel de Araújo 1091, bairro Cruz das Armas, cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba**, sendo que a causa da morte foi **doença cardíaca**, tendo sido constatada por **Dr. Manoel de Araújo**, médico de família, residente e domiciliado em **rua Dr. Manoel de Araújo 1091, bairro Cruz das Armas, cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba**.

Foi declarada a morte por **Dr. Manoel de Araújo**, médico de família, residente e domiciliado em **rua Dr. Manoel de Araújo 1091, bairro Cruz das Armas, cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba**.

O sepultamento foi no cemitério de **São José - João Pessoa**.

O referido é verdade e deu fé.  
 João Pessoa, 06 de março de 1989.  
 F. CERTIDÃO REGISTRO CIVIL  
 Maria de Fátima Diniz dos Santos  
 João Pessoa - Paraíba

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**REGISTRO CIVIL**  
 7º Cartório Civil da Cidade de João Pessoa  
 Capital do Estado da Paraíba  
**JOÃO PESSOA**  
**OFICIAL**

**ÓBITO Nº 3005**

CERTIFICO que, no dia 16 de julho de 1992, faleceu o senhor **João Pessoa**, nascido em 16 de julho de 1926, filho de **João Pessoa** e **Antônia Cabral**, natural de **João Pessoa**, profissão **doméstica**, residente e domiciliado em **rua Dr. Manoel de Araújo 1091, bairro Cruz das Armas, cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba**, sendo que a causa da morte foi **doença cardíaca**, tendo sido constatada por **Dr. Manoel de Araújo**, médico de família, residente e domiciliado em **rua Dr. Manoel de Araújo 1091, bairro Cruz das Armas, cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba**.

Foi declarada a morte por **Dr. Manoel de Araújo**, médico de família, residente e domiciliado em **rua Dr. Manoel de Araújo 1091, bairro Cruz das Armas, cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba**.

O sepultamento foi no cemitério de **São José - João Pessoa**.

O referido é verdade e deu fé.  
 João Pessoa, 16 de julho de 1992.  
 Oficial  
 Luiz Antonio de Souza

Fonte: acervo pessoal de Eronilda Cabral (2022).

Quanto ao falecimento de Mãe Beata, registra Silva, Oliveira e Rosa (2019) que foi em 02 de fevereiro, data que os autores acessam por meio de entrevista oral. Todavia, o atestado de óbito aponta que a data de falecimento foi dia 03 de março de 1989. Para este estudo adotamos a data do documento oficial.

Faleceu nesta capital vitimada por problemas de saúde e sepultada no Cemitério São José, situado no bairro de Cruz das Armas. Já em estado doentio, fez um pedido aos familiares, que sua lápide fosse em cova rasa, tendo sua vontade sido respeitada. Como traz a Figura 86.

**Figura 86** - Registro do dia do sepultamento de Mãe Beata no cemitério São José



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A Figura 87 expõe o santinho da missa de 1 ano celebrada em memória do falecimento de Mãe Beata.

**Figura 87** - Santinho da missa de 1 ano do seu falecimento de Mãe Beata (1990)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Em 2021 sua lápide apresentada na Figura 88, além de apresentar algumas modificações permanece em cova rasa e nesse ano foi furtado de sua lápide o registro que identifica que



naquele local foi sepultada Mãe Beata. Além de Mãe Beata, hoje estão sepultados no mesmo local seu esposo Pai João, sua filha Eurídice Barbosa e seu neto Elias Barbosa.

**Figura 88** - Lápide de Mãe Beata (2021)



Fonte: acervo pessoal de Kaynara Barbosa. Registro do dia 17 de setembro de 2021.

Pai João e Mãe Beata foram pais biológicos de duas meninas chamadas por Eurídice Barbosa de Souza nascida em João Pessoa/PB e falecida no dia 29 de outubro de 2007 aos seus

69 anos de idade na mesma capital e de Eronilda de Souza Cabral natural de João Pessoa nascida no dia 26 de janeiro de 1941, colabora ativa desta pesquisa. Nos menciona Dona Eronilda Cabral (2022) que ela e sua irmã sempre tiveram uma infância boa e tranquila e que seus pais eram muito bons.

A Figura 89 revela a felicidade que se encontram Mãe Beata e Pai João ao lado de suas duas filhas e de sua sobrinha Mãe Anália (*in memoriam*) da esquerda para a direita Mãe Eurídice<sup>88</sup>, Mãe Beata, Pai João, Mãe Anália<sup>89</sup> e Eronilda.

**Figura 89** - Mãe Beata com suas filhas, seu marido e sua sobrinha (Mãe Anália)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

---

<sup>88</sup> Mãe Eurídice iniciada na religião por Mãe Beata.

<sup>89</sup> Mãe Anália sobrinha de Pai João. Mãe de santo residente no Bairro do Varjão na cidade de João Pessoa/PB. Iniciada na religião por Mãe Beata e sobrinha de Pai João. Faleceu em 2021 devido ao Covid-19.

No decorrer de sua vida, Mãe Beata buscou viver para a família e a religião a qual preservava, cuidava e defendia. Foi uma mulher de muitas decisões, valente e rígida, características destacadas por Dona Eronilda Cabral, Mãe Ceíça, Mãe Marinalva, Mãe Silvinha, Anco Márcio e Mãe Karina.

*Muito cuidadosa e vaidosa, estava sempre bem vestida, com os cabelos tratados, de cor preta, eram lindos, lhe adornavam o rosto e vinha até a cintura* (Mãe Ceíça, 2022).

*Cabelos longos e ondulados, unhas bem-feitas e dona de casa* (Mãe Karina, 2022).

Ela fazia as coisas de casa, fazia tudo e colocava as filhas também para aprender (risos), mas sempre tinha alguém da umbanda assim para fazer, ajudar, ela foi uma boa mãe, sempre nos colocou para estudar, eu sempre fui mais preguiçosa, a Eurídice era mais ativa” (Eronilda Cabral, 2022).

Era uma mulher negra apesar de não ter escolarização formal, ela dominava bem a leitura e a escrita de forma autodidata. Relata Eronilda Cabral (20220): *Mãe Beata não se profissionalizou, vivia da religião, mas estudou, ela lia muito e escrevia*. Reforçando a fala de Dona Eronilda Cabral exponho que Mãe Beata sempre incentivou ao estudo como bem complementa Mãe Karina (2022) relata,

Sempre fui motivada a estudar por ela que não permitia ficar em casa, não permitia faltar aula. E com voltar a esse tempo as lembranças me levam aos lanches que ela colocava na lancheira (biscoito com kisuk de laranja) e sempre havia alguém para me

levar, buscar e cuidar de mim durante os quase 10 anos em sua companhia (Mãe Karina, 2022).

Constata Evaristo (2022, p. 08) que “a memória e o relato da história se transformam em lição, explicando o mundo e orientando a vida”. Nesse sentido, entende-se que Mãe Beata compreendia a educação como um caminho a ser trilhado e sem abrir mão da religião, pode se dizer que ela via na educação uma preparação secular, uma forma de defesa do ser humano diante das críticas apresentadas pelas elites fazendo da educação a possibilidade de escolher seu próprio caminho (Freire, 1967). Pois Mãe Beata incentivava não só aos seus, mas a todos os que com ela conviviam e que *dentro de casa como na religião, não tinha preconceito, tratava todos do mesmo jeito* (Eronilda Cabral, 2022), *recebia todo mundo da mesma forma* (Mãe Ceíça, 2022).

Anco Márcio ainda reitera, o que relatou Mãe Ceíça (2022) que Mãe Beata “*era muito vaidosa, se vestia muito bem e queria as coisas mais organizadas e queria que seus filhos tivessem uma boa apresentação*” e que na parte religiosa,

Em primeiro lugar destaca que o que escutava das pessoas mais velhas era o que ela tinha na mão o axé. A questão de ser certa. Exemplo: Se entrasse para resolver alguma coisa ela resolvia. E entrava e sabia com propriedade o que fazer e onde ia chegar (Anco Márcio, 2022).

Diante das informações colhidas sobre Mãe Beata em entrevistas todas reforçam o cuidado dela para com as pessoas, como ela tratava bem a todas(os) sem distinção, ela apenas acolhia. Na Figura 90 exibe Mãe Beata no seu terreiro em dia de toque de orixá realizando um ritual, utilizando a água e um ponto acesso (vela), mas esse segredo só a mesma poderia nos dizer.

**Figura 90** - Mãe Beata em seu terreiro no dia de festa de santo



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Era uma sacerdotisa que acreditava no ser humano e tinha muita fé nos Orixás e nas entidades da Jurema Sagrada. Suas incorporações “as manifestações dela, tinha uma caboclinha chamada Ceci e Roberto<sup>90</sup> elogiava muito, muito e muito. Roberto dizia que era impressionante a cabocla Ceci e das coisas que aconteciam” (Anco Márcio, 2022). A seguir na Figura 90 ilustra Mãe Beata incorporada dentro do quarto de Jurema.

---

<sup>90</sup> Conhecido como Pai Robertão de Iemanjá, era companheiro do Sr. Anco Márcio.

**Figura 91** - Mãe Beata com seu penacho incorporada em seu quarto de Jurema



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Mãe Beata buscava na sua crença ser o que quisesse, lutou para ser ouvida e respeitada e não aceitava ser desrespeitada nem como cidadã e nem como religiosa. Ao responder sobre Mãe Beata, Anco Márcio (2022) diz que ela foi uma mulher:

Respeitada, invejada pela figura dela porque ela era uma mulher que hoje a gente luta por esta questão da mulher negra, da representação e ela foi tudo numa época que nem se falava nisso. Mãe Beata era muito respeitada pela comunidade, pelos feitos e pela postura. Isso já ouvi de várias pessoas, inclusive da Bahia, que ela tinha postura de rainha.

Mãe Beata era muito bem assistida, bem recebida e reconhecida em todos os lugares que ia. Havia muitos filhos de santo independente de condições financeiras tinha do mais humilde a grandes políticos. Suas festas recebiam inúmeros visitantes, muitos dos políticos também seus filhos de santo que não participavam das festividades públicas, mas sempre ajudava quando necessitava e quando realizavam seus pedidos no particular.

Famosíssima e que Mãe Beata pela parte do santo era respeitadíssima e atendia a alta sociedade que a lemanjá dela era riquíssima. Roberto dizia assim que ela tinha um verdadeiro tesouro nos pés de lemanjá. Muitas vezes as pessoas iam pagar as coisas, ela não recebia dinheiro, mas as pessoas davam presentes.

Diz Mãe Karina (2022) que:

Mãe Beata sabia conduzir sua vida pessoal da religiosa e sobre isso ela bem ensinava aos seus filhos e a mim como bisneta. Aprendi e levo no meu dia-a-dia a separar vida pessoal da vida religiosa. Deixo de lado algum problema com determinadas pessoas quando se trata do momento religioso Trato seja lá quem for da mesma maneira, mesmo aqueles iniciantes os quais chamamos de *anbiãs*<sup>91</sup>. Aprendi com minha bisa acolher

---

<sup>91</sup> *Anbiãn* – filhos iniciantes na religião.

independente de quem me procure e de quem busque saber ou aprender.

Observa-se que Mãe Beata além de seu lugar de mãe de santo conceituada, era respeitada e procurada por diversas pessoas pois sabia acolher, cuidar, talvez essa tenha sido uma de suas maiores virtudes, o respeito ao ser humano.

## MÃE BEATA E SEU ESPAÇO SAGRADO

Antes da liberação da umbanda em 1966 na cidade de João Pessoa/PB Mãe Beata já batia seus *elús*, tendo seu primeiro terreiro sido instalado no bairro do Cristo Redentor, próximo ao Departamento de Medicina Legal (IML) “*era pequeno e o segundo já era maior, tinha muitos filhos de santo, era um casarão*” (Mãe Ceixa, 2022).

O segundo terreiro foi construído em 1971, na Rua Rangel Travassos, nº 1098, no Bairro do Rangel, momento em ela ergueu o casarão e firmou o seu terreiro, conforme revela a Figura 92, fachada do Terreiro.

**Figura 92** - Fachada do terreiro antes das mudanças realizada no prédio



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.



O terreno em que se instalou era amplo possibilitando instalar, além de sua residência o terreiro, conforme assegurou Eronilda Cabral (2002) *“Era um espaço bem arejado e organizado, era muito enfeitado, tinha gente pra zelar”*. Com o passar do tempo Mãe Beata começa a fazer melhorias no terreiro como bem apresenta a Figura 93.

**Figura 93** - Fachada do terreiro no decorrer das mudanças



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

O terreiro passou por diversas mudanças para melhoramentos do prédio e acolhimento de quem buscava acolhida e/ou o prazer de estar naquele espaço. Ao passar de fora para dentro do espaço sagrado para Mãe Beata você já via do lado direito o cruzeiro como apresenta a Figura 94.

**Figura 94** - Mãe Beata fazendo um registro em frente ao cruzeiro



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Um pouco, mas ao lado, a casa dedicada ao Oxalá e entre a casa de Oxalá até chegar à casa onde permanecia os filhos(as) de santo que morava com ela e onde hospedava as pessoas que vinham visitar o terreiro, para participar de alguma festa comemorativa, alguma festividade entre essas duas construções continha plantas, ervas, árvores era um espaço bem verde e arborizado.

Ao lado esquerdo de quem entrava para o terreiro tinha a casa do povo da rua (os exús e as pombas gira) e um beco que conduzia até o quarto da Jurema que ficava fora do casarão, mas ao mesmo tempo colada parede com parede do casarão mas tendo uma porta que dava passagem do terreiro para dentro da Jurema.

A porta do casarão era bem larga e assim que você entrava percebia uma de divisão feita em alvenaria chamado de subcorrente onde os visitantes permanecem em dias de festas. A Figura 95 mostra a subcorrente da qual ficavam as pessoas que iam assistir separados dos que iam participavam das giras.

**Figura 95** - Subcorrente



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

O lado direito dentro do terreiro tinha o quarto onde ela jogava os búzios, um outro quarto era destinado a secretaria do terreiro e o quarto ela dormia com sua bisneta Karina Ceci. Mais entre os anos de 1986 e 1987 o terreiro, não o casarão apenas o espaço onde realizava as giras (o salão) veio a cair e foi exatamente quando Mãe Beata, de mãos dada com a sua bisneta, retornava do lado de fora, onde de costume saía para

receber o pão e ao chegar na sala do casarão, o salão veio abaixo e caiu, tornando-se necessário uma reforma forçada.

A reforma trouxe algumas modificações no âmbito do terreiro, a exemplo da estátua de lemanjá que ficava do lado esquerdo de quem entrava, foi transferida para o lado direito e colocada dentro de um repositório que continha água e peixes; os *elús* e os atabaques que ficavam do lado direito de quem entrava foram colocados ao lado oposto, no lugar antes ocupado pela estátua de lemanjá.

A Figura 96 exhibe a estátua de iemanjá e o *elú* com o *ogã*<sup>92</sup> nos lugares anteriores a alteração física em decorrência da reforma. As mudanças, possivelmente, ocorreram em razão de Mãe Beata ter tido orientações de seu pai de santo quando passou a cultuar o Candomblé Angola depois de sua feitura, até porque percebe-se atabaques instrumentos utilizados no Candomblé.

**Figura 96** - Estátua de lemanjá, ogã e elú



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

<sup>92</sup> *Ogã* – pessoa que toca o elú e atabaque.

Confirma Anco Márcio (2022) que o terreiro tinha:

A estrutura é dos que vi na Bahia, das casas que eu conheci. Ela tinha uma doutrina não muito do que eu vi na Bahia e no Rio de Janeiro, um barracão imponente, com roncó, fundamentos tudo em seu devido lugar. Me chamou atenção a questão da cozinha grande, a questão de tudo ser separado.

Percebe-se que Mãe Beata fez, na prática a junção umbanda e Candomblé, mas continuou com a cultuar a umbanda porque seus filhos(as) de santo devido os cânticos serem em iorubá seus filhos(as) já acostumados com a umbanda tinham dificuldades em adaptar-se. Mãe Beata continuou a realizar os toques na umbanda, mais os rituais de iniciação, os segredos no santo eram realizados no Candomblé. Diz Batista (2014) que,

[...] os integrantes do candomblé utilizam pouco as palavras em línguas africanas, variando de nação para nação (Angola, *Jejê* e *Ketu*). A língua é mais um símbolo dos rituais, ou na maior parte deles, visto que as cantigas são entoadas nessas línguas demarcando a fronteira de pertencimento (Batista, 2014, p. 41).

Ainda percorrendo os meandros do casarão saindo do terreiro adentramos na sala de TV e nesse mesmo espaço ao lado direito havia uma porta onde ficava o *peji*<sup>93</sup> local que tinha seus

---

<sup>93</sup> *Peji* – santuário, quarto sagrado onde encontram os orixás e todos os objetos a eles pertencentes. Roncó para alguns.

ótas<sup>94</sup> e suas imagens de santo ainda dentro do peji tinha o quarto onde os filhos(as) de santo ficavam em seu recolhimento religioso.

A Figura 97 mostra Mãe Beata dentro do seu *peji* do orixá, espaço que poucas pessoas podiam e podem entrar, é preciso ser autorizado a entrada, pois trata-se de um lugar sagrado.

**Figura 97** - Mãe Beata dentro de seu peji



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Saindo da sala e entramos na cozinha ao lado esquerdo tinha uma dispensa com tamanho bem favorável, uma mesa de mais de dois metros e vários bancos lembro que o meu banco era pintado na cor azul. Ao sair da cozinha tinha uma área coberta onde ficava o fogão a lenha onde era preparada o *ageum*<sup>95</sup> servido ao final dos toques seja do santo como na Jurema.

<sup>94</sup> *Otá* - são as pedras preparadas onde são postas as mengas e onde se prepara as obrigações para os orixás.

<sup>95</sup> *Ageum* - nome dado a comida religiosa ofertada no fim dos toques.

A Figura 98 mostra Mãe Beata sentada servindo o *ageum* que é colocado em *aguidas*<sup>96</sup> de barro e colocadas sobre uma esteira<sup>97</sup> estendida no chão. Há terreiros que utilizam bacias de ágata<sup>98</sup> e servido aos visitantes e aos filhos de santo.

**Figura 98** - Mãe Beata servindo o *ageum* e suas filhas de santo distribuindo



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Pensar no espaço sagrado é pensar nas giras, nos toques, nas realizações ocorridas neste espaço até hoje conhecido como o Casarão de Mãe Beata. Suas festas reuniam muitas pessoas tanto como filhos(as) de santo, como visitantes e simpatizantes, como descreve Anco Márcio (2022) que “as festas eram muito bonitas e fartas”, que assistiu algumas festas e a “*gira muito alegre, muita vibração e que os ogãs respondiam bem. Fiquei*

<sup>96</sup> Aguida – recipiente redondo feito de barro.

<sup>97</sup> Esteira – feita de palha, é também utilizada para deitar.

<sup>98</sup> Bacia de ágata – serve para o preparo das comidas, como também são usadas para servir a comida, preparar banhos entre outras finalidades religiosas.



*encantado*”. Ainda chegou a participar de uma festa: “*Eu participei da última gira se eu não me engano uma festa de Xangô, e logo em seguida não sei precisar o tempo que a cumeeira<sup>99</sup> caiu mais foi logo em seguida*”. São detalhes que sincronizam com detalhes de outros relatos, isso mostra o fervor e a dinâmica que tem a memória quando são disparados os gatilhos que nos trazem as lembranças.

A Figura 99 destaca um toque dedicado aos orixás São Cosme e São Damião.

**Figura 99** - Toque dedicado aos Orixás Cosme e Damião (*Erês/Ibejis*) e Mãe Beata organizando a gira com as crianças



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Além dos toques realizados no terreiro, Mãe Beata realizava carreatas para celebrar o Orixá Oxum (Nossa Senhora do Carmo) nas margens de um rio e para o Orixá Iemanjá (Nossa

---

<sup>99</sup> Cumeeira - parte superior do telhado.



Senhora da Conceição) a dona de seu *Ori* na praia, locais sagrados para os praticantes da religião. Esses são mais um dos momentos de louvação em que todos podem levar suas oferendas, fazer seus pedidos e agradecer por tudo. E dessas oferendas temos os cestos enfeitados de flores, rosas e enfeites nas cores que representam o orixá. Nestes cestos todos(as) podem colocar seu presente seja um perfume, um sabonete, inserir algo para pagar uma promessa feita e os cestos para Oxum são entregues em águas doces (rios) e para Iemanjá nas águas salgadas (praia). Eram fretados ônibus para poder levar quem desejasse participar do ritual. A carreata saía em comboio e com as imagens das santas em andor, porém as festas eram realizadas nos meses de julho e dezembro. Mas após a feitura da Mãe Beata no Candomblé a mesma passou a celebrar, a festejar Mãe Iemanjá no dia 02 de fevereiro como é festejado na Bahia e não mais no dia 08 de dezembro.

Uma outra curiosidade de Mãe Beata que ela levava oferendas para Iemanjá também no dia 01 de janeiro de cada ano, conforme Mãe Silvinha (2022): *ela levava as oferendas nesse dia pois dizia que tinha que iniciar o ano pedindo coisas boas.*

A Figura 100 mostra Mãe Beata ofertando as cestas dedicadas a *Oxum*.

**Figura 100** - Mãe Beata e seus filhos(as) de santo levando a cesta do orixá Oxum para festejar nas margens do rio Gramame em João Pessoa



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Na Figura 101 mostra as cestas dedicadas a Iemanjá.

**Figura 101** - Mãe Beata com seus filhos(as) de santo na carreata com a estátua de Iemanjá seguindo a praia para festejar a santa e depositar nas águas no mar as oferendas



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Mãe Beata tinha o sorriso estampado no rosto além de sentir-se realizada diante de sua fé, assim nos presenteia o registro de Mãe Beata na Figura 102.

**Figura 102** - Mãe Beata com seu sorriso e trajada com seu axó e com as suas guias<sup>100</sup>



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Diante de tantas informações obtidas quando visualizados os registros, quando manuseadas as notas de jornais, por parte das entrevistas e a partir da convivência da pesquisadora com o objeto investigado remete o prazer desta escrita. E ao registrar os pontos das narrativas nos permite sentir internamente uma satisfação por registrar a trajetória de Mãe Beata e o percurso da

---

<sup>100</sup> *Guias* – colar para ser usado no pescoço, representa um orixá, serve de proteção, varia de cor, de acordo com o santo.

umbanda, da jurema e do candomblé na cidade de João Pessoa/PB.

Destacamos passagens das narrativas que nos proporcionaram nos sentirmos próximos a Mãe Beata. É admirável como os(as) entrevistados(as) falam sobre Mãe Beata:

Mãe Ceixa (2022) relata:

Que admirava seu sorriso, podia tá como fosse ria logo. Tinha luz nesse riso dela, parece que os risos e os olhos falavam bem-vinda, chegue, sempre recepcionando, coração bom. [...] meu enteado frequentava lá não tinha hora para chegar.

Diz Mãe Karina (2022) que:

A casa, o terreiro eram carregado de boas energias e vibrações positivas, todos(as) envolvidos neste momento tinham suas responsabilidades e funções ninguém ficava parado mas havia limitações nem todo(as) podiam fazer, pegar em tudo pois há uma hierarquia e quem pode fazer determinados serviços. Dentro de um terreiro temos o Pai e a Mãe Pequena<sup>101</sup>. O responsável para cuidar da casa dos exús e das Pomba giras, temos a iabassê é quem cuida da comida e da cozinha do santo entre tantas outras funções.

Comunica Anco Márcio (2022) que seu companheiro Pai Robertão dizia,

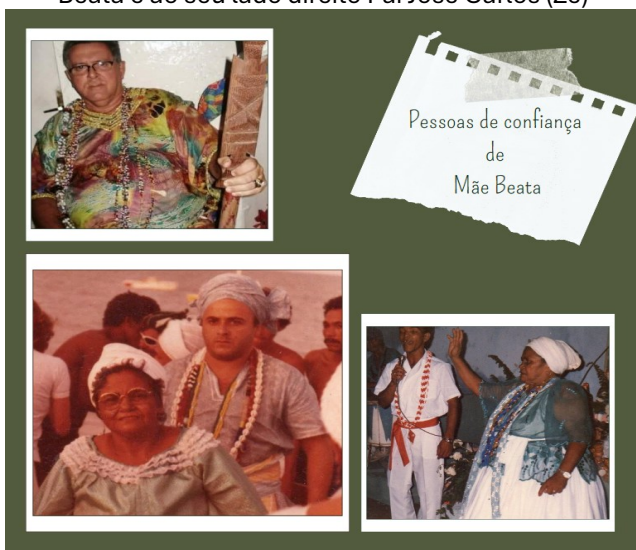
---

<sup>101</sup> Mãe pequena - é a pessoa que na ausência do pai e mãe de santo assume o comando do terreiro.

Que eles viviam como uma roça mesmo. Quando iam pra lá não era dias, era semanas. Quando tinha obrigações era meses. Quando ela dizia ninguém sai, ninguém saía, ficava lá dentro. Seu João quando demorava pra trazer o mantimento, a ração como a gente chama, o rancho e ela dizia não é pra esperar aqui e isso me chamou muito atenção, parecia uma coisa, uma roça isolada que a gente nem vê, mas uma roça de origem.

Mãe Beata tinha uma organização e pessoas de sua confiança como Pai Robertão, Afonso Araújo (Pai Afonso) e José Carlos (Pai Zé Carlos). A Figura 103 apresenta Pai Robertão, Pai Afonso e Pai Zé Carlos chamado carinhosamente de Zé.

**Figura 103** - Pai Robertão; Mãe Beata na praia por trás Pai Afonso; Mãe Beata e ao seu lado direito Pai José Carlos (Zé)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Mãe Karina (2022) reforça as falas dos demais depoentes quando afirma que:

Mãe Beata gostava de organização e que cada um pudesse ter seu lugar em seu espaço sagrado assim não ocorria desavenças, competitividade e sim respeito. Ela confiava em Roberto, Afonso e Zé. E que haviam outras pessoas que vó confiava também falo com propriedade deles três por que vieram na lembrança. Lembro que tinha a vizinha também a Maria, o meu padrinho de Jurema chamado de Capitão Hamilton, ele era do corpo de bombeiros (aqui mesmo de João Pessoa e que confiava também em mainha e na minha avó Eurídice principalmente quando entregava os toques para que elas dessem segmentos. A minha avó para cantar e direcionar os filhos de santo, mainha para dar apoio as pessoas principalmente que se manifestavam na subcorrente. É chamo vó Biata, mas ela é minha bisavó a chamo de Biata mesmo com a vogal I, pois foi assim que cresci a chamado.

Mãe Ceixa (2022) relata que Mãe Beata,

Cobrava mas sempre estava ali chamando o filho, aconselhando, conversando, procurando entender mais sempre respeitando os horários de terreiro, respeitando o irmão. Mãe Beata passava a mãe deixe o bichinho, deixe fulano de tal porque chegou agora minha filha, lemanjá né...

A forma com que as falas descrevem Mãe Beata dá a sentir a força que tinha a sacerdotisa, a mãe de santo, a esposa, a amiga e através da escuta e da vivência dentro do seu lugar sagrado fez diferença e hoje é refletida nas ações de seus filhos de santo, como também a quem teve o privilégio de conviver com ela.

## **UMBANDA E CANDOMBLÉ: UNIDAS EM UM SÓ ESPAÇO: ÉPA BABÁ!<sup>102</sup>**

Pombinho branco  
Que voou, voou  
Aos pés de Orixalá  
Oxaguiã daí me felicidade  
Para os seus filhos  
Meu Pai Oxalá

*Épa bàbá* é saudar o criador da humanidade Orixalá<sup>103</sup>, o Deus Supremo, senhor da criação. O mesmo que Olorum e Orumilá. Em algumas nações é confundido com Oxalá<sup>104</sup> considerado “[...] filho do Altíssimo. Corresponde a Jesus Cristo, o filho de Deus [...]” (Souza, 1964, p. 75).

No sincretismo Orixalá é considerado Deus e Oxalá o filho de Deus. As ferramentas vão depender da falange se é o *Oxaguiã*<sup>105</sup> ou *Oxalufã*<sup>106</sup>; A cor e o dia da semana são os

---

<sup>102</sup> *Épa bàbá* - saudação ao Orixá Oxalá - significa obrigado Pai, é o Orixá da paz, é o pai maior nas nações das religiões de tradição de matrizes africanas.

<sup>103</sup> Orixalá - Pai eterno.

<sup>104</sup> Oxalá - considerado o filho do Pai Eterno.

<sup>105</sup> Oxaguiã - é considerado o Oxalá mais velho.

<sup>106</sup> Oxalufã - é considerado o Oxalá mais novo.



mesmos para ambos; As paramentas também vão depender da falange.

Logo envolvemos o orixá considerado o Pai de todos, o pai da criação, com o quesito da junção que fez Mãe Beata quando agregou o Candomblé Angola com a qual já praticava que era a Umbanda e a Jurema.

Mãe Beata realizou ações e para que isso ocorresse passou por obstáculos difíceis que transcenderam limites, um deles foi quando apresentou o Candomblé Angola que “[...] legitimou desde cedo o culto dos caboclos brasileiros, que além de se constituir como rito independente, foi também incorporado lá pelos anos 30 e 40 do século XX por casas nagôs [...]” (Prandi, 1991, p. 20). E assim legitima o Candomblé Angola na cidade de João Pessoa/PB através de sua iniciação realizada no dia 25 de fevereiro de 1973 pelas mãos do pai de santo vindo da Bahia, Pai Cecílio.

A Figura 104 nos apresenta o momento da entrega da peneira contendo artefatos que foram usados no decorrer de sua obrigação<sup>107</sup>. Ao seu lado direito Pai Cecílio, ao seu lado esquerdo sua Mãe de santo Dona Carmita e seu esposo Pai João de Oxalá entre filhos de santo e visitantes.

---

<sup>107</sup> Obrigação – significa feitura, ser iniciado no santo.

**Figura 104** - Mãe Beata no trono recebendo as paramentas utilizadas em seu recolhimento para o orixá por seu pai de santo Cecílio (1973)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Com essas iniciativas firma o Candomblé Angola na cidade de João Pessoa, graças a sua determinação, coragem e garra sob a orientação de seus orixás e entidades da jurema. Mas antes de se entregar ao Candomblé, conforme menciona Anco Márcio (2022) ao reproduzir as informações que escutara de Roberto,

Que ela teve conhecimento com o pessoal de Pai Adão [Recife]. Ela foi no sitio conheceu algumas pessoas e ela furou roncó<sup>108</sup>. Teve coisa... ela disse a Roberto que ela era muito perspectiva. Aliás, como a gente acha que as filhas de lemanjá é muito viva, tem um sexto sentido incrível. Se eu não me engano se

---

<sup>108</sup> Furar *roncó* - deixar o quarto de santo, estando em preparação para alguma obrigação.

quiserem diminuir ela ou fazer alguma coisa que ela não concordou ela viu e disse epa. Ela tinha conhecimento de fundamento. Mário Miranda ia na casa dela. Roberto dizia que para ela chegar na Bahia, ela tomou informações e foi procurar alguém para acompanhar ela e se reconhecer naquele axé... ela se arrumou toda e disse eu vou resolver minhas coisas do santo e quando chegou ela se entendeu muito bem com Padrinho Cecílio (era como eles chamavam). Ele abriu o jogo e enfim acatou a casa e quando ele chegou encontrou a casa (dela) com toda a estrutura.

Mãe Ceixa (2022) declarou que Mãe Beata, apesar de feita no Candomblé, continuou cultuando a umbanda:

A renovação, mas ela não cultuou o santo que ela tocava, mas ela aprendeu muita coisa nos cânticos, nas danças tudinho. E eu acho devido ela ser feita com Cecílio ela deu um renome a ela porque ninguém da Paraíba tinha sido feito por um baiano, entendeu?

São fatos e acontecimentos que revelam momentos de enfrentamento marcados em razão de um período de repressões políticas, ideológicas, religiosas entre tantos outros fatores.

Conhecer essa trajetória é seguir o caminhar religioso em João Pessoa/PB, é orientar os que desejam conhecer a história de seu início e entender o nosso agora pois “[...] os indivíduos buscam a informação para responder às suas necessidades e inquietações” (Galdino, 2015, p. 29). Um desses momentos de caminhar religioso se apresenta na Figura 105 quando mostra os instrumentos utilizados na Umbanda e no candomblé que são importantes e essenciais para o momento de celebrações que

são os *elús*<sup>109</sup> e os atabaques. O *elú* ou *llú* é um tambor pequeno encourado de ambos os lados, preso a hastes de ferro e madeira. Nele amarra-se um pano branco enquanto o atabaque, instrumento de maior porte, é ornado com o pano nas cores branco e vermelho. Em ambos o som grave, médio e agudo é repercutido pelas mãos ágeis do Ogã, de predominância masculina.

**Figura 105** - Festa na praia o *elú* e o atabaque se juntam



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Mas o que levou Mãe Beata a cultuar o Candomblé Angola? Pronúncia Prandi (1991) que entre os anos 1960 e 1970 ocorreu uma movimentação dos sacerdotes(as) a se filiarem ao Angola

---

<sup>109</sup> Geralmente o *elú* é usado na Umbanda tendendo o atabaque a ser usado em um único ritual específico, a saída que representa o orixá *Ossanhã*, e o atabaque é usado sempre no Candomblé.

por ser mais próximo da Umbanda. Mas explica também que um dos motivos para realizar essa passagem de uma tradição para outra que pais e mães de santo abandona a umbanda e se insere no Candomblé por atribuir-se ao desejo de uma entidade espiritual e dela se tem a orientação para realizar a passagem e que no geral os sacerdotes(as) tem como sinal a doença.

Mãe Beata consegue fazer história através de seus feitos e conquistas, dar visibilidade a essa trajetória é uma forma de agradecimento, buscando não ser a melhor, mas sim através de seus feitos registrar que os umbandistas, candomblecistas e juremeiros também podem ser e fazer realizações como qualquer outra tradição religiosa. A Umbanda e o Candomblé são duas tradições diferentes, com a finalidade do bem comum, tratar e assistir a espiritualidade dos integrantes.

## **O IR E VIR: O PRECONCEITO E A CARIDADE**

Já apresentamos outras perseguições e frustrações ocorridas e que marcaram tanto a vida de Mãe Beata como a própria religião que ela cultuava. Mas Silva, Oliveira e Rosa trazem (2019, p. 152) em seu artigo - *Memórias in memoriam: Mãe Beata e o nascimento do Candomblé Angola na Paraíba* traz testemunhos de filhos de santo de Mãe Beata, como os de Pai Robertão e Mãe Anália relatando que “o esposo [referindo-se a Mãe Beata], certa vez, chegou a interná-la como louca por causa do grande número de entidades espirituais que se manifestavam através dela”. Expõe Mãe Ceíça (2022) que “*quando Mãe Beata teve cobrança do santo, fez sua renovação, ficou doente e bem*

*obsediada*<sup>110</sup>, ficou bem aluada fazendo roupa, desmanchando roupa, até seu esposo chegar a interná-la, sei dessa história”.

Informações sobre este episódio acrescenta Mãe Silvinha (2022):

Eu escutei na época que ele havia internado ela por conta do espiritismo, [20?], só que ele não entendia. Muita gente ainda hoje passa por isso, por não aceitar a religião. Há pessoas com depressão, mas sem ser e pela falta de entendimento e as vezes por não querer aceitar que seja um problema espiritual não procura ajuda. Tem pessoas que acham que o espiritismo é um bicho de sete cabeças mais não é, simplesmente é a realidade do mundo. Há situações que só a religião cura, sabemos que medicina tem a medicação com uso de remédios controlados e isso você se vicia e termina ficando doente, sem aceitar que seja um problema espiritual. Aqui tinha um lugar em Cruz das Armas, onde os terreiros iam pra lá para fazer preces por conta da loucura, muitos não era louco, e sim devido a mediunidade que era grande demais e por não saber o que era, pirava. Ouvia sempre de minha mãe quando ia que lá colocavam camisa de força, dava medicação, mas não melhoravam e alguns deles se sentiam melhores quando recebiam passes, as mães e pais de santo faziam suas preces, reuniões, mesa branca, fazia nos doentes e aqueles

---

<sup>110</sup> Obsediada – para os umbandistas são pessoas que estão possuídas por espíritos obsessores. São espíritos que fazem com que a pessoa obsediada tenham momentos aparentemente de loucuras, que fazem coisas fora de seu normal e para quem não entende considera essas pessoas como loucas.

que o problema era espiritual se recuperavam, saía rápido. Aqueles que não era problema espiritual era diferente. Uns tinham problemas mais fortes, mas a família não queira aceitar.

Com isso pode-se pensar na visão que parte da sociedade sobre questões religiosas, especialmente às que se referem a mediunidade. Ao incorporar uma entidade, logo afirmavam ser traços de loucura, negando uma possível possibilidade espiritual, silenciando o verdadeiro significado diante das incorporações e das obsessões.

Então vamos falar de cura espiritual e os “[...] diversos desafios se apresentam ao povo de santo [...]” (Batista, 2014, p. 96). Nesse desafio é possível aprender através da sabedoria, ser resistente. Anco Márcio (2022) ao ser questionado sobre o fato nos diz:

Estou arrepiado, eu não vou entrar em detalhes, sinceramente falando porque não vou entrar nas coisas de fábulas pra depois não dizer não é isso. Eu tô falando de uma realidade de pessoas que eu convivi com quase 90 anos que diziam e comentavam entre si, feitos. E de pessoas que entraram na questão da cura espiritual. Que entraram numa situação às vezes loucas completamente amarradas eles contavam assim. Mãe Anália e Roberto diziam que pessoas vinham amarradas, agressivas, completamente transtornadas, cientificamente falando estava louca. Para eles (os que fazem parte da religião) era um grau de obsessão, grandes pessoas essa de relevante importância daqui de dentro do estado que saíram e levaram suas vidas

normais, casaram-se e viveram felizes, ficando na religião ou não mas foram curadas ali.

De modo que não pode reduzir ou relativizar a sensibilidade espiritual com problemas psicológicos e que não são descobertos e nem resolvido pelo casaco branco<sup>111</sup>. Para muitos que ignoram e não acreditam considerando as pessoas como loucas. Para nós praticantes da religião afro-indígena sabemos que há casos que ocorre decorrente a uma obsessão, presença de *eguns*<sup>112</sup> que procuram estar próximos de entes queridos pensando que estão fazendo bem, como há também *eguns*/obsessores perturbados, indisciplinados que não aceitam sua realidade.

A Figura 106, revela traços de um momento de incorporação na praia quando Mãe Beata festejava a festa de lemanjá, fato que ocorre sempre nos médiuns que incorporam. Esse fato ocorreu na frente não só dos praticantes e sim de quem estava ali presente. E para quem não conhece pode chegar a se assustar com o ocorrido. Mãe Silvinha (a direita) ajudando a levantar a filha de santo com ajuda do público que estava assistindo a gira.

O Jornal A União (1973) tem como reportagem a “Umbanda condenada por um vereador protestante” destacando o comportamento de vereador que condenou a umbanda por ser uma religião primitiva e fruto da ignorância e de distúrbios psíquicos das pessoas. Fazendo com que o vereador José Faustino deixasse momentaneamente de lado os problemas da Câmara Municipal, em troca de uma preocupação condizente com a sua atividade de pastor protestante: a salvação do Mundo.

---

<sup>111</sup> Casaco Branco – termo adotado pelas entidades quando se referem aos médicos.

<sup>112</sup> *Eguns* - é uma denominação referente às almas de pessoas falecidas.



Fim dos tempos - como primeiros sinais do fim dos tempos, “que se iniciará nos próximos 10 anos” apontou José Faustino as minissaias, os rapazes cabeludos e o aparecimento dos “Hippies”.

**Figura 106** - Praticante incorporando na festa na praia



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A fala expressa pelo vereador na década de 70 do século XX, parece não se distanciar de práticas ainda vigentes em pleno Século XXI, apesar de ter garantido na constituição federal a laicidade do estado e a liberdade do culto religioso. Muito pelo contrário discursos de intolerância religiosa tem se ampliado, sobretudo no período de 2020 a janeiro de 2023.

Por outro lado, observa-se na Figura 107, nota do Jornal A União de 26 de outubro de 1973, referente à condenação de um vereador protestante por referir-se a Umbanda como religião primitiva e que para a salvação caberá a religião cristã.

**Figura 107** - Reportagem - que refere a condenação de um vereador protestante - Jornal A União (26 de outubro de 1973)



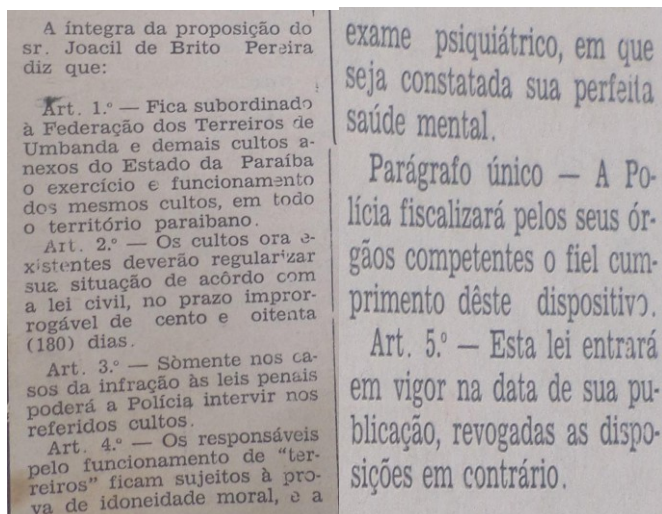
Fonte: acervo IHGP.

Além do fato em destaque Mãe Silvinha (2022) revela que, *“pais e mães de santo eram solicitados sempre a dar passes aos doentes do Manicômio situado no bairro de Cruz das Armas”*, com isso dá a entender que apesar das duras e injustas críticas, os sacerdotes e sacerdotisas, eram solicitado/as para ajudar quem necessitava.

Os pais e mães de santo eram vistos como pessoas que tinham problemas e que era necessário comprovar através de exames de sanidade, sua perfeita saúde mental como bem descreve a nota do Jornal Correio da Paraíba datada de 1962 e apresentada na Figura 108. É apresentado um curioso projeto de lei apresentado na Assembleia Legislativa, pelo deputado federal Joacil de Brito Pereira representante udenista que procurou subordinar a federação dos terreiros de umbanda e demais cultos anexos do estado da Paraíba o exercício e funcionamento

dos mesmos cultos, em todo o território paraibano. O projeto conta com 5 artigos, no qual um destaca que os responsáveis pelo funcionamento “terreiros” ficam sujeitos à prova de idoneidade moral e o exame psiquiátrico, em que seja constatada sua perfeita saúde mental.

**Figura 108** - Mostra os cinco artigos que os terreiros deveriam cumprir para poder funcionar (14 de fevereiro de 1962)



Fonte: acervo IHGP.

Contudo, percebe-se o preconceito instituído, pois as regras não se estabeleciam para outras religiões. Essa parece ser uma forma de controle e vigilância ao desconhecido, o poder de se impor como uma autoridade, deflagrando as práticas religiosas da ‘macumba e dos xangôs’ como eram denominados por pessoas que não conhecia as religiões tidas como diferentes que eram a umbanda e a jurema.

Fato ocorrido em época em que as perseguições policiais tinham o poder de impor o seu autoritarismo e os praticantes das

religiões afro sentiam-se retraídos, com medo de perseguições. Até hoje religiões de matrizes africanas são denominadas por muitas pessoas como catimbó, macumba, terreiros de feitiços e xangô.

Sabemos que os pais e mães de santo muitos(as) foram considerados como loucos(as). Mas mesmo sendo considerados(as) loucos(as) por quem desconsiderava as práticas afro-indígena como religião, estes eram convidados a assistir pacientes em espaço que tinha pessoas consideradas(os) como pacientes com transtornos mentais.

A Figura 109, nos expõem que a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba recebeu um documento em que solicita que todos os representantes sacerdotais da umbanda no Estado sejam reconhecidos pelo Ministérios da Saúde e da Justiça a atuarem em nos hospitais assistindo doentes portadores de males espirituais. E a circular divulgada pela Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil concede não só aos sacerdotes de paraibanos, mas a todos do Brasil.

**Figura 109** - Reportagem: “Umbanda vai assistir pacientes” - Jornal A União (09 de julho de 1976)



Fonte: acervo IHGP.

A Federação dos cultos Africanos da Paraíba recebeu circular da Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil, solicitando a remessa de fichas pessoais de todos os representantes sacerdotes da umbanda neste Estado para que sejam reconhecidos pelo Ministério da Saúde e da Justiça com os quais, a entidade firmou convênio. O órgão foi fundado especificamente para coordenar os diversos cultos afro-brasileiros do país e representar suas entidades junto aos órgãos públicos. O convênio celebrado com o Ministério da Saúde estabelece que os babalorixás e as ialorixás de todo o Brasil passarão a atuar nos hospitais, assistindo os doentes portadores de males espirituais.

Alguns babalorixá e ialorixás foram solicitados a fazer visitas ao hospital psiquiátrico localizado na Avenida Cruz das Armas para fazer giras, rezas e dar passes como bem alega Mãe Marinalva (2022) uma das solicitadas para essa missão.

A Figura 110, mostra a fachada do Instituto Psiquiátrico da Paraíba, hospital situado na Avenida Cruz das Armas, nº 104, local onde se efetivou o acompanhamento espiritual com/dos pacientes.

A Redação Brasil de Fato, em 24 de abril de 2019 às 13:30h, fez uma reportagem sobre o fechamento do antigo instituto Psiquiátrico da Paraíba “após constatações de tortura e maus tratos” uma vez que esta instituição médica teve uma avaliação considerada “péssima” pelo governo” (Brasil de Fato, 2019). A notícia do fechamento veio da Coordenação Estadual de Saúde Mental, órgão ligado à Secretaria de Saúde da Paraíba (SES-PB).

**Figura 110** - Fachada do antigo Instituto Psiquiátrico da Paraíba (2023)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2023).

O hospital, portanto, foi fechado e seu prédio em abandono. Nesse viés percebe-se que se ponderou por muitos anos esse olhar sobre as ações vistas sobre os praticantes das religiões afro-indígena quando eram incorporadas ou até mesmo quando estavam obsediadas e isso não distingue em ser

praticante ou não. Qualquer pessoa pode encontrar-se nesse estado.

# ESCREVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: ela, eu e outras(os): Atotô!<sup>113</sup>

Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si (Ricoeur, 2007, p. 107).

Pronunciar o orixá *Obaluaê* que para alguns é o mesmo que *Omulu* é pensar onde ele atua. Atua nos cemitérios e nas igrejas. É o orixá da peste e das doenças, é representado por São Lázaro, São Roque e São Bartolomeu. Sua ferramenta é um *xarará* e a roupa feita de palha da costa que cobre todo o corpo. Reunir o orixá Obaluaê a representar ela, eu e outras (os) é pensar no cuidado que temos em querer cuidar das feridas encontradas no corpo de São Lázaro, o protetor dos animais<sup>114</sup>. Dia da semana segunda-feira. Suas cores são marrons e branca. Tem como representatividade de oferecimento a pipoca.

Desse modo é pensar no cuidado que temos sobre como narrar a trajetória das práticas de Mãe Beata associando-as às nossas próprias práticas e de outras mulheres que também vivenciaram e vivenciam a religião de matriz afro-indígena.

E falar sobre as práticas e sobre Mãe Beata é pensar na influência que ela teve na história de outras(os). É pensar no tratamento ao observar as narrativas colhidas nas entrevistas,

---

<sup>113</sup> *Atotô* - saudação a *Obaluaê* e *Omulu* - significa silêncio, pedido de licença. Em algumas nações é o mesmo que *Omulu*.

<sup>114</sup> *Xarará* - objeto feito de palha da costa.



sendo indispensável deixar de lado o pensar no cuidado quando tratam de trajetórias das pessoas que já fizeram sua passagem<sup>115</sup> pois “[...] as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras”. (Evaristo, 2017, p.111).

Logo vem à mente o que Mãe Beata fazia para com as pessoas. Nas narrativas todos os entrevistados e entrevistadas relembram como Mãe Beata era acolhedora e generosa, porém firme, independente de quem quer que fosse. Uma mulher que acolhia quem precisasse e pedisse ajuda.

Pensar em seus feitos nos leva a imaginar como seria se ela ainda estivesse materialmente neste século, atacado pelo leviatã Sanitário da Covid 19, tempo esse em que as pessoas ainda estão em busca de seu encontro e em busca de melhorias.

Mãe Ceixa de Oxum (2022) ao ser interrogada sobre Mãe Beata, afirma:

Era muito respeitada por ser uma mãe de santo bem renomada né, com um alto conhecimento e ter um pouco da história, do fuxico, o enredo do povo da Bahia/Salvador. E outra coisa as entidades de Mãe Beata tinha muita entidade africana, entendeu. Ela tinha aquele rostinho moreninho assim, redondinho sabe, quando ela ria era uma preta africana, cabelo preto assim com aquelas ondinhas, era muito bonita Mãe Beata.

Mãe Marinalva de Ogum (2022) reitera o entendimento de Mãe Ceixa e acrescenta:

---

<sup>115</sup> Passagem - na umbanda significa quando a pessoa morre, se transporta do mundo material para o mundo espiritual.

Ela era uma ialorixá que do jeito que recebia um, recebia a todos. Isso era um cego, um aleijado, aqueles que pedisse recebia, colocava pra dentro o que podia fazer fazia. Era uma *ιά*<sup>116</sup> que zelava muito pelos Orixás e ajudava muito as pessoas, cuidava, trabalhava. Uma pessoa chegava lá doente se fosse possível dava a vida pra curar as pessoas. Foi uma das grandes ialorixás, uma das primeiras, posso dizer uma das mais importantes.

Mãe Silvia de Xangô (2022), esta que teve uma vivência ainda mais próxima com Mãe Beata, afirmou:

Mãe Beata, ela sempre ajudava o próximo, acolhia aquele que precisava, não voltava, ali mesmo ficava. Ajudava no que podia. Ela pagava essas pessoas não era porque estavam lá, não porque ela estava ajudando que ela não pagaria não. Ta precisando trabalhar então sua função é essa, a sua aquela. Chegava o final do mês, tá aqui seu pagamento, mesmo sabendo que estava acolhido, ajudava das duas formas. Isso na casa dela, fora os que chegavam e ela ajudava com uma prece, uma reza. Ela pagava o INSS das pessoas que ela acolhia pessoas que hoje têm seus templos, que são pais de santo mas que ela acolheu do zero.

Como dito por Anco Márcio (2022) que Mãe Beata,

Era uma mãezona, rígida, mas mãezona agora com uma palavra bem forte, mesmo...

---

<sup>116</sup> *ιά* – mãe de santo.

mais um doce de pessoa. Tratava todo mundo muito bem, mas assim ela se colocava bem no lugar de Mãe Beata (mãe de santo). Cobrava de um filho, cobrava de outro. E vi todo mundo respeitando a hierarquia independente de qualquer coisa. A hierarquia era respeitada.

Mãe Karina de Iemanjá (2022) acrescenta que:

Além de Mãe Beata ser mãe, avó, bisavó e mãe de santo ela tratava todos(as) por igual e que na sua convivência podia ver e ouvir como as pessoas eram tratadas e acolhidas. Os que tinham o privilégio de trabalhar com ela era acolhido e tratado como da família pois vivíamos em comunidade onde quem estava lá tinha acolhimento, dormida, alimentação, mas também tinha que seguir regras e normas e quando ela dava uma ordem a de quem não cumprisse.

Percebe-se então que a religiosa Mãe Beata mesmo sendo uma pessoa considerada como uma saudosa religiosa, ela *“era uma boa mãe tanto biológica como espiritual, e que não fazia diferença de ser mãe de Eronilda, de seus filhos de santo”* (Eronilda Cabral, 2022).

*Ela não fazia distinção além de zelar pelos Orixás e pela Jurema Sagrada ela zelava pelo bem estar das pessoas que em sua casa chegava* (Mãe Karina, 2022). Dona Eronilda Cabral (2022) nos conta:

Mãe era muito caridosa, tinha uma moça com uma ferida na perna e ia todo dia para ela tratar dessa perna e eu um dia peguei o remédio da moça e joguei no mato. Minha filha, olhe levei uma pisa(risos), uma pisa daquelas eu era astuciosa mas sempre fui assim, rebelde não. Eu dava trabalho demais, minha irmã não, mas eu dava.

Mamãe sempre nos colocou pra estudar eu sempre fui mais preguiçosa, a Eurídice eu era mais ativa (risos). Ela não fez esse negócio de profissão, vivia da religião, mas estudou, ela lia muito e escrevia. Fazia as coisas de casa, fazia tudo e colocava as filhas também para aprender (risos). Agora sempre gostava de ter alguém da umbanda assim para fazer, ajudar a ela. Ela não olhava apenas para os seus, ela via as pessoas como seres humanos que aprende, que ajuda e que necessita ser ajudado. Ela sempre foi a mesma dentro de casa como na religião, não tinha preconceito tratava todos do mesmo jeito. Todos entravam, recebia todo mundo. Mas nem todo mundo podia entrar no seu peji e nem na jurema. Se ela fosse colocar os búzios era só uma pessoa. Mãe Beata tinha muitos conhecimentos no meio político e mesmo assim era humilde e caridosa.

Iniciamos as entrevistas por Dona Eronilda Cabral chamada pelos que lhe conhece de Eron, a mesma se prontificou desde que o convite lhe foi feito e reiterou o prazer da partilha e do reconhecimento para com a trajetória de sua mãe.

A opção das entrevistas e do relato se justifica em razão de adotar a escrevivência como percurso teórico-metodológico nesta pesquisa, optando, portanto, por adotar a descrição quase em sua totalidade da fala dos entrevistados e entrevistadas, respeitando-se as características da oralidade.

## **AS DOCES LEMBRANÇAS DE ERONILDA CABRAL DE SOUZA**



Em entrevista Eronilda Cabral, exerce uma espécie de informação de si, especialmente, quando entendemos que a “narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. *É a sua memória*”. (Bosi, 1979, p. 253, grifos da

autora). Nessa busca, se coloca Eronilda Cabral (2022):

Eu sou Eronilda nasci em João Pessoa filha de Mãe Beata e Pai João. Minha infância foi boa e meus pais eram bons demais. Sou a filha mais nova, a minha irmã se chamava Eurídice. Sempre dei trabalho a minha mãe, minha irmã era mais tranquila. Fui iniciada na religião, sou filha de **lansã**<sup>117</sup> (risos e lágrimas). E comecei recebendo as entidades e Mãe Beata com seus conhecimentos fazia alguma coisa para eu não receber, tipo assim o espírito vem aí ela fazia porque a minha entidade era valente, caia, apanhava. Eu morria de medo, toda vida tive medo, até quando via mãe assim eu saia logo de perto. Ela sempre tinha um pozinho que colocava na minha mão para não receber a entidade. Lembro que ia pouco lá, porque meu falecido [Marido] não gostava, eu ia porque ia mesmo, enfrentava e ia, era minha mãe e eu não iria abandonar e eu gostava de ver, embora eu tivesse medo (risos). Eu gostava de ver, não de participar, era muito sério o negócio (risos). O terreiro eu lembro era muito enfeitado, tinha gente pra zelar e ela dentro daquele quarto dela era o segredo que não entrava todo mundo ali não, só ela e quem ela quisesse, ela tinha que conhecer as pessoas para entrar lá. Seu primeiro terreiro foi no bairro do Cristo e o segundo foi construído no terreno que ganhou no bairro do Rangel. Iemanjá a rainha do mar era seu santo de cabeça e logo que ela faleceu foi despachado e ninguém mais bateu, nem tomou conta se refere ao terreiro e seus materiais/paramentas/objetos religiosos. Afonso [Pai Afonso] fez vários trabalhos lá para tirar as coisas (despachar) mas ele não queria, nem ele e nem Zé Carlos tomar conta, responsabilidade dali. Eurídice também não quis, eu nunca tive vontade, eu acho que não assumia não (risos e lágrimas) não assumia de jeito nenhum, minha cabeça não dá só ela mesmo. A responsabilidade é grande demais, eu não

---

<sup>117</sup> Dona Eronilda por ser filha de lansã, damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dona de seu ori.

enfrentava não, uma que meu falecido [Marido] não gostava. Quando o terreiro caiu, ela estava com a bisneta dela. Foi pegar o pão no portão e quando atravessou e quando voltou o terreiro, só o terreiro caiu. Tem gente que diz que é conversa, mas quem viu sabe. Tudo no seu lugar não é e de repente afundou e se levantou ligeiro. Tive muitas lições com minha mãe e de tudo o que foi de bom, eu tive uma mãe muito boa. Destaco que Mãe Beata nunca deixaria a religião, ficaria até aguentar. Suas festas eram muito bonitas, tinha muita comida, muita gente. A mãe tinha um bom conhecimento, Carlos Leal mesmo presidente da federação espírita gostava de conversar com ela, ela adiantava as coisas que ele não sabia. Ele adorava conversar com ela. Minha irmã participava de dentro mesmo. Afonso [Pai Afonso] não era da família, mas era de dentro. O neto dela Elias [Elias Barbosa de Sousa] participou poucas vezes, batia o *elú*, era o *ogã*n. E, tinha também Karina [Karina Ceci de Sousa Holmes]. Ela chegou pequena e a minha mãe era louca por ela. Karina morava com ela, é filha de Nino [Elias Barbosa de Sousa Silva] e Silvinha [Maria da Silva Souza], passou muito tempo com Mãe Beata, participava tinha roupinhas (risos) deste tamanho [gesticulando o tamanho da roupa]. A relação dela com Karina era muito boa, tinha Karina como uma filha, Silvinha a mãe dela também gostava deixava ela lá e Mãe Beata tomava conta, era muito apegada a ela. Silvinha não ligava porque sabia que ela estava bem guardada (risos). Já meu pai não era nem carne e nem peixe [ditado popular] participava assim, de olhar tudo, ele lia muito e participava por ser marido dela, mas ele não jogava búzios, não tinha essa inteligência (risos) que ela não tinha. Ele era feito no santo, mas esse negócio de búzios ele não sabia, não. Ela ensinou muito e ele não aprendeu. Éramos uma família bem atuante na religião no terreiro Mãe Beata tinha Anália - Mãe Anália (sobrinha), Jair Barbosa (neto), Elias - Nino (neto), Eronilda (filha), Eurídice (filha), Karina (bisneta). Cultuava a Umbanda, mas foi feita no

candomblé por Pai Cecílio e sua esposa Dona Carmita, ambos de Salvador, passava dias lá em seu Cecílio, mas nunca comentava nada, guardava só pra ela. Mãe cultuava Umbanda e depois de sua feitura juntou umbanda e candomblé. Mãe Beata era bem vaidosa, seus axós eram bem zelados. Ela era muito brava, Karina [referindo-se a bisneta] puxou a ela, quando ela queria dizer, dizia mesmo (risos). Celebrou o casamento de Penha Ataíde e Robertão Ataíde (Pai Robertão) Gostava de tomar um vinhozinho, mas ninguém mexia com ela e se mexia ouvia o que não queria ela não tinha medo de ninguém. Não fez esse negócio de profissão, vivia de religião, mas estudou, ela lia muito e escrevia. Mãe Beata fez sua passagem nova, faleceu daquela doença [referindo-se ao câncer], quando descobriu já estava avançado. Ela foi mais, ela tá aqui né, vai a gente não quer, mais daí vai sem querer, mais vai.

Nas memórias de Eronilda Cabral, sua mãe era uma mulher forte, de atuação intensa na Umbanda, embora em especial ela mesma, não tivesse muito envolvimento para com a religião, provavelmente, em razão do marido não gostar, como afirma Eronilda: “A responsabilidade é grande demais, eu não enfrentava não, uma que meu falecido [Marido] não gostava”. Modo de impor sua própria vontade levando a esposa a não aderir a religião. Mas, fica patente nas palavras de Eronilda, a força daquela mulher, que quebrou estatutos sociais ao celebrar o primeiro casamento na Umbanda, tomando vinho livremente sem se curvar a determinados estereótipos impostos pela sociedade vigente. Uma mulher livre e a frente de seu tempo.

Na busca por memórias, encontramos Mãe Ceíça de Oxum, Mãe de Santo que conviveu com Mãe Beata. O Encontro se deu em oportunidades distintas, em razão de tantas memórias que foram coletadas por filmagem. Além de, possibilitar remexer o baú interior. Colaboradora ativa nesta pesquisa, com a palavra Mãe Ceíça de Oxum.

## **MÃE CEIÇA EMBALADA NO OURO DA OXUM**

Maria da Conceição Farias é natural de Timbaúba/PE no bairro de Mocóis, vindo para a capital paraibana aos 11 anos de idade. Sua mediunidade começou ainda na infância, todavia em sua cidade de origem não se podia falar em umbanda, em espiritismo, algo quase que proibido. E se havia algumas práticas, todas às escondidas. Quando criança ainda sem muita clareza religiosa tinha muitos sonhos. Muitas vezes acordava em pavor, conforme relata: “Eu tinha muito sonhos e acordava apavorada, assustada vendo vultos passar e quando acordava assim, eu ia para o meio dos meus pais e ficava vendo tudo quanto era espírito, eu não sabia o que era aquilo, o povo dizia que era alma do outro mundo, vai dormir”. A vinda de Conceição Farias para a Capital da Paraíba, foi motivada por uma prima que carecia de ajuda para concluir os estudos. Razão pela qual pediu aos pais da, ainda, menina que a deixasse vir passar dois meses até a conclusão do Curso, tendo como missão cuidar dos filhos da prima. A ideia foi aceita por todos, e revela Conceição: “Fiquei doida pra vir, todos falavam da Paraíba. Coloquei as roupas melhorzinhas, a gente era tão humilde, que tinha essas roupas para passeio. Vim embora. O curso terminou e eu não quis voltar mais porque eu gostei, passeava, viajava tudo com ela, com os filhos e tudo era bom. Envolvida com a prima que era praticante religiosa de matriz afro, veio a descoberta e a certeza da mediunidade, conforme narra Conceição: Daí veio a mediunidade, ela frequentava um terreiro lá em Recife, lá em Peixinhos e eu ia com ela. Ela era médium desenvolvida e eu comecei acompanhar ela. Mas eu não queria nada com o espiritismo, ficava lá longe, tinha uns bancos e eu ficava sentada (na subcorrente). Aí começava a cantar ou tocar me dava vontade



de chorar e o homem vinha perto de mim jogava um pano na minha cabeça para ver se eu recebia. Da quando foi um dia de mesa branca que era nas quinta-feira aí eu via as estátuas andando na mesa, os índios flechando as flechas pra mim, os copos andando e eu disse vou ficar aqui não logo ela pergunta porque eu digo tô me sentindo bem não, estou me sentindo mal, eu tô vendo essas estátuas vindo para perto de mim, eu tô vendo os índios querendo me flechar, esses índios pretos aí. Eu saí muitas vezes. Quando foi um dia o pai de santo disse, essa menina é *médium*. Minha prima disse: eu sei que ela tem umas coisas mesmo, vê umas coisas, ela tem mediunidade. Ela vai ter que desenvolver, eu disse mais eu não quero não, eu nem queria ouvir falar. Eu tinha aproximadamente 13 anos de idade. Aqui na Paraíba tinha uns pais de santo antigo como Manoel Babá que veio de fora, dizia que era baiano. Tinha Mariinha Queiroz que a chamavam de bruxa, ninguém queria negócio com ela, dizia que ela matava em 24h. E tinha Sebastião Gama, no Cristo Redentor, e eu corria para assistir esse povo. Minha prima me perguntou: tu dissesse que não queria esse negócio, o que tu vai ver lá. Eu disse que eu acho bonito o tambor batendo, o povo recebendo, eles batiam palmas, porta fechada e o negócio me chama e eu vou. Um dia fui a casa dessa mulher que o povo chamava de bruxa [Maria Queiroz], ninguém queria nada com ela, ela era de lansã de Balé, depois que eu vim saber. Depois que eu já sabia o que era santo. Lansã de Balé é lansã do cemitério e todo mundo tinha medo da mulher que andava com vestido comprido, cabelo solto, cabelo ripado, de unhas grandes, mas eu não tinha medo dela. Um dia eu cheguei à casa dela e entrei e fiz umas perguntas a ela. Eu sei que a mulher me mostrou o quarto de santo dela, me mostrou tudo o que ela tinha, ninguém entrava lá nessa casa. Ela me disse tão me dando autorização para lhe dar esses dois livros. E eu perguntei o que vou fazer com esses dois livros? Ela me responde que esses dois livros têm muita ciência, se estão

mandando lhe dar, porque você mereceu. É merecedora desse prêmio o livro da bruxa e de São Cipriano. Só tem uma coisa só quem pode ler esse livro é você, abrir esse livro é você, não deixe ninguém pegar neste livro, guarde em lugar seguro, se alguém pegar quem não tem competência, bagagem para pegar passa mal e até passar. Eu disse o que é passar? Ela responde que os espíritos levam, morre. Eu disse Virgem Maria e como é que eu vou levar esses livros. Leve. Estão mandando lhe dar. Levei guardei no guarda-roupa, não mostrei a minha prima não. Mas ela me perguntou aonde eu havia ido e eu disse que passei na frente da casa de dona Maria de Queiroz estava aberta. Ela gostou foi de mim, me mostrou tudo o que ela tinha lá e ainda jogou uma mão de búzios para mim. E ela disse é minha filha, você tem muita ciência, é uma médium, tem muito africanos e tem a mesma lansa que eu tenho. E eu sabia o que era santo nem nada. Conheci a mulher sem querer, as entidades me levaram. Com o tempo não sei o que foi que houve a mulher foi embora [morreu]. Guardei o livro e deixei lá. Um dia eu saí com umas amigas, aí quando cheguei minha prima estava desmaiada no chão, como uma morta e o livro aberto. Aí eu me lembrei, bem que ela disse que ninguém podia pegar neste livro. Será que ela morreu, mole, mole. Ela tinha uma mesinha porque ela já recebia, tinha uns perfumes, um copo com água e a estátua do mestre, era Jurema. Aquilo me veio logo o recado, eu nem sabia o que era recado, intuição, eu não sabia. E escutei pega isso e isso e passa nela, limpa e reza ela. Fui salmo que ela tinha, comecei rezando, rezando, rezando e botando perfume, jurema e com a maracá balançando para o mestre aí ela respirou, respirou e voltou, o guia dela foi buscar ela, né! Peguei o livro e envolvi numa toalha para levar para Recife. E comecei frequentando com ela e daí veio o meu desenvolvimento e as minhas primeiras obrigações, já fiz com os meus 18 anos já estava até noiva. E, lhe digo como se

fosse hoje, **Oxum**<sup>118</sup> estava queria mesmo a obrigação, porque eu sonhei, se nem dinheiro eu tinha. O marido dela não acreditava e nem queria ouvir falar, pra gastar dinheiro com macumba não. Fui dormir pedindo a Nossa Senhora do Carmo que me desse uma luz, me desse uma ajuda para eu fazer meu *bori*<sup>119</sup>. Pedi com tanta fé e sonhei que meu tio chegava no ônibus e o ônibus tinha muitas listras e pinturas amarelas. Ele parava e chamava Téia vem cá Ceiça tô indo viajar, quer ir viajar? Eu dizia Téia, eu queria ir mas a gente não aprontou nada, como ir. Eu arroteava o carro e via a placa do ônibus aí acordei. No outro dia joguei, foi tiro e queda tirei uma bolada de dinheiro, deu para fazer as obrigações todinhas. Fiz o assentamento para Oxum e Ogum, mas não queria de jeito nenhum quando terminava eu corria, tirava a roupa e jogava para lá. Quando o santo virou comigo, me pegou e eu me acostumei. Foi em Recife, fui iniciada por Pai Eugênio, porque o outro pai de santo era umbanda e não nagô e a corrente de minha mãe é nagô. Com o tempo fui me acostumando, aí deixei de me assombrar, deixei de ter as visões e de me perder na rua, de sair de si e cair no choro na sala de aula, de cair no choro, sem saber que era a mediunidade, não pude mais estudar, as amizades que eu tinha ninguém quis mais nada comigo porque dizia que eu era louca e me diziam que eu tinha que tomar remédio de nervos. E fiquei boa depois que me desenvolvi, foi passando aquelas coisas, voltando a minha vida normal, isso porque tinha aceitado o meu destino. Meu noivo na época dizia ser espírita, macumbeiro, mas quando via eu receber espírito ele não queria. Dizendo ser uma pessoa pública e muito conhecido e que vivia por política e que me queria como sua esposa, uma dama e eu não me casei com ele, deu tudo errado, as entidades mesmo tirou ele, não é mesmo? Comecei a frequentar com a

---

<sup>118</sup> Mãe Ceiça por ser filha de Oxum damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dona de seu ori.

<sup>119</sup> Bori - obrigação.

minha prima a casa de Carlos Leal e não tinha microfone nem caixa de som, era tudo muito humilde, tinha só o terreiro pequeno. Carlos Leal disse Téia mande sua menina cantar uns pontos. Eu disse, mas eu não sei cantar não, nem do santo eu sou, eu fiz o santo mas não fiquei girando. Mas cantei umas turimbas até que aprendi em Marinalva onde meu ex-noivo era tesoureiro e eu era secretária. Cantei Ogum Megê, general de umbanda, e lembrava de Marinalva com aquela espada dela e eu cantei Ogum da Guerra, Ogum Beira Mar, aí pronto. Quando eu cheguei lá fora uma mulher disse para as filhas de santo, venha cá, já viu quem o velho Carlos leal vai entregar o terreiro, é a ela. Eu! perguntei, é você que vai tomar conta desse terreiro aqui. Eu disse: Deus me livre eu não quero compromisso com terreiro não senhora, eu frequento em Recife só vim ver o toque. Ele convidou, ele mandou cantar duas turimbas, eu cantei o que aprendi correndo gira por aí. Mas é você que vai tomar conta disto aqui. Era a mulher dele, mas acho que era uma entidade dela. Conheci Carlos Leal quando fui lá em Marinalva, achando-o muito chato, muito estrela e o povo jogando em cima dele arroz, perfumes, flores. Oxi eu disse quem é esse homem aí, cara, feio, com esse narigão que tão jogando tanta flor. Me responderam é o presidente da federação, vigi e precisa disso tudinho, até receber ele com alá<sup>120</sup> era solicitado quatro filhos(as) de santo para receber e entregar a moringa do orixá da casa para o pai ou mãe de santo que chegava para despachar de um lado e do outro, pedindo licença para entrar e todos cantavam assim: *Nessa casa quando entrei. Eu louvei Maria. Saravei os orixás. Eu louvei Maria.* Para louvar aquele babalaô chegando. Nos saudamos com o

---

<sup>120</sup> Alá - é um pano da cor que representa um determinado orixá que serve para cobrir a cabeça de um filho em determinadas ocasiões e para outras determinadas funções, como receber com receber pais e mãe de santo quando faziam visitas nos terreiros.

sarava e os pais e mãe de santo com o bachochô<sup>121</sup>. Hoje muita coisa mudou e hoje muitos não fazem porque não seguem os ensinamentos dos mais velhos. Fiz o santo em 1981 com Penha [Maria da Penha Ataíde] (filha biológica de Carlos Leal) e Roberto (genro de Carlos Leal). Já foi aqui no terreiro, já mãe de filhos e eu estava muito doente e já estava com Carlos Leal que não confiava em colocar outra pessoa. E esse tempo o santo não me cobrou filhos de santo, terreiro cheio, porque eu não pedi, eu não queria ter filhos de santo. Faço limpeza, sacudimento para ajudar quem está caído. Mas não quero compromisso para zelar pelo santo de ninguém. Sou exigente e chata e ninguém hoje obedece. Fiz minha jurema com Mãe Gláucia de campina Grande. E assim nas visitas com Carlos Leal conheci Mãe Beata que já estava grávida do meu primeiro filho Beto em 1870, tinha Penha e Robertão que eram filhos de santo. Conheci Eurídice a filha dela quando chegamos lá éramos muito bem recebidos. Pulso firme era Eurídice. Os axós de Mãe Beata eram muito bonitos, ela fez o santo com um pai de santo da Bahia, muito bem assistida parecia uma baiana, torço<sup>122</sup> bonito na cabeça. Ela não relaxava nos seus axós. Ela chegava ficava ali e era de uma ordem severa, era de uma ordem ela e seu João o marido dela filho de Oxalá, muito calmo, tranquilo. Quando a gente chegava lá nem era festa, íamos conversar lá um pouquinho e quando íamos embora ela dizia vá agora não Mestre Carlos demore mais um pouquinho. Falavam sobre a umbanda, os trabalhos, os avanços, conversavam sobre o que tinha que fazer no terreiro, mudança. O primeiro terreiro de Mãe Beata foi no Cristo [Redentor] era pequeno e o segundo já era maior tinha muitos filhos de santo, era um casarão e o casamento da umbanda foi feito lá. Meu relacionamento com Mãe Beata era como a mulher do presidente. E nas minhas visitas observei muito o terreiro e seu

---

<sup>121</sup> Bachochô - maneira de cumprimento entre os pais e mães de santo.

<sup>122</sup> Torço - Pano que colocamos na cabeça, para cobrir o *ori*.



comando. Ela tinha muita ordem tanto dela como de Eurídice, os filhos de santo eram cobrados. Tinha o filho de Eurídice acho que era Jair que tocava o *elú* ou era o outro filho, o Nino (Elias), já não tenho tanta certeza. Nessa época, meninos quando iniciavam faziam carteirinhas de menor e só podia frequentar sob a supervisão de um adulto. Eu sempre levava o registro e uma foto no juizado de menor para as autoridades e fazer as carteirinhas para poder frequentar. Os dois filhos de Eurídice participavam, Marinalva [referindo-se a Mãe Marinalva] tinha aquela menina Silvinha e Aguinaldo seu esposo que era tudo ali mão de faca, *acipa*<sup>123</sup>, *ogã*n. Lembro que quando tinha vontade de conversar com Mãe Beata, me aproximar dela nunca tinha tempo, era muito procurada e quando tinha as coisas Carlos Leal [referindo-se ao Arquicancelário Carlos Leal rodrigues] colocava o nome dela e se apresentava no teatro Santa Roza ia com os seus filhos de santo. E abriam às apresentações por ela ser filha de lemanjá, por ser feita pelo povo da Bahia. Carlos Leal tinha essa consideração. O que mais me chamou atenção em Mãe Beata eram as vestes que ela usava. O jeito dela ser, bonita, rígida com o terreiro dela e assim as coisas dela de dizer sobre o santo era ela muito simples, ela não gostava de aparecer, de se mostrar.

Em suas memórias narradas por Mãe Ceixa de Oxum, descortina uma Mãe Beata, organizada, austera e devota de sua prática religiosa. Narrativa que converge com a descrita por Eronilda sobre sua Mãe. Todavia, há que destacar o respeito ameadado para si e a relação respeitosa que ela tinha para com

---

<sup>123</sup> *Acipa* – o responsável pela casa de exú, pessoas de confiança dos pais e mães de santo.

o Mestre Carlos Leal e ele por ela. Suas indumentárias e todos os seus elementos de prática religiosa eram cuidados com afinco.

## MÃE MARINALVA NA PROTEÇÃO DE OGUM



Marinalva Amélia da Silva, nasci em Serra Branca/PB, sou filha de Amélia Maria da ouza

Inácio Leovegildo Guilherme. Fui criada por uma mãe de santo de nome Maria Salomé Soares (Mãe Preta) no município de Tucano/BA, um povoado, uma cidadezinha. Minha mãe de sangue quando faleceu eu era pequeninha, ela era católica-apostólica-romana nem queria ouvir falar em espírito. Segundo minha mãe me falou que minha mãe de santo é minha mãe de umbigo, também foi quem me pegou e que eu nasci com os pés pra frente e imediatamente cruzei as mãos. E que ela olhou pra minha mãe e disse assim: *Madrinha Amélia a senhora acabou de ter uma prenda*. A resposta dela foi essa: *se for pra dizer que é para seguir o espiritismo, eu prefiro botar uma mortalha nela e enterrar porque eu não quero ela dentro do espiritismo*. Como ela era a parteira dela (dos filhos todinhos), eram muito amigas, bem dizer irmãs elas duas, elas se comunicavam muito, então ela não ligava eu vivia mais na casa de minha mãe de santo. Meu pai morreu eu tinha 4 anos e quando minha mãe faleceu já tinha 5 anos de idade. Quando minha mãe faleceu foi uma confusão porque meus irmãos queriam ficar comigo, teve que levar o caso

pra justiça, mas eu não queria ficar de jeito nenhum, eu ganhei na justiça pra ficar com mãe preta<sup>124</sup> e com ela me criei até meus 30 anos. Mas eu sempre passeava, vinha para o sertão, ficava com os meus irmãos, nunca deixei de ver minha família. Minha irmã Nova é a única que está viva que eu sei. No espiritismo só sou eu somente e minha mãe não era espírita, mas ela é neta de cabocla braba mesmo, a avó dela, a minha bisavó foi pega a dente de cachorro na mata. Quer dizer que eu trouxe como a caçula de 5 irmãos, como a última eu trouxe toda parte espiritual dela. Ela não seguiu, mas eu sim, hoje respondo no tempo que ela tinha que ter seguido o santo. Mas antes de assumir o santo foi um problema porque eu não queria assumir de jeito nenhum, fui crescendo, meu santo eu sabia que era filha de **Ogum**<sup>125</sup>. Pois tive um recado quando tinha 5 anos dormindo, eu tive o recado de meu santo. Mas só Oxum gritava e foi aquela confusão medonha. Então fomos a uma cachoeira e fizemos um bocado de oferendas e terminou Ogum com lansã que é *juntó*<sup>126</sup>, minha madrinha é Oxum, o pai de cabeça de quem me fez é Xangô. Seguir ajudando minha mãe de santo, não tinha quem a ajudasse, comecei a zelando pela jurema, a zelar pelo santo desde os meus 6 anos, antes dos 7 anos de idade minha mãe de santo não mexia com o *ori* de criança. E nos meus 7 anos de idade consagrei minha jurema e jovem ainda não queria assumir. Apanhei no santo por minha rebeldia, tive muita doença, todo tipo de doenças na minha vida. E por isso comecei a cultuar aos meus orixás e minha jurema, posso dizer que com 5 comecei, com sete anos fiz minha jurema e com quinze anos fiz meu santo. Porque eu já tive doenças demais por causa do espiritismo. Eu sempre fui espírita de nascença, trouxe o dom, fundamento que Deus me deu, tive

---

<sup>124</sup> Mãe Preta – é como Mãe Marinalva chama sua Mãe de santo.

<sup>125</sup> Mãe Marinalva por ser filha de Ogum com lansã de juntó damos destaque em sua fotografia com a cor de um dos orixás dono de seu ori.

<sup>126</sup> Juntó - é o orixá que forma par do orixá de frente, dando equilíbrio a pessoa.



ensinamentos só dela, a única mãe que me ensinou foi ela. Com mãe preta me criei, posso dizer que era filha única porque ela tinha quatro filhos homens hoje todos falecidos inclusive ela. Eu continuei na vida espírita e fiquei trabalhando antes de me casar com um rapaz daqui de João Pessoa, o José Aguinaldo. E antes de abrir casas de santo em 1960 eu já jogava búzios, cartas e fazia consultas, já fazia meus trabalhos, minhas coisas. Quando abri a casa eu já tinha meus dois filhos na época Isaías [Isaías Oliveira da Silva] e Silvinha [Maria da Silva Souza] daí por diante já estava com meu terreiro na enseada no bairro do Miramar em João Pessoa. Morei muito tempo numa casa de palha, tirando água de cacimba e ali eu já comecei a bater e aí foi quando comecei a ser perseguida pela polícia. A polícia todo dia estava na minha porta, eles faziam aquelas coisas. Reclamei muito, mas fiz uma promessa a meu pai Ogum que ia deixar a Umbanda liberta e deixei. Desse tempo só existia Sebastião Gama que era antes de mim, Zefa Corcunda que foi depois, Joana de Dudu, Severina da Torre já tinha o centro dela, quando eu comecei a bater. Era tudo fechado, era tudo escondido, tinha muitas pessoas que trabalhavam era só em mesa branca. Fazia minha procissão para Nossa Senhora da Conceição dali do Miramar até onde reúne o povo<sup>127</sup> ali tinha uma alpendi<sup>128</sup> e comecei a dar meus toques. E depois da liberação da Umbanda pelo governador João Agripino, fazia minhas procissões e ficava na frente da casa dele na praia e um dia recebi a sereia que me jogou na água, ele entrou dentro da água pra me salvar pensando que eu ia morrer afogada, foi aquela preocupação. Mas antes da liberação da Umbanda enfrentei a polícia, briguei, discuti com pessoas que dominavam o Miramar

---

<sup>127</sup> Mãe Marinalva se refere a festa de iemanjá quando reunia seus filhos de santo no bairro do Miramar em João Pessoa e seguia em carreta até a praia para ao encontro de terreiros.

<sup>128</sup> Alpend – Mãe Marinalva se refere a um tipo de ponte presente na orla da Cabo Branco em João Pessoa (mas de acordo com o mapa da cidade sobre o alped que relembra Mãe marialva ele ficava localizado na praia do Manaíra).

que não queria que eu fizesse meus trabalhos e chegava na minha porta e dizia construa para o trator passar por cima, isso era um sargento que dizia. O cabo que morava perto de mim passava e soltava uma lera<sup>129</sup>. Não podia rezar, não podia fazer nada por causa da perseguição. Foi nesse tempo que corri atrás de liberdade e nesse momento mais perseguições ocorreram. Essa minha história está toda no livro, conto tudo no livro: *Umbanda minha vida: missão do bem*. Nunca foi fácil, as vezes nada tinha para comer e conseguimos comprar a nossa casa devido um tratamento que fiz para uma menina de Campina Grande [cidade paraibana] que passou oito dias em minha casa. Ela ficou boa e quando vieram buscar a moça o rapaz me perguntou quanto devia, eu disse que não devia nada que eu não trabalho por dinheiro. Ele pegou 20 cruzeiros e me deu, apareceu essa casa por 13 cruzeiros no Miramar de palha e o restante sai e fiz uma feira e passei muito mais de 15 dias, meus cunhados fizeram a casa de tijolo, fiz o terreiro atrás de 25x13 de área coberta e graças a Deus estou levando a vida assim. Depois veio uma lei que aqueles terreiros tinham que fazer um registro na delegacia. Foi uma turma, nesse tempo eu trabalhava para o Henrique Primo, mestre Carlos [Carlos Leal Rodrigues]<sup>130</sup> baixou a cabeça e todos olharam e ele disse assim atenda essa senhora aqui ela tem dois filhos pequenos e os terreiros tinha que ter uma licença assinada pela polícia e devia ser renovado tempos em tempos, legalizar em diário oficial. Até aí não tinha a federação entrei em contato com Carlos Leal combinamos, abrimos a federação, se ele não colocou nos documentos, mas eu sou uma das fundadoras. A federação organizou as apresentações no teatro Santa Rosa e em Campina Grande e nesses encontros de terreiros havia muitos encontros entre os pais e mães de santo.

---

<sup>129</sup> Lera - um tipo de piada.

<sup>130</sup> Carlos Leal Rodrigues - primeiro presidente e fundador da federação paraibana dos cultos africanos na Paraíba.

Eu conheci Beata [Mãe Beata] no tempo de Ribeiro [José Ribeiro de Souza - Pai Ribeiro], eu a conhecia de vista todos comentavam de Mãe Beata. Ela deu uma festa para lemanjá e disse, Ribeiro mande Marinalva vir era uma casinha bem pequenininha, de esquina, assim, pegando a pista ao lado do Instituto Médico Legal (IML). E nesta festa na praia ela fez as preces dela, rezamos, ela colocou a panela dela e agradeceu. E de vez por outra, visitávamos, Beata. Nunca soube quem era mãe e pai de santo dela. Teve uma outra festa e a filha dela bem jovem a Eurídice, vó de Karina [Ceci] puxava os toques, Nino no canto, Beata ia para o meio do terreiro rodava o dedo assim (gesticula) parece que estou vendo e dizia é comigo mesmo, adorava aquelas brincadeiras. Fez o terreirão já era o segundo terreiro. Aí ela começou a frequentar a Bahia, mas não batia Candomblé, era Umbanda limpa. Eu lembro quando fez a obrigação de teu bisavô, foi Manoel de Campina Grande que veio fazer o santo dele para Oxalá ela via as coisas, olhava pra mim, piscava o olho, mas ficava quieta. Depois teve o casamento de Robertão e Penha, o primeiro casamento na Umbanda foi, Beata quem realizou. Depois ela passou para Salvador, vinha o pessoal bater, fazer obrigação a gente se desencontrou eu não sou muito de Candomblé eu deixei de frequentar lá. Viemos nos encontrar no Teatro Santa Rosa, ela sabe na vida espiritual que eu queria muito bem a ela, sempre ia para as minhas apresentações e para as de Zete Farias. Levei um presente para ela e ela trouxe um também, dei uma cesta de frutas e flores. Mas sempre teve uma ligação entre nós, até porque eu passava para ela coisas do santo e ela passava pra mim. Seus toques a filha Eurídice ajudavam muito pois ela tinha asma e quando começava a cantar ficava cansada. Ela dava palestras, era exigente e nos recebia muito bem. No santo para receber uma visita, uma pessoa ia lá para dentro pegava o *alá*, a mãe pequena com uma quartinha com quatro filhos de santo feito ao receber o babalorixá lá na entrada, entrava

debaixo do *alá* e tinha a quartinha para isso também e quem chegava cantava: *Dá licença babá, que eu quero entrar, com a força de Ogum eu quero entrar* e eu respondia: *O alá é seu babá, o alá é seu babá*. Hoje já não faço mais, mas recebo os pais e as mães de santo com o *ogã*n batendo um *alojá*<sup>131</sup>, mudou muito. Mãe Beata não gostava de ir em terreiro não, era difícil ver Beata em outros terreiros. Ela dizia: *gosto de meu terreiro, fico sentadinha na minha cadeirinha mais meu neto*. Ela não recebia com o *alá* era só com a quartinha. Na entrada do terreiro tinha um cruzeiro, e um dia a linha principal do terreiro veio a cair. Ela modificou muito o terreiro, a cozinha do santo foi lá para trás. As roupas do santo sempre muito bem-vestida, mangas longas, corpo princesa, ela era baixinha e dentro do santo era vaidosa que só. Ela girava, ia no pé do santo cantava, quando cansava a filha Eurídice [Eurídice Barbosa] tomava e cantava. Quando ela estava incorporada os filhos de santo colocava o *alá* e batia *jôco*<sup>132</sup> e tomava benção todos eles tinham uma coisa do jeito que ela era mimada quando o orixá descia, desse jeito era com os orixás dos filhos nos pés dos filhos incorporados quando tinham obrigação. Ela dava muito ensinamentos dentro da Umbanda, ela foi uma guerreira. Lembro uma vez que Ribeiro e eu fomos lá, e ela gostava de tomar um vinhozinho, ela animada soltava os cabelos e conversava. Ela ensinou muito a Penha, Robertão a Afonso, só que não era de dizer o segredo do santo, mas se Afonso foi feito por ela eu não soube. A outra ligação que eu tenho com Beata é que Silvinha, minha filha que já conhecia o neto de Beata, o Elias (Nino), depois de um tempo separada, começou a gostar e dos dois veio às minhas duas netas Karina [Ceci] e depois Kadja [Kadja Elyze de Sousa Silva]. E assim ela começou a frequentar a casa de Beata e trazia de vez em quando as meninas a minha casa. Vocês não frequentavam a minha casa quando

---

<sup>131</sup> *Alojá* – louvação.

<sup>132</sup> *Jôco* – uma maneira de se cursar ao santo.

moravam com a Beata e depois que ela ficou com vocês, a última vez que eu tive lá foi na tua obrigação de tua cabocla, aí deixei de ir. Ela colocou a mão na bisneta, deu tudo o que tinha direito. Ela cultuava jurema, mas se dedicava mais ao santo. E colocou o teu nome de Ceci pois ela tinha uma caboclinha chamada Ceci que ajudou muito ela. Então ela tinha que deixar pelo menos uma lembrança, uma representação. Uma história, o começo de uma história, ela faleceu mais deixa vocês para continuar a história. Comprovadamente você [referindo-se a Karina Ceci] e Kadja que se curvaram ao santo até quando Deus quiser, não adianta correr não. Acredito que colocar o nome dos espíritos em uma pessoa do próprio sangue é para se evoluir como ela se evoluiu.

Nas memórias de Mãe Marinalva de Ogum, observa-se a força de Mãe Beata. Suas filhas não deram continuidade à herança religiosa deixada por ela, exceto Eurídice Barbosa que atuava dentro do terreiro diretamente com ela. Todavia, repassou para sua bisneta, uma herança simbólica como disse a narradora: “Então ela tinha que deixar pelo menos uma lembrança, uma representação. Uma história, o começo de uma história, ela faleceu mais deixa vocês para continuar a história. Comprovadamente você [referindo-se a Karina Ceci e Kadja Elyze] que se curvaram ao santo até quando Deus quiser, não adianta correr não. Acredito que colocar o nome dos espíritos em uma pessoa do próprio sangue é para se evoluir como ela se evoluiu”. As memórias também se referem a uma mulher forte. Com muita determinação e rigor. Assim seguiu Mãe Beata, na prática de sua religião.

Mãe Beata, também foi lembrada por Mãe Silvinha, que foi casada com o neto de Mãe Beata, Nino [Elias Barbosa] e mãe de suas duas bisnetas.

## MÃE SILVINHA E O CHAMADO DE XANGÔ

Nasci em João Pessoa, paraibana, com muito orgulho. Meus pais são Marinalva Amélia da Silva (Mãe Marinalva) e José Aguinaldo de Souza (*ogã*n). Somos sete irmãos tem o Isaías [Isaias Oliveira da Silva], eu [Maria da Silva Souza], Jorge [Jorge Aguinaldo da Silva Souza], Emanuel [Emanuel Aguinaldo da Silva Souza], Cosme [Cosme Aguinaldo da Silva Souza] já falecido, Damião [Damião Aguinaldo da Silva Souza] e Cristina [Isabel Cristina Ribeiro da Silva]. Eu fui a primeira iniciada deles, minha mãe deu o primeiro passo pois tive problemas de saúde muito sério e para eu poder me recuperar com 9 anos de idade eu tive que dar oferendas aos meus orixás **Xangô**<sup>133</sup> e Nanã. Depois foram iniciados Cosme, Damião e Cristina os outros tiveram seus feitos, mas não praticam<sup>134</sup> a religião, frequentam em uma visita, o Emanuel até bate o *elú* mas de dentro mesmo só hoje só eu, Damião e Cristina. Eu quando iniciei era a única mulher no meio dos homens, então eu ficava mais em casa e tomava conta de meus irmãos para minha mãe poder bater nas quartas-feiras e nos domingos então eu ficava na responsabilidade da casa, dos meninos e do terreiro, pratico até hoje e nunca procurei outra religião. E minha história posso dizer que foi maravilhosa pois tenho a Umbanda como a religião que me completa. Conheci Mãe Beata na minha infância quando eu frequentava o terreiro, minha mãe sempre me levava só tinha eu de filha única (mulher)

---

<sup>133</sup> Mãe Silvia por ser filha de Xangô damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dono de seu ori.

<sup>134</sup> O Isaías e o Jorge não seguem a nenhuma tradição religiosa, mas acredita na Umbanda; Emanuel segue a religião católica; Cosme era pai de santo filho conhecido como Pai Cosme falecido em 1992; Silvinha (Mãe Silvinha), Damião (Pai Damião) e Cristina (Mãe Cristina) fazem parte do terreiro Ogum Beira Mãe de Mãe Marinalva.

ela nunca me deixava sozinha em casa. Eu tinha uma mediunidade muito grande e todo canto que ia me irradiava, mas eu não participava porque era proibido pela justiça de menor frequentar. Mas quando eu incorporava alguém me guardava, me colocava em algum lugar, tinha que me esconder em algum lugar porque eu não podia participar. E quando eu incorporava minha mãe vinha, subia meu orixá e eu voltava e ficava quietinha no meu canto e assim conheci Mãe Beata, pessoa antiga no santo, era uma pessoa de respeito e muito vaidosa, muito rígida na religião. A sua casa frequentava a alta sociedade e sou testemunha viva, o meio político estava presente, frequentava mais muitos não queria ser exposto e a gente tinha que respeitar. E do jeito que a gente via, ouvia, do mesmo jeito que se calava. Hoje a religião está mais liberal. Mãe Beata sempre ajudava o próximo, acolhia e aquele que precisava não voltava, ali mesmo ficava. Hoje tem pessoas que têm seus templos, são pais de santo mais que passou por ela, foi acolhido por ela ajudando no que podia. E ela pagava essas pessoas não porque estavam lá, porque ela estava ajudando. Ela dava serviço e pagava por isso dizia assim: *tá precisando trabalhar então sua função é essa, a sua essa, acabou, chegou o final do mês, tá aqui seu pagamento*. Mesmo sabendo que estava sendo acolhido, ajudava das duas formas. Isso na casa dela, fora os que chegavam e ela ajudava, certo e ainda pagava Fundo de Garantia do Tempo de serviço (FGTS). O primeiro terreiro era perto do IML. O outro no Rangel, um casarão bem espaçoso, muito bonito, muito grande e tinha a casa de Oxalá era onde seu João repousava. Os toques de jurema eram em dias separados dos orixás, a fumaça nem sonhava. A jurema tinha uma entrada do lado de fora, cozinha de santo com fogão a lenha, cozinha da casa, *peji*, quarto de jogar os búzios, atender os clientes, tudo na casa era individual. Tinha uma casa fora do casarão para receber as visitas, o povo da Bahia, o movimento no terreiro era durante o dia, agora na hora de dormir, bater papo

tudo era fora do terreiro. O templo era só religioso para não misturar uma coisa com outra e o quarto que ela dormia com Karina [Ceci, a bisneta]. As giras nos dias de toques eram grandes, as roupas impecáveis tanto as dela que tinha quem cuidasse como as dos filhos de santo e se não tivesse não importava participava também. Tinha muitos filhos e todos respeitavam as cerimônias, todos participavam vinham para a arrumação do terreiro, todos tinham que trabalhar, todos tinha sua função, um lavava o *gongá*<sup>135</sup>, outro lavava o terreiro, outro ia receber os convidados, outros iam para o *axós* pois naquela época tinha filhos para cuidar de tudo. Era tudo impecável, tratava todos com muito carinho e ela não exigia, pedia e ninguém questionava. E quando um filho de santo chegava saudava o terreiro, tomava a benção e passava direto para tomar seu banho de descarrego, podia vir de onde fosse. Mãe Beata para receber o pai de santo no dia de festa ela pegava a quartinha do orixá, despachava a água da quartinha e recebia cheia novamente, muitas vezes até fogos soltavam. E, ela participava pouco das giras devido ao seu problema de cansaço, não podia tá girando direto, mas quando estava na gira seu João sentado em sua cadeira observava ou então estava perto do *elú*. E eu ficava incumbida de observar as visitas se estavam com roupas adequadas entre outras observações. Por isso, a filha dela, minha sogra Eurídice tomava conta do terreiro, tinha também, o Jair e Nino que são os netos dela. Dona Eronilda a outra filha dela era mais afastada por causa do marido que não aceitava, era mais calma. Eu adorava quando ela dizia: *Silvinha fica aí minha filha, ajude a tomar conta que eu vou tomar um vinhozinho, eu confio em você*. Ela se sentava na mesinha dela, nem era longe não, uma distância de 3 a 4 metros do terreiro para a sala que de lá sentadinha ela estava ali olhando. Tomava seu vinho, fumava seu cigarro, não dentro do terreiro, lá fora. E ninguém via a garrafa

---

<sup>135</sup> *Gongá* – altar.



em cima da mesa, nada, não chamava atenção de ninguém. O orixá para ela era a coisa mais sublime do mundo. Fretava ônibus, os filhos cooperavam eram de 2 a 3 ônibus, tinha o andor no jeep, colocava anjos (crianças vestidas de anjos) e Nossa Senhora da Conceição, fora os carros particulares, era gente demais nas oferendas de lemanjá. Ela gostava de arriar as oferendas no antigo Bahamas<sup>136</sup> ali perto do Hotel Tambaú pedindo coisas boas para o ano que se nascia. Tinha a limpeza com os pombos feita por seu João e as oferendas no mar, o barco levava para o alto mar por pescadores. Eu evitava neste dia usar axó porque já sabia da correria, socorrer um filho, olhar outro e ela ficava despreocupada porque sabia que tinha alguém de olho. E quando o meu orixá me irradiava ela vinha e dizia: calma Silvinha, calma, colocava a mão em minha cabeça e me acalmava porque meu orixá é de gira. Mas não posso esquecer de dizer que na festa do 08 de dezembro ela participava, mas as suas oferendas eram no dia 01 de janeiro porque ela achava que as oferendas eram dadas com muito carinho, com muita concentração dos filhos e a festa tinha muita gente. Ela procurava um lugar mais silencioso, mais calmo sua responsabilidade era muito grande no dia da festa da praia porque levava pessoas antigas no santo, pessoas iniciadas, *anbiãs* e requer atenção porque se acontecesse incorporações de um filho que não tinha experiência a responsabilidade era dela. Havia festas bem grandiosas como a festa a Oxum no rio Gramame<sup>137</sup>, de Ogum, de Cosme e Damião, de Xangô e as festas de Jurema. E em relação a sua feitura eu não sei dizer por quem ela foi feita na Umbanda quando cheguei a casa dela ela já era feita, depois veio um pessoal da Bahia fazer exclusivamente ela. Agora porque ela procurou o Candomblé já

---

<sup>136</sup> Bahamas – Restaurante à beira mar localizado na praia de Manaíra na cidade de João Pessoa/PB. Mãe Beata levava as oferendas próximo a esse restaurante, por isso o tem como ponto de referência.

<sup>137</sup> Rio Gramame fica localizado em João Pessoa-PB.

não sei também ela era muito reservada sobre os preceitos, sua particularidade religiosa, só cabia a ela. Quando estava o pessoal da Bahia ela cultuava o Candomblé mais quando não, ela cultuava a Umbanda devido ficar difícil para as pessoas entenderem. O iorubá<sup>138</sup> que é a linguagem do Candomblé. E com o pessoal da Bahia ficava mais fácil entender e bater o Candomblé. Sobre o casamento de Roberto com a filha do mestre Carlos foi Mãe Beata a realizar o primeiro casamento na Umbanda. Seu terreiro veio cair, teve a reforma e depois sua partida e depois de sua morte não levaram o terreiro a frente, até soube que o terreiro foi tombado pela Casa Branca de Salvador ou era por Brasília não sei bem informar. E ingressei na família quando conheci o neto de Mãe Beata em uma festa de 15 anos, tivemos um breve namoro, mas não deu certo e o tempo passou me casei, separei e nos reencontramos anos depois eu e Elias o qual gostava de ser chamado de Nino. Comecei a namorá-lo e construímos nossa família e mãe Beata passou a ser minha mãe porque ele me acolheu, me deu guarita, carinho. Mãe Beata gostava de ficar sentadinha e dizia Silvinha vá tomar conta do terreiro e eu ia com todo o prazer do mundo devido a confiança que ela depositava em mim. O neto dela ficava no *elú*, eu no terreiro observando a gira, o que acontecia, o filho que incorporava qualquer coisa assim que eu não podia resolver eu avisava, comunicava quando a filha dela não estava (Eurídice). Fiquei com ela até quando Deus permitiu. Nosso namoro foi bem difícil no início porque eu era uma mulher desquitada e já tinha uma filha do primeiro casamento a Karla [Karla Danielle de Souza Silva] e quando tivemos a nossa primeira filha Karina Ceci, tivemos uma longa jornada com ela. Levei Karina no dia 04 de dezembro de 1981 no dia em que celebramos Iansã em uma noite

---

<sup>138</sup> Iorubá ou Yorubá idioma da família linguística nígero-congolesa. No continente americano, o iorubá é usado em ritos religiosos afro-brasileiros (onde é chamado de **nagô**).

de chuva cheguei à casa de Mãe Beata com Karina nos braços, muito cansada, doente. Bati na sua porta e ela perguntou *quem está batendo em minha porta* eu disse Silvinha, *ela disse quem é Silvinha*, respondi a esposa de Nino abriu a porta entrei e ela *disse não acredito*, eu respondi acredite essa aqui é sua bisneta, ela automaticamente olhou a menina que caiu nos braços dela e ela disse: *pronto não tem o que questionar, sobre isso é a cara do pai*. Daí me deu guarita, fiquei com a Karina lá porque estava muito doente, cansadinha com 1 ano e seis, sete meses. E desse tempo pra cá não se desgrudou mais. Sabia da bisneta, mas não a conhecia até aquele momento e nesse momento ela chamou *João vem ver é a cara de meu neto e a minha cara*, foi uma festa. *Olha João que coincidência a filha de Nino nos meus braços, olha o estado que ela tá cansadinha*. Mãe Beata a levou até uma mesa, até o peji, mostrou as bonecas, mostrou uma coisa, mostrou outras e ela me deu a palavras de conforto, aquele aconchego que muitas vezes eu não tinha fora e eu tive dela. A menina tinha muito cansaço e Mãe Beata tinha e a bisneta tinha o mesmo problema de saúde. Nesta noite o pai estava viajando, Mãe Beata fez um chá com uma medicação e ela teve melhora. Deixei a menina com ela no dia seguinte e fui trabalhar só cheguei a noite, nesse tempo só tinha a mais velha Karla Danielle e Karina Ceci e dois anos depois veio Kadja Elyze e quando chegou mãe Beata também não me deixou ficar com ela sozinha. Disse: *você vai trabalhar, Karina fica comigo que já está maiorzinha e Kadja fica com uma pessoa e eu fico olhando ela porque eu já não tenho mais idade para tomar conta de três crianças*. Karina continuou com as febres muito altas e essa febre não cessava de maneira alguma e uma noite eu tinha tido um sonho onde eu via uma telha virgem, com quatro flores de jasmim vapor em cada ponta da telha tinha quatro velas acesas em cada ponta da telha e uma pessoa de joelho essas pessoas e eu conheci. Amanheci apavorada e a menina doente, com muita febre, convulsão e tudo

a levei ao hospital a interneir e Mãe Beata chegou e disse a mim o seguinte: *temos que fazer uma oferenda*, e eu disse o que houve, ela responde: *tem um trabalho feito para sua filha, era para você, mas veio para sua filha era o único meio de separar vocês. É o único meio de separar você e o pai dela*. Fizemos a oferenda de frutas, todo tipo de fruta na Jurema para os caboclos e a cabocla de Mãe Beata chama Ceci, arriamos uma oferenda para tirar ela Karina do hospital, ela não movimentava o pescoço e nem as pernas, depois da convulsão e graças a Deus até hoje tá aí com 42 anos. Depois disso, a Mãe Beata sentada me pediu para trocar o nome e eu disse como trocar o nome se o pai que escolheu, então vamos botar o Ceci depois de Karina. Eu disse está certo, daí ficou Karina Ceci. Para as outras meninas ela passava banhos cheirosos que era para as coisas serem mais claras porque Karina era a pivô, era a chave mestra da história. Tudo o que vinha pra mim passava pra ela porque eu era a pessoa que queriam atingir, e como não conseguiram, mexia com ela uma bebê, por ser a primeira bisneta. Ela se batizou com mais de um ano na igreja de Nossa Senhora do Carmo e o padre quase que não batizava por causa do nome Ceci. Karina conviveu com Mãe Beata até quase seus 10 anos de idade, até esse momento Karla estava no Orfanato Dom Ulrico e Kadja por ser a mais nova no Orfanato Jesus de Nazaré. Então no certo momento ela me chamou e pediu *Silvinha eu não tenho mais condições de tomar conta de Karina* e diretamente entregou a menina a mim, ela estava muito doente, ela não aceitava que ninguém judiasse das meninas, não cedia para ninguém. Tudo o que ela falava eu aceitava, ela para mim foi uma pessoa clara, ela nunca teve esse negócio de arrodeio, de mentiras, picuinhas, era pá puf (maneira de dizer que as não media suas palavras, uma pessoa direta) tinha todo o respeito, ela nunca mentiu pra mim. Ela pediu para levar Karina mais que não deixasse a outra sozinha (Kadja), sempre as deixasse juntas. Depois de seu pedido Karina ficou

junta com Karla no Orfanato Dom Ulrico [ambos na cidade de João Pessoa], mas teve problemas com a Kadja que sentiu falta das irmãs e quando pude tirar tirei as três. As bisnetas ela cuidava com muito carinho. Até hoje tenho essa lembrança muito boa, ela me adotou, adotou duas bisnetas e a bisneta de coração (risos) a minha filha mais velha. Morei na casa dela, tive toda mordomia, fui muito bem acolhida e hoje sinto uma falta muito grande por tudo isso. A bisneta foi a quebra de um tabu, por ser desquitada. Mãe Marinalva que é minha mãe biológica e Mãe Beata a minha mãe do coração se davam bem, mas quando começou a ficar entre a filha (eu) e as bisnetas começou os ciúmes porque Mãe Beata passou a ter Karina como xodó. Lembrei de um fato quando uma mulher foi me desafiar na porta da casa de sua bisa por causa de seu pai, ela estava sentada levantou-se, era baixinha, me lembro como se fosse hoje, pegou a beretinha<sup>139</sup> do bolso e disse a mim: *fique aí que você está com a menina nos braços e quem vai resolver sou eu*. Atravessou o campo que tinha perto da casa dela e deu um disparo. Ela não mexia com ninguém, mas também ninguém mexia com ela. Sei que quando ela faleceu não pude nem eu e nem as minhas filhas participar de seu velório. O terreiro ficou fechado, ninguém deu continuidade, mas sei que Nino chegou a morar lá. Soube que o terreiro tinha sido tombado não sei bem dizer se foi pela Casa Branca da Bahia ou se foi por Brasília escutei de bocas de outros que o templo não podia ser demolido. Infelizmente depois do seu falecimento minhas filhas não tiveram mais contato. E depois que Mãe Beata eu evitei deixar as meninas na religião, porque eu

---

<sup>139</sup> Beretinha – chamado de bereta diz o dicionário que é para Mãe Beata como disse Mãe Marinalva é um revólver pequeno.



poderia levar as meninas para o terreiro de sua outra avó, não queria que elas praticassem a religião, acho que por medo. Mas nunca as proibi, só evitava porque é uma religião que requer sacrifícios. Mas Karina, nunca procurou outra religião e enquanto estava com Mãe Beata, ela sempre acompanhou nas giras e tirando filhos de santo e suas roupas eram iguaizinhas às de sua bisavó. Já Karla e Kadja já foram ser evangélicas, mas não permaneceram. Hoje Karina e Kadja estão na religião junto com suas famílias. Karina na Umbanda com Mãe

Marinalva e Pai Damião e Kadja no Candomblé, já Karla não pratica nenhuma religião, mas acredita em Deus e tem fé em Iemanjá.

As memórias evocadas por Mãe Silvinha, vão ao encontro de parte das memórias narradas por Mãe Ceixa, Mãe Marinalva, especialmente ao considerar dos aspectos a vida de Mãe Beata e a luta da mulher pela liberdade religiosa. No depoimento de Mãe Silvinha, fica patente a força de Mãe Beata, acrescido da particularidade em afirmar da frequência e participação de políticos paraibanos ao terreiro dela, bem como sua forma de liderar sua prática religiosa. Disciplina, ainda que está lhe requeresse vários sacrifícios, parece ser outra característica que permeia a vida de Mãe Beata. E ao tratar de disciplina chegamos à memória do primeiro filho de santo de Mãe Beata a ser feito com a obrigação de iaô, Pai Robertão (*in memoriam*). Sua passagem aqui na terra, sua convivência com Mãe Beata foi narrada por seu companheiro Anco Márcio.

## A MEMÓRIA DE ANCO MÁRCIO MISTURADA COM A SAUDADE DE ROBERTO<sup>140</sup>

Natural de João Pessoa/PB, nascido e crescido aqui no bairro de Jaguaribe e na fase adulta. Conheci Roberto e a gente começou um relacionamento homoafetivo que na época não era tão fácil. E fomos morar em outra cidade em Rondônia, éramos de família muito conhecida e não foi só por isso que a gente se mudou, pois, poderíamos ter enfrentado mais pela facilidade que tínhamos em Rondônia, tínhamos parentes e por Roberto já ter morado lá, ter conhecimento e trabalhado lá achamos que seria mais cômodo para a gente começar a vida em outra cidade. Eu já conhecia a religião não só como cliente, porque na Bahia tomei algumas iniciações e a doutrina fui conhecer com Roberto Ataíde. Fiz um *bori*, meus padrinhos foram dona Maria Honorato filha de santo de Roberto a *labassê*<sup>141</sup> dele e seu Jorge Ramalho hoje ambos falecidos. Comecei a desenvolver na jurema até da obrigação de Jurema o tombo como chamamos, minha madrinha era Madalena que por sinal frequentou a casa de Mãe Beata também. Na sequência tomei algumas obrigações no *jejê*<sup>142</sup>. E na época que conheci Roberto nesse comecinho conheci a história do Roberto com Mãe Beata, posso dizer que Roberto cria do barracão desde sempre. Sei que Roberto iniciou em Marés quando criança até um certo ponto em mesa branca e o guia da casa um dia lhe disse que ele tinha orixás que não era de mesa

---

<sup>140</sup> Não damos destaque a cor do orixá que comanda o ori do Márcio na sua a moldura que se encontra em seu registro pois não obtivemos essa informação de qual é o seu orixá de cabeça. Então deixamos uma cor neutra para representar o seu orixá.

<sup>141</sup> *labassê* – a responsável pelo preparo dos alimentos religiosos.

<sup>142</sup> *Jejê* – nome dado a uma folha, uma tradição do Candomblé (Candomblé Jejê).

branca e que ele teria que desenvolver porque os próprios guias da casa deram permissão para ele procurar alguém ligado a religião afro foi aí que ele chegou a Mãe Beata. Quando começamos Roberto me levou na casa dela fomos almoçar, ela era bem carismática, uma menina linda. A lembrança que tenho daquele sorriso, aquela mulher dinâmica, mulher de temperamento forte que a gente nem precisava mandar recado, não é? Uma filha de lemanjá dinâmica. E nessa oportunidade Roberto contou minha história a ela e ela disse assim: *olha eu gostei desse menino e sinceramente eu falando se esse menino ficasse aqui quem ia cuidar dele era eu. Mas eu acho que não vou ter tempo pra isso né Roberto, mas eu deixava ele no jeito*. Eu por ser novo mais por conviver com pessoas mais velhas tinha esse privilégio de me sentar e ouvir as histórias entre eles e isso me despertou muito respeito. Eu a conheci pessoalmente e toda a história e de quem ela representou para matriz africana. Eu ouvi de várias pessoas, eu ouvi de Mãe Anália, Roberto e também de uma irmã de santo que fazia parte do barco das antigas também de lemanjá. Eu ouvi em conversa a caminhada dela, a forma dela trabalhar, a forma que ela desenvolvia, a forma que ela desenvolvia, os relatos, as histórias de dentro do terreiro. Eu ouvi falar do primeiro terreiro, sobre os preceitos que eram seguidos, a responsabilidade e sobre a doação de si quando o pessoal se anulava<sup>143</sup> da vida social, pois ali você quando virava um sacerdote tinha dedicação ao pessoal, coisa que hoje em dia você não vê mais como antes. Temos as procissões, as visitas que eram feitas, os preceitos dos *iaôs*, eu sei que se resguardam ainda mais me refiro a vida de roça porque naquela, época eles viviam como em uma comunidade, como se fosse uma roça inclusive para invocar encantados, esperar respostas, terem

---

<sup>143</sup> Quando o senhor Anco Márcio se refere a essa anulação é devido os sacerdotes terem preceitos para momento em que necessitam estarem preparados para se entregar aos rituais religiosos.



visões. Eu acredito piamente porque até 86 porque isso era coisa de 60, 70 que eu acompanhei várias vezes conversas de *baú de segredo*<sup>144</sup>, é falar até onde sei e posso. Digo assim em relação ao axé, ao fundamento que existia ali das coisas dela de dizer que vai acontecer tal coisa, tal dia, tal hora, acontecia exatamente certas e completamente reais. Roberto dizia assim: *Mãe Beata dentro da espiritualidade se ela dissesse eu quero uma entrega em tal lugar* Roberto fazia e trouxe dela de não fazer nada sem recado, confirmava no búzio, às vezes só orixá ou com só Exú quando era coisa de Exú ele sempre esperava o recado material. Ele dizia: *a gente vai ficar aqui até acontecer tal coisa, nem que seja uma pessoa passar, olhar e dá boa noite e sair sem dizer nada*, isso é um exemplo do que ele fazia podia ser uma animal alguma coisa porque veio dela. Estou arrepiado, eu não vou



entrar em detalhes sinceramente falando porque pode haver pessoas e pensar é coisa de fábula. Mas estou falando de uma realidade de pessoas que convivi e com quase 90 anos que diziam e comentavam entre si. Meu relacionamento com Mãe Beata foi rápido, mas tive a chance de conhecê-la por intermédio de Roberto. Cheguei a participar da roda<sup>145</sup> em uma festa de Xangô. E como as coisas a gente não

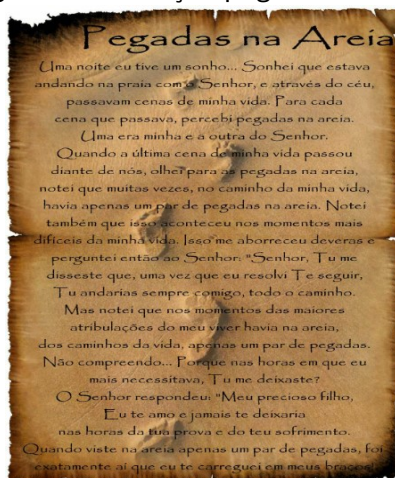
---

<sup>144</sup> Baú de Segredo - É uma forma de direcionar segredos que não podem ser abertos a qualquer pessoa, são os segredos de dentro daquela comunidade ou até mesmo de certos rituais, feitura entre outros.

<sup>145</sup> Roda - o senhor Márcio se refere a gira.

sabe explicar no dia do falecimento de Mãe Beata, nós estávamos vindo de Rondônia de férias pra cá. Quando a gente chegou no aeroporto e pegou um carro, o motorista de táxi deve ter reconhecido Roberto e disse o senhor veio para o velório, o sepultamento de Mãe Beata, não vai dar tempo já saiu. Roberto sem saber me deixou no Cristo, deixou a mala inteira, vestiu uma roupa branca<sup>146</sup> e foi para o barracão. Ao chegar lá realmente não tinha mais ninguém, só uma pessoa que o recebeu, se agarrou chorando e daí esperaram para saber o que fazer. Olha que coisa era pra gente tá presente e a gente sem saber de nada. Dona Carlinda Feitosa disse dias antes a nós que Mãe Beata tinha tido uma melhora boa, dona Carlinda era muito presente e amiga de Roberto. E antes disse Mãe Beata havia enviado a pouco tempo um cartão de Natal com a Oração Pegadas na Areia para Roberto e atrás tinha uma escrita dela. A Figura 111, mostra a oração.

**Figura 111** - Oração pegadas na areia



Fonte: Presente pra você (2008).

<sup>146</sup> Nós umbandista vestimos branco para vivenciar o luto.

E para as realizações fúnebres depois de um tempo de luto tem pessoas designadas para realizar esses rituais e lembro que Mãe Beata ela cultuava a Umbanda e depois passou para Angola ela deu suas obrigações com seu Cecílio de Santana. Então sei que o seu barracão tinha reconhecimento da Casa Branca, tanto reconheceu que foi designada Mãe Olga *Kalossi* para fazer o *sirum*<sup>147</sup>. Os baianos preservam muito isso e se ela não tivesse esse reconhecimento, não teria indicação da Casa Branca para virem fazer o *sirum*, para mim o barracão era para ser tombado. Tem várias casas que nasceram na Umbanda que às vezes continuam a sua Umbanda, mas no dia de festa, isso é comum quantos *axés* eu conheço as dos mais antigos aqui, no Rio, São Paulo. Quanta gente não é assim porque a pessoa tinha suas entidades, sua jurema ele vai abandonar o que tem? vai passar uma borracha? não existe. Na minha concepção quem apaga passado? Agora sobre Mãe Beata sei que ela cumpria preceitos e cada um teve pai e mãe de santo teve sua importância no seu tempo. E Mãe Beata respeitava os encantados, os caboclos, pretos, mestres. Suas manifestações eram lindas, Roberto dizia que ela tinha incorporações dormindo e era espontâneo e acontecia naturalmente dizia que as entidades dela vinham muito positivas. E quero deixar registrado que na oralidade esses relatos são fontes e por ela (Mãe Beata) e por ele (Robertão) em memória dos dois e da vivência rica que tiveram que eu me achei mesmo ainda na fase (luto) que era necessário, pelo que você Karina representa para a ancestralidade e tradição de um povo.

---

<sup>147</sup> *Sirum* - cerimônia fúnebre.

## MÃE KARINA NOS BRAÇOS DE IEMANJÁ: ODOCIÁ!<sup>148</sup>



Iemanjá considerada a mãe de todos os orixás, conhecida como Janaína, considerada por Souza como,

Rainha de tôdas as rainhas, Rainha de todos os Santos, Rainha dos profetas. Dos Anjos, dos Apóstolos, dos Patriarcas e das Virgens; vive em todos os corações, o coração de Maria, símbolo sagrado do amor, da fé e da pureza (Souza, 1964, p. 39).

Ela representa as águas salgadas, as águas do mar. Dona de uma beleza e que encanta quem escuta seu cantar como bem trata a canção de nome “*Como é lindo o canto de Iemanjá*” de autoria desconhecida.

---

<sup>148</sup> *Odociá* - saudação ao Orixá Iemanjá - significa Salve a Senhora das águas.

Mãe d'água  
Rainha das ondas, sereia do mar  
Mãe d'água  
Seu canto é bonito quando tem luar  
Como é lindo o canto de lemanjá  
Faz até o pescador chorar  
Quem escuta a Mãe d'água cantar  
Vai com ela pro fundo do mar  
lêê, lemanjá!  
Rainha das ondas, sereia do mar  
Fonte: Letras (2022).

Falar de **lemanjá**<sup>149</sup> é destinar um cuidado com as palavras, pois é mãe de meu *ori* e a quem bato cabeça. Esse cuidado se dá no momento em que retrato a escrevivência, a vivência de uma mulher negra, umbandista possibilitando que outras Mãe Beatas, Karinas possam perceber e entender que

[...] a escritora ou o escritor ao incentivar a sua escrita, pode deixar um pouco de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens (Nunes, 2020, p. 32).

E neste viés que possam compreender que no seu/nosso escrever possamos criar meios de enfrentamento contra a não aceitação, o preconceito, a discriminação, a intolerância, a falta de respeito, contra a falta de cuidados com os menos favorecidos enfim contra tudo o que impedi as nossas(os) e até a nós mesmas(os) realizarmos. E através da escrevivência está sendo possível dar gritos através das letras.

---

<sup>149</sup> Por ser filha de lemanjá, damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dona de seu ori.

## MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: TRAJETO DE UMA IDENTIDADE

Falar de infância é entender “[...] que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução do passado, mais do que uma reconstituição fiel de si mesmo [...]” (Candau, 2021, p. 09), é falar da memória como fenômeno construído tanto individual como no coletivo, é poder trazer na mente fatos e acontecimentos vividos em um momento especial da vida. A Figura 112 mostra a minha árvore genealógica disponibilizada pelo MyHeritage<sup>150</sup>.

Quando nos referimos as memórias de infância vem à mente lembranças de pessoas, de objetos, de lugares, de brincadeiras, das traquinagens<sup>151</sup> entre tantas formas de trazer à superfície momentos sofridos, felizes, compartilhados ou não, mais que marcaram uma parte da vida.

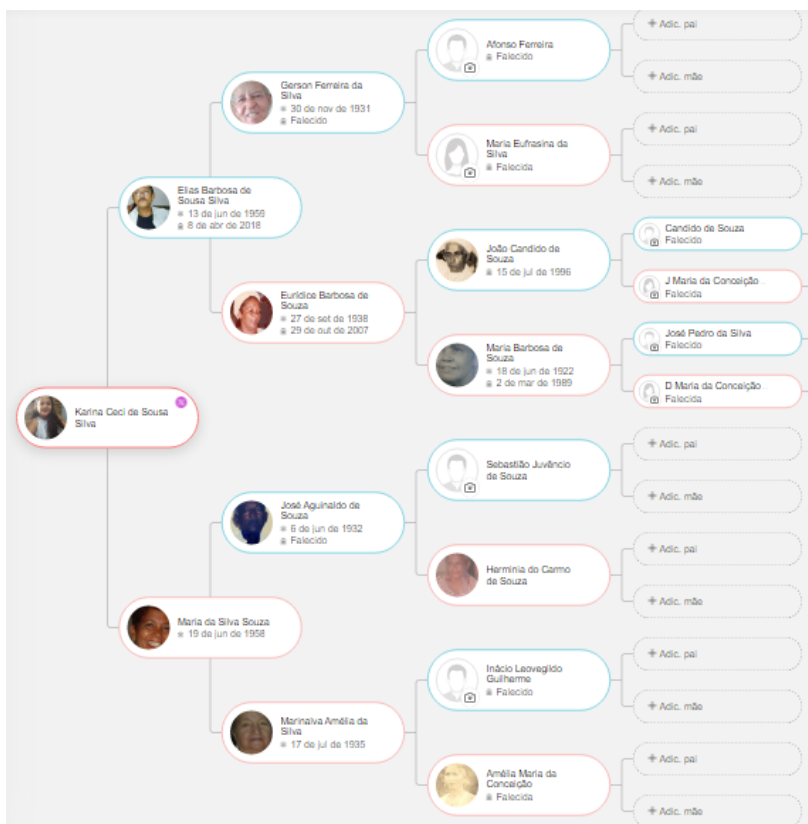
Dessa forma afirma Córdula e Oliveira (2015, p. 50) que “não voltamos no tempo para reviver, mas refletimos sobre o vivido, agregando a experiência do presente ao frescor dos acontecimentos passado”. Se as experiências do presente envolvem o frescor dos acontecimentos passado como bem traz Córdula e Oliveira (2015) é poder reafirmar que somos construções e mudanças dos nossos antepassados, e isso pode ocorrer conforme as mudanças que o tempo nos presenteia.

---

<sup>150</sup> É uma plataforma de genealogia online que oferece serviços e produtos web, móveis e de software.

<sup>151</sup> Traquinagem - comportamento inquieto, brincadeira, agitação.

**Figura 112 - Árvore Genealógica de Karina Ceci**



Fonte: adaptado de MyHeritage (2023).

Ao tratar da identidade que pode ser percebida e representada por nossas ações, por cada grupo social, por cada indivíduo mostrando suas diferenças e particularidades, porém, possuem ao nosso entender o um mesmo objetivo, serem percebidos e respeitados por todos.

Para Santos (2011, p. 146) a “identidade e diferença são indissociáveis. Sem a diferença não há identidade”, corrobora

Heidegger (2018, p. 07) quando mostra que “o comum-pertencer de identidade e diferença é apontado como aquilo que deve ser pensado”. Compreendemos que a identidade serve para diferenciar e identificar um costume, modo de viver de um povo o diferenciando dos demais indivíduos.

Então pensemos na identidade cultural destacando a crença religiosa que tem sua identidade herdada com as tradições, construindo as memórias coletivas e com os ensinamentos dos mais velhos que tentam não vivenciar as mudanças que surgem naturalmente no decorrer do tempo e da situação social, e sem perceber convivem entre si, envolvidos nas mudanças.

Mas, se a identidade como descreve Santos (2011, p. 149) são “fontes de significado mais importante que os papéis sociais” e que “os papéis organizam funções e as identidades organizam significados”. Contudo pensamos que organizar o registro da memória de uma infância agregando os sentimentos nela existentes como sentimentos de afeto, de saudade, de medo, de alegria entre tantos que estão ocultos e/ou na reserva do mais profundo lugar da memória.

## **A MEMÓRIA INVISÍVEL: O ESQUECIMENTO**

Nos assegura Assmann (2011, p. 34) que o “[...] esquecimento e recordação estão indissociavelmente intricados. Um é possibilitador do outro”. Então para trazer a superfície momentos vividos, é preciso que tenhamos um incentivo, que um gatilho seja disparado e que toque em um de nossos sentidos permitindo um saborear, um sentir, um perceber, um ouvir, um olhar, representando o passado através



da memória, e como atesta Oliveira (Informação verbal)<sup>152</sup> que “a memória é uma representação do passado, um reavivamento de um tempo presente, é a leitura do presente sobre o passado”. A Figura 113 expõe a Silvinha grávida de Karina Ceci.

**Figura 113** - Silvinha grávida de Karina Ceci (1980)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Essa leitura faz com que o tempo para uns tenham o prazer de revocar, para outros o desejo que permaneça esquecido/adormecido, como também há situações onde existe

---

<sup>152</sup> Informação verbal da professora Bernardina Freire na aula da pós-graduação em Ciência da Informação da disciplina Informação, Memória e Identidade, no dia 25 de agosto de 2021.

bloqueios interferindo o sucesso para que ocorra uma “recordação bem-sucedida chamada de memória feliz” (Ricoeur, 2007, p. 46) mas para que ocorra uma memória feliz, devemos entender que a felicidade está dentro de nós, observando o nosso interior, permitindo sentir a própria felicidade.

Com isso, permitir sentir a própria felicidade resulta em um reconhecimento de si, considerando indivisamente ação e paixão, ação de agir mal e paixão de ser afetado por sua própria ação (Ricoeur, 2007) e uma reconciliação entre o eu e o passado como a construção memorial de todo o momento da construção de si.

## **MEMÓRIA APAZIGUADA: LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER**

Estar presente no lugar que nos contempla prazer é facilmente presenteado pela memória um relembrar, um viver pois bem cita Yates (2007, p. 23) que,

Um *locus* é um lugar facilmente apreendido pela memória, como uma casa, um intercolúnio, um canto, um arco etc. Imagens são forma, signos distintivos, símbolos daquilo de que queremos nos lembrar (Yates, 2007, p. 23).

E ao tratar sobre a lembrança Ricoeur (2007, p. 107) diz que “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si”, que “lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança” (2007, p. 24). Logo, compreende-se que lembrar é nos permitir não falar apenas de si, mas envolvendo um coletivo que fez parte desse

momento, rememorando pessoas, fatos, acontecimentos, mesmo que alguns deles não venha contido de boas lembranças.

Conforme a Figura 114 ela trata de permitir com que a pesquisadora volte a relembrar uma fase da vida, o momento em que viveu dentro de uma comunidade religiosa inserida dentro de seu próprio convívio familiar (Karina Ceci sentada em cima da mala do carro e ao seu lado esquerdo sua tia Eronilda Cabral).

**Figura 114** - Dia de festa no Terreiro de Umbanda – Mãe Iemanjá<sup>153</sup>.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (1982).

Bosi (1979, p. 23) diz que “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar [...]”. Bosi

---

<sup>153</sup> Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá dirigido por mãe Beata, situado no bairro do Rangel em João Pessoa/PB, década de 1980.

continua afirmando que “a lembrança é a sobrevivência do passado”. E lembrar, pode ser considerado o presente da história vivida e guardada no passado, saboreando no presente o desfrute da trajetória e experiência de vida através da memória, por que “a lembrança é a recuperação do conhecimento ou da sensação ocorrida. É um esforço deliberado para encontrar seu caminho entre os conteúdos da memória, perseguindo aquilo que se quer lembrar” (Yates, 2007, p. 54).

Precisamos registrar através das lembranças pois [...] “a lembrança é a representação de um objeto ausente” (Bergson, 1999, p. 275) e com isso serve para preservar fatos e acontecimentos vividos individualmente como coletivamente, além de preservar os lugares de memória, seja em qualquer sentido para que não caiam no esquecimento vindo a servir de prova/ testemunho futuramente as pessoas que não conviveram nesses momentos. E assim possam saber, conhecer a sua/minha trajetória de vida, como lugar de onde nasceu, viveu, apresentando pessoas que tivemos convívio sejam elas familiares ou amigos.

A Figura 115 mostra um momento de celebração, de realização e de felicidade para alguns presentes. Podemos assim concordar com o que nos afirma Bergson (1999) que mesmo os momentos ausentes eles podem ser representados e preservados nos registros.

A Figura 116 nos presenteia com outros momentos ausente, mas que são representados através dos registros e lembrados pela memória.

**Figura 115** - Karina Ceci como dama de honra



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

**Figura 116** - Karina Ceci e sua irmã mais velha Karla Danielle no carnaval no bloco de Dona Emília e Karina Ceci no São João do Orfanato Dom Ulrico



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Com isso consideramos as lembranças como um conjunto de experiências de todo o decorrer da vida, carregado de histórias e de objetos tangíveis e intangíveis que sendo transcrita e descrita possibilita a visibilidade do que estava oculto. Considera Candau (2021, p. 72) a memória como,

[...] uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio. É por isso que muitas vezes as pessoas, ao envelhecer tornam-se muitos falantes ou então definitivamente silenciosas, após terem aceitado o inevitável. [...] sabe-se que o estado emocional do narrador, as influências que sofre, pode ter efeito sobre a natureza das lembranças evocadas sem que se possa realmente determinar se a qualificação feita do acontecimento, quando recordado, deve-se a elementos seus ou à projeção do seu humor no momento mesmo da reminiscência. Seja o que for, o sujeito que experimenta um sentimento interior de tristeza terá, talvez, a tendência a recordar experiências qualificadas como tristes, conferindo assim uma visão tendenciosa de sua própria vida. Essa dependência do contexto participa, portanto, da reconstrução das lembranças.

E mesmo que seu presente momento não seja de total alegria, algumas lembranças, algumas recordações te possibilitam trazer na memória momentos silenciados. Contudo, faz-se presente no que digamos guardados dentro dos baús que existem preservados no palácio da memória, como diria Santo Agostinho.

lrei também além desta força da minha natureza (a memória: n.d.r), ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou (Confissões, X, 8, 13; Agostinho, 2004, p. 454).

O palácio, metaforicamente, adotado pelo autor indica o espaço que abriga e habita o ser, o eu. Nesse caso, o eu que também tem o que dizer, um espaço dotado de escrevivências habitadas, no qual se instalam vários baús.

## **BAÚS DE UMA MEMÓRIA FELIZ**

[...] as identidades dos sujeitos são construídas, e a cultura é constituída a partir de ações de criação e apropriação dos registros de conhecimento (documentos) pelos sujeitos agindo de forma reciprocamente referenciada na construção dos saberes (Araújo, 2017, p. 29).

Evocar lembranças é trazer junto a sensação de estar naquele determinado tempo, tempo esse de boas, más e maravilhosas recordações. Buscamos revirar o baú e nele



apresentar momentos que poderão servir de gatilhos na memória de outros, permitindo-os sentir sensações adormecidas.

De acordo com Candau (2021, p. 19):

[...] a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída ‘no interior de uma lembrança’.

Considera Araújo (2017, p. 29) que,

[...] as identidades dos sujeitos são construídas, e a cultura é constituída a partir de ações de criação e apropriação dos registros de conhecimento (documentos) pelos sujeitos agindo de forma reciprocamente referenciada na construção dos saberes.

Transcrevemos um reavivamento junto às lembranças pessoais de uma época considerada a mais linda de toda sua trajetória como bem mostra a Figura 117 em que a pesquisadora aos seus três anos de vida estar presente no momento em que sua bisavó festeja o seu orixá. Tendo ao lado os irmãos na fé, seus bisavós Pai João e Mãe Beata e sua irmã caçula Kadja Elyze (1983).

**Figura 117** - Karina Ceci e sua irmã mais nova Kadja Elyze na festividade religiosa em comemoração a Iemanjá no Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

E com esse registro volto a lembrar e ao mesmo tempo em que ao fechar os olhos posso ouvir a voz de minha mãe ‘Silvinha’ quando relatava fatos de minha infância que busco sempre lembrar, mas o esquecimento às vezes se faz presente em muitos momentos. Recordo ela falar assim:

Você tinha 1 ano e 7 meses de vida quando adoeceu e em uma noite chuvosa exatamente no dia 04 de dezembro de 1981 sai desesperada a casa de sua bisavó e ao chegar lá a joguei em seus braços, automaticamente, ela chama seu bisavô - ‘João corre aqui e veja, é a cara de Nino’. Em seguida comecei a falar sobre o sonho que tive com você, ela em sua crença já

descreveu o sonho e me disse o que deveria fazer. E depois da realização do que deveria ser feito ela me pede para colocar em seu registro o nome da cabocla dela a CABOCLA CECI, como você bem sabe ela tinha a umbanda como religião. E fomos marcar seu batizado e ao chegar à igreja aquela que fica na entrada de quem vai para Cruz das Armas a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, o Padre logo questionou e disse com esse nome não batizo, e foi um batizo e um não batizo, que nem lembro como conseguimos convencê-lo. E no dia 17 de maio de 1981 conseguimos lhe batizar, foi uma alegria imensa. Depois disso sua avó não me deixou trazê-la de volta, pediu para ficar com você e como eu trabalhava muito permiti, mas sempre indo lá. O tempo passou você sempre ao lado de sua bisavó, de seu bisavô, de sua avó, de seu tio, como de mim e seu pai participando das festividades religiosa, dos rituais, no dia a dia, menos nas práticas pois você era muito novinha e geralmente crianças naquela época não via certos rituais. Mais nas festividades sua bisavó fazia questão, tinha um orgulho danado de ter você participando junto a ela, você sempre foi muito tímida então sempre permanecia quieta, pedia para vestir suas roupas (sempre combinando com as de sua bisá), era a mini roupa, em uma mini aprendiz. Sua infância foi com ela e quando ocorreu o momento dela ficar doente, ela me chamou para que eu trouxesse você pra casa, mas você já estava prestes a fazer 10 anos. Tive que colocar você no orfanato junto com suas irmãs, você se lembra bem disso. Sua irmã

Kadja era mais nova, ficava no Jesus de Nazaré aquele ao lado do Hospital São Vicente de Paula, Karla e você no Dom Ulrico, isso me deixava triste em estar tão distantes de vocês, tu lembra? que vocês iam nas segundas e nos sábados voltava quando dava eu pegava e quando não os clientes do salão pegavam vocês e deixavam no meu trabalho porque eu não podia sair naquele horário e a noite íamos para casa todas juntas no ônibus Setusa (risos) e eu só tinha o sábado à noite e o domingo com vocês. Mas era preciso trabalhar para sustentar sozinha uma casa e três filhas. Sobrevivemos, não é?

Ao lembrar das histórias de minha vida narradas por minha mãe me permitiu sentir a felicidade dos momentos bastantes felizes, sem que esse momento presente eu estivesse na minha total felicidade. Me fez voltar no tempo que aparentemente estava no presente, mas dentro de minha memória e como anuncia Ricoeur que “as imagens sensíveis e as noções se acrescenta a lembrança das paixões da alma: de fato é dado à memória lembrar-se sem alegria da alegria, sem a tristeza da tristeza” (2007, p. 110).

A seguir, a Figura 118 ilustra um momento feliz sentido não só por mim, mas por quem presente estava quando entrega Karina Ceci aos cuidados do nosso criador. E esse momento é sentido no seu batismo mesmo tendo ocorrido algo que ao nosso entender foi um ato de intolerância. Porém, há fatos e acontecimentos que mesmo voltando ao passado não precisam ser esclarecidos, por tocar em sentimentos profundos dentro de nós.

**Figura 118 - Batizado de Karina Ceci (1981)**



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Há pontos na fala de minha mãe que lembro sim, como também há muitos fatos que nem me atrevo a dizer que lembro, como há fatos que prefiro deixá-los no ocultamento, mais que foi ativado no momento de escuta. Mas, “talvez uma volta no passado possa senão explicar, mas esclarecer os fatos” (Costa, 1997, p. 111).

Como o porquê de o padre não querer realizar o batismo por conta do meu sobrenome que provém de uma cabocla, a cabocla de minha bisavó Mãe Beata, a Figura 119, apresenta a estátua que representa a cabocla Ceci.

**Figura 119** - Fotografia da estátua da cabocla Ceci dentro do quarto de Jurema de Mãe Beata



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Vamos lembrar de coisas que nos trazem sentimentos bons, lembrar de momentos feliz, prazerosos que o tempo não apagou dentro de mim, por exemplo:

Quando dormia em uma rede no próprio quarto de minha bisavó e ela coloca uma

bacia de ágata para aparar meu (risos) xixi; lembro de brincar sempre com a vizinha e a nossa divisão era uma cerca de varas; minha avó sempre aos sábados quando vinha da feira trazia panelinhas de barro para que eu pudesse brincar de casinha; lembro de uma mesa enorme na cozinha e meu lugar era sempre ao seu lado e meu assento era um banco de madeira na cor azul; lembro que pela manhã Afonso ou Zé Carlos me levavam a escola e meu lanche ( ai que delícia estou sentido o gosto na boca) kisuke<sup>154</sup> de laranja e bolacha cream- cracker ou biscoito de leite; amava comer cuscuz com biscoito 3 de maio e continuo amando; lembro que no quintal de casa havia um pé de pimenta e ela me fez com 8 anos ficar embaixo para que eu acreditasse que minha chupeta estava ardendo devido eu estar embaixo do pé de pimenta e eu a joguei para o lado do muro; lembro do fogão a lenha, na área de fora da cozinha onde era feita o *ageum* do santo; lembro de um quintal imenso e com várias árvores, ervas e plantas; lembro das viagens que fizemos uma para a Bahia, outra para o Rio de Janeiro onde tive que subir em um navio por uma escada de metal que balança horrores no meio do oceano onde minha bisa jogou um pente daqueles que prende cabelo ao mar e tive a sensação de acalmar a ventania, lembro nessa mesma viagem que me inxirir<sup>155</sup> de fazer brigadeiro e o mesmo caiu e tive queimaduras no pé esquerdo onde fez bolhas enormes; lembro que fomos a

---

<sup>154</sup> Kisuke – forma de denominação aos sucos em pó nas décadas de 80 e 90.

<sup>155</sup> Inxirir vem de enxerimento – expressão regional comum no Nordeste.

Conceição de Piancó na Paraíba (local onde sua família residia) e ao lado da casa havia um pé de umbu cajá lindo (trago bem na memória os frutos) e que nessa mesma viagem fomos tomar um banho de cachoeira e eu vi uma cobra engolindo um sapo; lembro que sempre participei junto com ela das festas religiosas e eu tinha um medo danado quando as pessoas se irradiavam com as entidades e vinham próximo a mim; lembro de sentar a sala e escutar ao lado deles no passa disco Luiz Gonzaga e Trem da alegria; lembro que a tarde sempre ficávamos sentadas na frente de casa esperando alguém trazer o pão quentinho naquela sacolinha de pano e em um certo dia ao retornar ao interior da casa, ao atravessarmos o salão<sup>156</sup>, o teto do mesmo desabou e ela conseguiu construí-lo novamente, mas o destino quis que ela partisse cedo demais aos seus 62 anos e nem ao seu velório puder ir, me impediram e depois disso (acredito) fiquei com esses pouquíssimos momentos na memória, lógico que existem mais momentos que só escavando cada camada de minha memória, só disparando certos gatilhos que virão à tona, mais tem um momento que desse eu tentarei não esquecer foi no dia em que retornei ao casarão era assim que a residência de minha bisavó era denominada para pegar meus pertences e ao caminhar para a porta de saída viro o rosto para o lado esquerdo do salão, em direção ao nosso quarto e a vejo sentada em frente a

---

<sup>156</sup> Salão - local onde eram realizadas as festas religiosas.



penteadeira penteando seus longos cabelos, eu uma criança sem entender, sem ter participando do momento de seu enterro me deparo com pessoas chorando por causa de sua ausência e eu simplesmente a vejo e o que faço naquele momento ‘corro’ para o lado de fora e choro desesperadamente e dizendo ‘eu vi ela ali, bem ali’. E hoje a tenho linda em minha memória e a sensação que ela está apenas viajando. (Karina Ceci, 2021)

Ao revocar as memórias, registrando um pouco dos momentos vividos individual e coletivamente, fez com que a emoção tomasse conta de mim, ressurgiu, o coração acelerou e uma chama acendeu no meu interior, a chama da saudade, do apego, do amor. A Figura 120, mostra Karina Ceci conduzindo um filho de santo e sendo direcionada por Mãe Beata e Pai Afonso.

**Figura 120** - Karina Ceci retirando uma filha de santo no Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá (1986)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Carvalho (2019, p. 93) explica que,

Registrar experiências é sem dúvida reviver o passado, buscando nas lembranças e memórias histórias que podem ser socializadas, tornando-se memória coletiva de experiências também coletivas, visto que vivendo em sociedade as histórias individuais são realizadas com o compartilhamento e relação com outras pessoas, onde os laços de interação são profundamente imbricados em redes estruturadas e cenários de comunicação.

Sinto meu passado vivo, presente e tenho a sensação que aquela menina prestes a fazer 10 anos, hoje com 43 anos e com poucas lembranças teve a sorte de ter tido uma infância linda e feliz, continua bem ativa e bem viva dentro de mim.

A Figura 121 expõe bem esse sentimento quando participava da semana da criança e do São João no Orfanato Dom Ulrico.

Continuo com os ensinamentos aprendidos pelos meus antepassados dando importância a minha história, traduzindo minha existência. Claro que em alguns desses caminhos da vida algo a mim transmitido quando criança teve modificações, porém, certos costumes, certas manias, certos pensares, certos gostos, certas maneiras de agir e pensar entre tantos certos na vida me proporcionaram resistência.

**Figura 121** - Karina Ceci e suas irmãs em apresentação cultural no Orfanato Dom Ulrico (1989)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

E nessa resistência permaneço na religião apresentada a mim por meus bisavós Mãe Beata e Pai João, hoje (2023) sigo ao lado de meus familiares que são meus zeladores e irmãos na fé. O Quadro 1 descreve alguns de meus familiares praticantes da umbanda, jurema e do candomblé.

**Quadro 1** - Nomes de familiares praticantes da religião afro-indígena (2023)

<b>Nome religioso</b>	<b>Nome e parentesco</b>	<b>Familiaridade religiosa</b>
<b>Mãe Marinalva de Ogum</b>	Marinalva Amélia da Silva - avó biológica	Mãe de santo
<b>Pai Damião de Oxum</b>	Damião Aguinaldo de Souza Silva - tio biológico	Pai de santo
<b>Mãe Silvinha de Xangô</b>	Maria da Silva Souza - mãe biológica	Irmã de santo
<b>Pai Hilton de Oxalá</b>	Hilton Torres Holmes - esposo	Irmão de santo
<b>Pai Vinícius de Ogum</b>	Mácio Vinícius de Sousa Santana - filho biológico	Irmão de santo
<b>Mãe Cristina de Oxum</b>	Izabel Cristina Ribeiro de Souza - tia biológica	Irmã de santo
<b>Mãe Kadja de Xangô</b>	Kadja Elyze de Sousa Silva - irmã biológica	Irmã de santo
<b>Pai Paulo de Iemanjá</b>	João Paulo Cardoso da Silva Souza - primo biológico	Irmão de santo
<b>Abiaxé<sup>157</sup> Maria Beatriz</b>	Maria Beatriz de Souza Targino - sobrinha biológica	Irmã de santo
<b>Yasmin Famo<sup>158</sup> de Yemonjar</b>	Yasmin Yohanne de Souza Alves - sobrinha biológica	Irmã de santo

<sup>157</sup> *Abiaxé* – pessoa que recebeu ainda no ventre da mãe os sacrifícios da obrigação, feitura.

<sup>158</sup> *Famo* - termo utilizado no Candomblé (Ketu) damos o nome do Candomblé pois foi onde a filha de santo foi iniciada. *Famo* - descreve a posição de que o

<b>Anbiã Luan</b>	Luan Souza Santos - sobrinho biológico	Irmão de santo
<b>Ogã Alisson</b>	Alisson de Oliveira Souza - primo biológico	Irmão de santo
<b>Ogã Hércules</b>	Hércules Bráulio Alves Santos - cunhado	Irmão de santo
<b>Anbiã Jonatha</b>	Jonatha Ribeiro Lourenço dos Santos - primo biológico	Irmão de santo
<b>Anbiã Maria Luíza</b>	Maria Luiza Rodrigues Marcone - nora	Sobrinha no santo

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Fazer o registro dos familiares me permite escrever, valorizar e fortalecer a minha identidade, a nossa História enquanto praticantes das religiões afro-indígena. É perceber que mesmo pertencendo a tradições religiosas diferentes vivemos em comunhão, cumplicidade, parceria e respeito.

A Figura 122, mostra a pesquisadora em seu momento em que é apresentada a família de santo e as pessoas que estão no espaço para prestigiar a *iaô* e ao mesmo tempo pessoas que estão no intuito de conhecer, outros para pesquisar.

A Figura 123, mostra a pesquisadora acompanhada por seus pais de santo representando o orixá *Ogum*.

---

filho(a) sai junto aos seus irmãos de santo no dia de sua obrigação/feitura onde chama-se de barco.

**Figura 122** - Karina Ceci em sua saída de iaô no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar representando Iemanjá e Oxalá (31 de maio de 2015)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

**Figura 123** - Karina Ceci em sua saída de iaô no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, representando Ogum (31 de maio de 2015)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Na Figura 124, trata de mostrar a pesquisadora recolhida no quarto da jurema tendo ensinamentos de seu pai de santo (Pai Damião). Esse foi o dia em que ocorreu um toque de jurema para que a filha que estava recolhida pudesse sair de obrigação na jurema (2013). Onde ocorreu saídas para representar as entidades da jurema como: *Ossanhã*, pomba gira, cabocla, preta velha e o mestre.

Figura 124 - Obrigação na Jurema de Karina Ceci (24 de fevereiro de 2013)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.



E com resistência ensinamos os nossos mais novos, dando continuidade de geração a geração, a não ter vergonha de onde veio, de suas origens, de seu lugar de pertencimento, mesmo aqueles que buscaram outras formas de viver ou de outras práticas religiosas.

Ensinamos que devemos viver em comunhão, em paz uns com os outros, mostrando que o mundo necessita de compreensão e respeito.

A Figura 125 mostra a bisavó (Mãe Marinalva), avó (Mãe Silvinha) ambas incorporadas com orixá saudando o Pai Vinícius na época ainda *anbiãn*.

**Figura 125** - Encontro de gerações (abril de 2008)







Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Tataraneto de Mãe Beata e Pai João; Bisneto de Mãe Marinalva e Aguinaldo de Souza (*ogã*), bisneto de Mãe Eurídice; neto de Mãe Silvinha e Elias (*ogã*) e filho de Mãe Karina (*laô*), Pai Vinícius continua dando segmentos a nossa religião, conforme revela a Figura 126, ao testemunhar, que a história continua sendo repassada de geração a geração, pois a tradição segue por meio daqueles que nos sucederão e os nossos antepassados merecem nosso reconhecimento, firmando uma identidade.

**Figura 126** - Karina Ceci ao lado de seu filho biológico (31 de maio de 2015) e Mácio Vinícius no dia de sua obrigação de Iaô (24 de abril de 2016)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

E como “não há identidade sem memória” (Granato, 2009, p. 09), que certos valores, o respeito, a ética, o olhar o outro como quero ser vista, a vivenciar costumes aprendidos como seguir a religião que sempre me fez bem, isso nada mudou apenas se fortaleceu. Os registros e narrativas aqui postas buscam evidenciar diferentes maneiras pelas quais as coisas são lembradas e perpetuadas.



# **NO BALANÇAR DAS ONDAS ENTRELAÇADA NO ENCANTO DAS TURIMBAS/TOADAS: o passado no momento presente**

Quando alguém quer revocar qualquer coisa, seu procedimento será o seguinte: procurará descobrir um ponto de partida para um movimento que o conduzirá àquele que ele busca (Aristóteles, 2012, p. 82).

Sou feita de retalhos.  
Pedacinhos coloridos de cada vida que  
passa pela minha e que vou costurando na  
alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes,  
mas me acrescentam e me fazem ser quem  
eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou  
ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um  
carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana,  
mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se

faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma (Pizzimenti, Cris. 20?).



Toda caminhada em algum momento requer uma parada. Não é diferente na produção acadêmica, embora tivéssemos muito ainda por dizer. Mas, igual a uma colcha de retalhos procurei tecer cada pedaço com fios da memória dos outros aliada a minha própria memória com vistas a construir um enorme bordados de vidas que se entrelaçaram, alguns mais intensamente que outros, mas todos deram de alguma maneira o colorido desse percurso, cujo objetivo foi de construir a trajetória infomemorial de Maria Beatriz, Mãe Beata, considerando aspectos do contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal sob a perspectiva da escrita de si aliada às práticas da escrevivência.

Assentar a investigação nessas teorias propiciou repensar a pesquisa também como uma realização pessoal que nos permitiu (re) direcionar o olhar sobre Mãe Beata a partir da junção das informações memoriais constante da documentação analisada que incluiu desde documentos pessoais, cartoriais a recortes de jornais, bem como o dos depoimentos narrativos de pessoas que conviveram com ela em várias frentes, desde sua vida pessoal, religiosa e social, destacando-se a forma ativa com Mãe Beata, mulher negra e praticante da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola, desenhou sua própria trajetória.

Nesse sentido, acreditamos ter alcançado cada objetivo específico, culminando com o cotejamento informações orais e

documentais na construção infomemorial religiosa Mãe Beata, isso implica reiterar que consideramos em cada documento, em cada narrativa as metamemórias, ou seja, os aspectos representacionais sobre Mãe Beata, dito de outra maneira a partilha da representação de um passado que se supõe comum (Candau, 2005). Delas extraímos aquilo que consideramos significativo informacionalmente para atender os objetivos traçados.

De modo, que olhar, informacionalmente o passado partilhado de Mãe Beatra nos fez metaforicamente imaginar uma linha e com ela tecer as costuras de sua trajetória, tornando possível caminhar e escrever aspectos silenciados das práticas religiosas, da vida de Mãe Beata, como também dos praticantes da religião de matriz afro-indígena, e as estratégias de enfrentamento das imposições sociais e uma possível “harmonia” com/no campo social e o poder do estado.

Quando nos referimos ‘harmonia no campo social’ é destacando as oportunidades que as religiões afro-indígenas paraibanas tiveram de se apresentar à sociedade sem que fossem impedidas e barradas nas suas realizações como: apresentações em teatros, divulgações de suas atividades religiosas em meios de comunicações, presença em eventos nacionais, fundação da primeira federação paraibana de cultos africanos, participações em locais jamais pensados como ter registro em revista internacional entre outras inacreditáveis oportunidades.

Sabe-se que as religiões como a Umbanda, a Jurema e o Candomblé são denominações religiosas muitas vezes discriminadas, fato que tem se intensificado ainda em pleno século XXI, apesar da inconstitucionalidade, como práticas sem direcionamento religioso, possivelmente, por não possuírem um texto sagrado e pautarem-se na tradição oral.

De todo modo, essa possível “imaterialidade” de regras se firmam quando transformados em textos acadêmicos por pesquisadores que têm a compreensão de que os registros orais são fonte de informação e memória, uma memória partilhada, tornando-se, portanto, fontes de pesquisa e informação. Facilitando a disseminação da informação de forma segura e dando a possibilidade do conhecer e entender fatos, acontecimentos, realizações, trajetórias de pessoas que em muitos momentos e situações são negadas suas identidades.

A capacidade informacional dos registros nos leva a entender que a memória e a informação se complementam porque nos permitem descobertas, encontros e lembranças de coisas que estavam perdidas no permissível esquecimento.

Portanto, foi permitido com os registros acessados e que se agrupam como: documentos oficiais e não oficiais, fotografias, documentos pessoais, notas de jornais, narrativas e o relato refletir sobre os feitos, as lutas e as conquistas de quem buscava cultivar seu sagrado na época da Ditadura, época de perseguições e intolerâncias.

As análises dos dados nos possibilitaram construir a trajetória infomemorial de Mãe Beata, possibilitando relatar e retratar algumas veracidades encobertas pelo desconhecido ou mesmo silenciadas. De modo que o que aqui está posto, se apresenta como síntese das lutas, enfrentamentos e vivências, registro da vida e batalhas vividas não só por Mãe Beata, mas também por outras pessoas que tiveram e ainda tem histórias de vida voltadas a prática das religiões afro-indígena brasileira tornando-se livres para o exercício de suas práticas religiosas professando sua fé.

O acervo pessoal de Mãe Beata agregada a outras fontes informacionais nos direcionaram a exercer como pesquisadora a capacidade e ao mesmo tempo a delicadeza de reescrever sua trajetória, escrevendo o nosso entendimento no que provém do

cuidado para trazer à cena possíveis certezas assentadas em provas e testemunhos.

As informações encontradas nos deram norte sobre como se deu para que a Umbanda e a Jurema fossem permitidos ecoarem seus cânticos e os seus sons vindos consequentemente somar aos sons dos atabaques que ecoam seus sons providos do Candomblé que chegou em João Pessoa dando força a este pertencimento de liberdade. Ambas as tradições religiosas conduzidas pela força, pela vontade, pelas lutas, pelo desejo, pelas conquistas e pelo orgulho de quem conhece e vive a religião afro.

E nesse conhecer através da escrita nos foi concedido viver momentos passados, porque ler nos permite viajar no presente indo ao encontro do passado imaginando como poderemos chegar no futuro, mesmo com as incertezas existentes que blindam nosso trajeto em algum momento da vida.

Foram disparados os gatilhos na memória para que nos fornecessem autorizações para perceber os significados de algo ou coisas para apresentar através da evocação das lembranças situações ausentes na história das religiões afro-indígena paraibana. O esquecimento nos deu a oportunidade de olhar cuidadosamente os documentos, esses que descortinam segredos funcionando como extensores da memória.

Percorremos entre a escrita de si e a escrevivência utilizando recursos metodológicos executando com exatidão seus propósitos nos possibilitando confissões retratando não só uma vida, mas vidas de pessoas que o tempo deixou esquecidas. Provavelmente, não foi o tempo o culpado desses esquecimentos, mas por pessoas que não entenderam que o passado fortalece o presente e informa o futuro pois o passado tem suas raízes.

A partir deste fortalecimento tivemos a força de dizer por escrito que eu, você, nós temos história e que cada um pode fazer



e registrar não só a sua história, mas a nossa história. Porque a história de vida quando transcrita através da memória dá visibilidade e materializa o intangível. Permite trazer para o presente histórias ouvidas e vividas, guardadas no passado e pertencente ao presente podendo deixar para as futuras gerações a oportunidade de saborear as experiências presenteadas pela vida, para que venham reconstruir fatos e acontecimentos adormecidos pelo tempo, mas trazidos pelas lembranças.

Porque reviver momentos é permitir viver novamente, sentindo tudo de novo, é amar e odiar seu passado, porém, possibilitando aberturas para novas transformações, isso para quem busca mudanças interiores, refletindo e se espelhando sob o olhar da evolução existente na sua própria história. Mas é necessário que haja registro do que foi feito, criado, produzido para que possamos descrever não só os caminhos percorridos, mas também as vivências, as realizações, as construções, o apego ou desapego. Enfim descrevendo esse conjunto pertencentes a cada ser humano firmando sua identidade a qual nos diferencia.

Entretanto, podemos pensar que necessitamos descortinar feitos percorrendo com a memória, veículo de divulgação para a Ciência da Informação deixando com que outras pessoas possam questionar, conhecer, indagar e entender como a Umbanda, a Jurema e o Candomblé Angola firmaram-se na cidade de João Pessoa e por quem, tendo nesse caso Mãe Beata como protagonista dessa caminhada.

Portanto, desejamos que a escrevivência possa ser vista como instrumento para novas construções, novos caminhos fornecendo novos olhares como despertando nos futuros discentes o prazer de se aventurar escrevendo o seu escrever. Mesmo que em alguns momentos possamos nos sentir inseguras ou inseguros pois falar de si e do outro muitas vezes nos coloca

em áreas perigosas pois nem todos tem o prazer ou o desejo de serem expostos. Nem todos os personagens de uma história real que venham tornar-se fictícia ao mesmo tempo desejam que suas histórias talvez já concretizadas pelos registros tivesse sido apresentada daquela maneira. Tivemos o cuidado e a preocupação no nosso entendimento para que não pudéssemos cair na armadilha do eu acho sem ter a certeza comprobatória dos fatos.

Desde modo, acreditamos que a pesquisa, agora transformada em livro, pode contribuir com a construção de novos olhares, inquietações, compreensões, entendimentos, discordâncias, surpresas, mas que sirva de abertura para novas pesquisas pois deixamos pontas do fio que concebe esta obra para quem desejar continuar neste artesanato, onde cada artesã (ão) possa presentear o meio social com a sua obra.

Compreendemos que uma pesquisa nunca chega ao seu fim ela apenas possibilita novos caminhos então como em cada toque seja de Umbanda ou Jurema se encerram cantando o Hino da Umbanda<sup>159</sup>. E como a letra do Hino nos pede PAZ, UNIÃO e AMOR que damos uma pausa até chegarmos a quem sabe futuras outras pesquisas que se configuraram em novos registros.

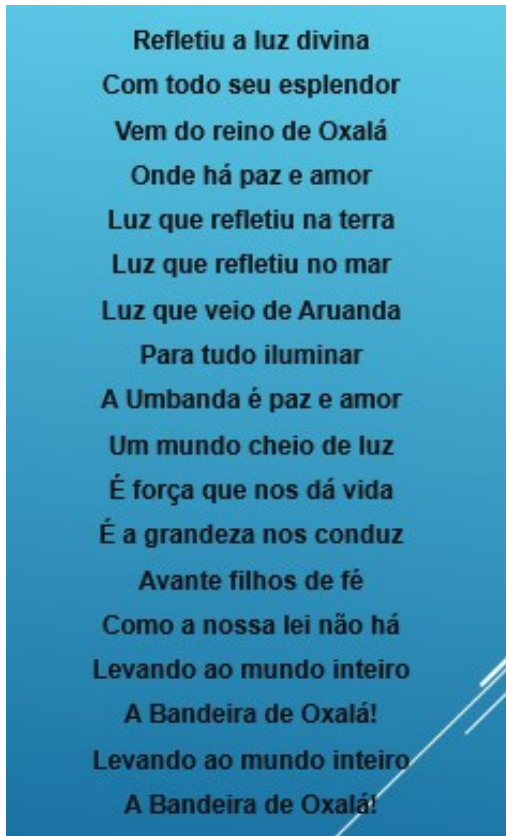
Apresentamos o Hino da Umbanda na Figura 127.

Embalada/os pelo cântico deixamos sugestões para que possamos continuar a bordar a memória das religiões de matriz afro-indígena na Paraíba, sob a perspectiva da Ciência da Informação, voltando o olhar para personagens ainda silenciados, mas que neste estudo se fizeram gigantes, a exemplo de Carlos Leal Rodrigues e suas práticas, Mãe Ceixa, a repressão da ditadura militar e suas práticas informacionais em relação a essa prática religiosa, as tradições e seus extensores memoriais entre tantas outras possibilidades.

---

<sup>159</sup> Composição: José Manoel Alves.

**Figura 127** - Hino da Umbanda



Fonte: Alves (2023).

Mas, uma coisa é certa “Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma”, parafraseando a autora que introduz este capítulo, haverá sempre um novo retalho informacional que pode ser acrescido possibilitando a ressignificação do papel de praticantes da religião e deles mesmos. A construção de uma nova memória, porque concluo com a certeza que procurei, ao tecer os fragmentos infomemoriais a força de uma mulher negra,

umbandista, juremeira, candomblecista, humana, ativa, mãe, avó, bisavó entre tantos papéis por ela exercido. Seus fragmentos não revelam apenas sobre si mesma, mas sobre a necessidade de enfrentamento social em defesa de sua fé, uma mulher forte, cujo exemplo poderá iluminar outras lutas.

Encerro com certeza de que Mãe Beata teceu sua própria história e não está a sombra do palco, mas resiste no próprio palco. Ela, agora protagoniza junto com outras (os) praticantes religiosos e simpatizantes, a certeza da luta pelo respeito ao estado efetivamente laico. Mãe Beata, presente!



# REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?:** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 2004.

ALBANO, Helena de Oliveira. **No rastro dos boitempos:** considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois contemporâneos seus. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2005.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A escritura a escrevivência a invenção a poema: performance e descolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetas periféricas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 60, n. 3, p. 612-625, 2021. DOI: 10.1590/0103181311062611520211023.

ALMEIDA, Carla Maria de. **Abram as portas da ciência para os mestres e as mestras passarem:** a resignificação da Jurema no Acervo José Simeão Leal. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ALMEIDA, Carla Maria de. **Entre o cachimbo e a fumaça:** um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar. 2021. 361 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, 2021.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. BEZERRA, Simone Maria. Escrevivência: escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vivência de Conceição Evaristo. **Revista Científica da FASETE**, Paulo Afonso, 2019.

ALVES, José Manoel. **Hino da Umbanda**. [s. l.]: Letras. Disponível em: [www.lettras.mus.br/umbanda/914435/](http://www.lettras.mus.br/umbanda/914435/). Acesso em: 11 set. 2023.

ANDRADE, Brenda Alves; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Memórias cotidianas de Francielly. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 7, n. 1, 2014.

ANDRADE, Tainá. 78,4% já foram vítimas de intolerância religiosa em terreiros, mostra pesquisa. **Correio Braziliense**, Brasília, 5 set. 2022. Disponível em: [www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/09/5034646-784-ja-foram-vitimas-de-intolerancia-religiosa-em-terreiros-mostra-pesquisa.html](http://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/09/5034646-784-ja-foram-vitimas-de-intolerancia-religiosa-em-terreiros-mostra-pesquisa.html). Acesso em: 2 set. 2025.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de *et al.* (org.). **Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1987.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 09-34, jul./dez. 2017.

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. São Paulo: Edipro, 2012.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação**: formas e transformação da memória cultural. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

BABALORIXÁ PAI TEDDY DE OYÁ. **Convite tradicional caminhada da Nossa Mãe Iemanjá**. [s. l.]: Instagram. Disponível em: [www.instagram.com/babalorixa\\_pai\\_teddy\\_de\\_oya/](http://www.instagram.com/babalorixa_pai_teddy_de_oya/). Acesso: 23 nov. 2022.

BAMBACE, Felipe Matos. **Desvendando o candomblé**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Presbiteriana Mackenzie - Curso de Jornalismo. São Paulo, 2018.

BATISTA, Milena Xibile. **Angola, jeje e ketu: memórias e identidades em casas e nações de candomblé na Região Metropolitana da Grande Vitória (ES).** Dissertação - Universidade do Espírito Santo, Vitória, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERARDI, Bifo. Crônica da psicodelação. *In:* AGABEM, Giorgio. *et al.* **Sopa de Wuhan.** Aspo, 2020.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios da Psicologia social.** 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAPCI: Base de dados de artigos de periódicos em Ciência da Informação. Curitiba: UFPR, 2023. Disponível em: [www.brapci.inf.br/?q=religi%C3%A3o+afro&type=1&year\\_s=1972&year\\_e=2023&order=0](http://www.brapci.inf.br/?q=religi%C3%A3o+afro&type=1&year_s=1972&year_e=2023&order=0). Acesso em: 2 set. 2025.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento. Comunicação Oral apresentada ao GT-02 Organização e Representação do Conhecimento. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo: USP, 2008.

BRASIL DE FATO. Paraíba: hospital psiquiátrico é fechado após constatações de tortura e maus-tratos. **Brasil de Fato**, João Pessoa, 24 abr. 2019. Disponível em: [www.brasildefato.com.br/2019/04/24/paraiba-hospital-psiquiatrico-e-fechado-apos-constatacoes-de-tortura-e-maus-tratos](http://www.brasildefato.com.br/2019/04/24/paraiba-hospital-psiquiatrico-e-fechado-apos-constatacoes-de-tortura-e-maus-tratos). Acesso em: 2 set. 2025.



BRASIL. Constituição [1988]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRITO, Bianca Maria Santana de. **A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência**. 2020. 279 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Escola de Comunicações e Artes Campos. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020. DOI: 10.11606/T.27.2020.tde-01032021-161836.

BRUM, Eliane. **Meus desacontentamentos: a história da minha vida com palavras**. São Paulo: LeYa, 2017.

BURCH, Sally. Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento. *In*: AMBROSI, Alain. PEUGEOT, Valérie; PIMIENTA, Daniel. **Desafios de palavras: enfoques multiculturais sobre as Sociedades da Informação**. Paris: C & F Éditions, 2005.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Zahar, 2003.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. *In*: AGABEM, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan**. Aspo, 2020.

CALDAS, Phelipe. Festas públicas a lemanjá completam 55 anos na Paraíba após passado de violência policial. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 8 dez. 2021.

CAMPOS, Estela Morales. Desinformación en la Sociedad de la Información y el Conocimiento. *In*: CAMPOS, Estela Morales (coord.). **Las posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018.

CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais [...]**, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CARLI, Deneide Teresinha de. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **Àgora**, Florianópolis, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013.

CARVALHO, Ediane Toscano de. O passado no presente, entrelaçamentos de experiências de vida. *In*. DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). **NUPPO 40 anos: memória, pesquisa e documentação da cultura popular**. João Pessoa: Ed. do CCTA, 2019.

CASA BAHIA. **Carreta 4º Cortejo de Iemanjá Cabedelo Paraíba**. [s. l.]: Instagram. Disponível em: [www.instagram.com/casabahia\\_jp/](https://www.instagram.com/casabahia_jp/). Acesso: 07 de dez. 2022.

CORDONA, Natalia Duque. **Representaciones sociales de la lectura-escritura-oralidad en las voces afro-femeninas: horizontes de sentido para prácticas bibliotecarias de educación lectora interculturales en la ciudad de Medellín**. Facultad de Educación, Universidad de Antioquia, Antioquia, 2013.

CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Políbio Alves: um homem, um arquivo, uma trajetória**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2015.

CÔRTES, Gisele Rocha; MARTINS, Gracy Kelli; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Protagonismo social das mulheres no curso de biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. **O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora. 2019.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

COUTINHO, Edny Anderson Bezerra; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Escrita de si e o relacionamento conjugal. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 119-124, jan./abr., 2020. DOI: 10.1590/0102.3772e35nspe7.

DANNEMANN, Angela. Vivências da absorção e da expressão. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

ELIALDO DE IEMANJÁ. **Festa da Coroação de Iemanjá**. [s. l.]: Instagram. Disponível em: [www.instagram.com/elialdodeiemanja/](https://www.instagram.com/elialdodeiemanja/). Acesso: 07 de dez. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência da afro-brasilidade: história e memória**. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 23, 2008. p. 5-11.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

FIOCRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. **Escrevivência: vias na literatura, uma literatura para a vida**. Rio de Janeiro: Facebook, 2022. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/casadeoswaldocruz/videos/aula-inaugural-escreviv%C3%Aancia-vidas-na-literatura-uma-literatura-para-a-vida/545427096910609/>. Acesso em: 2 set. 2025.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Escrevivência: sentidos em construção*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michael. *A escrita de si*. In: FOUCAULT, Michael. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n. 1, p. 109-124, mar. 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

G1 PARAÍBA. **Festa de Iemanjá acontece em João Pessoa nesta quinta (8)**; confira programação. G1 Paraíba, João Pessoa, 7 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/12/07/festa-de-iemanja-acontece-em-joao-pessoa-nesta-quinta-8-confira-programacao.ghtml>. Acesso em: 2 set. 2025.

GALDINO, Suellen Barbosa. **Bico de pena: escrita de si de Nilvalson Miranda**. João Pessoa, 2015.

GALINDO, Marcos. A redescoberta do trabalho coletivo. In: AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. (org.). **Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2015.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Antônio Giovanni Boaes. Memória e Umbanda. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 11, n. 33, p. 959-982, dez. 2012.

GONÇALVES, Antônio Giovanni Boas; CECÍLIA, Hermana. Catimbó, umbanda e candomblé: o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, 13., 2012, São Luís. **Anais do Simpósio da ABHR**: São Luís: ABHR, 2012, v. 13, p. 01-14.

GONDIM, Linda Maria Pontes; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso.** São Carlos: EdUFSCar, 2006.

GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (org.). **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia.** Rio de Janeiro: MAST, 2009.

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021. DOI: 10.1590/0100-85872021v41n2cap02.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; ARAÚJO, Maria do Socorro de Souza. Cartas do Chile: os encontros revolucionários e a luta armada no tempo de Jane Vanine. *In*: CASTRO, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo.** 5. ed. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e Diferença.** Petrópolis: Vozes, 2018.

HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan.-mar. 2012, p. 261-282. DOI: 10.1590/S0104-59702012000100014.

HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. *In*: TRAVANCAS, Isabel. *et al.* **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

ITAU CULTURAL. **Becos da Memória:** Ocupação Conceição Evaristo. [s. l.]: Youtube, 2017b. 1 vídeo (10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DEVLDHaRtQ>. Acesso em: 2 set. 2025.

ITAU CULTURAL. **O ponto de partida da escrita:** Ocupação Conceição Evaristo. [s. l.]: Youtube, 2017a. 1 vídeo (6 min). Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno](https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno). Acesso em: 2 set. 2025.

LABBÉ, Brigitte. **Memória e Esquecimento.** São Paulo: Scipione, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.

LEAL, Wills. **O real e o virtual no turismo da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2001.

LETRAS.MUS.BR. **Como é lindo o canto de lemanjá**: Umbanda. [s. l.]. Disponível em: [www.lettras.mus.br/umbanda/1152903/](http://www.lettras.mus.br/umbanda/1152903/). Acesso em: 26 dez. 2022.

LIMA, José Leonardo Oliveira; ÁLVARES, Lillian. Organização e Representação da informação e do conhecimento. *In*: ÁLVARES, Lillian. (org.) **Organização da Informação e do Conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. 248 p. Cap.1, p.21-48.

LIMA, Valdir. Cultos Afro-brasileiros na Paraíba: memória em construção. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 056-063, 2015.

LIMA, Valdir. **Cultos afro-brasileiros na Paraíba**: uma história em construção (1940-2010). 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, Paula Márcia de Castro. Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 37, n. 2, maio/ago. 2022. p. 489-510. DOI: 10.1590/s0102-6992-202237020005.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. *In*: TRAVANCAS, Isabel *et al.* **Arquivos pessoais**: reflexões

multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

MELO, Dianne Cristine Rodrigues. Escrivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MEU NOME É LIBERDADE (The Book of Negroes). Direção de Clément Virgo. Canadá: 2015. DVD (265 min.).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MINIDICIONÁRIO LAROUSSE DA LÍNGUA PORTUGUESA. 3. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

MONTEIRO, Samuel Alves; DUARTE, Emeide Nóbrega. Bases teóricas da gestão da informação: das gêneses às relações interdisciplinares. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 89-106, set. 2018/fev. 2019. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v9i2p89-106.

MYHERITAGE. **Início**. Disponível em: [www.myheritage.com.br](http://www.myheritage.com.br). Acesso em: 2 set. 2023.

NASCIMENTO, Denise Morado; MARTELETO, Regina. A informação construída nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escreventes: enegrecendo os estudos literários. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org.).

**Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de (org.). **Memórias: lugar onde as lembranças não envelhecem.** João Pessoa: Ed. UFPB, 2019.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal:** o editor público brasileiro. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

OLIVEIRA, Iranilson; OLIVEIRA, Catarina. **Paraíba:** meu passado, meu presente. Curitiba: Bases Livros Didáticos, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em becos da memória, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 344, mai./ago. 2009. DOI: 10.1590/S0104-026X2009000200019.

PAI EDU. **Sem exu não se faz nada:** ao vivo. [s. l.]: Youtube, 2018. 1 vídeo (4 min). Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=E1GPQilDLE4](https://www.youtube.com/watch?v=E1GPQilDLE4). Acesso em: 2 set. 2025.

PEREIRA, Camila Santos; PEREIRA, Anamaria Ladeira. **Escrevivência nas Ciências Sociais:** reflexões sobre método, desafios e perspectivas. *In:* ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 45., São Paulo, [2021]. **Anais** [...], São Paulo, [2021].

PEREIRA, João Paulo da Costa Rolim. **Os indígenas na primeira história da Paraíba:** um estudo sobre a História da Província da Parahyba de Maximiano Lopes Machado. 163 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

PETIT, Santiago López. El coronavirus como declaración de guerra. *In:* AGABEM, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan.** Aspo, 2020.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; SIMÕES, Maria das Graças de Melo. O ritual arerua e a conversão indígena no norte do Brasil: entre memórias e representação da informação. *In:* OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal



Freire de (org.). **Memórias: lugar onde as lembranças não envelhecem**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTAL CORREIO. **João Pessoa e Cabedelo celebram Iemanjá com cortejos e oferendas**. João Pessoa, 7 dez. 2019. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/joao-pessoa-cabedelo-celebram-iemanja/>. Acesso em: 2 set. 2025.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: Hucita: Ed. USP, 1991.

PRESENTE PRA VOCÊ. [s. l.], 28 maio. 2008. Disponível em: <https://presentepravoce.wordpress.com/2008/05/28/pegadas-na-areia/>. Acesso em: 2 set. 2025.

QUECHOL, María Graciela Martha Técuatl. La información: entre la verdad y la posverdad. In: CAMPOS, Estela Morales. **Las posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018.

QUEIROZ, Verônica Santana. Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 507-516, 2022. DOI: 10.29397/reciis.v16i3.3299.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL, Juliana. A escrivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 20, n. 2, 2019, p. 37-51. DOI: 10.26512/les.v20i2.23381.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (org.). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

SANTOS, Luciano dos. As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 141-157, jul./dez. 2011.

SANTOS, Maria Isabel Pia dos. **Religiões afro-brasileiras no terreiro da política paraibana**: uma análise histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais. 2016. 226 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Rildo Ferreira Coelho da. **Santa Rosa da linha e da cor**: o passado presente por meio da escrita autobiográfica. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SILVA, Ronieli Victor da. **Sons do tempo**: a música na formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José. 2022. 245 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SILVA, Valdir de Lima; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; ROSAS, Maria Nilza Barbosa. Memórias in memoriam: mãe beata e o nascimento do candomblé angola na paraíba. In: OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Memórias**: lugar onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Ed. UFPB, 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A PESQUISA CIENTÍFICA. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta

do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

SOARES, Stênio. Anos da Chibata: perseguição aos cultos afro-pessoenses e o surgimento das federações. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 14, set. 2009. p. 135-155.

SOUZA, José Ribeiro de. **400 pontos riscados e cantados na umbanda e candomblé**. 4. ed. Rio de Janeiro: ECO, 1964.

SOUZA, Liliane Braga Rolim H. de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Afonso Pereira: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2005.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ci. Inf**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, mai./ago. 2000. DOI: 10.1590/S0100-19652000000200009.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

ZIZEK, Slavoj. O coronavírus é um golpe no capitalismo ao estilo de 'Kill Bill' e poderia conduzir à reinvenção do comunismo. *In*: AGABEM, Giorgio et al. **Sopa de Wuhan**. Aspo, 2020.

# GLOSSÁRIO

**Abebé** - é um leque em forma de círculo na cor dourada com um espelho no centro.

**Abiaxé** – pessoa que recebeu ainda no ventre da mãe os sacrifícios da obrigação, feitura.

**Acipa** – o responsável pela casa de exú, pessoas de confiança dos pais e mães de santo.

**Adê** - é uma coroa que vem acompanhado do chorão, nome dado às miçangas que ficam presas no adê com a função de cobrir o rosto do filho.

**Ageum** - nome dado a comida religiosa ofertada no fim dos toques.

**Aguida** – recipiente redondo feito de barro.

**Alá** - é um pano da cor que representa um determinado orixá que serve para cobrir a cabeça de um filho em determinadas ocasiões e para outras determinadas funções, como receber com receber pais e mãe de santo quando faziam visitas nos terreiros.

**Alojá** – louvação.

**Amalá** – espécie de pirão feito com pimenta, quiabo, camarão.

**Anbiãn** – filhos iniciantes na religião.

**Axó** - são as roupas usadas nos toques/giras, nas festas, roupa do santo.

**Bachochô** - maneira de cumprimento entre os pais e mães de santo.

**Bacia de ágata** – serve para o preparo das comidas, como também são usadas para servir a comida, preparar banhos entre outras finalidades religiosas.

**Baú de Segredo** - É uma forma de direcionar segredos que não podem ser abertos a qualquer pessoa, são os segredos de dentro daquela comunidade ou até mesmo de certos rituais, feitura entre outros.

**Begue-Begue** - saudação aos Orixás gêmeos Cosme e Damião (Ibejis) – médicos, protetores das crianças - significa: “Salve as crianças!”

**Bori** - obrigação.

**Caô Cabecilê** - saudação ao Orixá Xangô (Deus da justiça) - significa: “Permita-me vê-lo, Majestade!”.

**Casaco Branco** - é como as entidades se referem aos médicos.

**Cavalo** - pessoa quando está em momento de transe com sua entidade em terra, incorporado. É quando tem seu corpo ocupado pela entidade espiritual, logo nele sendo cavalgado. É um médium na Umbanda.

**Cumeeira** - parte superior do telhado.

**Defumação** - é utilizado com queima de ervas onde passa entre as pessoas praticantes e/ou visitantes logo depois que louvamos os Exús e as Pombas

**Giras** - Serve para limpar as pessoas e o ambiente.

**Eguns** - é uma denominação referente às almas de pessoas falecidas.

**Elú** - instrumento usado nos rituais da umbanda e da jurema.

**Épa bàbá** - saudação ao Orixá Oxalá - significa obrigado Pai, é o Orixá da paz, é o pai maior nas nações das religiões de tradição de matrizes africanas.

**Eparrei** - saudação a Iansã (deusa guerreira, senhora dos ventos, raios, trovões e tempestades) - significa: “Salve o raio, Iansã!”

**Eres** - são divindades infantis.

**Esteira** – feita de palha, é também utilizada para deitar.

**Ewé Ó, Ossanhã** – saudação a Ossanha, significa salve as folhas! Existem outras variações dessa saudação e denominações além de Ossanhã.

**Falange** - são entidades (espíritos) que representam, trabalham e que são invocados com o comando e vibração dos orixás.

**Famo** - termo utilizado no candomblé (Ketu) damos o nome do candomblé pois foi onde a filha de santo foi iniciada. Famo - descreve a posição de que o filho(a) sai junto aos seus irmãos de santo no dia de sua obrigação/feitura onde chama-se de barco.

**Gira** - nome dado ao ritual quando os filhos(as) de santo se reúnem para celebrar uma entidade seja do orixá como entidade da jurema. Onde os filhos(as) de santo se reúnem em círculo, elevando seus pensamentos para pedir coisas boas, ajuda. É onde se dança, canta, evolui, é onde entramos em contato com o que acreditamos. É o momento onde os filhos de santo giram em círculo para louvar as divindades através do chamado pelos elús e/ou dos atabaques, pelas vibrações e pelo som dos adejas.

**Gongá** – altar.

**Guias** – colar para ser usado no pescoço, representa um orixá, serve de proteção, varia de cor, de acordo com o santo.

**Iá** – mãe de santo.

**labassê** – a responsável pelo preparo dos alimentos religiosos.

**Ialorixá** – é a sacerdotisa, a mãe de santo.

**Iaô** – são os filhos que tomaram iniciação (feitura no santo).

**Ibiri** - é um artefato enfeitado com búzios e usando como indumentária.

**Jejê** – nome dado a uma folha, uma tradição do candomblé (Candomblé Jejê).

**Jôco** – uma maneira de se cursar ao santo.

**Juntó** - é o orixá que forma par do orixá de frente, dando equilíbrio a pessoa.

**Laroiê/ Mojubá** -Saudação aos orixás exú (guardião da comunicação) pomba giras (considerada um exú feminino) mensageiros entre o mundo dos orixás e a Terra.

**Lera** - um tipo de piada.

**Mandinga** - feitiços, trabalhos feitos.

**Maruô** - roupa usada pela filha de santo para representar o orixá Xangô. Quando a mulher usa o maruô com o chicotô por baixo e por cima do maruô se coloca o saiote feito de palha da costa. O homem usa calça e por cima o saiote.

**Nação** - comunidade religiosa da qual o praticante segue.

**Odociá** - saudação ao Orixá Iemanjá - significa Salve a Senhora das águas.

**Ogã** – pessoa que toca o elú e atabaque.

**Ogunhê** - saudação ao Orixá Ogum (o senhor das guerras) - significa: “Salve Ogum!”

**Ôké Aro** - saudação ao Orixá Oxóssi (o deus caçador, senhor da floresta, orixá da fartura, divindade do conhecimento) - significa: “Salve o grande Caçador!”

**Ora Yê Yê, Oxum** - saudação ao Orixá Oxum - significa salve a senhora da bondade. Salve mãezinha benevolente. Rainha da água doce.

**Orixalá** - Pai eterno.

**Orumilá** - orixá considerado como Orixalá, orixá importante que fez a criação do mundo e da humanidade.

**Otá** - são as pedras preparadas onde são postas as mengas e onde se prepara as obrigações para os orixás.

**Oxaguiã** - é considerado o Oxalá mais velho.

**Oxalá** - considerado o filho do Pai Eterno.

**Oxalufã** - é considerado o Oxalá mais novo.

**Paramentas** - são ferramentas e enfeites, vestuário usado para representar determinada entidade, como: capacete, espada.

**Passe** - um auxílio de cura, ritual em que se reza a cabeça de uma determinada pessoas, benzendo-a.

**Peji** – santuário, quarto sagrado onde encontram os orixás e todos os objetos a eles pertencentes. Roncó para alguns.

**Salão** - local onde eram realizadas as festas religiosas.

**Saluba Nanã** - saudação ao Orixá Nanã – significa salve a Mãe das águas Pantaneiras!

**Santa Seara** - um lugar sagrado, uma terra santa.

**Sirum** - cerimônia fúnebre.

**Terreiro/barracão/ilé/roça** - nome dado aos espaços destinados aos rituais coletivos, onde se realizam as giras, os toques. A denominação vai depender da folha em que o pai e a mãe de santo têm sua feitura firmada, iniciada.

**Toques** - nome dado em referência aos dias de festas.



**Torço** - Pano que colocamos na cabeça, para cobrir o ori.

**Traquinagem** - comportamento inquieto, brincadeira, agitação.

**Turimba/Toada** - nome dado às orações que são as músicas cantadas nos terreiros/barracões/ilés/roças.

**Zeladores** - outra denominação dada aos pais e mães de santo.

# APÊNDICE A



## DESEJO

Desejo mil coisas  
As mais lindas  
Desejo todas as flores  
Pois a primavera é a tua estação  
Desejo que as flores  
Exalem perfumes com o balançar das borboletas  
Para te banhar pelas asas da memória



EU

Ser negra, mulher, umbandista

Não me faz ser

Melhor nem pior

Me faz ser resistência



Sou o que sou  
E ninguém me tira isso  
Serei o que quiser  
Quero ir e vou  
E ninguém me impedirá  
Apenas me deixem SER



### PERMISSÃO

Faço-me tua aluna  
Por ironia do destino, pelo momento, pela religião  
Faço-me tua aluna  
Sabendo que em algum momento trocaremos de lugar  
Pois a vida é uma troca que permiti, permitir-se



À ELA

Não atravesso tempestades sozinha  
E ela chegou no recanto de lemanjá  
Para ajudar a nortear meu voo  
O qual fará do meu silêncio  
Em gritos escritos



# APÊNDICE B

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023).

DATA	Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)	LOCAL DE ACESSO
13/05/1960	Mãe Marinalva abre o centro Espírita São Jorge, em pleno período de repressão policial aos cultos afro-brasileiros.	Informação oral
17/07/1962	Conferências espíritas na federação paraibana, com o Sr. Newton Bacchar... as conferências ligado à Doutrina espírita.	Jornal Correio da Paraíba
02/12/1967	Umbandistas vão festejar padroeira com rituais na praia do Cabo Branco - Inúmeros terreiros filiados federação tomaram parte dos festejos que iniciará no dia 08 com término na madrugada do dia 09.	Jornal A União
01/12/1968	Festa da Guia vem atraindo turista/ iemanjá- Dois após dois anos da Fed. FECAP levam as nossas praias milhares de umbandistas e admiradores daquela religião, hoje oficializada no estado. O presidente da federação Carlos Leal realizará hoje uma reunião da federação com todos os dirigentes de terreiros do estado ocasião em que foi debatido problemas ligados.	Jornal A União



<b>10/12/1968</b>	Missa no xangô provoca atrito entre padres; Dom José Maria Pires esclarece sobre missa - O ponto mais alto dos festejos celebrados foi a lemanjá foi sem dúvidas o incidente verificado entre padres da igreja católica apostólica Romana e da congregação da santíssima Trindade no interior do centro espírita caboclo guarany situado na rua Santo Estanislau, n.56 em oitizeiro.	Jornal Correio da Paraíba
<b>29/04/1969</b>	Consagrada nova “iaô” nos cultos africanos - Consagração de Angelina Lopes (mestra) ... o setor da pesquisa da sociedade cultural de JP, tendo à frente José Nilton, gravar em fita magnética os rituais de cânticos nagôs.	Jornal A União
<b>09/08/1970</b>	Terreiro de todo o Estado participarão da II mostra paraibana nos rituais de umbanda.	Jornal A União
<b>30/01/1971</b>	Umbanda é programa em rádio de Brasília - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues, presidente da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, conseguiu horário para um programa de divulgação da umbanda na rádio Independência de Brasília (Capital Federal).	Jornal A União
<b>18/09/1971</b>	Os rituais de umbanda serão repetidos a partir de 10 de outubro, em CG, no teatro Municipal Severino Cabral.	Jornal A União
<b>10/12/1971</b>	lemanjá parou Tambaú reunindo 30 mil pessoas e 876 terreiros - trânsito e política; uma característica dos festejos de lemanjá WOODSTOCK TROPICAL na sua versão 71.	Jornal A União
<b>14/01/1972</b>	Fernando é secretário da umbanda - Fernando é secretário da Umbanda - o prof. e jornalista ao assumir o cargo de primeiro secretário da fed. dos cultos africanos, do estado da PB declarou estar pronto para trabalhar em prol do engrandecimento da umbanda em nosso estado “há muito tempo sou admirador desta religião e até mesmo historiador do culto.	Jornal A União

<b>27/01/1972</b>	Umbanda se reúne em Guarabira - o babalorixá Carlos Leal presidirá uma reunião para tratar de assuntos referentes a inauguração da II escola umbandista do estado a ser fundada naquela cidade com apoio do deputado Álvaro Gaudêncio, que é procurador da federação.	Jornal A União
<b>02/02/1972</b>	Ernani encaminhou ao secretário do interior manifesto de umbanda - atendendo a solicitação do presidente Carlos Leal, o governador Ernani Sátiro encaminhou ao secretário do interior e justiça, Sr. Francisco Soares para que tomasse providências no sentido de proibir a interferência de pequenas autoridades nos terreiros de umbanda do interior do estado, que desrespeitam a lei e a própria liberdade religiosa assegurada pelas Constituições Estadual e Federal.	Jornal A União
<b>20/01/1973</b>	Leal ficou irritado com escritório de fazer funcionar nesta capital um "moderníssimo escritório comercial de umbanda" foi o que mais irritou o babalorixá Carlos Leal Rodrigues que interpreta tal organização com finalidades de lucro e não sentido religiosos.	Jornal A União
<b>31/01/1974</b>	Umbanda paraibana vai ao sul para encontro de "terreiros" - o babalorixá Carlos Leal Rodriguez confirmou sua participação no Encontro de Umbanda Nacional a ser realizado em Porto Alegre, "Zé Pilintra - Mitologia da PB" é o tema do trabalho que será apresentado.	Jornal A União
<b>03/08/1975</b>	Turistas verão culto de umbanda - o sr. John Paul Dwyer e sua senhora Rosa Veloso Dwyer acompanhados do sociólogo jornalista e demais autoridades irão assistir o culto invocativo dos mestres da umbanda	Jornal A União
<b>06/12/1975</b>	Cruzada - ao lado das festividades haverá uma a parte a que será desenvolvido pela cruzada Espirita Umbandista Afro Brasileira	Jornal A União

	da PB entidade desvinculada da federação dos cultos africanos, há cerca de dois anos, depois de uma série de desentendimentos.	
<b>25/07/1976</b>	Umbanda: o mistério na era da tecnologia - antigamente a umbanda e o candomblé eram consideradas apenas como caso de polícia e quando se tinha notícia de um terreiro era porque o assunto estava ligado a cachaçadas, orgias, bacanaís, etc.	Jornal A União
<b>18/03/1977</b>	Lançado há pouco menos de um mês, quando iaiá Augusta colocou o tabuleiro na rua e o acarajé iguaria exótica e hoje em frente ao Paraíba Palace.	Jornal A União
<b>26/08/1978</b>	Babalorixá viajou ontem para o Rio - com finalidade de participar do II Encontro Nacional de Umbandas.	Jornal A União
<b>19/11/1978</b>	Grupo juteca encerra nova peça teatral - a terceira apresentação da peça Cemitério das Jurema.	Jornal A União
<b>02/10/1979</b>	Carlos Leal pediu a Figueiredo que tornasse oficial a umbanda - o presidente enviou um memorial ao presidente João Baptista de Figueiredo pedindo o reconhecimento a nível nacional e em termos oficiais, por parte do governo federal do funcionamento da religião umbandista no país bem como do conselho nacional deliberativo (CONDU).	Jornal A União
<b>28/02/1980</b>	Os atabaques param. Morre Mãe Naninha; Lágrimas e desmaios no enterro de Mãe Naninha.	Jornal A União
<b>18/11/1981</b>	Curso de Cultura Negra tem 50 inscritos - professores e estudantes de segundo grau e universitários, além de jornalistas e profissionais liberais já se encontram inscritos para o I Seminário de Cultura Afro Negro no IHGP.	Jornal A União
<b>10/12/1981</b>	Iemanjá é reverenciada por 30 mil - mais de 200 terreiros de umbanda de JP e municípios do interior e até de outros estados participaram. Um incidente ocorreu em três tábuas do piso do palanque que se ruíram.	Jornal A União

	Ocorreu porque o palanque recebeu um público excessivo.	
<b>08/12/1982</b>	Iemanjá fecha postos e bancos.	Jornal A União
<b>09/02/1983</b>	Museu de artes vai promover exposição sobre seita de Xangô - promoção do Instituto Goethe e museu de artes com o apoio do consulado da Alemanha em Recife.	Jornal A União
<b>01/01/1984</b>	Uma mística em ascensão - a umbanda continua sendo uma religião mística, desconhecido em profundidade pela maioria das pessoas. Professadas por alguns e criticada por outros. Texto: Gisa Viegas.	Jornal A União
<b>01/01/1984</b>	Pai Dudu prevê um ano proposto é criativo e garante que haverá mais diálogo entre as pessoas.	Jornal A União
<b>23/03/1985</b>	Umbanda toma posse diretoria da federação - a solenidade foi presidida pelo grão-mestre de honra das lojas maçônica do estado da PB Leopoldo Pereira Lima.	Jornal Correio da Paraíba
<b>02/12/1987</b>	PB-Tur já definiu programação para a festa de Iemanjá.	Jornal A União
<b>07/12/1988</b>	Festa de Iemanjá será comemorada amanhã em Tambaú - FECAP garantiu uma programação especial com alvorada do despertar de Iemanjá. O presidente Valter Pereira montará um palanque junto ao busto do almirante Tamandaré. Quando o antecessor do atual presidente da federação, Carlos Leal, a festa era realizada na praia de Cabo Branco em frente à residência do governador J.Á.	Jornal A União
<b>03/03/1989</b>	Falecimento de Mãe Beata.	Informação em registros pessoais da pesquisadora
<b>13/05/2010</b>	Mãe Marinalva celebra 50 anos de casa aberta.	Informação em registros pessoais da

		pesquisador a
<b>07/12/2013</b>	Geovanni Boas escreve o livro intitulado: Missão do bem - Minha história, minha vida - Marinalva Amélia da Silva.	Informação em registros pessoais da pesquisador a
<b>16/03/2017</b>	Dissertação de Carla Maria De Almeida intitulada: Abram as portas da ciência para os mestres e as mestrass passarem: a resignificação da Jurema no Acervo José Simeão Leal no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação.	Repositório Institucional da UFPB
<b>29/03/2019</b>	Dissertação defendida por Tadeu Rena Valente intitulada: Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação.	Repositório Institucional da UFPB
<b>13/05/2020</b>	Mãe Marinalva celebra os 60 anos de casa aberta sem festejar, pois todos os terreiros estavam parados devido a pandemia.	Informação em registros pessoais da pesquisador a
<b>30/11/2021</b>	Tese defendida por Carla Maria de Almeida intitulada: Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação.	Repositório Institucional da UFPB
<b>27/09/2023</b>	Dissertação de Karina Ceci de Sousa Holmes no programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Entre outros...	Repositório Institucional da UFPB

Fonte: dados da pesquisa (2023).

## **Outros fatos e conquistas que não estão inseridos no quadro do Apêndice B**

1. **CONFERÊNCIAS ESPÍRITAS NA FEDERAÇÃO PARAIBANA** - com o Sr. Newton Bacchar... as conferências ligadas à Doutrina espírita (Correio da Paraíba, 17/07/1962);
2. **CONSAGRADA NOVA “IAÔ” NOS CULTOS AFRICANOS** - Consagração de Angelina Lopes (mestra) ... o setor da pesquisa da sociedade cultural de João Pessoa, tendo à frente José Nilton, gravar em fita magnética os rituais de cânticos nagôs - (Jornal A União, 29/04/1969);
3. **OGUM ALEGRE** - trata do festival no Astréia, cultuando ou não os deuses dos terreiros. E que a finalidade a que se destina o encontro fala mais alto do que tudo, por destinar-se a aliviar muito o sofrimento na face desta terra. (Arrecadar verbas) (Jornal A União, 05/07/1969);
4. **UMBANDA É PROGRAMA EM RÁDIO DE BRASÍLIA** - O babalorixá Carlos Leal Rodrigues, presidente da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, conseguiu horário para um programa de divulgação da umbanda na rádio Independência de Brasília (Capital Federal). O programa é gravado em “tape aqui em JP, na segunda-feira e levado ao ar quintas-feiras, no horário de 21 anos. Dando o sucesso que vem alcançando o programa “A voz de Umbanda da PB”, na rádio Independência de Brasília, sendo introduzido na rádio Nacional de SP, conforme correspondência em poder do Sr. Carlos Leal Rodrigues (Jornal A União, - (03/01/1971);
5. **O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL** - O babalorixá Diógenes dos Santos chegará a João Pessoa estarão reunidos para formar a comissão de recepção ao presidente da confederação espírita umbandista (Jornal A União 22/07/1971);
6. **BABALORIXÁ CHEGA A 1 DE SETEMBRO** - quem chega dia 1 de setembro a JP é o presidente da confederação espírita de

**umbanda no Brasil, babalorixá Diogenes Santos onde fez visitas aos terreiros na capital e em Campina Grande** (Jornal A União 28/08/1971);

7. **BABALORIXÁ QUER FALAR COM MÉDICI** - a federação dos cultos africanos do Estado da Paraíba, segundo informou o babalorixá Carlos Leal Rodrigues que enviou um ofício ao chefe da casa civil do governador do Estado, Sr. Manuel Gaudêncio, solicitando audiência com o presidente Garrastazu Médici quando de sua visita a esta capital. Pretendem os sacerdotes umbandistas deste Estado, em comissão, oferecer ao presidente da república, um “diploma simbólico cabalístico”, a mais alta honraria da umbanda, acompanhado de um ramalhete de flores, conforme ficou decidido em assembleia geral da federação. No próximo domingo, às 15h, será inaugurada a nova sede do templo de umbanda “Mãe lemanjá”, que tem como sacerdotisa a lalorixá Beatriz Barbosa. O novo prédio situado à Rua Rangel Travassos, n. 1098, no Varjão, terá a fita simbólica cortada pelo secretário da Divulgação e turismo, jornalista Noaldo Dantas (Jornal A União, 28/08/1971);
8. **LEAL SER LÍDER DAS FEDERAÇÕES** - Para 1972, o sr. Diógenes Santos anuncia a realização de um congresso nacional de umbanda em João Pessoa (Jornal A União, 02/10/1971);
9. **FENAV EXIBIRÁ O NAGÔ E A ORIGEM BRASILEIRA** -, pela primeira vez, na oportunidade, o som dos elús será complementado por um instrumental eletrônico- participando o conjunto “os selenetos” (Jornal A União, 04/11/1971);
10. **LEAL DIZ QUE LICENÇA PARA UMBANDA É VÁLIDA** - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues recebeu a confirmação do secretário de segurança, coronel Walmir Nóbrega, de que a licença concedida pela federação é documento válido para permitir o funcionamento do templo de umbanda em nosso Estado. O presidente procurou manter entendimentos com o secretário tão logo tomou conhecimento de que o chefe de serviço de censura da DVGC, sr. Silvio Fernandes intimou pessoalmente os chefes de terreiros para tirarem licença naquele serviço sob pena de proibir o funcionamento das tendas que não cumprissem a sua

determinação. O babalorixá Carlos Leal Rodrigues informou ao jornal a União, que o secretário Walmir Nóbrega reafirmou o seu apoio aos umbandistas, assegurando-lhe que apesar de ser católico, “respeito essa religião e poderei até comparecer ao culto, se receber um convite nesse sentido” (Jornal A União, 10/11/1971);

11. **PRESENÇA DE JOÃO AGRIPINO E O EX-GOVERNADOR** - [...] enviou um telegrama ao babalorixá Carlos Leal Rodrigues confirmando sua presença nas homenagens a Iemanjá. Ainda este ano será colocada em Tambaú a uma distância de aproximadamente 200 metros da praia, uma imagem de Iemanjá em forma de sereia, sobre uma jangada. A imagem já está em fase de acabamento, será fabricada com material resistente a maresia [...] (Jornal A União, 13/12/1971);
12. **FENAV REALIZA SEGUNDA ELIMINATÓRIA COM XANGÔ** - a apresentação “os doentes”, pelo Getex e uma exibição do terreiro de umbanda Caboclo Guaracy, da ialorixá Zete Farias, forma muito aplaudidos pelo público, que pela primeira vez viu um xangô acompanhado com percussão e guitarras (Jornal A União, 24/12/1971);
13. **FERNANDO É SECRETÁRIO DA UMBANDA** - O professor e jornalista assumiu o cargo de primeiro secretário da federação dos cultos africanos, do Estado da Paraíba. Declarou estar pronto para trabalhar em prol do engrandecimento da umbanda em nosso Estado “há muito tempo sou admirador desta religião e até mesmo historiador do culto” (Jornal A União, 14/01/1972);
14. **ERNANI ENCAMINHOU AO SECRETÁRIO DO INTERIOR MANIFESTO DE UMBANDA** - atendendo a solicitação do presidente Carlos Leal, o governador Ernani Sátiro encaminhou ao secretário do interior e justiça, sr. Francisco Soares para que tomasse providências no sentido de proibir a interferência de pequenas autoridades nos terreiros de umbanda do interior do estado, que desrespeitam a lei e a própria liberdade religiosa assegurada pelas Constituições Estadual e Federal (Jornal A União, 02/02/1972);



15. **ESCOLA UMBANDISTA JÁ MATRÍCULA** - na escola orixalá funcionará com aulas pela manhã para crianças e a noite para adultos tendo como diretor o professor Fernando Silveira. Tendo como aspiração de todos os umbandistas “que querem a evolução cultural de nossa Paraíba”. As carteiras da escola foram doadas pelo governo do Estado, por determinação do governo Ernani Sátiro, designará professoras para lecionarem naquele educandário (Jornal A União, 09/03/1972);
16. **UMBANDA QUER RECONHECER JUREMA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL** - movimento que objetiva o reconhecimento do "cemitério da jurema" como patrimônio nacional vem sendo intensificado pela Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, por ser naquele local onde estão enterrados os grandes mestres da umbanda tais como Zé Pilintra, Maria do Acais, Carlos de Barros, Manoel Maior, Joana Pé de Chita, Cadete, Eron, Rosalinda e muitos outros (Jornal A União, 25/05/1972);
17. **UMBANDA INVADE A PB** - segundo alguns pesquisadores e sociólogos entre os quais o professor paraibano Carlos Alberto de Azevedo, está havendo uma mudança sensível nos grupos e cultos nordestinos: os mais ortodoxos, com a morte da pia ou da mãe de santo vão adotando os rituais de umbanda. Antes uma pessoa de “status’ social ou econômico mais elevado em JP mesmo sendo adepta dos grupos de cultos africanos sentia se envergonhada com medo das sanções sociais de dizer que era "xangozeira" (Jornal A União, 08/06/1972);
18. **UMBANDA DA PARAÍBA NO ESTADO DO RIO** - o presidente Carlos Leal viaja a cidade de Campos para participar juntamente com representantes de outros Estados, do I Encontro Brasileiro de Umbanda que se realizará entre os dias 21 e 23 do corrente (Jornal A União, 12/07/1972);
19. **UMBANDA DA PARAÍBA NO ESTADO DO RIO** - a Paraíba está sendo representada no I Encontro seguindo para o sul os babalorixás Carlos Leal e Antônio da Jurema que levaram teses para serem discutidas (Jornal A União, 22/07/1972);

20. **UMBANDENSA REÚNE APÓS AS ELEIÇÕES** - todos os dirigentes são de centros espíritas atendendo convocação do arquicancelário Carlos Leal para a organização dos programas e diretrizes a serem desenvolvidos para a ampliação da religião umbandística e avaliação dos resultados dos programas já desenvolvidos (Jornal A União, 11/11/1972);
21. **RELIGIÃO TERÁ ENSINO OFICIAL** - o deputado Átila Nunes enviou ao babalorixá Carlos Leal cópia do projeto de lei encaminhado ao congresso recentemente que dispõe sobre o Ensino Religioso nos estabelecimentos subordinados à Secretaria da Educação do Estado. O parlamentar defende a tese que deve ser ensinado o culto umbandista aos brasileiros, dizendo que há anos vem sendo cometida uma grave injustiça religiosa pela omissão da doutrina espírita no Ensino Religioso (Jornal A União, 28/12/1972);
22. **UMBANDA DÁ CURSO SOBRE NATIVISMO** - o mestre de umbanda Carlos Leal proferirá no início de janeiro curso sobre a seita africana, seus primitivos relacionamentos com os nativos do Brasil e das Américas bem como sobre jurema (Jornal A União, 28/12/1972);
23. **UMBANDA CHAMA BEKI E IOLANDA COSTA E SILVA** - Beki Kladin, Aracy de Almeida e Iolanda Costa e Silva são os “irmãs” convidadas e esperadas pelo babalorixá Carlos Rodrigues Leal formando a comitiva que virá do Rio de Janeiro para a realização do II Encontro Nacional de Umbanda, a ter lugar entre 16 e 21 de julho em João Pessoa, que tem recebido diariamente conformações de terreiro de umbanda de todo o Brasil (Jornal A União, 10/05/1973);
24. **REGISTRO** - o Sr. Carlos Leal conseguiu registro definitivo no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação e Cultura. Por conta disso recebeu do MEC uma subseção de sete mil cruzeiros (Jornal A União, 17/06/1973);
25. **TAMBAÚ EM FESTA COM A ABERTURA DO VERÃO 1973** - os festejos de abertura do verão serão prolongados noite adentro, com a apresentação de número de danças folclóricas e do terreiro Xangô-Caô dirigidos pelo babalorixá Carlos Leal, presidida da

Federação dos Cultos Africanos da Paraíba (Jornal A União, 23/09/1973);

26. **UMBANDA** - Denner, Aracy de Almeida e Iolanda Costa e Silva estarão na abertura do II Encontro Brasileiro de Umbanda a ser efetuado no Hotel Tambaú, em promoção da Federação dos Cultos Africanos do Estado (Jornal A União, 27/09/1973);
27. **DOTAÇÃO EM 74** - a Federação dos Cultos Africanos do Estado receberá dotação do Minas do Planejamento a partir de 1974 de dois mil cruzeiros em favor da umbanda paraibana (Jornal A União, 17/10/1973);
28. **UMBANDA VAI COMEMORAR A OFICIALIZAÇÃO DE LEI** - todos os templos de umbanda estarão presentes a solenidade em que será feita homenagem ao governador Ernani Sátiro pela passagem de mais uma aniversário da oficialização da Lei 3.443 que torna legal os cultos africanos (Jornal A União, 30/10/1973);
29. **UMBANDA PARAIBANA VAI AO SUL PARA ENCONTRO DE “TERREIROS”** - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues confirmou sua participação no Encontro de Umbanda Nacional a ser realizado em Porto Alegre, “Zé Pilintra - Mitologia da PB” é o tema do trabalho que será apresentado (Jornal A União, 31/01/1974);
30. **PAIS DE SANTO TEM PROGRAMA** - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues disse que 20 mil umbandistas em toda a Paraíba participarão dos festejos programados em homenagem ao santo orixá xangô. Haverá um importante palestra, proferida pela arquicancelário Carlos Leal sobre o desenvolvimento e penetração da religião umbandístico nos dias de hoje, em todas as classes sociais e culturais (Jornal A União, 22/06/1974);
31. **DOCUMENTÁRIO:** no templo Iemanjá ocí em Cruz das Armas será exibido um filme sobre a umbanda, seus cultos e sua evolução, desde a sua criação na Paraíba (Jornal A União, 09/07/1974);
32. **CULTOS AFRICANOS SÃO RECONHECIDOS COMO DE UTILIDADE** - através do decreto do dia 30 de março a câmara dos vereadores de Alhandra reconheceu de utilidade pública os cultos

africanos no município assegurando a produção o livre exercício dos rituais da umbanda, que reúne na Paraíba mais de 100 mil adeptos. O decreto publicado no Diário oficial do Estado (Jornal Correio da Paraíba, 17/05/1974);

33. **UMBANDA FESTEJOU 13 DE MAIO** - todos os templos de umbanda da capital festejaram, manifestações alusivas à passagem do 13 de maio dia da abolição da escravidão no Brasil. O babalorixá Carlos Leal proferiu uma palestra sobre a significação e influência dos pretos velhos na formação espiritual do povo brasileiro (Jornal A União, 15/05/1975);
34. **TURISTAS VERÃO CULTO DE UMBANDA** - o Sr. John Paul Dwyer e sua senhora Rosa Veloso Dwyer acompanhados do sociólogo jornalista e demais autoridades irão assistir o culto invocativo dos mestres da umbanda (Jornal A União, 03/08/1975);
35. **FEDERAÇÃO DE UMBANDA PROMOVE I FESTIVAL DE JUREMA DO ESTADO** - primeiro festival de jurema do estado da Paraíba será iniciado no restaurante o circo (Jornal A União, 11/09/1975);
36. **FESTIVAL INSPIRADO EM JUREMA COMEÇA DOMINGO - HISTÓRICO** - o festival foi inspirado na cidade de Alhandra... Para a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba é importante uma campanha de informação ao público. A jurema está para a Paraíba como o Candomblé para a Bahia (Jornal A União, 12/09/1975);
37. **IEMANJÁ REÚNE 13 ESTADOS** - participou uma atração internacional um terreiro de umbanda da Nigéria. Ao todo estarão em JP dois mil terreiros de umbanda (Jornal A União, 06/12/1975);
38. **UMBANDA: O MISTÉRIO NA ERA DA TECNOLOGIA** - antigamente a umbanda e o candomblé eram considerados apenas como caso de polícia e quando se tinha notícia de um terreiro era porque o assunto estava ligado a cachaçadas, orgias, bacanaís, etc. (Jornal A União, 25/07/1976);
39. **FILME MOSTRARÁ A UMBANDA NA “CIDADE SAGRADA”** - “O mestre morrem e vivem” foi o título escolhido para o filme que vem

sendo produzido na cidade da jurema e na Fed. dos Cultos Africanos. A filmagem será rodado em diversas emissoras; Ritual - o filme foi iniciado no dia 02 deste mês, a filmagem mostram todo o cerimonial realizado pelos filhos de santo paraibano (Jornal A União, 09/10/1976);

40. **LANÇADO HÁ POUCO MENOS DE UM MÊS** - quando iaiá Augusta colocou o tabuleiro na rua e o acarajé iguaria exótica e hoje em frente ao Paraíba Palace (Jornal A União, 18/03/1977);
41. **UMBANDA CELEBROU CULTO EM ALAGOA GRANDE** - a convite do prefeito, João Bosco Carneiro com uma comitiva de 80 filhos de fé para “invocar os fluídos benéficos e sábios na cidade”. A solenidade aconteceu na praça principal. Terminando os cerimoniais de praxes, as autoridades e o povo presente solicitaram outras idas da caravana umbandistas ante, porém será instalado na cidade uma secretária da Federação dos Cultos Africanos que de pronto foi atendido pelo prefeito na doação de um terreno para construção onde irá beneficiar os seguidores da umbanda naquela cidade (Jornal A União, 23/08/1977);
42. **JORNAL** - a federação lançou a segunda edição de seu jornal “umbanda do lar” vendido a 5 cruzeiro e quase esgotando os exemplares (Jornal A União, 10/12/01977);
43. **JOÃO PESSOA SEDE DE ENCONTRO SOBRE A UMBANDA** - o II Encontro Nacional de Umbanda reunirá na Paraíba babalorixás, ialorixás, filhos e filhas de santo que representarão os templos umbandistas de todo o país. (Jornal A União, 17/06/1978);
44. **DIVULGANDO - AINDA FOLCLORE NA SUA 6º FEIRA A NÍVEL NACIONAL** - O ministro da Educação veio todinho a JP, a UFPB, os governos estaduais, municipal, PB-Tur, rede globo de televisão, imprensa escrita, falada e televisada de CG, JP, Recife, RJ, Brasília e SP. procuraram juntar uma só associação de interesse comum: comprovar previsões e reconhecer nossa capital em tempo de cultura (Jornal A União, 27/08/1978);
45. **FESTA DO FOLCLORE JÁ TEM SUA PROGRAMAÇÃO** - será feita a abertura oficial da festa com o hasteamento de bandeiras e o

lançamento do selo comemorativo no auditório do centro de cultura, antiga reitoria. Às 21h será aberta a exposição de Orixás com apresentação de Congo e bacamarteiros (Jornal A União, 08/08/1978);

46. **PEÇA DE ALTIMAR NA JUTECA** - a peça Cemitério das Juremas de Altimar Pimentel estreou no teatro da Juventude em Cruz das Armas numa montagem do grupo Juteca sob a orientação do teatrólogo Elpídio Navarro, marcando assim, a abertura do teatro da Juteca que recentemente foi reformado. Baseado num fato que aconteceu em Alhandra, onde um senhor pele de negro e incinerar seu corpo numa fogueira porque ele era mestre do culto de jurema, mostra a perseguição aos cultos, mesmo depois de extinta a escravidão e a resistência dos fiéis que renunciaram se as escondidas. Quando morria um mestre de terreiro, temeroso que a polícia viesse buscar o corpo para incinerá-lo, os seguidores da jurema, à noite, iam sepultá-lo em um sítio ermo e a cabeça da cova plantavam um pé de jurema. Ainda hoje já em Alhandra, está o cemitério sem cruzes - onde as árvores guardam a memória dos mestres (Jornal A União, 18/11/1978);
47. **CARLOS LEAL RETORNA DO PIAUÍ** - em Teresina, o babalorixá Carlos Leal proferiu palestra sobre o culto da jurema, cujo berço é a Paraíba, a convite do professor Salim Freire (Jornal A União, 24/08/1979);
48. **CULTOS AFRICANOS FAZEM REUNIÃO NO FINAL DESTES MÊS** - A federação dos cultos africanos do Estado da Paraíba realizará uma reunião com todos os babalorixás e ialorixás dos templos de umbanda de Campina Grande. No mesmo ensejo, será exibido um filme sobre as celebrações dos rituais litúrgicos dos cultos afro-brasileiros de forma ilustrada, dos sacerdotes e sacerdotisas presentes. Presidente da federação e conselheiro da cultura afro-brasileira na Paraíba, o Sr. Carlos Leal informou que a confederação brasileira dos cultos africanos no Brasil presidida pelo General José Mauro Porto através do seu conselho deliberativo de umbanda (CONDU) está promovendo um levantamento estatístico do país. Carlos Leal embaixador do culto

e jurema do Brasil que relativamente à Paraíba esse levantamento já foi feito existindo em nosso estado 4.932 dos quais 930 em João Pessoa e 682 em Campina Grande. Explicou que para abrir novos centros se fazia necessária autorização da secretaria da segurança pública. Entretanto, foi modificada pela Lei 3895 do ex-governador Ivan Bichara passando a autorização a ser fornecida pela própria federação impondo apenas comunicar o fato à Secretário do Interior e Justiça. Revelou o senhor Carlos Leal que o Ministério da Educação e Cultura vai lançar inicialmente uma edição de 15 mil exemplares, um dicionário de língua portuguesa e o iorubano (dialeto africano). Foi lançado o livro - os cultos mágicos: religioso no Brasil de Abgvar Bastos (Jornal A União, 19/09/1979);

49. **TERREIROS DE CAMPINA SE DESLIGARÃO DA FEDERAÇÃO** - movimento efetuado e liderado pelo babalorixá Manoel Rodrigues, pai de santo do terreiro Oxum Jarurá localizado no bairro do Catolé (Jornal A União, 09/01/1980);
50. **OS ATABAQUE PARAM. MORRE MÃE NANINHA** - uma das mães de santo mais conhecida do Nordeste (Jornal A União, 28/02/1980);
51. **CURSO DE CULTURA NEGRA TEM 50 INSCRITOS** - professores e estudantes de segundo grau e universitários, além de jornalistas e profissionais liberais já se encontram inscritos para o I Seminário de Cultura Afro Negro no IHGP (Jornal A União, 18/11/1981);
52. **FUNDAÇÃO DO CURSO SOBRE CULTURA NEGRA** - A Fundação Casa José Américo promove no auditório do Instituto de Educação da Paraíba. O I curso paraibano de Cultura Afro-Brasileira com o tema - A cultura negra na Paraíba, proferida pelo prof. René Philipe Vandezande que terá como seu debatedor o prof. Wladice Porto, com o objetivo é efetivara discussão sobre a contribuição do negro na nossa cultura (Jornal A União, 25/11/1981);
53. **MUSEU DE ARTES VAI PROMOVER EXPOSIÇÃO SOBRE SEITA DE XANGÔ** - promoção do Instituto Goethe e museu de artes com o

apoio do consulado da Alemanha em Recife (Jornal A União, 09/02/1983);

54. **Museu de artes abre hoje a exposição fotográfica “Xangô”** - Museu de artes Assis Chateaubriand da Universidade Regional do Nordeste - de autoria de Alemã Leonare Mau é promoção da UFPB Campus II (Jornal A União, 17/03/83);
55. **UMBANDISMO PERDE UM DOS LÍDERES DE MAIOR EXPRESSÃO** - uma parada cardíaca causou a morte do Presidente da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba o babalorixá Trajano Borges de Nunes - o Pai Dudu substitui desde 1980 no sétimo dia o ritual para despachar os objetos no mar, no mato ou em qualquer lugar dependendo de que o morto era simpatizante (Jornal A União - 07/08/1983);
56. **EMBAIXADORES NA II CONFERÊNCIA DOS ORIXÁS** - uma magnífica ponte religiosa cultural e política entre a África e o Brasil (Jornal A União, 22/07/1983);
57. **BABALORIXÁ PRESO PELA POLÍCIA FEDERAL AMEAÇA PEDIR INDENIZAÇÃO/BABALORIXÁ SOLICITA INDENIZAÇÃO FEDERAL** - o patrono do terreiro Xangô Alafim, do babalorixá Gilberto Cândido da Silva poderá requerer indenização a ser pago pelo Estado como ressarcimento de administrativo de danos morais sofridos por ser preso e ferido a tiros pelo Polícia Federal, no dia 16 de setembro do ano passado, sob acusação de crime de tráfico de entorpecentes (Jornal A União, 31/03/1984);
58. **UMBANDA TOMA POSSE DIRETORIA DA FEDERAÇÃO** - a solenidade foi presidida pelo grão-mestre de honra das lojas maçônica do estado da PB Leopoldo Pereira Lima (Correio da Paraíba, 23/03/1985);
59. **NA IGREJA DO ROSARIO UM SHOW AFRO** - o grupo folclore do Sesc apresenta o show afro-brasileiro coisa de negro (JORNAL UNIÃO, 06/05/1987);



**60. PB-TUR JÁ DEFINIU PROGRAMAÇÃO PARA A FESTA DE IEMANJÁ**  
- (Jornal A União, 02/12/1987) entre outros.

# **SOBRE A AUTORA**

## **Karina Ceci de Sousa Holmes**

Mestra em Ciência da Informação; Especialista em Ciência das Religiões (IESP); Especialista em Psicopedagogia (CINTEP); Bacharela em Biblioteconomia (UFPB); Licenciatura em Pedagogia (UVA/CE), Graduada em Arquivologia (UFPB); Tem experiência na área de Ciência da Informação, Memória e Registro Documental com ênfase em catalogação de livros; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP); Participante da Rede de Pesquisa e (In)formação em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMus); Estagiária no Museu do Rádio Paraibano. Recomendação de inscrição de TCC para seleção ao Prêmio ABECIN na UFPB; Prêmio ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Premiação de 2 melhor Dissertação de mestrado Acadêmico a nível nacional do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba). Doutoranda em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6208-9755>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3060730469348384>





Neste texto, a autora traz consigo vozes que caminharam juntas e juntos, filhos e filhas de santo, amigos, familiares, mas também as folhas de jornal, as cartas, as fotografias, objetos capazes de reescrever os silêncios que ela rompeu com a força da ancestralidade. Insurgente, Karina Ceci nos convida a entrar com cuidado: com os pés devagar, como quem pisa no terreiro. Lembrando que nós leitores e leitoras do presente ou do futuro possamos manter uma memória aberta às histórias que se recusam a morrer.

Bernardina Maria Juvenal  
Freire de Oliveira  
Prefaciadora

978-85-7013-238-3



9 7885 7013 2383